

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

GESSICA ALINE SILVA

À REVELIA DE CURITIBA: AS TRAVESTIS NA CIDADE “MODELO” (1970-1980)

Marechal Cândido Rondon/PR

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GESSICA ALINE SILVA

À REVELIA DE CURITIBA: AS TRAVESTIS NA CIDADE “MODELO” (1970-1980)

Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História.

Área de Concentração: História, Poder e Práticas Sociais.

Linha de Pesquisa: Cultura e Identidades.

Orientadora: Profa. Dra. Ivonete Pereira.

Marechal Cândido Rondon/PR

2023

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da
Unioeste.

Silva, Gessica Aline

À revelia de Curitiba: as travestis na cidade "modelo"
(1970-1980) / Gessica Aline Silva; orientadora Ivonete
Pereira. -- Marechal Cândido Rondon, 2023.
247 p.

Tese (Doutorado Campus de Marechal Cândido Rondon) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2023.

1. Travestilidades. 2. Urbanismo. 3. Subjetividades. I.
Pereira, Ivonete, orient. II. Título.

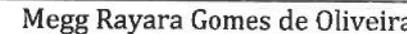
Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE **GESSICA ALINE SILVA**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 19 dia(s) do mês de outubro de 2023 às 13h30min, no Auditório das Pós-Graduações, realizou-se a sessão pública da Defesa de Tese do(a) candidato(a) **Gessica Aline Silva**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Doutorado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Ivonete Pereira, Megg Rayara Gomes de Oliveira (webconferência), Alexandre Sebastião Ferrari Soares (webconferência), Carla Cristina Nacke Conradi (webconferência), Tânia Regina Zimmermann. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Ivonete Pereira. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de TESE DE DOUTORADO, intitulada: "**À revelia de Curitiba: As travestis na cidade "modelo" (1970-1980)**". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Tese. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Megg Rayara Gomes de Oliveira, Alexandre Sebastião Ferrari Soares, Carla Cristina Nacke Conradi, Tânia Regina Zimmermann. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Tese. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. De acordo com o que está previsto nos § 7 e § 8 do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de Defesa de Tese foi realizada contando com a participação de membros via utilização de tecnologia de Webconferência. Diante desta circunstância, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História assina esta Ata e atesta a conformidade da Comissão Examinadora em relação ao resultado da Defesa de Tese e ao conteúdo dos pareceres descritivos anexados.


Orientador(a) - Ivonete Pereira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)


Megg Rayara Gomes de Oliveira
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Programa de Pós-Graduação em História

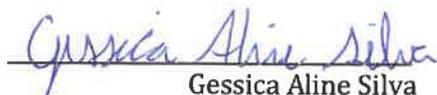
ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE **GESSICA ALINE SILVA**,
ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO
DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Alexandre Sebastião Ferrari Soares
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

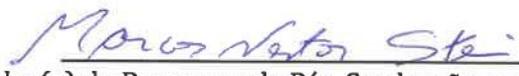
Carla Cristina Nacke Conradi
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)



Tânia Regina Zimmermann
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)



Gessica Aline Silva
Aluno(a)



Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História
Prof. Dr. Marcos Nestor Stein
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em História
Mestrado e Doutorado
Portaria nº 1633/2023-GRE



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DOUTORADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, _____ Prof.(a)
Dr.(a) MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA,
declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de defesa de doutorado em História do(a) candidato(a) GÉSSICA ALINE SILVA

_____, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) APROVADO(A), na banca realizada na data de 19 DE OUTUBRO DE _____ 2023.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atenciosamente,

Nome e assinatura

Instituição:

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA
DEFESA DE DOUTORADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA,
POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Prof.(a) Dr.(a) Alexandre Sebastião Ferrari Soares, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de defesa de doutorado em História do(a) candidato(a) Gessica Aline Silva, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) APROVADO(A), na banca realizada na data de 19 de outubro de 2023.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atenciosamente,



Alexandre Sebastião Ferrari Soares
Universidade Estadual do Oeste
do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA
DEFESA DE DOUTORADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA,
POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Prof.(a) Dr.(a) Carla Cristina Nacke Conradi, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de defesa de doutorado em História do(a) candidato(a) Gessica Aline Silva, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) APROVADO(A), na banca realizada na data de 19 de outubro de 2023.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atenciosamente,



Carla Cristina Nacke Conradi
Universidade Estadual do Oeste
do Paraná

*À Gilda de Abreu, Samantha, Primavera Bolkan,
Baby Pankada, Marcia Regina, Daniele Cristine e
tantas outras travestis que viveram e vivem Curitiba*

AGRADECIMENTOS

Aqui, neste espaço, eu venho retribuir a todos aqueles que estiveram presentes comigo no processo de realização desta pesquisa. Que a vida acadêmica pode ser solitária não é novidade para ninguém. No entanto, realizar este doutorado em meio a pandemia da covid-19 e o isolamento social deixou esta solidão ainda mais latente. A falta da companhia de familiares e amigos, de passeios e caminhadas ao ar livre somadas as notícias aterrorizantes que todos os dias se concretizavam em recortes de mortes, em desabastecimento e superlotação em hospitais, na disparada dos valores dos alimentos, na busca por comida nas caçambas de lixo.

Enquanto o presente se tornava desesperador eu aprofundava minhas buscas em fontes, leituras teóricas e análise. Esta rotina de estudos de certa forma foi refúgio, emprestando sentido e propósito nos momentos de maior desesperança. Eu dedico esta tese primeiro e postumamente a Gilda de Abreu, Samantha, Primavera Bolkan, Baby Pankada, Marcia Regina e Daniele Cristine, porque foi em sua companhia que se concretizou diante de mim a máxima de que sozinhos não somos ninguém. Elas foram minhas companheiras e me tocaram no mais íntimo, tudo que escrevo aqui é com a certeza de que as levo comigo de agora para sempre.

Agradeço aos meus pais Sirlei e Antonio que desde minha infância sempre me estimularam e apresentaram a escola e os estudos como uma forma de emancipação. Assim, de certa forma este sonho foi primeiro de vocês. Ser a primeira a concluir uma graduação e pós-graduação em minha família veio com um custo, uma distância que espero diminuir em breve e poder acompanhar o amadurecimento de meus sobrinhos Miguel, Maria e Rafael plantando neles também esse sonho e possibilidade.

A minha namorada Léia que transformou o amor em capacidade e potência, você foi minha estrutura quanto minha confiança vacilava, por isso dividimos juntas essa conquista. Por muito tempo acreditei que o amor nunca estaria ao meu alcance, assim dividir a vida com você tem transformado meus sonhos e propósitos, tornando-os ainda maiores na sua companhia.

Aos meus amigos Gabriela, Jéssica, Gabriella, Isadora, Veridiana, Aline, Pedro e Bruno, ter vocês ao meu lado e poder dividir momentos de dúvidas e cansaços cotidianos enche meus dias de ar e leveza. Esses respiros diários com toda certeza renovaram minhas forças e sem os quais eu não conseguiria dar continuidade a esta pesquisa.

Além disso, tenho muito o que agradecer a minha orientadora Prof^a Dr^a Ivonete Pereira pela confiança no meu trabalho e pela insistência para que eu escrevesse este projeto. Nestes mais de seis anos de trabalho conjunto acredito que criamos uma relação de cuidado para além do trabalho, sem a qual não teria sido possível finalizar esta pesquisa. De certa forma a presença da Ivonete e seu acolhimento quando cheguei na Unioeste e em Marechal Cândido Rondon, mudaram meus caminhos e por isso eu sou imensamente grata.

Agradeço também a banca pela leitura e contribuição atenta ao meu trabalho, meu muito obrigada a Prof^a Dr^a Tânia Regina Zimmermann, Prof^a Dr^a Carla Cristina Nacke Conradi e ao Prof^o Dr^o Alexandre Sebastião Ferrari Soares. Dedico um agradecimento especial a Prof^a Dr^a Megg Rayara Gomes de Oliveira, uma peça fundamental para criação e realização desta pesquisa. Em 2018 quando visitou a Unioeste suas palavras plantaram esta semente e indicaram um caminho necessário de produção de conhecimento dentro da academia. Além disso, acredito que sem as presenças das professoras Megg e Ivonete mulheres pretas na universidade eu jamais imaginaria e confiaria neste sonho de prosseguir na carreira acadêmica.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História pelas possibilidades abertas em relação a pesquisa, a participação em eventos e publicações. Ao apoio financeiro da Capes por meio da bolsa concedida que permitiu materialmente a concretização deste trabalho.

Por fim, eu jamais seria capaz de produzir essa pesquisa sem tais companhias. Escrever essa tese me ensinou sobre resistência, ancestralidade e coletividade. Que assim como produzir este texto me tocou, também sua leitura toque o leitor em ondas produzindo um mar, que a partir destas palavras e, principalmente, das vidas que elas contam ninguém saia sozinho ou indiferente. Muito obrigada!

À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas. Aqui, onde a noite infinita já não nos assusta, porque nossos olhares comungam com o escuro e com a indefinição das formas. Aqui, onde apenas morremos quando precisamos recriar nossos corpos e vidas. Aqui, onde os cálculos da política falham em atualizar suas totalizações. Aqui, onde não somos a promessa, mas o milagre. Aqui, onde não nos cabe salvar o mundo, o Brasil ou o que quer que seja. Onde nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras e manifestam, com sua dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder. Aqui. Aqui ainda.

(Jota Mombaça)

Resumo: Esta tese teve por objetivo investigar a constituição e as violações das subjetividades travestis em suas vivências urbanas, como sujeitos que resistem ou se acomodam aos padrões de gênero e sexualidade, as normativas e censuras do espaço urbano de Curitiba. Para tanto, analiso as trajetórias de Gilda de Abreu, Samantha, Primavera Bolkan, Baby Pankada, Márcia Regina e Daniele Cristine Bastos travestis que viveram na cidade durante as décadas de 1970 e 1980, período dessa pesquisa. Considero que o contexto das análises aqui apresentadas é perpassado pelo processo de reformulação do espaço urbano curitibano, além de ser atravessado pelo processo de afirmação da identidade travesti no Brasil. Para tanto, trabalhei com um montante de 313 publicações presentes em jornais publicados em Curitiba e disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, após a leitura e classificações de tais fontes pude identificar as trajetórias das sujeitas que se tornariam objetos da pesquisa. Além disso, contei com auxílio de outras fontes como os planos, legislações urbanas e os documentários *Beijo na Boca Maldita* e *Daniele, carnaval e cinzas*. A partir da metodologia da análise do discurso foucaultiana observei que as relações coletivas de amizade, afeto e luta foram fundamentais, tanto para seus deslocamentos na capital que se queria modelo, quanto para formação de suas subjetividades. Seus deslocamentos por Curitiba abriram caminhos e desenharam fissuras, utilizando os espaços e modificando suas funções, as personalidades apresentadas nesta tese transformaram a cidade em plataforma de enunciação. Essa apropriação das ruas, praças, esquinas e salões pelas travestis curitibanas transformaram estes lugares praticados e permitiram a construção de laços de afeto, que potencializaram a constituição de suas travestilidades.

Palavras-chave: Travestis. Resistências. Curitiba. Espaço urbano.

Abstract: The objective of this thesis is to investigate the constitution of transvestite subjectivities in their urban experiences, as subjects who resist or accommodate to gender and sexuality standards, the norms and censorship of Curitiba's urban space. To this end, I analyze the trajectories of Gilda de Abreu, Samantha, Primavera Bolkan, Baby Pankada, Márcia Regina and Daniele Cristine Bastos, transvestites who lived in the city during the 1970s and 1980s, the period of this research. I consider that the context of the analyses presented here is permeated by the process of reformulating Curitiba's urban space, as well as being crossed by the process of affirming transvestite identity in Brazil. To do this, I worked with a total of 313 publications from newspapers published in Curitiba and available in the National Library's Digital Hemeroteca collection. After reading and classifying these sources, I was able to identify the trajectories of the subjects who would become the objects of the research. I also relied on other sources such as urban plans and legislation and the documentaries *Beijo na Boca Maldita* and *Daniele, carnaval e cinzas*. Using the methodology of Foucauldian discourse analysis, I observed that the collective relationships of friendship, affection and struggle were fundamental, both for their displacements in the capital, which they wanted to be a model, and for the formation of their subjectivities. Their movements around Curitiba opened up paths and drew fissures, using spaces and modifying their functions, the personalities presented in this thesis transformed the city into a platform for enunciation. This appropriation of the streets, squares, corners and halls by Curitiba's transvestites transformed these practiced places and allowed for the construction of bonds of affection, which enhanced the constitution of their transvestilities.

Key-Words: Travestis. Resistances. Curitiba. Urban space.

LISTA DE IMAGENS

- FIGURA 1: Ilustração de Gilda produzida por Jair Mendes, presente no livro *Cada um cai do bonde como pode* de Rafael Valdomiro Greca de Macedo, publicado em 1975.....50
- FIGURA 2: Fotografia de Gilda publicada na revista Panorama em 1981.....53
- FIGURA 3: Fotografias de Gilda em Curitiba publicadas no encarte *Gilda* produzido pela Fundação Cultural de Curitiba na década de 1990.....58
- FIGURA 4: Fotografia do calçadão da Rua 15 de Novembro no centro de Curitiba, retirado do livro *Curitiba: Capital Ecológica* de autoria de Carlos Ravazzani, Hilário Wiederkehr Filho e José Paulo Fagnani, publicado em 1991.....59
- FIGURA 5: Banho de Gilda no Chafariz da Praça Osório. Fotografia publicada pelo Diário da Tarde em 10 de dezembro de 1981.....64
- FIGURA 6: Gilda desfilando a frente da Banda Polaca. Fotografia publicada pelo Diário do Paraná em 27 de fevereiro de 1981.....72
- FIGURA 7: Fotografia das homenagens a Gilda realizada pela população curitibana na Boca Maldita. Foto presente na edição de 18 de março de 1983 do jornal Diário da Tarde.....77
- FIGURA 8: Ensaio fotográfico de Gilda produzido por Luis Francisco Stinghen, veiculado pelo jornal Nicolau, no ano de 1990.....79
- FIGURA 9: Registro de Gilda no calçadão da Rua XV, foto retirada do encarte *Gilda* produzido pela Fundação Cultural de Curitiba na década de 1990.....81
- FIGURA 10: Fotografias de Gilda pela cidade de Curitiba, publicadas no encarte *Gilda*, impresso pela Fundação Cultural de Curitiba na década de 1990.....82
- FIGURA 11 Fotografias de Gilda no Carnaval, veiculada na publicação *Gilda* da Fundação Cultural de Curitiba, produzida na década de 1990.....84
- FIGURA 12: Registro do desfile de Samanta no Baile dos Enxutos em 1973. Fotografia publicada no Diário do Paraná em 10 de janeiro de 1982.....92
- FIGURA 13: Charge representando episódio da agressão sofrida por Samantha, publicada no Diário da Tarde em 29 de maio de 1981.....98
- FIGURA 14. Recorte da parte superior da capa da edição 24349 do Diário do Paraná, publicada em 24 de março de 1983.....103

FIGURA 15: Fotografia de Samantha, publicada no Diário do Paraná em 20 de junho de 1983.....	122
FIGURA 16: Fotografia de Primavera Bolkan no Baile dos Enxutos da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários, publicada no Correio de Notícias em 20 de fevereiro de 1985.....	131
FIGURA 17. Fotografia da lápide localizada no Cemitério Municipal de Santa Cândida em Curitiba.....	153
FIGURA 18. Fotografia de Márcia Regina presente na publicação do Diário do Paraná, em 27 de fevereiro de 1969.....	157
FIGURA 19. Fotografia de Márcia Regina durante o desfile de fantasia no Baile de Enxutos em 1961, presente no Correio do Paraná em 16 de fevereiro de 1961.....	161
FIGURA 20. Fotografia de Márcia Regina durante o desfile de fantasia no Baile de Enxutos em 1968, publicado pelo Diário do Paraná em 29 de fevereiro de 1968.....	165
FIGURA 21. Charge retirada da edição 23844 do Diário da Tarde, publicada em 24 de fevereiro de 1979.....	189
FIGURA 22. Fotografias publicadas no Diário do Paraná em 28 de julho de 1979.....	197
FIGURA 23. Fotografia de Daniele Cristine presente no jornal Diário do Paraná em 04 de abril de 1970.....	216
FIGURA 24. Fotografia de Daniele Cristine publicada no jornal Tribuna do Paraná em 05 de janeiro de 1970.....	221
FIGURA 25. Fotografia de Daniele Cristine com a faixa de Rainha do Baile dos Enxutos de 1979, publicada no jornal Diário do Paraná em 01 de março de 1979.....	223
FIGURA 26: Imagens de Daniele Cristine retiradas do documentário Daniele, carnaval e cinza lançado por José Augusto Iwersen em 1979.....	242
FIGURA 27: Imagens de Daniele Cristine retiradas do documentário Daniele, carnaval e cinza lançado em 1979.....	243
FIGURA 28: Imagens de Daniele Cristine retiradas do documentário Daniele, carnaval e cinza lançado em 1979.....	246
FIGURA 29: Imagem de Daniele Cristine e seu companheiro retirada do documentário Daniele, carnaval e cinza lançado em 1979.....	248

FIGURA 30: Imagens de Daniele Cristine se preparando para o desfile do Baile dos Enxutos, presentes no documentário Daniele, carnaval e cinza lançado em 1979.....249

FIGURA 31: Imagens do desfile de fantasias do Baile dos Enxutos, presentes no documentário Daniele, carnaval e cinza lançado em 1979.....252

FIGURA 32: Imagens de Daniele Cristine recebendo a faixa de Rainha do Baile dos Enxutos e sua fantasia se desmontando após a vitória no desfile, presente no documentário Daniele, carnaval e cinza lançado em 1979.....252

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1: GILDA DE ABREU EM CARNE, OSSO E CONCRETO: UMA RELEITURA VIVA E PULSANTE DO ESPAÇO CURITIBANO	42
1.1 A CIDADE VIVA E INVISÍVEL DE GILDA	49
1.2 GILDA CONTRA A CURITIBA EMPLUMADA: OS DISCURSOS SOBRE O ESPAÇO URBANO CURITIBANO	67
1.3 “GILDA VOCÊ DEIXOU SAUDADE”: O LEGADO DE GILDA NOS DISCURSOS SOBRE CURITIBA	77
CAPÍTULO 2: CENAS DE UM CARNAVAL INTRANSIGENTE: OS PERCURSOS DE SAMANTHA, PRIMAVERA BOLKAN E BABY PANKADA NO BAILE DO OPERÁRIO	89
2.1 SAMANTHA E OS PALCOS COMO POSSIBILIDADE DE (RE)EXISTÊNCIA	92
2.2 PRIMAVERA BOLKAN NO TEMPO DO CARNAVAL E DAS RUAS	122
2.3 OUTRO RECORTE: BABY PANKADA E A BUSCAR POR HUMANIZAR AS TRAVESTILIDADES	142
CAPÍTULO 3: MÁRCIA REGINA E O ENTRELAÇAR DA FESTA AO COTIDIANO, DO RISO AO LUTO	152
3.1 JACYRA: E O ESTOPIM DA ORGANIZAÇÃO	176
3.2 O CORPO COMO RESISTÊNCIA TRAVESTI EM CURITIBA	186
CAPÍTULO 4: DANIELE CRISTINE BASTOS E A CONSTRUÇÃO DE SI: UMA TRAJETÓRIA EXEMPLAR NA CIDADE “MODELO”	211
4.1 DANIELE CRISTINE NAS PÁGINAS DA IMPRENSA	213
4.2 DANIELE CRISTINE COMO PROTAGONISTA NOS CINEMAS	237
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	254
REFERÊNCIAS	261

INTRODUÇÃO

As autoridades policiais que se encontravam no serviço de ronda, efetuaram a prisão de quatorze "travestis" quando deixavam os salões da Sociedade Beneficente Operária, do alto São Francisco. A medida policial tem por objetivo evitar o tradicional desfile do "terceiro sexo" que deveria ser realizado naquela sociedade

Mesmo com a prisão dos "travestis" a polícia ainda não está certa de ter evitado o desfile em virtude de alguns dos "candidatos"¹ terem conseguido escapar, sendo quase certo que tentem realizar o desfile, mesmo à revelia da lei. Ainda que diante das ameaças de prisão, os participantes do tradicional desfile declararam que vão tentar sua realização sob a alegação que "a segunda-feira é nossa".²

A matéria intitulada *'Travesti' e o Desfile do Operário*, foi veiculada pelo Diário do Paraná em 02 de março de 1965. O texto evidenciava um conflito entre a imposição da força policial e a resistência das travestis, um atrito que produziu vibrações no concreto urbano. As prisões e proibições eram utilizadas como mecanismos estratégicos para manutenção de uma ordem pública, na qual supostamente não haveria espaço para os desvios do "terceiro sexo". A ação da polícia era a materialização das engrenagens normativas em funcionamento, fixando quais sujeitos, corpos e sociabilidades eram condizentes com a imagem preterida pela cidade.

À revelia da lei, os corpos intransigentes e quebrados³ das travestis reivindicavam que a segunda-feira de carnaval lhes pertencia, eram elas que comandavam o concurso de fantasia, realizado no Baile dos Enxutos⁴ na Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários⁵. Diante

¹ Os excertos retirados das fontes foram mantidos em sua linguagem original, por essa razão apresentam traços linguísticos e termos que contextualizam as concepções e ideias vigentes em seu contexto, em especial, sobre as questões identitárias analisadas nesta tese como o uso do masculino para se referir às travestis e o entendimento da travestilidade enquanto uma outra expressão sexual e de gênero para além do binarismo.

² Diário do Paraná, n. 3326, 02/03/1965.

³ Utilizo o termo quebrado com base na expressão popular entre as travestis e mulheres trans "toda quebrada na plástica", fazendo referências aos procedimentos estéticos e modificações corporais. Além disso, tomo por base o texto de Jota Mombaça *Na quebra. Juntas*, presente no livro *Não vão nos matar agora*, em que argumenta sobre o sentido de quebra e estilhaçamento "que desloca efetivamente as posições inconformes à matriz cisgênera" (Mombaça, 2021, p. 20), isto é, um movimento abrupto, errático e desordenado que acompanha as presenças desobedientes de gênero.

⁴ De acordo com Dayana Brunetto e Megg Rayara Gomes de Oliveira (2022), compreendemos que o termo Enxutos era uma das formas utilizadas para se referir às travestis e mulheres transexuais entre as décadas de 1970 e 1980.

⁵ Fundada em 28 janeiro de 1883 pelo mestre de obras Benedito Marques dos Santos, a sociedade operária tinha como objetivo inicial ser um espaço de ajuda mútua e assistência entre os trabalhadores curitibanos. A instituição

das estratégias do poder local, como uso da repressão policial de maneira a cercear os espaços de circulação das travestis, elas organizavam suas táticas, resistindo por meio de fugas e realizando o desfile.

Este excerto retirado do jornal curitibano é fundamental para construção desta tese. A partir de seus indícios observo os processos de produção do espaço e suas relações com os deslocamentos dos sujeitos, seus atritos, vibrações e ruídos produzidos em movimentos estratégicos e táticos. Compreendo que as décadas de 1970 e 1980 marcaram o processo de reforma da malha urbana de Curitiba, bem como da construção do discurso sobre a capital paranaense como a cidade “modelo” e “planejada”. Ao remodelar a urbe, a política municipal também se estendia à população e seus costumes, neste contexto, meu interesse se volta às táticas empreendidas pelas travestis em seu consumo dos espaços públicos curitibanos e sua utilização como plataforma de enunciação de suas subjetividades⁶.

O episódio apresentado pela matéria, mencionada anteriormente, levanta as primeiras questões que contribuíram na construção desta pesquisa: por que proibir o desfile das travestis no Carnaval? Tratava-se de uma tentativa de silenciamento ou apagamento da existência desses sujeitos considerados fora das normas sociais? Ao buscar respostas a estes questionamentos pude observar uma diversidade de subjetividades travestis, que parecem escapar ou confundir os discursos dos jornais; percebi também que as relações estabelecidas entre a imprensa, as autoridades policiais e as travestis não se limitavam a uma dualidade entre repressor ou reprimido. Além das resistências e conflitos diretos, identifiquei negociações e bricolagens manipuladas pelas travestis a partir da apropriação dos espaços públicos e dos discursos da imprensa, da utilização do corpo e da coletividade como plataforma de reivindicações por melhores condições de vida.

fora pioneira em Curitiba na organização da classe trabalhadora. No contexto aqui investigado, sua principal função social era a organização de festas e comemorações coletivas, em especial, os bailes de carnaval. “No auge, a Sociedade Protetora dos Operários contou com mais de 500 sócios. Como local de eventos, ela foi conhecida pelo ambiente democrático que sempre manteve. Já como local de organização operária, a entidade ficou famosa não só pelo auxílio aos seus agremiados, mas pelo papel combativo no movimento dos trabalhadores ao longo do século XX” (Pitz, 2023). Findando suas atividades, o prédio sede abandonado foi demolido pela prefeitura cedendo espaço a um estacionamento privado.

⁶ Compreendo “subjetividade” como o modo segundo o qual o sujeito se relaciona consigo mesmo, possuindo uma dimensão individual e coletiva, ou seja, ela é fruto das relações com si, com os outros e com as instituições sociais. Baseada nas colocações de Michel Foucault (2004), considero as subjetividades como “a maneira pela qual o sujeito faz experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo” (Foucault, 2004, p. 236).

O tema deste trabalho se desenvolveu por meio desses questionamentos iniciais, pelas buscas nos acervos e a consulta às fontes históricas tais como jornais, produções audiovisuais e literárias, leis e projetos municipais. Além disso, interesses e questões subjetivas perpassam o processo de construção desta tese, tendo em vista, que as boas descobertas e questões científicas surgem dessas observações pessoais e cotidianas, primeiramente, mas também sociais, coletivas e políticas.

Seguindo minhas experiências enquanto uma mulher negra, cis⁷ e “sapatona”⁸, tendo como base as pesquisas que realizei durante o mestrado entre 2016 e 2018, nos quais investiguei os modelos de feminilidade e masculinidade veiculados pela imprensa do interior do Paraná, mais especificamente Maringá, entre os anos de 1965 a 1973, busco nesta tese discutir como se deu a constituição e as violações das subjetividades travestis nas vivências urbanas, como sujeitos que resistem ou se acomodam aos padrões de gênero e sexualidade, as normativas e censuras do espaço urbano.

Faço a escolha política e teórica de utilizar o termo travesti com base em três fatores. Primeiro, porque esta denominação está presente nas fontes utilizadas na pesquisa, sendo assim o trago às análises enquanto uma categoria êmica. Em segundo lugar, me apoio no debate bibliográfico apresentado por diferentes autores, como Jorge Leite Júnior (2008) que discute a invenção das categorias transexual e travesti no discurso científico. Segundo o autor, tais conceitos foram construídos e apropriados historicamente com o objetivo de moralizar as experiências transgressoras e racionalizar os processos fluídos das expressões de gênero e sexualidade. Em terceiro lugar, faço uso desta terminologia tendo em vista que no contexto brasileiro a palavra travesti foi inicialmente apropriada do francês, ainda no início do século XX, e utilizada no contexto teatral para significar o disfarce de gênero, sendo posteriormente associado ao estigma da perversão sexual e da prostituição. Atualmente, esta forma de identificação é reapropriada pelos movimentos sociais que buscam produzir novos significados e representações das vivências travestis como forma de valorizar as trajetórias desses sujeitos históricos e suas lutas por direitos. Minha escolha do uso do termo é, também, um

⁷ Termo utilizado para definir os sujeitos que se identificam com o gênero atribuído.

⁸ Termo popularmente atribuído às mulheres lésbicas com aparência desfeminizada. Inicialmente empregado como uma ofensa, essa expressão foi assumida pelas militantes do movimento lésbico, como forma de afirmação positiva de suas identidades.

posicionamento político alinhado a tais discussões, tendo em vista as vulnerabilidades que esta população segue exposta.

Além de escolher reafirmar o espaço das travestilidades na História, escrevo minha tese em primeira pessoa, considerando que minha trajetória acadêmica e subjetiva contribuiu para construção de algumas reflexões sobre como se articulam as performances de gênero mobilizadas em espaços públicos e a construção normativa das cidades. Ao mesmo tempo em que construía meus próprios mecanismos e defesas, utilizados diariamente como forma de garantir minha circulação segura pela urbe, me questionava sobre como os demais sujeitos ocupavam esses espaços, principalmente aqueles que apresentavam uma performatividade não binária ou linear entre sexo, gênero e desejo⁹. Quais táticas as travestis mobilizavam para garantir a sua circulação nos espaços urbanos?

Em busca de instrumentais teóricos para responder essas questões utilizo algumas categorias analíticas e autores que apresentarei mais adiante. Os conceitos de tática e estratégia propostos por Michel De Certeau (2014) são centrais às análises desenvolvidas, eles contribuem para compreensão das operações cotidianas mobilizadas pelos sujeitos em seus usos e apropriações dos espaços urbanos. As estratégias indicam “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de poder e querer é isolável de um ‘ambiente’” (Certeau, 2014, p. 45), auxiliando na investigação dos sistemas impostos, dos interesses de mercado e do lugar das instituições no consumo diário da cidade.

Nas palavras de Barbara B. Rocha dos Santos (2018) a estratégia é localizável e privilegia a distribuição espacial dos sujeitos, a disciplina, as normas, o gesto cartesiano de controle. Enquanto uma arte dos fortes, “a estratégia se torna possível a partir da existência de um sujeito de querer e poder, instalado em um lugar concebido como próprio (uma empresa, um exército, uma instituição científica, um governo) que serve de base a uma gestão de suas relações com a exterioridade” (Santos, 2018, p. 95).

A tática, para o autor, se trata da hábil utilização do tempo em ações como habitar, falar, ler, caminhar, entre outras atividades que “parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar

⁹ Tais questões perpassam as trajetórias individuais analisadas ao longo dos capítulos nas vivências de Gilda de Abreu, Samantha, Primavera Bolkan, Baby Pankada, Mária Regina e Daniele Cristine Bastos.

golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimorfos, achados alegres, poéticos e bélicos” (Certeau, 2014, p. 98). Caracterizada pela ausência de poder institucional, os jogos táticos são manipulados pelos sujeitos no corpo a corpo e contribuem, nesta pesquisa, às análises dos deslocamentos das travestis na cidade na construção da arte de (r)existir em Curitiba, negociando de forma criativa e potente os usos dos espaços urbanos.

Enquanto habitante do interior do Paraná, vivendo os últimos anos em uma das regiões mais conservadoras do Estado, as grandes cidades se colocam para nós sujeitos LGBT¹⁰, como uma formação imaginária, como locais de liberdade e possibilidade de existência¹¹. Deste lugar investiguei o processo de construção de Curitiba e os discursos que sedimentam uma imagem da capital “modelo”. Realizei levantamentos e leituras sobre suas leis e as relações entre as normativas, as políticas públicas, a distribuição da população e seu perfil populacional. Dessa maneira, compreendi sua centralidade na dinâmica socioeconômica paranaense e as características do processo histórico de constituição de seu espaço urbano, que servem de base para análise dos percursos travestis nesta comunidade.

Baseada na relação do centro com as margens ou da capital com o interior, Curitiba emerge como um espaço de possibilidades de libertação e enunciação de outras sexualidades e expressões de gênero, especialmente no contexto investigado. As trajetórias da comunidade trans e travesti local indicam o processo de organização política, bem como a circulação desses sujeitos pelo estado como tática de (r)existência (Cavalcante, 2018; Sousa, 2020).

Para melhor compreender este processo, cabe contextualizar Curitiba durante a segunda metade do século XX, momento em que a capital paranaense vivenciava um crescimento populacional, os estudos realizados pela Prefeitura Municipal indicavam um crescimento de 7,2 % para a década de 1970¹². A mecanização das lavouras e a erradicação dos cafezais no interior do estado produziram um intenso movimento de êxodo rural, responsável por aumentar

¹⁰ A partir das discussões produzidas pelos movimentos sociais optei pelo uso da sigla LGBT, tendo em vista que sua ampliação ainda não é consenso dentro da organização das lutas pelos direitos identitários de gênero e da afirmação da diversidade sexual.

¹¹ Lembro aqui das vezes que mentia em casa e viajava mais de 100 km para participar da Parada LGBT, e da sensação de conforto e coragem de habitar as ruas em multidão, compartilhando afetos e lutas por direitos em celebração.

¹² Curitiba, 1965.

consideravelmente o número de habitantes das zonas urbanas do Paraná. Em meio a este contexto o espaço urbano curitibano seria alvo de estudos e reformas, que buscavam readequar a urbe, acomodar a população e construir uma imagem modelo e planejada da cidade e de seu desenvolvimento.

A promulgação do Plano Diretor de Desenvolvimento (1966) e a criação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (1965) seriam eventos centrais na implementação de obras e características urbanas que sedimentariam o planejamento urbano da capital e a figura do prefeito Jaime Lerner¹³, como sinônimos de sucesso e qualidade de vida na urbe. A cidade passou a ser organizada de forma a suportar uma “estrutura de animação”, que envolvia tanto os habitantes locais quanto os turistas. Os locais públicos eram distribuídos e moldados para o atendimento dos setores econômicos e imobiliários. Representantes governamentais – juntamente com outros grupos sociais, como empresários e comerciantes – buscaram fixar um centro histórico, construir pontos de encontro para a população como parques, ruas e centros culturais e de convivência, procurando vencer o esvaziamento, a despersonalização do espaço público e criar zonas de lucro a iniciativa privada (Silveira, 2015).

De acordo com Fernanda Garcia (1993), os discursos que formam a imagem positiva das políticas urbanas empreendidas em Curitiba ao longo da segunda metade do século XX se apoiavam em três aspectos: I) a aproximação entre os interesses das elites empresariais e políticas para construção desse projeto de cidade; II) a formação de uma base institucional que orientaria a execução do plano, viabilizado a partir de sua conformação com o ideário desenvolvimentista e tecnocrático do governo central; III) a articulação de um marketing político responsável pela propagação de formações discursivas sobre a cidade “modelo”.

Ao longo da segunda metade do século XX Curitiba seria reconhecida nacionalmente e internacionalmente pelas alcunhas de cidade modelo, cidade planejada, capital brasileira da qualidade de vida, cidade moderna e humana, capital ecológica, capital de primeiro mundo, a

¹³ Jaime Lerner foi prefeito de Curitiba durante os mandatos de 1971 a 1974, 1979 a 1983 e 1989-1992. Cabe mencionar que Lerner, desde sua primeira gestão municipal, obteve êxito em fixar sua forma de atuação política. Favorecido pelo momento histórico vivenciado no país com a instituição da ditadura civil militar, que proporcionou capital econômico para a realização de grandes obras na década 1970, unanimidade governamental e coerção social. Neste contexto, ele gravaria de maneira irreversível as transformações urbanas em Curitiba. Seu modelo de governo ficou caracterizado pelo “estabelecimento da coalizão política entre gestores do espaço urbano e interesses empresariais na condução de obras públicas, comumente denominada ‘lernismo’” (Silveira, 2016, p. 35).

cidade que deu certo, entre outras. Para Fernanda Garcia (1993) estas imagens sínteses estariam fortemente conectadas, pois “um conjunto de características constrói o sentido de pertencimento ao coletivo. O novo discurso interpreta as características supostamente compartilhadas do ‘ser curitibano’ e constrói uma estreita associação entre identidade social e identidade espacial” (Garcia, 1993, p. 10).

Esse poder de penetração do projeto político lernista no cotidiano da população curitibana pode ser associado a produção de uma formação discursiva que envolveu diferentes níveis desde a construção de intuições centralizadoras das políticas urbanas, como o IPPUC, até a organização de um marketing político responsável por divulgar a imagem síntese da capital modelo. Os meios técnicos de comunicação aliado a uma reconstrução do espaço agiram no tecido social, moldando uma identidade social sobre “o verdadeiro curitibano” ser aquele que consome os lugares públicos.

Valeria Milena Röhrich Ferreira (2008) investiga esse processo de tessitura da imagem de Curitiba como uma cidade modelar. Segundo a autora, a continuidade política do grupo lernista e os investimentos na propagação de afirmações positivas sobre a urbe no campo das mídias, literário e educacional, proporcionaram uma organização do discurso sobre a capital no qual os

Grupos considerados ameaçadores da inquebrantável imagem da cidade (produzida por grupos estabelecidos) foram sendo: alguns invisibilizados (certos grupos étnicos); outros tiveram suas imagens romantizadas, homogeneizadas (a harmonia do índio com Igreja e brancos; a felicidade étnica de “todos os imigrantes”, enquanto categoria homogênea e sem conflitos) e outros, ainda, foram excluídos geograficamente, da cidade (ou colocados nas suas bordas). Assim, quem não se parece com o curitibano idealizado pelo projeto, é excluído das imagens, dos monumentos, enfim, das representações sobre quem é o curitibano (Ferreira, 2008, p. 246).

A produção da capital “modelo” passava necessariamente pelo apagamento das existências consideradas ameaçadoras a tal projeto urbano. Conforme investiga Glaucia Nascimento (2020, p. 91), o processo de construção de Curitiba pode ser compreendido “como palco histórico e geográfico não apenas de disputas de narrativas, mas também de disputas territoriais/inserção espacial na cidade”. A autora denuncia ainda a política de branqueamento e apagamento da presença histórica da população negra na constituição do espaço curitibano em favor das “representações sociais, históricas, geográficas, simbólicas e discursos das

instituições públicas no estado do Paraná e de Curitiba colocam a imigração europeia como marca da formação socioterritorial. Isso fica muito evidente na identidade visual, arquitetônica, propagandas/comunicações/slogans e urbanismo da cidade de Curitiba” (Nascimento, 2020, p. 69).

Somadas a estas políticas de branqueamento territorial, da imagem e da cultura curitibana alinhavam a ênfase do discurso publicitário sobre a cidade no sucesso de seu planejamento urbano, principalmente, nos elementos que cristalizavam uma imagem síntese da capital planejada resumida aos espaços de lazer, ao centro histórico, as áreas verdes, a cidade industrial, aos sistemas estruturais e de transporte. Entretanto, como analisa Aline F. de Albuquerque (2007), a questão habitacional se impunha à materialidade da capital como uma contradição a este discurso, que tendia a valorizar a narrativa sobre os investimentos nas zonas centrais e a criação de espaços que se tornariam símbolos curitibanos.

Isto significava que apesar dessa imagem publicitária de Curitiba, problemas comuns a outras metrópoles brasileiras eram enfrentados, como as ocupações irregulares, a poluição e a pobreza, ambas segregadas e exportadas pelas políticas urbanas para as demais cidades que compõem a Região Metropolitana de Curitiba (RMC) (Albuquerque, 2007). A estas contradições somavam-se a presença das travestis e toda uma série de sujeitos considerados obstáculos à concretização de uma capital idealizada pelo poder público. Os locais ocupados pelas travestis nestes discursos sobre a cidade “modelo” eram constantemente negados e invisibilizados, tendo em vista que suas presenças nos espaços públicos impunham contradições ao desenho idealizado da urbe.

A segregação urbana é um processo fundamental de controle do espaço, possibilitando o domínio das condições de deslocamento, acesso e tempo. A produção e reprodução de uma hierarquia dos lugares privilegiados em Curitiba era perpassada por estratégias discursivas que produziam um consenso no qual “parte da cidade, aquela em que residem as camadas de alta renda, é reconhecida como a cidade. Em Curitiba, todos se reconhecem como moradores da ‘cidade-modelo’, mas poucos efetivamente vivem naquilo que se reconhece como ‘modelo’” (Pilloto, 2010, p. 173).

Esse desenho da cidade modelar era atravessado por outros discursos produzidos por diferentes sujeitos que consomem a urbe. Ainda que as relações de poder enfatizassem “a

propalada unanimidade alcançada em torno à ‘cidade que deu certo’, longe de expressar uma conquista da sociedade, pode ser interpretada como uma imposição que anula ou apaga outras leituras possíveis da cidade e das transformações em curso” (Garcia, 1993, p.164). Compreendo que Gilda de Abreu, Samantha, Primavera Bolkan, Baby Pankada, Marcia Regina e Daniele Cristine em seus deslocamentos produziam uma outra Curitiba, viva e pulsante, que investigarei nos capítulos que se seguem.

A organização deste espaço urbano no contexto analisado possuía um público alvo para o consumo da cidade, sujeitos marginalizados como as travestis não compunham parte dessa população idealizada para ocupar a urbe. A resistência destes grupos excluídos do projeto da Curitiba “modelo” pode ser localizada em sua permanência e apropriação dos locais públicos, produzindo outros espaços.

Cabe mencionar que os constantes processos de modernização dos centros urbanos, mobilizados desde o início do século XX, contaram com o auxílio de diferentes áreas do saber que direcionaram as medidas empreendidas pelos governantes na organização dos espaços públicos. O saber médico foi um poderoso aliado da municipalidade no esquadrinhamento social e na produção dos corpos dóceis e úteis, a serem integrados à dinâmica do trabalho urbano em implementação no Brasil. Ao investigar as travestilidades no espaço urbano nas décadas de 1970 e 1980, tenho em conta que estas contribuições das ciências médicas estavam alinhadas à emergência de novos saberes sobre arquitetura, engenharia e planejamento urbano.

Os comportamentos sexuais e de gênero também compunham tais cálculos especialmente com o surgimento da HIV/AIDS e sua associação a comunidade gay e travesti. O foco do debate médico contra essa nova e desconhecida doença se soma ao processo de reconfiguração do espaço urbano, contribuindo para fixar o lugar ocupado por estes sujeitos na cidade. Conforme investigam Marcio Caetano, Claudio Nascimento e Alexsandro Rodrigues (2018), a desinformação e o temor, que envolvia a então nominada “peste gay”, foram responsáveis pela massificação da categoria porque havia um “impulso por classificar e categorizar homens e mulheres que se relacionavam/relacionam afetivo-sexualmente com pessoas do mesmo sexo ou que rompem a fronteira do gênero heterodesignado” (Caetano; Nascimento; Rodrigues, 2018, p. 284).

Estes discursos iriam pautar a categorização dos corpos sadios e doentes, a repressão social/policial, as restrições de afeto e sociabilidade da população LGBT. A presença do temor da doença estaria presente nas operações cotidianas orientando desejos, práticas, corpos e formas de relacionamentos (Caetano; Nascimento; Rodrigues, 2018). Além disso, como argumenta Susan Sontag (1984, p. 7), “a doença é o lado sombrio da vida, uma espécie de cidadania mais onerosa. Todas as pessoas vivas têm dupla cidadania, uma no reino da saúde e outra no reino da doença”. A autora indica, portanto, o caráter moral associado ao adoecimento, ou seja, como noções punitivas e de justiça perpassam o processo de significação do adoecer. Ao analisar o significado atribuído à HIV/AIDS, no período investigado, considero que o preconceito associado à enfermidade pautaria as ações em diferentes esferas sociais, o espaço urbano e a circulação dos homossexuais e das travestis se somariam aos cálculos políticos, sendo imprescindível considerar seus impactos nas experiências aqui analisadas¹⁴.

Há de se considerar, ainda, o contexto autoritário instaurado no Brasil com o Golpe de 1964. O período de 21 anos que seguiram e foram caracterizados como uma ditadura civil militar representaram um momento histórico de forte repressão às liberdades civis em defesa da moralidade pública e dos bons costumes. Como indica Renan Quinalha (2018, p. 36), foram “os homossexuais e travestis pertencentes às classes populares que sentiram mais intensamente o peso da ação repressiva da ditadura em seus corpos e desejos”.

Este contexto seria marcado por um aumento na perseguição as comunidades LGBT, bem como na vigilância sobre as suas sociabilidades e aos pontos de prostituição. Renan Quinalha (2018) caracteriza estes governos militares como ditadura hetero militar, pois compreende que “houve uma política sexual oficializada e institucionalizada para controlar manifestações tidas como ‘perversões’ ou ‘desvios’, tais como o erotismo, a pornografia, as homossexualidades e as transgeneridades” (Quinalha, 2018, p. 31).

Gilda de Abreu, Samantha, Primavera Bulkan, Baby Pankada, Marcia Regina e Daniele Cristine Bastos foram travestis que ocuparam as cenas urbanas de Curitiba nas décadas de 1970 e 1980. A partir das recorrentes menções aos seus nomes na imprensa curitibana, em decorrência de seus destaques no carnaval da capital, as selecionei como protagonistas das

¹⁴ Compreendo que a propagação da AIDS e seu impacto na população travestis atravessa as questões analisadas nesta tese sendo, um elemento presente em minhas análises, no entanto, dado os limites e prazos para realização da pesquisa, não aprofundarei por ora as discussões específicas sobre este ponto.

análises que se seguem. Cabe mencionar que a análise de tais trajetórias é em muitos aspectos original pela pequena quantidade de publicações dedicadas a investigação das vivências travestis na capital paranaense¹⁵, em especial sobre as sujeitas elencadas acima.

Considero que suas trajetórias se articulavam, tanto aos processos de reorganização do espaço urbano, quanto ao contexto ditatorial vivenciado pela sociedade brasileira. Seus deslocamentos pela cidade eram, portanto, atrelados à repressão e à falta de direitos políticos, civis ou humanos, colocando-as em uma posição de alvo das ações normativas traçadas em nome da moral e bons costumes. Além disso, a emergência da HIV/AIDS no final da década 1980 e as construções discursivas que ligavam a doença à homossexualidade se reverteriam em tentativas de maior controle sobre os corpos desviantes e intransigentes das travestis.

Para investigar estas relações entre o espaço público e as travestilidades foram fundamentais as contribuições de Beatriz Sarlo (2005). Suas análises indicam a complexidade dos processos de constituição do espaço urbano. A partir dos estudos da autora compreendo que

...o espaço público não é uma coisa definida de maneira estável, mas sim um lugar de conflito. Os ocupantes tentam avançar (por razões legítimas ou ilegítimas, de acordo com as leis ou sem elas) e outros procuram impedi-los. O espaço público é um lugar de direitos e, por isso, também é um lugar de obrigações. Formas legítimas de ocupação deveriam afetar o menos possível outras formas legítimas de desfrute. E digo o menos possível porque é normal que o exercício de um direito afete outros direitos. Este conflito não pode ser anulado de uma vez para sempre, mas deve ser conduzido de maneira mais ou menos satisfatória (Sarlo, 2005, p. 71).

Apreendo que o espaço público se configura como lugar de conflitos e negociações entre as normas e os sujeitos, entre o legítimo e ilegítimo. Esse entendimento indica também o papel das autoridades públicas na manutenção do funcionamento e na garantia dos direitos e do acesso à cidade pelas populações. O governar da urbe cumpre um papel importante no sentido de criar espaços determinados, de distribuir o poder e criar mecanismos de vigilância e visibilidade

¹⁵ Destacam-se algumas publicações sobre Gilda de Abreu como os textos *Gilda, a dona dos beijos da Boca Maldita pede passagem para as travestis em Curitiba* Dayana Brunetto e Megg Rayara de Oliveira, *Gilda em Curitiba: o corpo transgressor invade a cidade* de Caroline Marzani e Naira Nascimento e a tese *Marcos da vida viável, marcas da vida vivível: o governmento da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para teorização político-educacional em LGBT* de Jamil Cabral Sierra, bem como a dissertações *A norma, os corpos e os prazeres: Moral sexual, tra(ns)vestilidades e "homossexualismo" no Paraná dos anos 1970* de Jeferson Ramos sobre as moral sexual em Curitiba na década 1970.

sobre as condutas e os usos do espaço urbano, contribuindo para fixação e administração de uma hierarquia social, estruturada nos sistemas de opressão – como o capitalismo, o patriarcado, o racismo e a cis heteronormatividade¹⁶ – imbricados em nós que perpassam a vivência dos sujeitos.

Para compreender essas dinâmicas e contradições sociais retomo a discussão sobre o conceito de “nó” proposto por Heleieth Saffioti (2015), segundo a qual a análise das imbricações dos sistemas de opressão, que estruturam e organizam a sociedade, toma como importante

(...) analisar estas contradições na condição de fundidas ou enoveladas ou enlaçadas em um nó. Não se trata da figura do nó górdio nem apertado, mas do nó frouxo, deixando mobilidade para cada uma de suas componentes. Não que cada uma destas contradições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade, presidida por uma lógica contraditória. De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos (Saffioti, 2015, 133-134).

Compreendo que essa investigação sobre as relações sociais e as subjetividades deve considerar as configurações desses nós, indicados por Saffioti, que perpassam a organização social, interpelam os sujeitos e se estruturam no espaço urbano. Considero que a representação da cidade, presente nos discursos oficiais, publicitários e nas leis municipais, como local de progresso e modernidade é simplista, visto que desconsidera seus conflitos e contradições. Nessa perspectiva, acrescento à investigação o conceito de interseccionalidade apresentado primeiramente por Kimberlé W. Crenshaw, como

(...) uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades

¹⁶ De acordo com Viviane Vergueiro (2016), utilizo o termo cis heteronormatividade para nomear um conjunto de práticas constantemente repetidas pelos sujeitos impelidos à performá-las, isto é, “um conjunto de dispositivos de poder colonialistas sobre as diversidades corporais e de gênero, sendo tais dispositivos atravessados por outras formas de inferiorização, marginalização e colonização interseccionais” (VERGUEIRO, 2016, p.72). Para além, do conceito de heteronormatividade, calcado por Cathy J. Cohen (1997), que descreve a heterossexualidade como prática intrínseca e natural, tomo de empréstimo os conceitos de cisgeneridade e cis heteronormatividade, formulados por meio do ativismo trans, compreendendo que a cisnorma e hetenorma são sistemas normativos que se sustentam mutuamente na regulação dos corpos e desejos.

básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Creshaw, 2002, p. 177).

A perspectiva de análise adotada nesta pesquisa compreende a articulação entre os diferentes sistemas de opressão que atuam sobre as sujeitas investigadas. Nossa análise, portanto, é interseccional e considera que as travestilidades aqui apresentadas eram perpassadas pela ação dos sistemas de opressão do gênero, da classe, da raça, da sexualidade, do etarismo, da colonialidade, entre outros. A partir da perspectiva interseccional é possível analisar as (re)existências travestis em Curitiba enoveladas e entrecortadas pela ação simultânea de diferentes sistemas de opressão e relações de poder que as enquadra e hierarquizam.

Além disso, as travestilidades enquanto uma categoria identitária latino-americana nos indica os caminhos da colonialidade como “(...) um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas” (Lugones, 2020, p. 64). Delimitar estes aspectos na análise cumpre também a missão de destacar o embranquecimento dos corpos marcados pela negritude em Curitiba, cuja imagem publicitária fora produzida a partir da exaltação aos elementos da cultura branca e europeia presentes em seu processo de construção.

Como denuncia a pesquisa de Glaucia Pereira do Nascimento (2020), os discursos sobre a constituição da cidade de Curitiba são marcados por um processo de silenciamento, hierarquização e apagamento da presença e cultura negra em seus territórios. Essa política de branqueamento curitibano atuou em diferentes dimensões desde a imagem da capital à valorização de determinados traços culturais, até as dimensões geopolíticas e econômicas empreendidas “através da expropriação/expulsão, extermínio da população negra de seus territórios, visando eliminar as negras e negros da composição populacional do território” (Nascimento, 2020, p. 69).

Por esta razão, é fundamental marcar racialmente as travestilidades analisadas nesta tese enquanto majoritariamente negras. A intersecção entre raça, gênero e sexualidade perpassa, portanto, as vivências apresentadas aos longos dos capítulos que aqui se apresentam, de acordo com Dayana Brunetto e Megg Rayara Gomes de Oliveira (2022, p. 237),

A branquidade, de forma geral, surge como um elemento importante na construção das identidades das mulheres trans. Por muito tempo, principalmente a partir da década de 1980, mulheres trans brasileiras foram à Europa trabalhar com a prostituição. Isso inclusive produziu uma narrativa comum, nos movimentos sociais de travestis e transexuais, que destacava corpos brancos como aqueles que valem mais. As maquiagens eram utilizadas para branquear os corpos negros, das mulheres trans brasileiras que diziam: “fazer a européia...”, quando embranqueciam seus corpos para atender ao apelo racista do mercado (Brunetto; Oliveira, 2022, p. 237).

A partir desta encruzilhada ou do enovelar das questões de gênero, sexualidade, classe e raça privilegio as abordagens das travestis no recorte temporal específico, tendo em vista as considerações de Elias Veras (2015) sobre a emergência dos processos de construção do corpo e da identidade travesti. Segundo o autor, esse período entre as décadas de 1970 e 1980 foi marcado pela passagem do tempo das perucas para o tempo dos hormônios-farmacopornográficos. O termo travesti passou a significar não apenas “uma prática eventual, clandestina e restrita aos momentos e espaços privados, para nominar um novo sujeito sexual”, ganhando o status de “Travesti-performance impressa nas notícias e fotografias. Travesti-prótese, encarnada através dos hormônios, silicone, maquiagem e vestimentas. Nova ‘identidade sexual’ escrita em performances; inscrita no corpo. Travesti-carne-tinta-papel” (Veras, 2015, p, 25).

No desenho deste recorte temporal considero também o contexto local de Curitiba, no qual identifico uma série de discursos veiculados pela imprensa e pelo poder público que buscavam reafirmar uma imagem publicitária da cidade associada às noções como ordem, progresso e planejamento urbano. Acredito que tais formações discursivas¹⁷ contribuem para o apagamento da diversidade urbana, principalmente das impressões deixadas pelos sujeitos que não se adequam às imagens projetadas para o espaço público.

A urbe comporta, portanto, contradições em que a imagem do cidadão curitibano ideal é contraposta à presença dos sujeitos desviantes, apesar das tentativas de imposição de uma

¹⁷ Utilizo o conceito a partir de uma leitura foucaultiana, segundo a qual “formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência” (Foucault, 1997, p. 135). As formações discursivas apresentam-se, portanto, enquanto conjuntos de enunciados “que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc” (Azevedo, 2013, p. 155).

ordem institucionalizada nas forças do Estado. Essas coerções falham, permitindo o deslocamento, circulação e resistências. Vejo assim se contrapõem dois discursos sobre espaço curitibano: de um lado uma formação imaginária produzida a partir dos lugares discursivos ocupados por quem projeta as cidades, de outro uma cidade viva e movente escrita a partir das linhas de fuga e transitar das travestis.

A partir desse cenário, minha hipótese principal é a de que as travestis se organizavam em redes de solidariedade e amizade, como também de rixas e intrigas, que contribuíam para negociação e adaptação das regras e normativas, permitindo a apropriação do espaço urbano a sua maneira, sem limitar sua circulação a “guetos”¹⁸, subvertendo e produzindo espaços de ação dentro do ambiente urbano.

Ao buscar produzir análises que se contraponham aos apagamentos das histórias das travestis, compreendo a importância não apenas de diversificar as narrativas dentro do campo das ciências, mas também de evidenciar e compreender como elas se organizavam no espaço urbano, suas táticas e resistências. Considero este último conceito a partir das colocações de Michel Maffesoli (1987), segundo o autor há um poder social e força nas minúsculas atitudes do cotidiano, que funcionam como uma resistência de modo passivo “uma passividade que não se deixa integrar em qualquer contestação, ou ação política que seja, mas que nem por isso seja menos subversiva em relação às imposições do poder” (Maffesoli, 1987, p. 114). Nestes movimentos entre aceitar e resistir, as experiências dos sujeitos são organizadas e nos fornecem ferramentas para analisar os percursos das travestilidades em Curitiba, que de um lado ainda está exposta a violência, a desigualdade, a dificuldade de se inserir no mercado de trabalho formal, e de outro tem os avanços alcançados em suas negociações e lutas diárias.

De acordo com Judith Butler (2015), os processos de constituição dos sujeitos são perpassados por movimentos de subordinação que ao mesmo tempo dão margem à ação ou agência dos indivíduos. Conforme explica

¹⁸ Faço menção ao termo gueto entre aspas como forma de deixar seu significado em suspenso, uma vez que me contraponho a compreensão exposta por Louis Wirth (1987, p. 58) acerca da existência de “guetos gays”, que segundo o autor seriam “uma forma de acomodação através da qual um grupo minoritário efetivamente é subordinado a um grupo dominante”. Compreendo que no contexto analisado as sociabilidades travestis se desenvolvem a partir da criação de espaços apropriados e compartilhados com os grupos dominantes, construídos por meio de negociações e não do isolamento.

El poder que da origen al sujeto no mantiene una relación de continuidad con el poder que constituye su potencia. Cuando el poder modifica su estatuto, pasando de ser condición de la potencia a convertirse en la “propia” potencia del sujeto (constituyendo una apariencia del poder en la que el sujeto aparece como condición de su propio poder), se produce una inversión significativa y potencialmente habilitante (Butler, 2015, p. 23).

Considero esse poder de ação como potência individual e coletiva enraizada nos corpos, uma força movida pelo desejo que impulsiona as transformações. Estes conceitos enfatizam a capacidade de agir dos sujeitos em seus contextos materiais, isto é, as subversões manipuladas pelas trajetórias travestis investigadas neste texto a partir de seus deslocamentos pela Curitiba, cidade que se queria modelo. Compreendo que tais vivências urbanas representavam a potencialidade criativa das vidas precárias e dissidentes.

Ao propor a realização desta pesquisa compreendo, de acordo com Luma N. de Andrade (2012), que uma série de pesquisas realizadas por autores como Hélio Silva (1993), Marcos Benedetti (2005) e Don Kulick (2008), entre outros trabalhos considerados pioneiros no estudo das travestilidades no Brasil, destacavam as vivências travestis no universo da prostituição. Tais trabalhos trouxeram inegáveis contribuições à fundamentação teórica deste campo de pesquisa, entretanto ao se limitarem a explorar apenas um aspecto das experiências travestis, esses autores deixaram como caminho às pesquisas futuras a necessidade de “alargar o campo de pesquisa e pensar as travestilidades no centro das instituições, em vez de se limitar à marginalidade e à prostituição, percebendo como essas jovens/estudantes/travestis se assujeitam e/ou resistem à ordem normativa, como elas burlam a disciplina e o controle para construir linhas de fuga” (Andrade, 2012, p. 22).

Megg Rayara de Oliveira (2023) soma-se a esta crítica tecida por Luma N. de Andrade (2012), denunciando a supremacia dos pesquisadores cisgêneros e brancos, bem como os mecanismos de poder dentro do mundo acadêmico que buscam “reconstruir o silêncio quebrado pelas “gritárias epistêmicas” (Oliveira; Nascimento; Jesus, 2022), provocadas pelas pesquisas desenvolvidas por travestis e mulheres transexuais, negras e brancas” (Oliveira, 2023, p. 174). A produção recente de pesquisas de TCC, dissertações e teses produzidas a partir deste outro lugar tem contribuído para o questionamento de visões cristalizadas das travestilidades, colocando como sujeitas do conhecimento aquelas que por muito tempo foram consideradas apenas objeto de conhecimento ou informantes.

Como indica Elias Veras (2015), há uma tendência dentro dos trabalhos mais recentes, que se dedicam a analisar as travestilidades e transexualidades, de enfatizarem os diferentes aspectos das subjetividades, das políticas de saúde, das relações de afeto, do envelhecimento, entre outros. Para tessitura desta tese procuro dialogar com uma série de produções que buscam articular as noções de espaço urbano e território com os processos de constituição dos sujeitos travestis e transexuais, bem como com trabalhos que investigam o processo de construção de Curitiba¹⁹. Por meio da consulta a tais trabalhos e os ouvidos atentos às gritarias epistêmicas, compreendo a importância de dar vazão às travestilidades que ocuparam e resistiram na capital paranaense, enquanto produções de outros enunciados sobre cidade e sobre as possibilidades de ser em um espaço normativo.

O arcabouço de referências teóricas que fundamentam as análises aqui apresentadas pode ser organizado em três âmbitos centrais: os debates sobre o espaço, as subjetividades e os estudos de gênero e sexualidade. Em relação ao conceito de espaço e a problematização acerca de sua constituição, conto com às contribuições de Beatriz Sarlo, e algumas das colocações de Michel De Certeau (2014) apresentadas em *A invenção do Cotidiano – Artes do fazer*, principalmente, aquelas que indicam as “maneiras de fazer” dos indivíduos constituídas por “mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (Certeau, 2014, p. 41). Essa afirmação indica a “arte” de manipular e brincar os processos de utilização, que se colocam contrários à passividade e à disciplina. O autor segue investigando os usos da linguagem, as artes de fazer, as maneiras de crer e as práticas de espaço, que me interessa diretamente.

Certeau (2014) aponta as articulações entre a cidade concreta e planejada²⁰ e os usos dos indivíduos, indicando que os relatos são como percursos de espaços que “atravessam e

¹⁹ Para tanto, consulte os seguintes trabalhos: *As travestilidades na ditadura: a interdição e a resistência de travestis em Porto Alegre, na década de 1970* de Fabiano Barnart (2018); *“Aqui tu pode ficar” - travestis e relações de poder no espaço urbano santa-cruzense* de Celina Ahlert (2019); *Carne, tinta e papel: a emergência do sujeito travesti público midiaticizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/ farmacopornográfico* de Elias Veras (2015); *Nem ao centro nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e de gênero* de Megg Rayara Gomes de Oliveira (2020); *Cultura política versus política cultural: os limites da política pública de animação da cidade em confronto com o campo das artes visuais na Curitiba letrada (1971-1983)* de Cristiane Silveira (2016); *Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)* de Antônio Cesar de Almeida Santos (1995); *Curitiba e o mito da cidade modelo* de Dennison de Oliveira (2000).

²⁰ Neste ponto Certeau (2014) estabelece um diálogo com algumas discussões trazidas por Michel Foucault (2004) em *Vigiar e Punir*, especialmente suas colocações sobre a estrutura do panóptico, na qual a organização dos espaços

organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários” (Certeau, 2014, p. 182). A partir desses aspectos considero nesta investigação os procedimentos que envolvem tanto os processos objetivos de construção dos espaços urbanos, quanto os usos dos sujeitos e os discursos sobre as cidades.

Seguindo essa trilha me aproximo das discussões apresentadas por Judith Butler (2019) em *Corpos em Aliança e a Política das Ruas*, no qual a autora discute sua teoria da performatividade dos corpos e sua organização pública em protesto e assembleia, como uma resposta à precariedade da vida. Dessa maneira, sua tese central nesta obra é de que “nenhum de nós age sem as condições para agir, mesmo que algumas vezes tenhamos que agir para instalar e preservar essas condições” (Butler, 2019, p. 22).

Além disso, cabe mencionar o entendimento de precariedade para Butler (2019, p. 41), caracterizado, entre outros aspectos, especialmente pela “condição politicamente induzida de vulnerabilidade e exposição maximizadas de populações expostas à violência arbitrária do Estado, à violência urbana ou doméstica, ou a outras formas de violência não representadas pelo Estado”. Com base nesta discussão compreendo o entrelaçar entre as condições de vida dos sujeitos, as políticas públicas, o uso dos corpos e as possibilidades de ação e resistência.

No que se refere a sua teoria da performatividade do gênero, que é revisitada em *Corpos em Aliança e a Política das Ruas*, Butler (2019) amplia sua concepção a ponto de abarcar as reivindicações políticas, indicando que,

...caminhar é dizer que esse é um espaço público onde pessoas transgêneras caminham, que esse é um espaço público onde pessoas com várias formas de vestir, não importa o gênero que lhes é atribuído ou a religião que eles professam, estão livres para se mover sem ameaça de violência (Butler, 2019, P. 59).

Por meio dessas colocações pude analisar como a circulação e as performances públicas das travestis no espaço urbano de Curitiba pressionam e criam possibilidades de ação dos sujeitos e de negociação com os poderes políticos. Ademais, articulando essas noções com as indicações de Michel de Certeau (2014), podemos problematizar usos e manipulações, tanto

e a distribuição dos sujeitos nas sociedades disciplinares produzem um efeito de constante vigilância e visibilidades, garantido o controle, a disciplina e a docilidade dos corpos.

dos lugares, quanto as bricolagens realizadas sobre os corpos e sua apresentação coletiva e pública.

Ainda sobre as contribuições de Judith Butler (2016), cabe mencionar suas discussões publicadas em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, no qual constrói uma genealogia do gênero, criticando a naturalização do sexo como pré-discursivo e construindo uma das primeiras versões de sua teoria da performatividade do gênero. Esses apontamentos auxiliam em minha pesquisa, principalmente, em relação a compreensão sobre os atos de gênero e a performance. Para a autora,

(...) atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (...) Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora (Butler, 2019, p. 235).

De acordo com as indicações acima, compreendo como o gênero é construído, assim como o sexo, por meio de uma estilização repetida dos corpos, baseados em normas sociais acerca da binariedade e linearidade entre sexo, gênero e desejo, inseridas em sistemas normativos como a heterossexualidade compulsória²¹. A partir dessas considerações analiso as performances e os atos de gênero apresentados por Gilda de Abreu, Samantha, Primavera Bulkan, Baby Pankada, Marcia Regina e Daniele Cristine, atentando para como esses sujeitos manipulam e produzem outras noções de masculinidade e feminilidade.

Para aprofundar a discussão sobre as travestilidades dialogo com Berenice Bento (2008), cuja obra indica como as vivências travestis e transexuais desnudam o binarismo e as contradições dos padrões de gênero e sexualidade, argumentando que a “transexualidade é uma experiência identitária caracterizada pelo conflito com as normas de gênero”. Nesta perspectiva, a autora identifica, por meio de uma construção histórica, social e científica a constituição de um “dispositivo da transexualidade”, ou seja, um mecanismo “alimentado pelas verdades

²¹ Utilizo o conceito a partir das colocações de Adriene Rich (2010), compreendendo a heterossexualidade como uma instituição de controle e imposição da matriz heterossexual, isto é, de imposição de um sistema de organização social que pressupõe a heterossexualidade enquanto norma diante de outras manifestações das sexualidades.

socialmente estabelecidas para os gêneros” (Bento, 2008, p. 23). Entendo que a constituição deste saber específico define, classifica, normatiza, formula e tem poder de decisão sobre as demandas e definições dos/as transexuais e travestis, suas identidades e sua relação com si e com seus corpos.

As obras de Michel Foucault servem de aporte teórico transversal em minha escrita, suas contribuições perpassam as compreensões sobre os processos de constituição dos saberes, a organização das técnicas de poder, as relações éticas dos sujeitos e o “cuidado de si”, a emergência histórica do Estado e de suas intervenções biopolíticas sobre o corpo dos indivíduos. Tais percursos de investigação foucaultiana se alinham às concepções sobre o gênero e as travestilidades, se tornando fundamentais para compreensão dos “diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos” (Foucault, 1995, p. 231).

Por meio dessas contribuições advindas do conjunto das obras foucaultianas pude compreender que as subjetividades são produções sociais, políticas e históricas, sendo produzidas no nível discursivo dos saberes, das técnicas de poder e das práticas de si. Segundo Foucault (2006), os indivíduos seriam constituídos nos jogos de objetivação e subjetivação, através dos quais se relacionam sujeito e verdade. Nesta perspectiva os sujeitos assumem tanto papel de sujeitos da ação, quanto de objetos da ação, sendo lhes possível o exercício da resistência, compreendida como a construção de uma outra forma de vida ou estética da existência, construídas a partir do trabalho sobre si.

Com base nos objetivos e nos referenciais teóricos apresentados até o momento, selecionei como fonte principal para a pesquisa a imprensa, especialmente, os jornais produzidos em Curitiba no período investigado. Para constituição do conjunto de fontes consultei, primeiramente, o acervo digital da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional em busca das publicações que se referissem à travestis. Nesta primeira consulta identifiquei 869 menções publicadas em 10 periódicos, produzidos no período de 1900 a 1990. Em seguida, restringi minha busca ao período referente ao recorte temporal desta pesquisa, ou seja, as décadas de 1970 e 1980, restando um montante de 313 publicações. Ao realizar a leitura deste material passei a catalogar as menções de acordo com os assuntos, identificando na sequência quem eram as travestis mencionadas nestas notícias.

A partir desse processo de triagem dos jornais e das notícias organizados em tabelas no excel, que constavam as informações materiais sobre as publicações, identifiquei as travestis que eram mais comumente mencionadas na imprensa. Nesse processo cheguei aos nomes de Gilda de Abreu, Samantha, Primavera, Bolkan, Baby Pankada, Márcia Regina e Daniele Cristine e, por meio de sua visibilidade, obtive a possibilidade de analisar os deslocamentos destas sujeitas em Curitiba. Foram analisadas cerca de 6 a 20 menções cada, presentes nos periódicos *Diário do Paraná* (1955-1983), *Correio de Notícias* (1980-1989), *Correio de Notícias* (1990-1992) e *Diário da Tarde* (1899-1983), *Nicolau* (1987-1998), *Tribuna do Paraná* (1956-2023). Nos casos específicos de Gilda e Daniele pude cruzar a análise dos jornais a outras fontes secundárias como os documentários *Beijo na Boca Maldita* (2008), *Daniele, Carnaval e Cinzas* (1979) e a revista *Gilda* (s/d).

Para análise deste *corpus* documental adotei como metodologia a Análise do Discurso, a partir das indicações de Michel Foucault (2014), isto significa que para além do discurso é necessário também atentar às relações de poder/saber que perpassam os textos e os elementos de controle externos e internos que constituem os discursos e lhe agregam legitimidade e poder, ou seja, estar atento aos jogos de verdade. Ao privilegiar essa abordagem metodológica, tendo em vista as articulações entre as subjetividades, os espaços e as práticas presentes nos discursos, rocouro perceber como estes discursos se articulam, se referenciam, se contradizem e se influenciam em um verdadeiro campo de lutas, de produção de sentidos e poderes.

Me alinho às discussões elaboradas na segunda metade do século XX sobre a utilização da imprensa no fazer historiográfico, como destaca Tania R. de Luca (2008), ao defender a possibilidade de uma historiografia produzida nos e por meio dos periódicos, a imprensa foi por muito tempo interpretada como uma “enciclopédia do cotidiano”, sendo aos poucos incorporada ao *corpus* de fontes dos historiadores, passando a ser compreendida como um veículo de comunicação isento de neutralidade, carregado de parcialidades e múltiplas vinculações, respondendo a um contexto de criação, a uma linha editorial, aos jornalistas contratados, os patrocinadores e anunciantes. Assumo assim alguns cuidados metodológicos em minhas análises como investigar as condições materiais de produção, circulação, bem como conhecimento do perfil de seus administradores e jornalistas (Silva; Franco, 2010), visto que,

tais aspectos contribuem para a compreensão dos interesses e das referências sociais e morais que operam nos discursos de tais veículos de comunicação.

Considero a inserção histórica da imprensa e sua influência enquanto uma força ativa da vida moderna, atuando na constituição dos modos de vida, perspectivas e consciência histórica (Luca, 2008). Aprecio as potencialidades dos periódicos como fonte da pesquisa, uma vez que atuam na naturalização do inusitado, no esquecimento seletivo, no alinhamento de experiências, na homogeneização de referências à memória coletiva, na formação de uma visão imediata do real e na constituição de um público consumidor (Cruz; Peixoto, 2007). Por essas razões compreendo ser fundamental decodificar os jornais a partir de seus contextos, de seus usos e finalidades, uma vez que tais fatores influenciaram na construção das imagens de si e da sociedade na qual circulavam.

Por fim, para a problematização proposta, levo em consideração as colocações de Reinhart Koselleck (2016), sobre a crítica das fontes, a relatividade e objetividade na produção do conhecimento histórico, compreendendo o papel da subjetividade do historiador, sua parcialidade, a importância do método e as restrições da fonte histórica que,

(...) não pode nos dizer nada daquilo que cabe a nós dizer. No entanto, ela nos impede de fazer afirmações que não poderíamos fazer. As fontes têm poder de veto. Elas nos proíbem de arriscar ou de admitir interpretações as quais, sob a perspectiva da investigação de fontes, podem ser consideradas simplesmente falsas ou inadmissíveis (Koselleck, 2016, p. 188).

Compreendo que as análises apresentadas nesta tese estão atreladas a materialidade de seu contexto, bem como as limitações da fonte investigada. As colocações e interpretações aqui construídas se articulam a essas condições e buscam constituir respostas e novas questões sobre as relações entre a cidade e os sujeitos, as travestis e Curitiba, representados no discurso da imprensa.

Tendo em vista os aspectos apresentados até aqui, organizei esta tese em quatro capítulos. No primeiro, intitulado *Gilda em carne, osso e concreto: uma releitura viva e pulsante do espaço curitibano*, busco investigar a trajetória de Gilda em Curitiba, contextualizando por meio de seus deslocamentos o processo de constituição do espaço urbano de Curitiba nas décadas de 1970 e 1980. Algumas questões direcionam minhas análises como: quem foi Gilda? Quais usos ela fazia do espaço público da cidade que ainda estava em

construção? Quais discursos e imagens se constroem sobre Gilda e Curitiba? Para tanto, sigo suas marcas deixadas na capital, seja nos discursos da imprensa ou nas produções artísticas posteriores e contemporâneas a ela. Considero que a partir do encontro da travesti com a estrutura urbana são constituídas duas imagens de Curitiba: uma cidade planejada e modelo, e outra ressignificada pelos usos dos sujeitos como uma cidade viva e pulsante.

No segundo capítulo, *Cenas de um carnaval intransigente: os percursos de Samantha, Primavera Bolkan e Baby Bankada no baile do Opera-Rio*, analiso o papel do carnaval no cotidiano curitibano, especialmente, nas trajetórias de Samantha, Primavera Bolkan e Baby Pankada. A Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários e seu Baile dos Enxutos, realizado na segunda-feira de carnaval, eram um dos principais palcos das travestis em Curitiba onde desfilavam e competiam no concurso de fantasias. Compreendo que este espaço se constituiria enquanto um lugar fundamental para projeção e enunciação das subjetividades travestis na capital.

O terceiro capítulo, intitulado *Márcia Regina e o entrelaçar da festa ao cotidiano, do riso ao luto*, tem por objetivo analisar os percursos de Márcia Regina e sua influência entre as travestis que habitavam em Curitiba no período investigado. A partir de seu sucesso como vedete no Baile dos Enxutos, Márcia é alçada para organização e apresentação dos desfiles, se tornando uma figura central nos discursos da imprensa, tanto na organização dos festejos de carnaval, quanto no cotidiano das travestis curitibanas. Os deslocamentos de Márcia me levam a investigar as reivindicações sociais e políticas inseridas no carnaval e fora dele, interligando a festa e as suas vivências diárias.

No quarto e último capítulo, *Daniele Cristina e a construção de si: uma trajetória modelo na cidade modelo*, analiso a trajetória de Daniele, considerando que seus percursos contribuem para compreensão dos processos de enunciação das subjetividades travestis em Curitiba. A performance de gênero reivindicada por Daniele construída e fundada em seu corpo se torna uma trajetória exemplar entre as demais travestis que a conheceram e que com ela conviviam. Com seus deslocamentos observo as relações sociais estabelecidas entre as travestis, suas aproximações, distanciamentos na construção de sociabilidades, redes de apoio e comunidade. Sua trajetória adverte, ainda, para as negociações articuladas e manipuladas

enquanto táticas que tornavam possível o deslocar e o viver público de suas identidades de gênero e sexualidade.

Para finalizar essa introdução indico que escrever sobre o espaço público nestes últimos quatro anos, especialmente, em 2020²², me enche de saudade de caminhar nas calçadas, calçadas, praças e parques com a sensação de segurança. Mas a partir de vivências pessoais e, principalmente, das considerações apresentadas nesta tese, colada à saudade, vem o questionamento: Quem de fato sempre teve acesso aos espaços públicos urbanos de forma segura, mesmo sendo este um direito universal? A quem esse direito foi interditado? Espero que a leitura deste trabalho, assim como o ato de construí-lo, possibilite ao leitor, como possibilitou a autora, não apenas conhecer uma realidade histórica mas, principalmente, armá-los e engajá-los na luta por espaços seguros, democráticos e plurais. Que o concreto das cidades se pinte com todas as cores!

²² A título de esclarecimento para os leitores futuros cabe lembrar que o ano de 2020 foi marcado pela pandemia da Covid-19, uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Uma doença inicialmente desconhecida cuja principal medida de contenção fora o isolamento social. A gestão pública da pandemia no Brasil foi marcada pelo uso das mídias como forma de propagação de teses negacionistas e anti científicas e pela ineficácia das ações governamentais no sentido de proteção da população. Nos últimos dois anos os impactos deste surto pandêmico ainda são sentidos em diferentes aspectos, sejam eles sociais e econômicos, como o agravamento das desigualdades sociais no país, um número de mais 600 mil mortos e 35 milhões de infectados, muitos dos quais ainda convivem com as sequelas da infecção. No âmbito individual e subjetivo, o afastamento social adotado como forma de prevenção evidenciou as relações entre os corpos e a cidade, as políticas de deslocamento e as potências das assembleias e reuniões públicas, como forma de alteridade, luta e construção de si.

CAPÍTULO 1: GILDA DE ABREU EM CARNE, OSSO E CONCRETO: UMA RELEITURA VIVA E PULSANTE DO ESPAÇO CURITIBANO

Lembra da Gilda,
curitibano dos trezentos anos?
Não a mulher fatal do cinema,
a Gilda de Curitiba.

(**Gilda**, Por Antônio Thadeu Wojciechowski/ Sem data)

Gilda de Abreu teria chegado em Curitiba nos anos 1970, como uma artista que acompanhava uma companhia de circo ou teatro, outros afirmavam que teria se fixado na cidade devido ao êxodo rural. Nascera em 07 de setembro de 1950 na cidade de Ibiporã/PR, teria decidido ficar na capital onde viveu nas ruas recorrendo a pequenos subterfúgios e chantagens para garantir sua sobrevivência, “uma moeda ou um beijo” era sua ameaça. Costumava desfilar à frente das bandinhas de carnaval, dançava defronte das lojas de discos, comparecia aos espetáculos teatrais da cidade, adorava se exhibir para as câmeras dos fotógrafos e passava os dias circulando pelo centro da capital, ocupando seus cartões postais. Ela despertava atenção em suas performances públicas diárias em busca de (r)existir em uma das capitais mais frias do Brasil (Boni, 2010).

Dayana Brunetto e Megg Rayara Gomes de Oliveira (2022, p. 235) afirmam que Gilda teria sido “a travesti mais conhecida de Curitiba” e que sua trajetória na capital não pode ser narrada no singular, uma vez que, representa a “história de milhares de travestis e mulheres transexuais que moram, mas que não existem, em Curitiba”. Os vestígios deixados por Gilda, travesti, pobre e negra que habitou as ruas curitibanas durante as décadas de 1970 e 1980, reverberam como estandarte da luta daqueles que reivindicam o direito ao acesso à cidade e desejam construir outros discursos sobre a capital paranaense.

No documentário *Beijo na Boca Maldita* (2008), de Yanko Del Pino, os entrevistados procuram definir Gilda, “pelo sotaque, pelo jeito, pela voz, pelos trejeitos a gente se tocou que era uma boneca”, “todo mundo dizia que ela era gay, mas pra mim ela não era; ela era metida no meio dessa turma”, “era um rapaz forte, rapaz digo era um travesti, aliás como te falei não

sei se era travesti ou o que era”, “eu sempre confundo não sei se chamo ele ou ela”, “ele dizia que era Gilda travesti”, “ela fazia o papel da bicha louca agora se era aí já não sei”, “eu não posso dizer se era ou não era, porque nunca experimentei, nunca vi”, “talvez ele fosse homossexual, mas a Gilda foi a primeira que quebrou aquela sisudez do povo curitibano”. Essas indefinições sobre Gilda reforçam o desafio que é conhecê-la, ao mesmo tempo em que indicam uma possível tática de resistência em busca de uma vida viável e vivível, ou seja, como essa sua dança sobre a cidade e sobre os padrões de gênero e sexualidade a permitiram viver e produzir outros discursos sobre si e o espaço urbano. Como argumenta Jamil Cabral Sierra (2013), Gilda empreendeu um modo de vida queerizado ou uma atitude queer, perturbando “a ordem sexual e de gênero estabelecidas até então” (Sierra, 2013, p. 128).

No mesmo documentário, Baby Garrot afirmou que em meio as travestis Gilda “não era muito pro nosso lado assim, que a gente já tinha um lado mais glamour, o lado mais feminino”. Ainda que não se conformasse com a leitura da travestilidade oferecida por Garrot, Gilda compartilhava de seus espaços, desfilando também nos concursos de fantasia do Baile dos Enxutos na Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários. Seus trajés diários evidenciavam sua situação de vulnerabilidade, enfrentando o frio das ruas curitibanas, ela desfilava de calças e saias ou panos amarrados à cintura, com ou sem chuchu²³, os cabelos curtos e encaracolados.

As imagens produzidas sobre Gilda e analisadas ao longo deste capítulo indicam seu cuidado para com sua aparência, quando possuía recursos apresentava-se de barba feita, vestidos longos e maquiagem. Cabe mencionar que as experiências de Gilda em Curitiba além de interseccionarem as questões de gênero e classe também eram marcadas pela questão racial, como denunciam Dayana Brunetto e Megg Rayara Gomes de Oliveira (2022, p. 236). A maioria das bibliografias produzidas a respeito de Gilda ignoram sua negritude “talvez por Gilda ser travesti. Talvez por descuido. Talvez por não saberem que pessoas pardas são negras. Talvez por acreditarem que apenas um marcador identitário precisasse ser destacado. Talvez pelo racismo estrutural e estruturante das práticas e produções acadêmicas”.

Segundo Maria Boni (2009, p. 6) em 1982 a situação de Gilda era “lamentável, sem roupas, dormindo nas praças, com enfermidades sem condição de tratamento. Desde a mudança do Albergue Noturno, do centro da cidade, dormia ao relento, sob marquises, vivendo como

²³ Na linguagem pajubá, chuchu tem o significado de barba.

mendiga, os cabelos em desalinho, mal cheirosa, vestidos e calças esfarrapadas”. Quase um ano depois sua morte foi anunciada nos jornais, aos 32 anos, em 15 de março de 1983 devido a cirrose hepática, meningite purulenta e broncopneumonia.

O velório e enterro de Gilda contou com a contribuição de todos que queriam de alguma forma homenageá-la. Enterrada no Cemitério da Santa Cândida em um túmulo coletivo, doado por Márcia Regina, onde outras travestis estavam enterradas, Gilda recebeu seu último prato de comida deixado por sua amiga Primavera Bolkan (competidora nos desfiles de fantasia)²⁴. Dias após a sua morte as homenagens depositadas pelos curitibanos na Boca Maldita²⁵ não cessavam em um movimento que perdura “até hoje e que presentificam a experiência da vida de Gilda, de seus beijos, de seu escândalo, de sua atitude, de seu modo de vida” (Sierra, 2013, p. 99).

Ítalo Calvino (2003) em *Cidades Invisíveis* afirma que conhecer a urbe requer um olhar atento ao seu cotidiano e sua arquitetura, são nestes aspectos que ela conta seu passado, gravado “como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladura” (Calvino, 2003, p. 7). Os passos intransigentes de Gilda por Curitiba abriram portas e traçaram caminhos que servem de guia para conhecermos outras curitibas, que não aquela imortalizada nos discursos publicitários da prefeitura municipal²⁶.

Ao discutir o processo de construção do espaço, Michel de Certeau (2014) argumenta que o passado de uma cidade também está em sua gente, seus usos e relatos, que diariamente “atravessam e organizam lugares; eles selecionam e os reúnem num só conjunto, deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços” (Certeau, 2014, p. 182). Sendo assim, quem melhor que Gilda para nos guiar por tais traçados urbanos, ela que fez das ruas seu palco,

²⁴ Informação retirada da tese Marcos da vida viável, marcas da vida vivível: o governo da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para teorização político-educacional LGBT (2013) de Jamil Cabral Sierra.

²⁵ Boca Maldita é a denominação do espaço localizado na Avenida Luiz Xavier, entre a Praça General Osório e a Rua XV de Novembro, no centro de Curitiba. Em meio aos cafés e bancas de revistas a reunião das pessoas em seus trânsitos diários para comentar política, futebol e assuntos cotidianos da cidade gerou a alcunha que hoje identifica a região, dando nome também a confraria masculina institucionalizada na década de 1970 por Anfrísio Siqueira.

²⁶ O trabalho como de Dennison de Oliveira (2000) em *Curitiba e o mito da cidade modelo*, entre tantas outras pesquisas, realiza essa investigação sobre a construção de uma imagem positiva do processo de planejamento e reformulação do espaço urbano de Curitiba ao longo da segunda metade do século XX.

afrontando os conservadorismos de uma cidade que se queria higienizada, moderna, planejada e, portanto, excludente.

A partir desse referencial compreendo que o espaço urbano é uma produção realizada diariamente pelos sujeitos que o consomem, dado a ler sob diferentes olhares e ângulos, sejam eles revestidos ou não pela autoridade pública e o interesse econômico. As vivências de Gilda em Curitiba evidenciam que apesar de existirem diversas leituras sobre a cidade, produzidas de forma subversiva pelas vidas insurgentes, existe também um modelo de subjetividade autorizada a consumir a cidade, cujo gênero, sexualidade e raça estão conformados na cisgeneridade branca heterossexual²⁷.

De acordo com o poeta, “Gilda foi um mendigo, louco e bicha./Já viu combinação mais infeliz?/ Daqueles loucos que havia,/ estavam sempre na rua,/ como se vivessem do vento.” (Wojciechowski, s/d). Estes versos permitem analisar a trajetória de Gilda à luz de categorias teóricas trazidas por Judith Butler, como vidas precárias e/ou vidas passíveis de luto, segundo as quais determinadas vidas não são reconhecíveis como viva, isto significa que “se certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras” (Butler, 2017, p. 13). Busco construir as análises que aqui se apresentam por meio da compreensão dos enquadramentos ou reconhecimentos do ser, relacionando tais posições dos sujeitos com a organização normativa dos espaços urbanos.

Em outros versos, o poeta expõe como Gilda era considerada às vezes incômodo, ou motivo de galhofa, mas era sempre o louquinho “que a família curitibana não trancou no porão” (Wojciechowski, s/d). Olho para Curitiba a partir deste lugar ocupado por Gilda, como uma residente não autorizada da Rua das Flores²⁸, local em que ela produziu no concreto urbano uma série de linhas e fissuras que iremos percorrer aqui.

²⁷ Compreendo a cisgeneridade branca heterossexual a partir da leitura de Megg Rayara (2023, p. 174), segunda a qual “como dispositivo de poder e como ela impacta na estruturação dos espaços de educação formal, mais especificamente no ensino superior, reforçando e atualizando a transfobia e o racismo”. Além disso, considero que ao marcar esse mecanismo de poder imediatamente ele “deixa de ser tratada como algo natural, dado, para ser interpelada como processo histórico, bem como os privilégios, concretos e simbólicos atrelados a ela” (Oliveira, 2023, p. 174).

²⁸ Considerada um dos cartões postais da capital, a Rua das Flores, localizada no centro, foi remodelada na década de 1970, juntamente com as obras de construção do calçadão de Curitiba.

Ao tornar-se visível nos espaços públicos, Gilda constitui-se enquanto um enunciado que emerge, como uma força reivindicatória por melhores condições de existência. O habitar pelas vias públicas foi sua declaração de resistência contra a indução de condições precárias de vida. Novamente citando Butler (2019, p. 17), “quero sugerir que quando corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaço público (incluindo os virtuais), eles estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político”.

Analiso a partir da ocupação realizada por Gilda em Curitiba uma produção da cidade conduzida pelos sujeitos de maneira dispersa, astuciosa, “silenciosa e quase invisível” (Certeau, 2014, p. 39). Ao ocupar a cidade, Gilda produzia discursos dissidentes, ruídos e vibrações no concreto urbano, que impõem fissuras na imagem oficial de capital como exemplo de sucesso do planejamento urbano. Suas marcas no cotidiano da urbe eram alvos de políticas de esquecimento, como questiona Thadeu Wojciechowski em seu poema:

E pergunto:/ Por que não Rua Gilda?/ ou Alameda Gilda?/ ao menos Travessa Gilda?/ Ou os loucos folclóricos/ não são história?/ Que memória é esta/ que preserva generais sem guerra,/ corruptos de bitola larga,/ aristocratas inatingíveis,/ enganadores do povo diplomados/ e se esquece da Gilda./ Tá certo: louco, mendigo e bicha./ Mas se lhe falta título/ por que não:/ filósofo do cotidiano,/ humorista performático,/ vanguardista dos costumes?/ Se lembraram de tantos/ que nem mereciam./ Por que não da Gilda?/ Cala-se Curitiba,/ classe média em tudo./ Tua memória será/ a do pinheiro tombado,/ a da gralha que já não voa,/ mas não da Gilda (Wojciechowski, s/d).

Esses versos lançam questões sobre o apagamento da história dos considerados loucos da cidade como Gilda, sobre os critérios das homenagens aos generais, políticos e aristocratas em detrimento aos demais sujeitos ditos comuns. Conforme argumenta Michael Pollak (1989), a memória oficial e dominante se constitui em oposição às memórias consideradas subterrâneas. Zonas de sombra, silêncios e não ditos pesam sobre as culturas consideradas minoritárias localizadas nas fronteiras do dizível e do indizível, do confessável e do inconfessável, que separam “uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor” (Pollak, 1989, p. 8).

Em contrapartida à produção “oficial” do espaço urbano e da memória é necessário interrogar “as operações dos usuários, supostamente entregues à passividade e à disciplina”

(Certeau, 2014, p. 37), ou seja, analisar as bricolagens e apropriações manipuladas pelos sujeitos em seus deslocamentos e usos da cidade. É necessário como ponto de partida desta análise refletir sobre quais sujeitos têm suas memórias salvaguardadas, sobre quem mantém viva a lembrança de Gilda e tantas outras travestis que viveram em Curitiba? Onde estão depositadas suas memórias, seus monumentos e arquivos? Tais vidas induzidas às condições precárias apresentam táticas particulares de resistência e sobrevivência no ambiente urbano. Por isso, é preciso estar atenta aos ruídos e vibrações produzidas em seus corpos, nas esquinas e fronteiras clandestinas.

Compreendo que as travestis consomem a cidade em suas vivências diárias, e nela produzem dobras, rotas de fuga e vibrações que fissuram o concreto urbano, por meio do enfrentamento e negociações com as autoridades, bem como em seus deslocamentos cotidianos ao se fazerem visíveis. Ainda que o espaço público esteja organizado de forma a impor distanciamento, vigilância, (in)visibilidade e enquadramento das multidões, as táticas de usos manipuladas pelos indivíduos permitem sua reunião e dispersão, criando lugares praticados passíveis de viverem uma vida possível. Mapear esses deslocamentos abre a possibilidade de impor uma outra temporalidade e dinâmica de análise às formas como os corpos e sujeitos experienciavam a cidade ou de como ela os “engole”, visto que, a organização do espaço público é perpassada também pela exclusão das individualidades. A Curitiba que investigo se produz e é produzida, portanto, neste movimento vivo, dinâmico e pulsante entre estratégias e táticas, imposição e usos.

As grandes capitais e metrópoles distribuem seus moradores de forma que “as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. (...) ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram olhares não se fixam” (Calvino, 2003, p. 24). O contato entre os sujeitos na esfera pública é marcado pela relação entre o corpo e a arquitetura urbana, que no uso de “imagens ideais do corpo humano levam à repressão mútua e à insensibilidade, especialmente entre os que possuem corpos diferentes e fora do padrão” (Sennet, 2003, p. 22). Dessa forma, a construção da cidade em pedra e concreto pressiona a vida e a carne daqueles que a ocupam.

As cidades são organizadas de acordo com relações de saber/poder que produzem uma ordem política determinada, exaltando no caso das sociedades ocidentais um corpo higienizado

e cis heteronormativo, ao mesmo tempo em que segrega os corpos que não se adequam a tal paradigma. A produção da vida precária emerge como uma condição de vulnerabilidade que se produz no cerne de uma conjuntura política.

Ao discutir as políticas de gestão e precarização da vida, Butler (2019) indica um caminho de análise das resistências das populações precarizadas, isto é, a investigação das respostas organizadas por tais sujeitos frente aos projetos de grupos políticos dominantes. A autora propõe a análise dos processos que transformam as ruas em verdadeiros espaços públicos, ou seja, o momento em que os corpos ocupam e transformam as cidades em palco para uma performatividade pública e contestatória,

Podemos encarar essas manifestações de massa como uma rejeição coletiva da precariedade induzida social e economicamente. Mais do que isso, entretanto, o que vemos quando os corpos se reúnem em assembleia nas ruas, praças ou em outros locais públicos é o exercício – que se pode chamar de performativo – do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vida mais vivíveis (Butler, 2019, p. 31).

O ato de ocupar o espaço urbano pode ser interpretado como uma reivindicação política pelo direito de existir nos muros da cidade e se deslocar em suas diversas direções. A arena pública se configura tanto em palco de conflitos, reivindicações e disputas, quanto em lugar de negociações, manipulações e bricolagens realizadas pelos sujeitos como forma de garantia à sua passibilidade.

Por meio da abordagem foucaultiana compreendo que os discursos possuem uma ordem, na qual a verdade é produzida pelas e nas formações discursivas. Essas “verdades” podem se modificar a partir do momento em que as regras de sua formação são modificadas. Tais processos são denominados por Foucault como “efeitos de verdade”, que seriam permeados pelos efeitos de poder, tornando fundamental entender e esquadrihar o caminho genealógico do poder. As análises produzidas nesta tese percorrem estes caminhos de investigação das relações de poder e seus efeitos de verdade, das tecnologias de constituição dos saberes pelo exercício do poder, do deslocamento do discurso para as práticas e instituições.

O primeiro desafio desta busca por Gilda em Curitiba foi conseguir reunir e organizar as informações dispersas acerca de seus deslocamentos, dar sentido às dobras e linhas de fuga criadas por ela em busca de (r)existir na capital que “teve o bom senso de adotá-la./ Adotá-la mal, a bem da verdade nesse mundo de mentiras” (Marciel, s/d, p. 14). Ao longo deste capítulo

identifico que a figura de Gilda foi explorada como a personificação do sonho de uma capital cosmopolita, rompendo com a tradição provinciana da cidade. Assim, os vestígios deixados por ela se apresentam à contemporaneidade na fala dos outros e é através destes filtros que procuro me aproximar de Gilda.

1.1 A CIDADE VIVA E INVISÍVEL DE GILDA

A Curitiba de Gilda é inscrita no corpo e ganha movimento em sua performance pública se banhando no chafariz, dançando à frente dos blocos de carnaval ou nas moedas distribuídas diante da ameaça de ganhar um beijo da travesti no calçadão. Essa versão da cidade é a expressão subversiva do viver a urbe, é a vibração produzida a partir do encontro entre o espaço normativo e sujeitos irreconhecíveis. As linhas de fuga inscritas por Gilda, neste ecossistema urbano, podem ser comparadas aos poemas de Guantánamo analisados por Judith Butler em *Quadros de Guerra* (2017), elas “transmitem um outro sentido de solidariedade, de vidas interconectadas que transportam as palavras uma das outras, sofrem com as lágrimas uma das outras e formam redes que representam um risco incendiário” (Butler, 2017, p. 96).

Considero que os trajetos e trejeitos performados por Gilda no espaço público são como inscrições de poemas concretos no espaço urbano. Percorrer seus passos por Curitiba diz muito sobre a cidade, mas principalmente, sobre Gilda e as vidas que ela conectou,

Como uma rede de comoções transitivas, os poemas – na sua criação e na sua disseminação – são atos críticos de resistência, interpretações insurgentes, atos incendiários que, de algum modo e inacreditavelmente, vivem através da violência à qual se opõem, mesmo que ainda não saibamos em que circunstância essas vidas sobreviverão (Butler, 2017, p. 97).

A vida de Gilda como obra de arte ressoa em Curitiba, ainda que grande parte do poder estabelecido na cidade a rejeitasse, ela ocupou de maneira insurgente, criou pontos de encontro e linhas de fuga. Como destaca a publicação da Fundação Cultural de Curitiba, “o povo adorava Gilda, com seus vestidos de gala esfarrapados, danças nas ruas, intérprete dos sonhos dos miseráveis, brincando nas feridas da inconsciência dos cidadãos respeitáveis” (Martins, s/d, p. 2). Além de uma leitura subversiva do espaço urbano, sua trajetória serve de projeção a tantas

outras vidas precárias que habitam e habitavam a urbe, expondo as feridas dos projetos urbanos modernos e exemplares.

Na busca pelos vestígios deixados por Gilda em Curitiba encontrei o livro *Cada uma cai do bonde como pode*, escrito por Rafael V. Greca de Macedo (1975), como um inventário dos tipos populares curitibanos. Nesta obra Gilda é ilustrada da seguinte forma:



FIGURA 01. Ilustração de Gilda produzida por Jair Mendes, presente no livro *Cada um cai do bonde como pode* de Rafael Valdomiro Greca de Macedo, publicado em 1975.

Na ilustração vemos o corpo de Gilda coberto por um lenço, utilizando calças bufantes, tamancos, brincos e adereços na cabeça, nas mãos ela segura um leque, a cabeça pequena em comparação ao corpo, o nariz, os lábios e os pés desenhados de forma avantajada. Essa imagem da travesti indica a leitura ridicularizada e abjeta que Greca ilustra em seu texto sobre os tipos populares de Curitiba. Gilda como motivo de riso com suas calças de bufão e desumanizada figurava como um corpo indesejado passível de eliminação no processo de reformulação da capital, transformada em cidade “modelo”.

O livro publicado em 1975 sob o selo da Fundação Cultural de Curitiba indica seu alinhamento ao projeto lernista de constituição da imagem da capital “modelo”, encaixando-se como parte dos mecanismos de controle social ao indicar figuras singulares do cenário urbano, personagens deslocados das narrativas sobre a cidade e os imigrantes europeus, que compunham os discursos da cidade modelo. O autor realizava, portanto, um inventário dos tipos populares de Curitiba, apresentando estes personagens que habitaram as ruas da cidade desde os anos 1900 até 1970, compreendendo-os como sujeitos “inebriados pela loucura da própria cidade. Poucos não são marginalizados. Todos, são absolutamente fascinantes. Capazes de revelar, à própria Curitiba e aos circunspectos curitibanos, a memória do tempo perdido” (Grecca, 1975, p. 7). Essas figuras eram apresentadas como parte de um espetáculo público, seriam elas as portadoras da loucura e da verdade do viver na cidade moderna.

Essa aproximação entre a loucura e a verdade remonta, como indica Michel Foucault, ao século XV quando essa temática emerge nas formações discursivas. Os considerados loucos eram até então representados como figuras místicas, portadores da verdade e da desrazão, a tais sujeitos, diferentes prognósticos serão impostos ao longo do processo de desenvolvimento da disciplina, desde segregados, encarcerados e reintegrados a sociedade (Foucault, 1972). Os tipos populares curitibanos apresentados por Grecca, assim como a figura do louco investigada por Foucault, eram alvo de diversas técnicas disciplinares, sendo encarados como seres libertos das amarras sociais e representantes da liberdade da razão.

Questiono, no entanto, se os tipos populares representados por Grecca como vidas fascinantes seriam de fato reconhecidas como vida na sociedade curitibana a qual estavam inseridos? De acordo com Judith Butler (2017), em suas investigações sobre os processos ontológicos, epistemológicos e éticos que apreendem o que é uma vida, o “ser” é constituído mediante a esquemas normativos que

(...) são interrompidos um pelo outro, emergem e desaparecem dependendo de operações mais amplas de poder, e com muita frequência se deparam com versões espectrais daquilo que alegam conhecer. Assim, há "sujeitos" que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há "vidas" que dificilmente - ou, melhor dizendo, nunca - são reconhecidas como vidas (Butler, 2017, p. 17).

Compreendo que os tipos populares curitibanos apresentados na obra de Rafael Grecca (1975), em especial Gilda, eram caracterizados como “tipos do presente, ou apenas, por obra e

graça da metrópole provinciana, pobres tipos ainda presentes, vindos do tempo passado, em vias de desaparecer?” (Grecca, 1975, p. 54). Neste jogo de palavras o futuro de Curitiba era colocado em questão, na imagem da cidade moderna, que conserva o charme provinciano dos casarões históricos, da cultura dos imigrantes europeus preservada, os tipos populares seriam memórias prontas para esquecimento.

Em 1981, o jornalista curitibano Luiz Carlos Mazza publicou na Revista Panorama²⁹ o texto *Tipos populares salvam Curitiba de ser chata*. Construído como uma resposta às acusações de que Curitiba seria uma capital incharacterística, o autor defende que esta alcunha não se deve a “pobreza de tipos populares. Se essa é uma medida de ‘humanidade’” (Mazza, 1981, p. 36). Por meio da análise deste texto observo a preocupação em estabelecer e circunscrever aspectos que destaquem o capital simbólico da cidade “modelo”, ou seja, que reforcem uma diversidade cultural urbana.

No texto de Luiz Carlos Mazza, Gilda é colocada ao lado de outras figuras que habitavam a Boca Maldita e o calçadão da Rua das Flores. Uma foto sua estampando a reportagem da Revista Panorama, representando-a com adornos carnavalescos, uma coroa e paetês na gola da camisa, com o rosto posicionado lateralmente, ela parece conversar com alguém sem posar para a fotografia. Abaixo da fotografia a legenda diz “Gilda: mais popular do que o Lula”, como é possível observar na sequência.

²⁹ A Panorama foi uma revista de variedades, publicada entre as décadas de 1950 e 1990. Sendo inicialmente impressa em Londrina, sua sede foi transferida para Curitiba nos anos 1960, juntamente com seu editor Adolfo Soethe. Suas edições tratavam de assuntos variados e continham artigos de opinião, tendo lançado a carreira de grandes nomes e referências do jornalismo curitibano como é o caso de Luiz Carlos Mazza.



FIGURA 02. Fotografia de Gilda publicada na revista Panorama em 1981.

Estampada assim com as roupas alinhadas, sem chuchu, brilhos e pedrarias, indica o zelo e autocuidado de Gilda com sua imagem, ao escolher essa imagem para compor sua reportagem Luiz Carlos Mazza a coloca em lugar de destaque e prestígio como uma figura popular da capital, parte dos elementos urbanos que distinguem Curitiba frente a outras metrópoles e centros urbanos. Como argumenta Everton de Oliveira Morais (2014), o processo de desenvolvimento econômico e crescimento populacional vivenciado por Curitiba a partir dos 1950 movimentou uma série de debates e propostas políticas de intervenção no espaço da urbe e nos discursos sobre a cidade. O projeto implementado nas décadas 1970 e 1980, sob o comando do então prefeito Jaime Lerner e seus sucessores, assumiu o desafio de modernizar a urbe sem apagar seus traços provincianos.

Essa dualidade entre modernidade e tradição perpassava a constituição dessa imagem síntese de Curitiba, enquanto cidade “modelo”. As estratégias do marketing político foram capazes de produzir uma formação discursiva que se enraizou no cotidiano urbano, desafiando até mesmo as contradições materiais. De um lado, este projeto precisava gerir o medo da impessoalidade, valorizando as tradições e preservando o passado provinciano da Curitiba de ontem. Por outro lado, esta proposta deveria contemplar também aquela parcela da população e, principalmente, dos grupos burgueses que almejavam viver em uma capital moderna e inovadora.

Considero que a imagem de Gilda era apropriada por este grupo, que desejava a construção de uma Curitiba cosmopolita, rica em oferta e produção de debates culturais e artísticos. Segundo Luiz Carlos Mazza, Gilda e os tipos populares eram como “uma extensão da multidão, um estilo diferente e marcante, [de] animadores culturais mais significativos do que [os] ‘emproados’ que posam de especialistas nos órgãos oficiais” (Mazza, 1981, p. 37). O autor segue referenciando estas personalidades urbanas, ao passo em que critica os cânones e as homenagens a figuras sérias e solenes do passado curitibano:

Uma estátua urgente para Maria do Cavaquinho, a precursora do fechamento da rua XV, por favor! Um documentário cinematográfico de Valência Xavier e sua equipe de cineastas experimentais sobre essas pessoas fantásticas que tiram o ar sisudo de Curitiba, botando bermuda e chinelo de dedo onde há tudo para prevalecer a casaca e a polaina! Uma reavaliação pela Casa Romário Martins, de toda a literatura já feita sobre essa fauna rica e variada. E deixem em paz os irreverentes, agitados ou catatônicos, porque há oração que nos livre da legião de chatos sérios e solenes. Vade Retro! (Mazza, 1981, p. 37).

A perspectiva assumida por Luiz Carlos Mazza se alinha a outros intelectuais e escritores curitibanos, representando um grupo social que almejava uma Curitiba moderna. Buscavam a construção de um discurso sobre a cidade que rompesse com “as formas reativas da ‘mística do trabalho’, do ‘puritanismo’ e do ‘provincianismo’, herdados historicamente, porém superáveis, mutáveis” (Moraes, 2014, p. 141), talvez por essa razão o autor esconjure os elementos tradicionais da sociedade local, como a sisudez e solenidade de seus habitantes, e exalte as irreverências de Esmaga e Maria do Cavaquinho³⁰. A partir destes debates observo a constituição de diferentes projetos e leituras para capital, que seriam posteriormente geridos e parcialmente assimilados pela imagem síntese da cidade “modelo”.

Gilda e os tipos populares mencionados no texto de Luiz Carlos Mazza (1981) como seres políticos e agitadores culturais, também eram capazes de fazer chover no piquenique curitibano³¹. Entretanto, seu lugar social se diferenciava dos intelectuais e jornalistas, a visão social que sobre eles recaía era ambígua “assumidos como seres da periferia, mas sabem dosar

³⁰ Personalidades populares que circulavam nos espaços centrais de Curitiba, como a Rua 15 de novembro e a Boca Maldita, viviam da doação de moedinhas em troca de cantorias e brincadeiras. Eram considerados por alguns jornalistas e intelectuais como tipos populares da cidade, sendo parte da irreverência, distinção e cultura curitibana.

³¹ A expressão chover no piquenique é uma referência ao poema *Carta ao acaso* de Paulo Leminski, publicado no livro *Toda Poesia*, no qual o poeta se assume como um obstáculo à imagem de Curitiba da classe média.

essa representatividade como integrantes a um só tempo da classe média pobre e da marginalidade” (Mazza, 1981, p. 36-37).

A Curitiba produzida por Gilda e pelos tipos populares era apropriada por aqueles que desejavam uma capital moderna ou rechaçada como marginal pelos que defendiam a manutenção da cidade provinciana. Um exemplo desta disputa pode ser observado nos comentários tecidos por Luiz Carlos Mazza sobre a prisão de Gilda durante o carnaval de 1981. Segundo o autor, este assunto fora extensivamente discutido na imprensa local, superando os debates sobre a condenação do “líder Luís Inácio da Silva, o Lula. Gilda, no entanto, era também politizante: afinal configura a resistência a sistemas” (Mazza, 1981, p. 36). Ao final a figura dos tipos populares era evocada como característica de distinção cultural da cidade, representantes do folclore local, “ainda que às vezes servindo de chacota, ou como referencial ‘negativo’, afirmam a cidade, pois são tomados como medida de valor” (Mazza, 1981, p. 36).

Os tipos populares eram apropriados por estes jornalistas como elementos de distinção social, pois indicavam para o desenvolvimento de Curitiba e sua diversidade urbana e cultural. Com uma história de desenvolvimento recente em comparação a tais capitais, estes grupos de intelectuais buscavam no passado e na malha urbana da cidade aspectos que a distinguissem e acrescentassem valor social.

Compreendo essas estratégias de constituição de um discurso sobre Curitiba, enquanto um centro cultural desenvolvido e moderno, igualando a outros centros urbanos tradicionais como São Paulo, Rio de Janeiro ou Salvador, segundo as colocações de Pierre Bourdieu (2013) sobre o capital simbólico e as formas de distinção social. De acordo com o autor, o processo de ordenamento das classes sociais abrangeria uma série de operações de classificação e reconhecimento, que determinariam a posição de cada grupo ou indivíduo. Para além do capital econômico (propriedades e bens materiais) os sujeitos dispunham do estabelecimento de “toda diferença reconhecida, aceita como legítima, funciona por isso mesmo como um capital simbólico que obtém um lucro de distinção. O capital simbólico, com as formas de lucro e de poder que assegura, só existe na relação entre as propriedades distintas e distintivas como corpo correto, língua, roupa, mobília” (Bourdieu, 2013, p. 111).

A partir deste conceito de capital simbólico, compreendo que a medida de valor, a qual se referia Luiz Carlos Mazza ao mencionar os tipos populares, estava na diversidade social

produzida por meio destes corpos e vidas distintas. Eram eles que agregavam distinção e valor ao espaço urbano curitibano, se somando aos elementos da Curitiba provinciana e elevando a cidade as suas próximas etapas de desenvolvimento e modernização. Talvez por essa razão eles ocupassem uma posição ambígua nas formações discursivas sobre a capital, sendo ao mesmo tempo marginais, deslocados socialmente em vias de extinção ou portadores da verdadeira Curitiba.

A partir dessas leituras considero que os tipos populares podem ser caracterizados como expressões das contradições do desenvolvimento urbano no capitalismo. Como explora Beatriz Sarlo (2005), a sociedade moderna é construída e assentada na promessa de que estar inserido no meio social garante crédito ao sujeito, ou seja, direitos à moradia, alimentação, saúde, educação e prosperidade. A subtração desses direitos produziria as dívidas sociais. Em minha análise sobre Curitiba, Gilda e as demais travestis, assim como todos os tipos populares, podem ser enquadrados como fruto desse crédito social negativo. Essa multidão urbana despossuída de direitos representaria, aos gestores municipais e seu projeto de capital modelo, uma ameaça à sustentação da imagem dessa cidade exemplar, visto que,

Uma sociedade não se sustenta apenas por suas instituições, mas, principalmente, por sua capacidade de gerar expectativas de tempo. O corpo e o tempo estão ligados: uma vida é um corpo no tempo. A dívida é também uma dívida de tempo porque, quando o corpo não recebe aquilo de que necessita, o tempo se torna abstrato, inapreensível pela experiência: um corpo que sofre sai do tempo da história, perde a possibilidade de projetar-se adiante, apaga os sinais de suas recordações (Sarlo, 2005, p. 15).

A dívida social produz corpos sem tempo, sem história ou expectativas de futuro. Por esta razão não encontramos nas praças e ruas curitibanas homenagens a Maria do Cavaquinho ou a Gilda, essas são vidas induzidas ao apagamento social. Essas vidas despossuídas de direitos compõem a paisagem urbana e, ao serem apresentadas de tal maneira, passam a impressão de que esses personagens urbanos são figuras folclóricas, atemporais e naturais, como uma afirmação da identidade cultural do viver nas cidades modernas. O discurso procura desarmar esses sujeitos de sua periculosidade, como argumenta Beatriz Sarlo (2005, p.15) sobre a experiência do viver nas sociedades modernas, “quando se rompe a expectativa de um tempo futuro, quando ninguém se sente mais credor nem titular de direitos, os corpos usam a violência para se rebelar”.

A potência rebelde dessas vidas induzidas às condições precárias está associada tanto às contradições que elas impõem ao discurso da prosperidade, quanto ao seu desprendimento social, a ausência de tempo e direitos compartilhados por aqueles sujeitos que não são assimilados pelo meio social. O pertencimento a uma sociedade não é apenas imaginário, ele está inscrito na materialidade dos corpos, ou seja, na sua capacidade de existir dentro dessa comunidade. Ao não se acomodarem às normas, esses indivíduos constituem uma massa que não se identifica ou é incluída na imagem da cidade, eles são localizados na fronteira social, alheios à sociedade que ali se constrói.

Os registros de Gilda por Curitiba ilustram sua circulação pelo centro da cidade, sendo marcados pela espontaneidade de seus gestos, conversando com os pedestres ou fazendo pose para as fotos. As imagens abaixo retiradas do encarte *Gilda*, publicado como uma homenagem póstuma da Fundação Cultural de Curitiba, lançam algumas pistas sobre a relação entre Gilda, a capital e os curitibanos.



FIGURA 03. Fotografias de Gilda em Curitiba publicadas no encarte *Gilda* produzido pela Fundação Cultural de Curitiba na década de 1990.

Nestas imagens o corpo de Gilda era apresentado em meio a cidade e/ou interagindo com a população. O desencontro entre a sua figura e o ambiente normatizador do espaço urbano contribui para destacá-la como uma presença irreverente e o “carnavalizar das convenções que estabelecem uma suposta seguridade identitária do corpo, dos gêneros e das práticas sexuais, ao trazer à tona a dimensão feia, suja e abjeta da vida, Gilda subverte as relações dissimuladas, retas e estáveis de uma suposta vida feliz” (Sierra, 2013, p. 123).

Compreendo que essa experiência corpórea de Gilda no espaço urbano e normatizado a partir da leitura de Jota Mombaça (2022), especialmente quando pontua que o rompimento com os ideais normativos de gênero se produzem a partir da quebra do sujeito e não de sua inteireza, autoestima ou autoconsciência, mas sim da

(...) ideia de que o sentido quebrado de si que acompanha o meu movimento de mundo como corpo monstruoso, de presença aberrante e desobediente de gênero, marca, enfim, um outro modo de habitar e enfrentar o mundo. Então olho a história do meu nome, deste corpo, dos gêneros que por ele passam, e me perco no exercício poético e político de dar conta da quebra que me atravessa, desmonta e, paradoxalmente, viabiliza (Mombaça, 2022, p. 20).

A performance de Gilda agregava outros sentidos às noções de sujeito e à estrutura urbana. Suas ações eram feitas de si e do espaço. Ao percorrer os locais públicos construídos como ambientes de passagem, lazer e consumo, tais como as ruas, calçadas e praças, Gilda se deixava ser fotografada, fazia poses e caminhava sem um destino ao qual chegar. Assim como o conjunto de vidas precárias que preenchem os vãos das cidades, ela utilizava esses lugares de diferentes formas, rompendo com a lógica do trabalho e mesmo com a imagem almejada pelos gestores e técnicos municipais, que desenharam a cidade “modelo”.



FIGURA 04. Fotografia do calçadão da Rua 15 de Novembro no centro de Curitiba, retirado do livro *Curitiba: Capital Ecológica* de autoria de Carlos Ravazzani, Hilário Wiederkehr Filho e José Paulo Fagnani, publicado em 1991.

A imagem acima apresenta uma das principais obras da década 1970, realizada pelo então prefeito Jaime Lerner. O calçadão da Rua XV e o processo de pedestrianização do centro de Curitiba eram considerados aspectos centrais dos discursos sobre a construção da cidade

modelo. A partir dessa fotografia, retirada do livro *Curitiba: Capital Ecológica*³², observo as rupturas entre a capital de Gilda e aquela construída pelas gestões municipais. Nas fotos anteriores impressas em preto e branco, ou seja, marcadas pela ausência da cor, Gilda é representada em um outro ritmo e temporalidade. Na imagem 4 vemos outra representação das pessoas em movimento, de passagem entre lugares, em ritmo de consumo ou trabalho.

A imagem da cidade é colorida, limpa e harmônica, ainda que recortada por movimentos acelerados de ir e vir. Compreendo que este espaço público era produzido e organizado por uma série de leis e projetos urbanos, que indicavam a importância da construção de locais com funções e características determinadas. Inseridos nesta cidade planejada, os movimentos corporais estabelecem um diálogo com as estruturas urbanas, no qual ambos são afetados e o mover-se se torna não apenas “um simples deslocamento (de um ponto a outro) ou apenas motricidade. Cada movimento responde às informações do ambiente e às necessidades do corpo – há intenção, interesses, limites e fronteiras” (Takaki; Machado, 2014, p. 38).

Ao contrapor as imagens de Gilda em Curitiba e a representação da cidade “modelo”, observo como a urbe é perpassada por políticas urbanas que organizam e distribuem a população e a funcionalidade da malha urbana. Mesmo neste espaço normatizado restavam espaços passíveis à resistência, como os deslocamentos de Gilda ilustram frente a imposição de uma norma, seu consumo da cidade, enquanto um corpo travesti, pobre e não-branco, acrescentava fissuras ao discurso racionalizado da capital “modelo”.

Como indica Marta Mega de Andrade (1996, p. 303), “através da resistência, o corpo é despertado para tomar nota do mundo em que vive, através dessa experiência se produzem historicamente determinadas compreensões do corpo, e determinadas configurações do espaço. Portanto, o mundo ‘em que vive’ comunica”. A cidade ganha significado nos corpos e em suas relações, tecendo novos significados nos usos dos espaços urbanos, como forma de afirmação de uma identidade grupal, muitas vezes, divergente daquela pretendida pelos planejadores e gestores municipais.

³² Curitiba: Capital Ecológica é um livro de fotografias e crônicas sobre a capital paranaense, produzido por três curitibanos: Carlos Ravazzani, Hilário Wiederkehr e José Paulo Fagnani, em 1991, como uma homenagem e exaltação à cidade. Compreendo que este livro funciona como um panfleto publicitário de Curitiba, utilizando texto em português e inglês com a finalidade de apresentar e elogiar a estrutura e planejamento urbano.

De acordo com Emika Takaki (2015), considero que as relações estabelecidas entre os sujeitos respondem a uma certa organização do espaço urbano, ou seja, “cada movimento responde às informações do ambiente e às necessidades do corpo – há intenções, interesses, limites e fronteiras” (Takaki, 2015, p. 87). Os discursos oficiais sobre a capital “modelo”, enunciavam a necessidade de planejamento urbano que estimulasse o “(...) pleno desenvolvimento, mas acentuasse através dos anos suas características de Cidade Humana, com tradicionais pontos de encontro, com a Rua XV e o PASSEIO PÚBLICO, que mantêm viva a COESÃO HUMANA E SOCIAL dos seus moradores”³³. As palavras impressas em letras maiúsculas me parecem significativas reforçando determinados locais da cidade e os associando a um ideal de desenvolvimento que se caracterizava pela união entre manutenção dos aspectos considerados tradicionais de Curitiba, principalmente em relação ao status quo, as classes dominantes e seus valores, o crescimento e modernização da urbe.

Considero que os aspectos acima presentes no Plano de Desenvolvimento Urbano de Curitiba (1965) evocavam uma coesão humana baseada na preservação de um passado urbano e na organização do espaço de maneira a exaltar a cultura do trabalho, da branquitude, a estética europeia, entre outros elementos. Essa produção da urbe determinava ao mesmo tempo a produção dos locais públicos e sua arquitetura como os corpos adequados para preencher e circular por tais ruas, calçadas e praças.

Como indica Foucault em *O Nascimento da Biopolítica*, há uma nova razão do Estado, fundada no liberalismo, na qual o governo exerce “agora sobre o que poderíamos chamar de república fenomenal dos interesses” (Foucault, 2008a, p. 63). Isso significa dizer que as ações da administração pública se baseiam nos jogos de interesse que recaem sobre determinado campo de intervenção. Ao pensar as políticas urbanas traçadas em Curitiba nas décadas de 1970 e 1980, identifico que essas eram determinadas com a finalidade de tornar a cidade atrativa ao capital, de comercializar os espaços públicos.

A partir de um lugar não comercializável Gilda se apropriava dessa cidade que não era sua. Seu corpo emergia da junção da maquinaria urbana e sexual, da interpelação entre a carne e concreto, novas potencialidades eram adicionadas ao corpóreo. Na Curitiba planejada, produto das mais avançadas técnicas do urbanismo, da engenharia e arquitetura, o corpo travesti

³³ CURITIBA, 1966, p. 20.

era outra construção que emergia dessas interposições científicas de forma subversiva, viva e pulsante, como releituras do ser.

Como explora Paul Preciado no *Manifesto Contrassexual* (2014), “o sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. o corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outras ficam elípticas e outras são sistematicamente eliminados ou riscados” (Preciado, 2014, p. 26). Considero que essa plasticidade da cis heteronormatividade branca, indicada pelo autor, abriga espaços para as falhas e os desvios manipulados pelos corpos travestis em sua junção das tecnologias hormonais, dos fluxos de silicone e próteses que compõem novas escrituras sobre o corpo.

Gilda produzia uma cidade subversiva e resistente ao circular pelas ruas com saias, chapéus e ornamentos na cabeça, como uma vedete no calçadão da Rua XV entre os trabalhadores, comerciantes e turistas; ao beber cerveja no bar; ao se pendurar em um carro, como na imagem 3. A partir de sua performatividade pública, ela expandia as possibilidades de ser no espaço urbano, bem como as formas de utilizar tais lugares praticados.

A presença de Gilda na paisagem urbana colocava-se como uma ação de consumo e releitura viva da cidade. Seus deslocamentos diários constituíam um outro modelo urbano, baseados em suas experiências sobre o concreto curitibano. As manchetes estampadas na imprensa anunciavam a centralidade evocada por Gilda e outros personagens urbanos, que colocados às margens se impunham ao centro diariamente em seus trânsitos urbanos. Gilda se impôs à paisagem urbana, à frente dos blocos e bandas de carnaval, desfilando na Rua XV e distribuindo beijos na Boca Maldita. Dessa maneira ela consumia Curitiba, como destacava a notícia publicada em 31 de dezembro de 1981 no Diário da Tarde, cujo título informava sobre o “Banho de Gilda no chafariz da Praça Osório”. Ao se banhar em um espaço público ela demonstrava, na prática, uma possibilidade subversiva de uso do ambiente urbano, se transformando em notícia de capa:

O travesti "Gilda", que já se tornou figura folclórica na cidade, aproveitou uma das rápidas saídas do sol, ontem, e tomou um bom banho no chafariz da Praça Osório, em mais uma das suas famosas aprontadas. Teve bom público presenciando o "espetáculo". Aliás, com o calor que deverá aumentar já nos próximos dias, os chafarizes das praças curitibanas serão transformados em

piscinas pela garotada que todos os anos se atira às suas águas, para um banho refrescante mesmo com a polícia rondando por perto³⁴.

Gilda aprontava, tal como as crianças rodeadas pela vigilância policial, mas diferentes destas, seu banho é apresentado pelo jornal como um espetáculo presenciado pela população. A imagem dela se banhando em plena praça pública parece ser inusitada, uma dobra na rotina mecânica do cotidiano urbano a ponto de a notícia ocupar um espaço na capa do periódico. Esse ato exercido por Gilda, apesar de mencionado como uma simples brincadeira, sendo comparado a ação de crianças, possuía também uma carga política e contestatória de apropriação e consumo da cidade.

Analiso que este ato corriqueiro composto por Gilda, ainda que apresentado no discurso do jornal como um show, pode ser lido como um exercício do direito performativo de aparecer, como propõe Butler (2019) ao analisar os significados do agir no espaço público, “as reivindicações políticas são feitas pelos corpos quando eles aparecem e agem, quando recusam e persistem, em condições nas quais esse fato por si só ameaça o Estado com a deslegitimação. Da mesma maneira que os corpos estão expostos aos poderes políticos, eles também respondem a essa exposição” (Butler, 2019, p. 93).

³⁴ Diário da Tarde, ed. 23790, 10/12/1981.



FIGURA 05. Banho de Gilda no Chafariz da Praça Osório. Fotografia publicada pelo Diário da Tarde em 10 de dezembro de 1981.

A imagem que precede o texto mostra Gilda em primeiro plano de sunga mergulhando no chafariz. Sua figura se destaca, principalmente, em contraste com as pessoas que transitam ao fundo da fotografia, formalmente vestidas, elas passam e algumas olham, outras ignoram a cena e seguem absortas em suas atividades diárias. Ela se banha e seu corpo produz um ruído urbano destoante e transgressor, atribuindo outra possibilidade àquele aparelho estético urbano construído em meio a praça como um oásis urbano em meio aos prédios.

De acordo com José Pedro A. Oliveira (2020) realizo uma leitura da trajetória de Gilda como uma produção ruidosa e vibrátil, isto é, inserido em um sistema de normas e tecnologias de gênero heterocentradas ela se apresentava de forma contraditória e não-linear na estrutura sexo/gênero/desejo. Seu corpo se colocava na paisagem urbana como um ruído e uma vibração inaudível a um conjunto de normativas colonizadas, produzindo um barulho e uma sensação de subversão. A produção desse corpo, marcado como abjeto pela cis heteronormatividade branca, se dava enquanto performance contínua

Após todos esses movimentos de descoberta do “desposseimento”, de saber que o seu corpo e conseqüentemente sua existência estão lançadas para um espaço do “não pertencimento”, as existências ruidosas se articulam num processo de auto-gestão das suas perspectivas e dos seus estilhaços. Diante dessa perspectiva os “ruidos mínimos” passam a se manifestar propondo percursos e movimentos decoloniais (Oliveira, 2020, p. 59).

O corpo de Gilda representava no cotidiano urbano uma performance transgressora, seja pelo seu rompimento para com as normativas de gênero, ou pelos seus usos dos espaços urbanos, como seu banho no chafariz da Praça Osório. Essa corporalidade indisciplinada se construía em um espaço fronteiro, instável e mutável, em tensão com os sistemas normativos, sua vivência era marcada por um fazer-se e performar-se constante.

Em disputa por espaços de aparecimento, corpos como o de Gilda eram deslocados para um não pertencer, eram corpos despossuídos, produção ruidosas e vibráteis, que em suas ações de ocupar as ruas e os espaços públicos colocavam em xeque o projeto heterocapitalista, que se produzia e reproduzia em uma estrutura na qual a reprodução sexual e a cis heterossexualidade eram centrais à produção do mundo capitalista. Além disso, esses corpos ativavam um processo de descolonização da ocupação da cidade.

Ao banhar-se na Praça Osório Gilda em sua performance pública intransigente, expunha um corpo produzido a partir do rompimento com a linearidade sexo/gênero, unindo elementos identificados socialmente como masculinos e femininos. Ao se despír e mergulhar no chafariz, ela novamente rompe com a estética e a temporalidade urbana. Em primeiro lugar por tomar banho em um espaço construído como um oásis urbano entre os prédios comerciais do centro curitibano, um lugar para o descanso para ser consumido em um tempo de passagem pelos demais cidadãos que circulavam em seus trânsitos diários. Em segundo lugar por exibir um corpo que se distancia da estética do chafariz e suas referências francesas, presentes nas estatuas femininas.

Conforme argumenta Richard Sennet (2003), observo que as cidades contemporâneas são construídas como espaços de circulação e mobilidade, promovendo o individualismo, aquietação dos encontros e a regulação dos fluxos em nome da salubridade e da organização de um espaço dado ao trabalho e ao consumo mercadológico. Entretanto, as experiências sensoriais dos sujeitos em seus encontros com estes locais públicos produzem outros significados para a

cidade, como é o caso de Gilda em seu banho no chafariz entrelaçando aos lugares diferentes práticas de gênero, de mobilidade urbana e de ócio.

A constituição da cidade é marcada por projetos políticos pautados no interesse do mercado. Em Curitiba, analiso que as reformas urbanas visavam construir e organizar os espaços preparando-os para atração de investimentos industriais. Inserida nesta racionalidade liberal, a figura de Gilda emergia como produção ruidosa, contrariando aos valores eugênicos do trabalho, vivia nas ruas e se banhava nas fontes públicas. Enquanto um corpo travesti na urbe desafiava o sistema sexo/gênero, compreendido por Paul Preciado (2014, p. 26), como sistema de escritura, em que “a (heteros)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se inscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação de códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais”.

A partir dessa colocação de Preciado (2019, p. 415), compreendo que o corpo travesti se produz dentro da contrassexualidade, expondo “os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto e reforçar o poder dos desvios (...) e derivações com relação ao sistema heterocentrado”. A presença de Gilda na paisagem urbana se impunha como uma ação de consumo e releitura da cidade e da heteronormatividade, que reinscrevem como naturais os papéis e práticas sexuais, inseridos em um sistema heterossexual de produção e reprodução, que serve de base a acumulação e desenvolvimento capitalista.

Esta imagem síntese de Curitiba comportava um trabalho homogeneizador de apagamento e silenciamento das diferenças tidas como perigosas. Além das políticas urbanas, o braço policial também era acionado como forma de repressão e garantia da concretização do projeto urbano da cidade modelo. Gilda sintetizava essa diversidade perigosa e indesejada, por essa razão muitas vezes era retirada de circulação pela polícia ou representada em alguns discursos da imprensa associada a criminalidade, como indicam as manchetes retiradas do jornal Diário do Paraná “Travesti "Gilda" detido outra vez”, “"Gilda" briga com maloqueiros” ou “"Gilda" esfaqueado por velho mendigo”.

Como indica Megg Rayara G. de Oliveira (2020) em suas análises sobre as trajetórias das bichas pretas, seguir os passos desses sujeitos que desafiam não só as normas de gênero, mas também a sociedade em geral, requer “(...) um caminhar titubeante pelas bordas e um

mergulho por frestas escuras onde é constantemente alocada. O trajeto de uma bicha não é feito em linha reta, e tão pouco por terrenos planos: é um zigue-zague constante por terrenos acidentados” (Oliveira, 2020, p. 80). Assim, compreendo os percursos de Gilda seu deslocamento do interior do Paraná para Curitiba, fixando moradia na cidade e se colocando publicamente enquanto bicha, travesti, negra e mendiga, pode ser interpretado como uma provocação, que a tornava visível aos discursos normatizantes e a ação repressiva da polícia.

A figura de Gilda evoca também outras personalidades históricas, como Xica Manicongo e Yayá Mariquinhas estudadas por Megg Rayara (2020, p. 85) “bichas pretas [que] transitavam pelos espaços públicos mesmo correndo o risco de serem presas e/ou denunciadas aos tribunais do Santo Ofício. Suas existências são atravessadas por questões socioeconômicas e raciais que as colocam em evidência”. O caminhar insistente de Gilda nas ruas pode ser considerado também um movimento de sobrevivência, que juntamente com outras trajetórias travestis, assumiam o risco de sua existência e se lançavam nos espaços públicos em busca de condições de vida mais vivíveis. Neste caminho ela produziu uma releitura viva e pulsante de Curitiba que se chocaria com outras formações discursivas sobre a capital como explora o tópico seguinte.

1.2 GILDA CONTRA A CURITIBA EMPLUMADA: OS DISCURSOS SOBRE O ESPAÇO URBANO CURITIBANO

O projeto político da cidade “modelo” construiu uma Curitiba baseada na valorização do espaço urbano planejado, na preservação das áreas verdes, na agilidade do transporte de massas e na constituição de pontos de encontros, tais como o calçadão da Rua XV, o centro histórico, entre outros. Estes elementos são apropriados e enfatizados pelo marketing político da capital, sendo utilizados como base para discursos que destacam a qualidade de vida dos curitibanos.

A trajetória de Gilda acrescenta outros contrastes à Curitiba, seus usos subversivos do espaço urbano indicam para além da imagem síntese da capital “modelo”. Compreendo o discurso enquanto “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2009, p.

133). A partir dessa definição analiso as disputas pelo controle das funções enunciativas entre a municipalidade e Gilda.

Nesse sentido, os textos produzidos pela imprensa local sobre os embates entre Gilda e os cavalheiros³⁵ da Boca Maldita permitem observar a constituição do espaço vivido. Apresentam um discurso sobre as contradições, conflitos e usos dos equipamentos urbanos, especialmente aquelas formações discursivas que tratam da interdição da presença de Gilda no carnaval de 1981 e o movimento em favor da construção de uma homenagem pública a ela na Rua das Flores após seu falecimento, em 1983.

Como argumentei no tópico anterior, os percursos de Gilda em Curitiba produziam linhas, dobras, ruídos e vibrações na cidade. Uma vida precária em movimento na capital modelo enunciava uma Curitiba viva. Gilda representava a liberdade e as possibilidades de transgressão dentro do espaço urbano normatizador. Considero, de acordo com Caroline Marzani e Naira Nascimento (2016), que “as reverberações que Gilda deixou como relevante forma de se questionar os aprisionamentos corporais e sexuais nos centros urbanos, especialmente em uma cidade conhecida por seu conservadorismo como Curitiba” (Marzani; Nascimento, 2016, p. 427).

Os espaços públicos e as celebrações populares eram, portanto, alvo de conflito e apropriações, tanto por Gilda, como pelas autoridades municipais e setores conservadores da sociedade local. Neste contexto, a Boca Maldita se configurava enquanto um desses pontos urbanos em disputa, atualmente tomado como palco de manifestações políticas e culturais, representando um local tradicional do centro de Curitiba, localizado entre o calçadão da Rua XV e a Praça Osório. Na segunda metade do século XX a Boca era ocupada por um grupo de homens que se reuniam nos cafés locais com objetivo de discutir política, futebol e mulheres. Essa confraria masculina seria institucionalizada nos anos 1950, tendo como presidente Anfrísio Siqueira.

Em entrevista armazenada pela Fundação Inepar, intitulada *Anfrísio Siqueira: Memória Paranaense*, o presidente da Boca Maldita explicava que este seria um ponto de encontro de

³⁵ De acordo com a entrevista cedida por Anfrísio Siqueira, ao programa Memória Paranaense da Fundação Inepar, os membros da confraria Boca Maldita se auto intitulavam cavaleiros da Boca. O título marca uma forma de distinção entre esse grupo e os demais frequentadores da Boca Maldita, enfatizando sua institucionalidade e coesão enquanto um grupo que busca afirmar pose sobre o espaço público.

um grupo homogêneo em opiniões, uma confraria de respeito composta pelos autointitulados cavalheiros da Boca. Enquanto uma instituição tradicional curitibana, Anfrísio destacava que o inchaço populacional da capital nos anos 1970 não alterou a estrutura da Boca Maldita, visto que os “cavalheiros” ainda eram os mesmos e consideravam que “essa gente não se adaptou a nosso meio” sobre a população recém chegada.

Anfrísio encerrou a entrevista afirmando o que representava a Boca Maldita no contexto curitibanos: “eu acho que a ‘Boca Maldita’ sintetiza o que é o curitibano, o que é a sociedade curitibana, o que é o movimento político curitibano, pois pode reparar que todas as classes sociais e políticas estão na ‘Boca Maldita’. E a ressonância sai toda da ‘Boca Maldita’”. Este espaço se apresentava, portanto, de forma particular apesar de público, fora institucionalizado, representava o ser curitibano, mas era ocupado por um seletivo grupo de homens, os cavalheiros da Boca.

Seguindo as indicações de Michel de Certeau (2014), considero que os espaços são constituídos a partir das práticas que neles se desenvolvem, a Boca Maldita enquanto um lugar praticado se configurava como um local de afirmação da identidade do curitibano. Entretanto, a cidade era habitada por uma diversidade de sujeitos que construía outras práticas e leituras sobre o ser cidadão da cidade “modelo”, como nos indica Gilda, introduzindo os conflitos e disputas que se desenvolviam na afirmação da verdade urbana sobre a capital planejada.

Gilda era uma das personagens principais nas disputas que se desenvolveram na Boca da Maldita. O Carnaval de 1981 foi um momento central em seu conflito com os “cavalheiros” da Boca, especialmente contra Anfrísio Siqueira. Em 26 de fevereiro de 1981, o jornal Correio do Paraná publicou uma nota informando que Anfrísio teria se reunido com o delegado da Delegacia de Costumes e o secretário de segurança para solicitar “a detenção da ‘Gilda’ para que não atrapalhasse o desfile da Banda Polaca, como ocorreu no ano passado”³⁶.

A Banda Polaca, criada nos anos 1970, como uma sátira da Banda de Ipanema, tinha como objetivo representar o carnaval em Curitiba. Os desfiles da Banda provocaram uma série de polêmicas na sociedade local, seja pelo nome considerado um insulto pelos imigrantes poloneses, seja pela exposição do corpo feminino representado pelas polacas, ou em seu enfrentamento e recusa em permitir que Gilda desfilasse à sua frente. Na nota do Correio do

³⁶ Correio do Paraná, ed. 23527, 26/2/1981.

Paraná, eram vinculadas informações indicando que “no carnaval passado, ‘Gilda’ se infiltrou entre os participantes da Banda Polaca, e terminou causando um verdadeiro tumulto, quando ameaçava fazer um número de strip-tease”³⁷.

Gilda era apresentada no texto do jornal como “o desocupado” e sua prisão como uma ação de ser “custodiado” e “afastado”, uma vez que ocorrera por um pedido de Anfrísio sem estar baseada em um crime. Ao ser associada a tais termos, Gilda era representada em contraposição a Banda Polaca, que era a síntese da cultura imigrante de herança europeia da cidade “modelo”, bem como o ser curitibano reivindicado por Anfrísio e os “cavalheiros” da Boca.

De um lado, o grupo de homens representantes das camadas médias da sociedade curitibana, munidos com um capital simbólico da herança cultural europeia, possuíam acesso aos espaços de liderança e poder político. De outro Gilda, uma *outsider* na paisagem curitibana, como argumenta Caroline Marzani e Naira Nascimento (2016), ela representaria um corpo travestido, prostituído e subversivo, cujo tratamento dispensado pelas autoridades envolviam práticas de exclusão herdadas das teorias eugenistas do século XIX.

O espaço urbano era um local de disputa a ser conquistado por corpos como o de Gilda que “se mostrava um corpo livre, mesmo tendo olhos de reprovação voltados para si” (Marzani; Nascimento, 2016, p. 438). Tendo seu espaço de circulação cerceado pelos mecanismos de controle e vigilância, tais como a força policial, a imprensa e mesmo o olhar masculino cis heteronormativo branco, Gilda era afastada das ruas sendo proibida de festejar o Carnaval.

O Diário do Paraná publicou em 27 de fevereiro de 1981 a seguinte notícia: “*Gilda*” faz greve de fome no xadrez, na qual informava que ela estava “recusando-se a comer e gritando histericamente pela liberdade”³⁸. Segundo o texto do jornal “diversas entidades estariam dispostas a interceder junto a Delegacia de Costumes”³⁹ em defesa de Gilda. Observo primeiramente como os dois periódicos traziam diferentes perspectivas sobre a tentativa de afastar Gilda do carnaval. No Correio do Paraná ela era apresentada como uma desocupada,

³⁷ Correio do Paraná, ed. 23527, 26/2/1981.

³⁸ Diário do Paraná, ed. 7738, 27/2/1981.

³⁹ Diário do Paraná, ed. 7738, 27/2/1981.

uma ameaça à ordem da festa, no segundo periódico era veiculada a partir da movimentação em sua defesa por entidades sociais e pela população,

Muita gente está lamentando a retirada do conhecido travesti “Gilda” das ruas centrais da cidade neste carnaval, a pedido de Anfrísio Siqueira, que se intitula dono da “Boca Maldita, o qual alega que o travesti “Gilda” prejudica o visual da “Banda Polaca”⁴⁰.

As divergentes abordagens estampadas nas páginas da imprensa indicam como o corpo e a imagem de Gilda produziam ruídos na paisagem urbana, incitando a movimentação da população em seu ataque ou defesa. Para aqueles que a defenderam, seu transitar pelos espaços públicos representava “o caminhar sem destino, sem pressa, sem rumo opõe-se ao caminhar do carro, sendo o primeiro aquele que enxerga de fato a cidade, não apenas corre os olhos rapidamente pelas vitrines e pelos passantes” (Marzani; Nascimento, 2016, p. 439).

O poder público e os “cavalheiros” da Boca empreendiam uma cruzada rumo à construção de uma Curitiba ordeira e moderna, instituindo um *modus vivendi* urbano e burguês, “uma cidade marca, vendável, um modelo de ordem e civilidade” (Boni, 2010, p. 103) aos moldes da classe média. Esse discurso sobre a urbe colocava sobre os elementos considerados externos à capital o ônus de serem responsáveis pelos seus problemas sociais, aos migrantes recaía as ocupações irregulares e falta de infraestrutura e sobre Gilda a desordem e vadiagem.

A Rua XV e a Boca Maldita eram espaços urbanos que deveriam sintetizar a imagem da Curitiba “modelo”. Gilda ocupava esses locais e os utilizava como palco para suas performances e das pequenas chantagens, risos, irreverência e beijos em troca de moedinhas, que garantiam sua sobrevivência. Sua atitude entrava em conflito com os “senhores sisudos [que] eram seus alvos preferidos, que irados e pasmos pedem ação da polícia” (Boni, 2010, p. 105). Por essas razões, era impedida de desfilar no Carnaval à frente da Banda Polaca, sendo execrada por Anfrísio Siqueira, ao mesmo tempo em que era exaltada e defendida pela população curitibana.

A defesa e exaltação de Gilda por uma parcela da sociedade curitibana decorria da identificação com sua atitude enunciadora de outras curitibas divergentes da imagem da cidade “modelo”. Ela representava a coragem de viver e encarnar um levante transgressor, “embora

⁴⁰ Diário do Paraná, ed. 7738, 27/2/1981.

vivendo numa cidade preconceituosa, provinciana, enfrentou o poder estabilizado, a polícia, o poder institucionalizado da Boca Maldita, e as suas próprias condições econômicas” (Boni, 2010, p. 110).

A notícia publicada no Diário da Tarde indicava a movimentação em defesa de Gilda. Na imagem veiculada junto ao texto, Gilda aparecia à frente da Banda Polaca vestida com uma saia de babados, acompanhando o desfile e dançando. Ao analisar a fotografia, observo que entre a Banda e Gilda há um espaço vazio, localizado bem ao meio da fotografia. Ela balançava sua saia na esquerda, enquanto os músicos tocavam a direita.



FIGURA 06. Gilda desfilando a frente da Banda Polaca. Fotografia publicada pelo Diário do Paraná em 27 de fevereiro de 1981.

Essa disposição dos personagens fotografados pode ser interpretada como significado da própria separação que se buscava construir entre a Banda e a figura de Gilda. Seu corpo travesti era representado como o desejo e a subjetividade de outros grupos não incluídos no discurso curitibano daqueles que institucionalizaram o espaço público da Boca Maldita e buscavam regularizar o carnaval da cidade identificando-o com a Banda Polaca.

Como indicam Cíntia San Martin Fernandes, Micael Maiolino Herschmann e Flávia Magalhães Barroso (2019), o carnaval de rua é a festa popular do encontro desacelerado com o outro, é uma outra temporalidade nos usos dos espaços públicos que possibilita a vivência de “heterotopias potentes e cotidianas”. Sendo assim, o desfilar de Gilda com seus babados,

gingado e irreverência se configuravam em transgressões na cidade “modelo”. Este corpo, ora abjeto, se tornava no carnaval portador de contornos visíveis e invisíveis que “fazem acontecer, são instrumentos de ação, fazem mover” (Fernandes; Herschmann; Barroso, 2019, p. 159), carregando e abrindo alas na sociedade curitibana para outras transgressões de gênero, sexualidade, raça e classe.

A manchete *Gilda (cansada de guerra) quer a paz* estampou a parte inferior da capa do Diário do Paraná, no dia 28 de fevereiro de 1981, seguida de um breve texto que explicava a prisão da travesti e indicava a continuação da matéria na página dois da edição.

Gilda sofre o mesmo tratamento dado a contestador político na União Soviética: está hospitalizada no Adauto Botelho porque a polícia e algumas pessoas entenderam que poderia perturbar o carnaval, como se este fosse procissão ou parada. A extroversão do travesti parece afetar a frieza e a introspecção do curitibano que cochicha no carnaval como se rezasse. Se Gilda for liberada, a festa vai ganhar o único fato criativo, segundo acreditam muitas pessoas. Gilda (que vem de Rita Hayworth) quer desfilas como sempre até em dia santo⁴¹.

Em primeiro lugar observo como o texto indicava a arbitrariedade e severidade com que Gilda era tratada pela “polícia e algumas pessoas”. Após essa denúncia continuava criticando essa tentativa de transformar o carnaval em procissão ou parada, expondo a introspecção do curitibano e exaltando a figura da travesti como “único fato criativo” das festividades de momo na capital. Ao analisar o discurso do jornal a respeito deste acontecimento compreendo que parte da grande imprensa curitibana identificava em Gilda um símbolo de distinção da cultura popular da capital.

Em segundo, considero que a presença de Gilda nas ruas curitibanas, especialmente durante o carnaval, se constituía enquanto uma performance do dissenso, conceito trazido por Fernandes, Herschmann e Barroso (2019, p. 162), segundo o qual o “corpo, pelo modo de estar, na dança, na fantasia e na performance que fica visível que as práticas destes grupos operam no dissenso em que a imprevisibilidade dos percursos conduz uma atitude mais ‘autônoma’ dos corpos-coletivos urbanos”. Assim, o corpo travesti de Gilda à frente da Banda Polaca, balançando os babados de sua saia, se transformava em uma expressão corpórea de uma outra Curitiba, não tão engomadinha ou classe média.

⁴¹ Diário do Paraná, ed. 7739, 28/2/1981.

Na continuação da página dois, o texto indicava que a prisão de Gilda vinha causando grande preocupação entre os jornalistas e frequentadores da Boca Maldita. Ao buscar justificar tal agitação em torno do afastamento de Gilda do carnaval, o texto dizia que “prendê-lo é como fazer o mesmo com o pessoal da alta roda. (...) É que o travesti representa um dos raros estilos de comportamento extrovertido numa cidade de contidos e dissimulados”⁴². Sua importância para sociedade local estava localizada no que ela representava, enquanto uma figura extrovertida frente a representação do curitibano introspectivo e reprimido, ela era uma animadora cultural “muito mais autêntica e valiosa em termos de happening e criatividade do que a legião dos pretensiosos intelectuais que mamam no sistema e posam de entendidos”⁴³.

As atitudes irreverentes de Gilda no cotidiano urbano e, em especial, durante o carnaval causavam diferentes respostas da população curitibana. Ao analisar essas reações às suas performances, considero o papel dos ritos carnavalescos e do riso na constituição da cultura popular. Segundo Bakhtin (1993, p. 04), as festas e espetáculos “ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado”.

A disputa de Gilda contra os cavalheiros da Boca e da Banda Polaca expressava outros conflitos sociais que compreendiam a sociedade curitibana. Suas performances no carnaval davam vazão aos desejos de transgressão daqueles que habitavam a cidade e não se identificavam com a Curitiba lernista, europeia e de classe média. Seu corpo entre a musicalidade ancestral do carnaval e os confetes se transformava em suporte e estandarte, abrindo caminhos e indicando outras vivências possíveis.

A tentativa de cercear a participação de Gilda no desfile da Banda Polaca, tendo o efeito contrário ao desejado, acabou por atrair ainda mais atenção à figura da travesti. Na edição do Diário do Paraná, publicada em 3 de março de 1981, novamente ela recebia uma chamada na capa, que anunciava: *Agora, o medo de libertar Gilda por solicitação do presidente da "Boca", o travesti não pôde brincar o carnaval*. Essa manchete estava acompanhada por um pequeno texto, que explicava o acontecido e indicava a continuação da matéria na página três.

⁴² Diário do Paraná, ed. 7739, 28/2/1981.

⁴³ Diário do Paraná, ed. 7739, 28/2/1981.

Estampada na capa do jornal, a prisão de Gilda era indicada como “assunto que mobiliza a cidade”, três “habeas-corpus” já teriam sido solicitados e o bloco de carnaval Bife Sujo teria saído às “ruas depois de quatro anos, para protestar contra a inutilidade dessa violência”⁴⁴. Toda essa atenção estaria “preocupando autoridades num ano pré-eleitoral, mas agora teme-se uma reversão de acontecimentos se o travesti voltar às ruas em pleno carnaval, transformando-se em figura central da festa”⁴⁵.

Este episódio da prisão de Gilda ilustra sua potência transgressora e as linhas que sua existência atravessava na cidade modelo. O grito do desfile do bloco Bife Sujo exaltava “Viva Gilda, abaixo o Anfrísio Siqueira”. A travesti, negra e mendiga tornava-se personagem central do carnaval curitibano, representando uma resistência tanto à cis heteronormatividade branca, quanto a um projeto urbano vendável e higienista. Como era dito na imprensa, ela fora responsável por “um verdadeiro clamor público [que] levantou-se em toda a cidade. (...) desencadeou uma verdadeira onda de protestos, oriunda de todos os setores representativos da cidade”⁴⁶.

A trajetória de Gilda aponta não só para a existência de outras leituras sobre a cidade, como também para os conflitos e resistências que se organizavam na sociedade local. Os diferentes levantes em sua defesa indicam que de certa forma a travesti representava essas outras curitibas vividas diariamente por diferentes setores sociais, “a bicha preta, então, surge para questionar aquilo que está posto como regra. Reinventa existências. Resiste. Existe” (Oliveira, 2020, p. 26).

A celeuma entre Gilda e Anfrísio Siqueira teria produzido um saldo negativo para o presidente da Boca Maldita, segundo o Diário do Paraná “isto porque ele já se tornava bastante impopular ao ‘Institucionalizar’ a chamada ‘Boca Maldita’, considerada ‘território livre’ de Curitiba, fazendo com que tudo o que ocorre naquele tradicional ponto da cidade passasse a reverter em favor do seu suposto prestígio pessoal e de alguns outros elementos”⁴⁷. Ao final, a figura da travesti estava fortalecida por canalizar os anseios populares de participar e festejar o carnaval de forma livre, sem a intervenção das autoridades.

⁴⁴ Diário do Paraná, ed. 7740, 3/3/1981.

⁴⁵ Diário do Paraná, ed. 7740, 3/3/1981.

⁴⁶ Diário do Paraná, ed. 7740, 3/3/1981.

⁴⁷ Diário do Paraná, ed. 7740, 3/3/1981.

A partir dos excertos do jornal Diário do Paraná compreendo que se desenvolvia na Boca Maldita uma disputa territorial e simbólica sobre quais grupos de fato deveriam representar a cultura curitibana. De um lado, as irreverências de Gilda e sua Curitiba viva e subversiva. De outro, Anfrísio Siqueira, cujo tamanho capital político e identificação com o projeto da cidade “modelo” lhe permitiu avançar sobre a liberdade e a fruição do movimento dos corpos populares no centro da capital. O lugar por ele praticado e instituído era masculino e representava uma leitura da cidade emplumada e conservadora, normatizando os espaços e seus usos por meio da institucionalização da esfera pública.

Gilda teve sua trajetória em vida marcada por seus deslocamentos e atritos com a imagem da Curitiba “modelo” e classe média. Seu último ato de rebeldia seria sua morte aos 32 anos em decorrência de doenças respiratórias, tendo seu corpo sido encontrado em uma casa abandonada no centro da cidade. Na imprensa, a notícia fora vinculada com grande comoção no Diário da Tarde que anunciava, em 16 de março de 1983, *Morreu “Gilda” a alegria da XV*. Assim como ocorrera quando foi proibida de desfilar no carnaval, também neste momento diferentes setores da sociedade curitibana se uniram em seu auxílio, como indica o seguinte trecho da mesma notícia, “tão logo se espalhou a notícia de sua morte várias pessoas se movimentaram no sentido de arcarem com as despesas do sepultamento. A funerária São Pedro, porém, cedeu o caixão e os travestis se incumbiram da compra do terreno no cemitério”⁴⁸.

Segundo Maria Ignês Mancini de Boni (2010), em seus últimos anos de vida, Gilda encontrava-se em uma situação de abandono, com a tristeza estampada no rosto agora inchado e nas roupas em desalinho. A autora indica que a kombi da Secretaria de Saúde, que todas as noites recolhia aqueles que estavam nas ruas, não abrigava Gilda. Ainda que representasse os desejos e subjetividades de uma parcela dos cidadãos, para as políticas públicas e a ação do Estado ela era um sujeito abjeto, uma vida não passível de luto. Invisível à administração municipal, Gilda produzia ruídos e impressões no concreto urbano. A resposta da população à sua morte se configurou em um ato de rebeldia, reconhecendo a vida da travesti e organizando os rituais de luto como as homenagens deixadas no obelisco da Boca Maldita.

⁴⁸ Diário da Tarde, ed. 24343, 16/3/1983.



FIGURA 07. Fotografia das homenagens a Gilda realizada pela população curitibana na Boca Maldita. Foto presente na edição de 18 de março de 1983 do jornal Diário da Tarde.

Na imagem, vemos uma série de recados deixados pela população que se reunia em uma espécie de vigília à Gilda. Essa seria a primeira de muitas das homenagens ao legado da travesti curitibana. A mobilização popular e a solidariedade das travestis, que se organizaram para garantir que o corpo de Gilda fosse sepultado, indicam uma identificação com essa outra leitura de Curitiba anunciada por ela, enquanto estandarte e porta voz de outras possibilidades de se viver e de se expressar no espaço urbano.

Conforme indica Butler (2017, p. 22), ainda que a vida reconhecida seja produzida a partir do enquadramento às normas sociais “(...) isso não significa nem que tudo que concerne uma vida seja produzido de acordo com essas normas nem que devemos rejeitar a ideia de que há um resto de ‘vida’ – suspenso e espectral – que ilustra e perturba cada instância normativa da vida”. Gilda foi ou, como irei argumentar na sequência, continua sendo essa linha que atravessa e perturba os discursos sobre a Curitiba “modelo” e os curitibanos sisudos e introvertidos. Ela ocupou e indicou o caminho dos pequenos espaços cotidianos passíveis de abrigarem performances extrovertidas, subversivas e transgressoras.

1.3 “GILDA VOCÊ DEIXOU SAUDADE”: O LEGADO DE GILDA NOS DISCURSOS SOBRE CURITIBA

A presença de Gilda em Curitiba se transmutou na representação de um sonho e desejo coletivo de outras Curitibas, que não aquele da classe média lernista. Como afirma Jamil Cabral

Sierra (2010), Gilda produziu outras possibilidades de contestação, outras atitudes diante da vida, criando aquilo que nomeia como uma vida vivível,

Essa outra vida tem que ver com uma certa transgressão que Gilda faz em si mesma, que passa não só pela manutenção de um corpo híbrido (mulher com o corpo peludo, nem macho nem fêmea) e de práticas pouco previstas (dizia-se homossexual mas também dizia não transar com homens), mas também por uma certa atitude contestatória diante da vida. Gilda experimenta uma vivência de corpo e de prazer inominável. Tão inominável que mesmo os depoimentos de quem com ela conviveu não conseguem defini-la. Essa recusa à definição, esse caráter inominável, essa experiência impossível de classificar e administrar são, penso eu, marcas do traço cínico de Gilda, uma vez que ela produz a verdade da impossibilidade da nomeação e com isso da captura e da sujeição (Sierra, 2010, p. 120).

Frente a vida governada e normatizada, Gilda enunciava o desgoverno e a contra conduta. O espaço por ela ocupado em vida, aparentemente, se estendeu como parte de seu legado à capital e sua população. No enalço de sua herança à cultura e imaginário curitibano, sigo investigando, neste último tópico, algumas das formações discursivas produzidas a partir da vida e morte da travesti.

A trajetória de Gilda se produzia neste jogo entrecruzado de linhas que atravessavam a capital, escrevendo outros usos do espaço urbano e do corpo. Em diálogo com este legado foram construídas algumas manifestações culturais analisadas aqui, tais como as fotografias de Luis Francisco Stingen e a revista *Gilda* publicada pela Fundação Cultural de Curitiba.

Na edição de número 31 do jornal cultural Nicolau, publicado em 1990, fora veiculada uma homenagem ao fotógrafo curitibano Luis Francisco Stingen. Intitulado *Imagens Inimagináveis*, as fotografias eram acompanhadas por um artigo que explicava serem estas produções marginais sobre Curitiba. Gilda aparecia como personagem principal desses ensaios inimagináveis e marginais. Capturá-la não era tarefa fácil, seus deslocamentos se constituíam como partes de suas táticas de sobrevivência diante dos mecanismos de poder que a procuravam esquadrihar e, como indica Megg Rayara (2020, p. 88), “quando a bicha é identificada, via de regra, é comprimida entre uma multiplicidade de sujeitos que a invisibiliza e silencia”.

A insistência de Gilda em aparecer e se deslocar nos espaços públicos é parte de sua força e legado. Abaixo segue como foram apresentadas as fotografias de Luis Francisco Stingen, que contribuíram para imortalizar a travesti mantendo viva sua imagem e presença

nos discursos sobre Curitiba, uma vez que as fotos apareciam republicadas no jornal quase uma década depois de seu falecimento.



FIGURA 08. Ensaio fotográfico de Gilda produzido por Luis Francisco Stingham, veiculado pelo jornal Nicolau, no ano de 1990.

Gilda eternizada em imagens indica como sua presença em Curitiba era discursiva sem ao menos precisar de palavras. Ao posar ela encara a câmera e seu corpo interage com os elementos urbanos como janelas e paredes. Como uma afirmação de posse do local público, do seu direito de existir e transgredir, suas poses demonstram conforto e familiaridade com o ambiente, ainda que a presença da bicha e da travesti nestes espaços fosse enquadrada como uma provocação às autoridades.

Ao considerar este contexto e o significado das imagens de Gilda, circulando e posando livre nas ruas da cidade, compreendo o poder, atuação e resistência que seu corpo oferecia aos discursos normativos, uma vez que “para aqueles apagados ou rebaixados pela norma que se espera que incorporem, a luta se torna uma batalha corpórea por condição de reconhecimento, uma insistência pública em existir e ter importância” (Butler, 2019, p. 44).

Ao serem publicadas no Nicolau, essas imagens de Gilda, além de rememorarem a trajetória do fotógrafo, também reintroduziam a figura da travesti como parte de uma produção marginal da cidade. Cabe mencionar que o jornal era uma iniciativa financiada pela Secretaria

de Cultura do Estado do Paraná, que circulou entre os anos 1987 e 1996, contando com aproximadamente 60 números publicados e uma tiragem máxima de 162 500 cópias. Sua equipe editorial era composta majoritariamente por escritos e críticos literários paranaenses, tais como Wilson Bueno, Domingos Pellegrini, Paulo Leminski, Jamil Snege, Sérgio Rubens Sossélla, Helena Kolody, entre outros.

Segundo Marco Aurélio de Souza (2021), o Nicolau apresentava em seu conteúdo um vínculo entre a política de formação da identidade paranaense, que remontava as discussões do início do século XX, ganhando novo fôlego com o processo de redemocratização. O jornal se constituía como uma referência nos debates sobre a cultura regional, sendo uma espécie de catalisador das produções culturais locais, visto que a maioria dos artistas publicados eram paranaenses.

Na década de 1990 o Nicolau alcançou a centralidade, enquanto um dos principais jornais culturais publicados no estado, construindo em suas páginas uma síntese das produções, artistas e escritores locais. Observo que a publicação das fotografias de Gilda em tal periódico a localizavam como musa das produções culturais marginais do Paraná, especificamente de Curitiba, como figura folclórica e inspiração daqueles que faziam uso da cultura popular. Os percursos da travesti serviram, portanto, de plataforma para construção de leituras alternativas à capital “modelo”.

O folhetim *Gilda* (s/d), publicado pela Fundação Cultural de Curitiba, apresentava uma série de registros fotográficos da travesti pelas ruas da capital, acompanhados por trechos de músicas e poemas compostos por artistas locais em homenagem a Gilda. Com quinze páginas impressas em preto e branco, a edição foi apresentada pelas palavras de Paulo Martins, editor de texto da publicação. O autor iniciou relatando a morte de Gilda e como a notícia se espalhou, dividindo a atenção dos curitibanos durante a posse do novo governo. Narra que seu corpo foi encontrado em uma casa abandonada, permanecendo três dias no necrotério até ser liberado. Tal acontecimento teria iniciado um movimento de solidariedade com vigílias, “velas, recados e poesia”, “o povo tomou de assalto o obelisco da Boca” (Martins, s/d, p. 2). Por outro lado, essa movimentação em homenagem a travesti teria despertado a atenção dos

(...) autoproclamados “donos” da cidade se abalaram. Nunca alguém recebera tantas homenagens como aquele vagabundo sem posses nem morada. O povo adorava Gilda, com seus vestidos de gala esfarrapados, dançando nas ruas,

intérprete dos sonhos dos miseráveis, brincando nas feridas da inconsciência dos cidadãos respeitáveis. Artista nato, adotou as ruas de Curitiba como palco, enriquecendo os cliques das imagens fotográficas. Daí a ideia de juntar esse rico material da história viva da cidade (Martins, s/d, p. 2).

O texto indicava como Gilda teria sido acolhida pela população curitibana, assim como ela própria teria adotado Curitiba como palco. Tanto em vida quanto em sua morte ela abalaria o *status quo* dos “autoproclamados donos da cidade”, isto porque representava os “sonhos dos miseráveis” e expunha as feridas dos “cidadãos respeitáveis”. Uma contradição à cidade classe média branca, adotada por aqueles que não se enxergavam em tal imagem do espaço urbano.

O folhetim surgia então como um compilado das imagens fotográficas dessa outra Curitiba encenada cotidianamente por Gilda, como parte da história viva da cidade. Dessa maneira, a capa se apresenta descontraída e seu nome impresso em letras destacadas, a foto que acompanhava o texto de Paulo Martins localiza-a entre a movimentação diária dos pedestres no centro da cidade.



FIGURA 09. Registro de Gilda no calçadão da Rua XV, foto retirada do encarte Gilda produzido pela Fundação Cultural de Curitiba na década de 1990.

Na imagem Gilda aparece de chapéu sem mostrar o rosto, posando para foto com bambolê na cintura e uma saia de voal em babados. Ao seu lado, um trabalhador de costas

carregando duas tábuas, além de várias pessoas caminhando pelo calçadão, como um flagra do cotidiano. A travesti, no entanto, aparece em outra temporalidade, representando um outro uso do espaço urbano como palco ao invés de lugar de passagem.

A apresentação de Gilda como artista nata “adotou as ruas de Curitiba como palco” (Martins, s/d) o que pode ser lido como um indício de sua produção de uma outra Curitiba possível encenada por ela em seus deslocamentos em busca de (re)existir. Seus percursos abriram caminhos para outras leituras da cidade e de seus cidadãos “modelos”. Nas demais fotografias que compunham o folhetim, ela aparecia como personagem central, dançando em meio a uma multidão que está de passagem ou alheia ao show representado por Gilda. Ela também era flagrada em interações cotidianas ou fazendo pose na janela de um casarão.



FIGURA 10. Fotografias de Gilda pela cidade de Curitiba, publicadas no encarte *Gilda*, impresso pela Fundação Cultural de Curitiba na década de 1990.

Essas suas imagens no espaço urbano mostram um corpo que não só habitou a cidade, como era a própria cidade. Em contraposição às pessoas que passavam ao fundo de suas fotografias, ela apresentava um dançar desocupado vivendo em uma outra temporalidade, que não a do trabalho ou do relógio. François Dosse (2004), ao revisar a bibliografia que aborda a relação dos sujeitos com a produção do espaço, indica que a “analogia entre a cidade/língua e o caminhar/fala permitia valorizar os processos de apropriação da topografia urbana pelos seus atores que se desenvolveriam a partir das relações possíveis entre os polos diferenciados”

(Dosse, 2004, p. 86). Dessa maneira, os usos que Gilda impunha à cidade podem ser comparados a atos enunciativos que produziam lugares praticados, ecoando como seu legado em forma de grito ou ruído de passos, rememorados neste folhetim homônimo.

Outro conjunto de imagens veiculadas no folhetim mostram Gilda nos desfiles de carnaval, nos quais aparece flagrada coberta de serpentina e confetes, de braços abertos e dançando, como podemos observar na sequência. Seu corpo travesti exposto no carnaval indica que “os horizontes do corpo se referem a pluralidade de experiências que se dão no elo entre o individual e o coletivo, são modos do corpo que são acionados a partir do compartilhamento da experiência” (Fernandes; Herschmann; Barroso, 2019, p. 168).

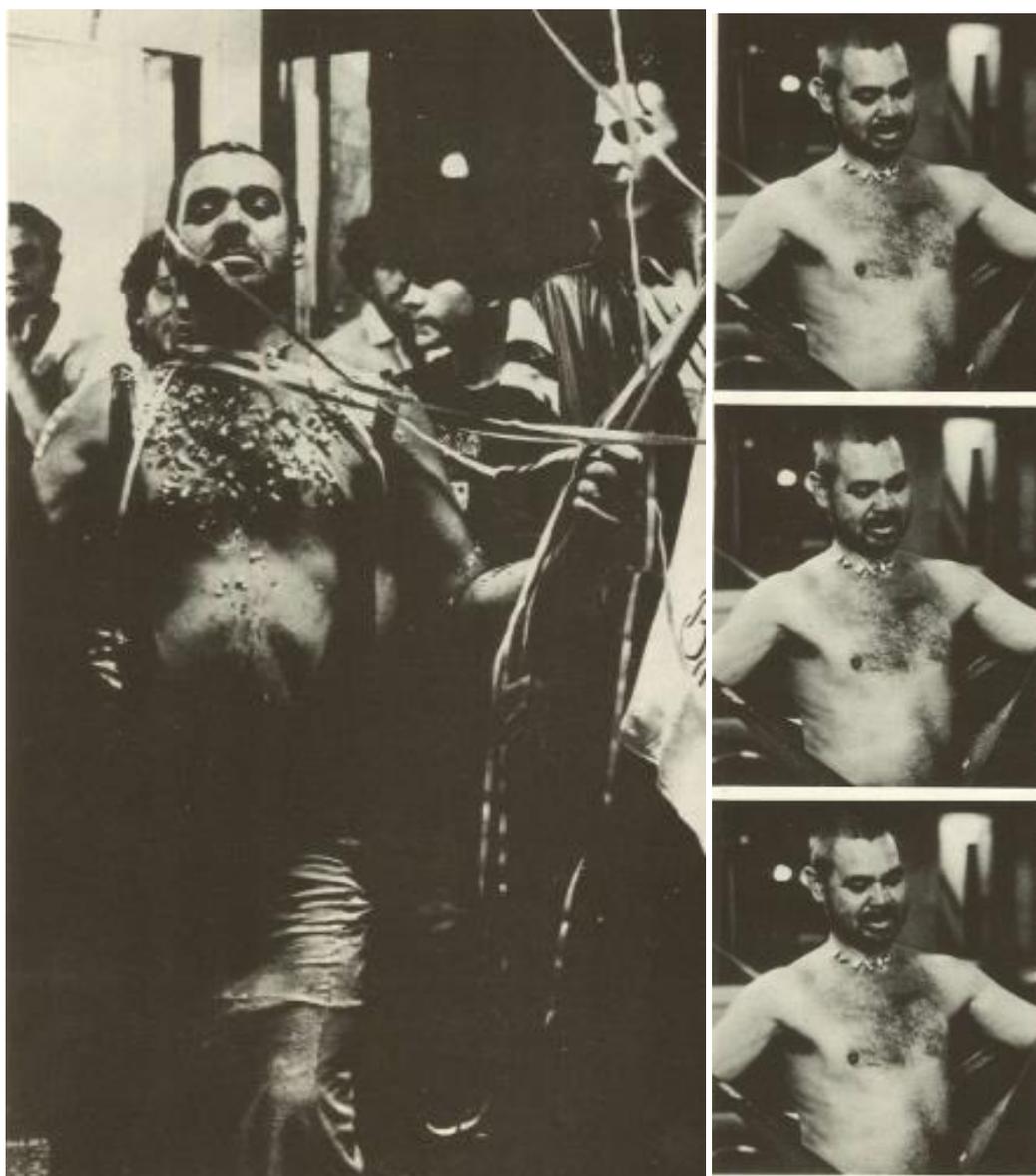


FIGURA 11. Fotografias de Gilda no Carnaval, veiculada na publicação *Gilda* da Fundação Cultural de Curitiba, produzida na década de 1990.

A multiplicidade de experiências corporais vivenciadas no carnaval era abraçada por Gilda, fotografada de braços abertos e peito nu, integrando-se à festa carnavalesca, tornando-se protagonista do corpo insubordinado. Os babados de suas saias compunham uma performance do dissenso, ou seja, práticas corporais que divergiam da linearidade cis heteronormativa branca. Se cotidianamente, como podemos observar nas imagens anteriores, Gilda se opunha a uma multidão de trabalhadores que percorriam as ruas da cidade diariamente, em suas representações carnavalescas ela fora representada como protagonista compartilhando “o

sentimento de pertencimento, o compartilhamento do instante vivido é, então, decisivo em espaços onde predomina o desvio coletivo” (Fernandes; Herschmann; Barroso, 2019, p. 168).

Esse espaço carnavalesco compartilhado com Gilda era lembrado no samba-enredo de 1984 da Escola de Samba Embaixadores da Alegria, intitulado *Gilda sem nome*, cuja letra foi publicada pelo folhetim na sequência às fotos do carnaval. O texto era marcado pelo sentimento de nostalgia das brincadeiras de Gilda.

Ai que saudade, que saudade
que me vem
das brincadeiras que a Gilda aprontava
Cinquenta mangos p’ra beijar um certo alguém
Descontraída Gilda ia... e beijava
Beijou doutor... o senador...
Falou de amor
Brincou... brincou...
E pelas ruas da cidade
Ela pintou e bordou
Gilda, o seu bom humor deixou
Um “oceano” de saudade
Gilda seu carnaval marcou
Por muito tempo a rotina da cidade
de melindrosa, de princesa oriental
da avenida fez seu palco natural
e de repente transformou-se o artista
de Carlitos a vedete ou passista

Os versos indicam que Gilda produziu uma fissura no cotidiano urbano, ela aprontou, brincou, falou de amor, beijou, “pintou e bordou”. Essa sucessão de verbos demonstra as suas ações na cidade, cujo “seu bom humor deixou um ‘oceano’ de saudade”. O uso das reticências neste texto funciona como um mecanismo que marca a passagem do tempo e a continuidade de suas vivências, configurando-se como elementos gramaticais que representam o espaço de uma vida.

A partir desses elementos do samba-enredo analiso, com base nas colocações de Michel De Certeau (2014), sobre a constituição da cidade habitada que os sujeitos atravessam o espaço urbano reagindo a um texto escrito pelas políticas urbanas. Neste jogo entre os lugares e os indivíduos a poesia urbana é reescrita sobre diferentes perspectivas “as redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços” (Certeau, 2014, p. 159).

A apropriação que Gilda operava em relação aos usos do espaço urbano eram apresentados pelo uso do pronome seu, indicando seu consumo das ruas da cidade como palco, representando seu carnaval e seus personagens de melindrosa e princesa oriental, vedete ou Carlitos. Ela tornava-se, dessa forma, parte da história viva de Curitiba, como apontava a introdução do folhetim aqui analisado.

Apresentada como uma artista do cotidiano, Gilda produzia atos enunciativos que desafiavam os limites da linearidade sexo, gênero e desejo colocados pela cis heteronormatividade branca. Sua potência encontrava-se, principalmente, em fazer com que este corpo abjeto fosse lido por muitos como espaço das possibilidades, representando os rebeldes anseios coletivos por liberdade em um meio normativo e regulatório. Seus deslocamentos nos informam em sua vida, morte e memória⁴⁹ sobre as reivindicações políticas por igualdade, em que “caminhar é dizer que esse é um espaço público onde pessoas transgêneras caminham, que esse é um espaço público onde pessoas com várias formas de se vestir, não importa o gênero que lhes seja atribuído ou a religião que eles professem, estão livres para se mover sem ameaça de violência” (Butler, 2019, p. 59).

Nos trechos finais do folhetim, novamente, vemos Gilda ser alçada a representante de uma coletividade, a salvadora de uma cidade fria como fora a personagem Geni, da música *Geni e o Zeppelin* (1979) de Chico Buarque, em que esta mulher antes considerada a escória de sua comunidade se tornou justamente aquela que poderia salvar a vida de todos do ataque de um malvado capitão e seu Zeppelin. Por meio dessa intertextualidade era apresentada a relação entre a travesti e Curitiba, na qual

Gilda era a nossa Geni. Trabalhava cenicamente seu balé esquisito e pretensamente sexy como uma dodivanas assustador e terno. Curitiba teve o bom sendo de adotá-la. Adotá-la mal, a bem da verdade nesse mundo de mentiras. Agora recebeu placa na rua XV. Tema de carnaval e de samba-enredo, já foi proibida, marginalia decadente na cidade fria, movimentos populares em sua defesa. Nesse momento deve estar se apresentando nas ribaltas de seu Zeppelin (Gilda, s/d).

⁴⁹ Emprego o uso do conceito de memória a partir da leitura de Michel Pollack (1984), compreendendo que as produções sobre Gilda aqui analisadas podem ser caracterizadas como construções de “memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa” (Pollak, 1989, p. 4).

O trecho acima reforça o papel assumido por Gilda na sociedade curitibana, como representante de um ato de rebeldia e subversão a imagem da cidade “modelo”, sendo em parte adotada pela cidade e homenageada postumamente. O lugar ocupado por Gilda traz uma reflexão sobre a necessidade de investigar e compreender os processos de exclusão e apagamento das transexistências negras, em que a pretensa “‘neutralidade acadêmica’ continua operando em favor da branquidade e norma da cis heterossexualidade, contribuindo para que lacunas a respeito do trajeto histórico percorrido por travestis e mulheres transexuais, principalmente negras, não sejam adequadamente preenchidas” (Oliveira, 2020, p. 154).

Ao compreender esses mecanismos de exclusão nos discursos sobre as vivências das travestis negras no Brasil observo como a trajetória de Gilda operacionalizava alguns caminhos que lhe garantiam a passabilidade⁵⁰ pela sociedade curitibana, principalmente, ao ser lida como uma figura folclórica ou uma artista. Essas táticas foram utilizadas por ela a seu favor, ao passo em que também afirmavam esse caminho como uma possibilidade e legado a outras travestis curitibanas.

As imagens presentes no folhetim Gilda, publicado postumamente, evocam a memória e reintroduzem a discursividade do corpo de Gilda como um eco, ruído ou vibração que se contrapõe a uma capital construída para “inglês ver”, como já denunciava Dalton Trevisan (2004) em seu conto *Em busca da Curitiba perdida*. Seus vestidos, saias e batons opunham-se à constituição de um espaço urbano disciplinar, normativo, regulatório e heterocentrado, tornando-se ainda que inconscientemente estandarte de todos aqueles, cujas imagens e corpos não se encaixavam no molde da cidade “modelo”. Gilda traçou um caminho que enunciou outras leituras sobre Curitiba, criando um espaço para reivindicação, para aquilo que Judith Butler (2019) intitula como políticas das ruas, ou seja, a união dos corpos em aliança reivindicando o espaço público como plataforma e parte da ação política.

O legado de Gilda uniu e une diferentes sujeitos em defesa de outras formações discursivas sobre a cidade e sua população, criando espaços de aparecimento (Butler, 2019), locais de ações plurais fundados a partir da ação no hiato entre um corpo e outro. Outros

⁵⁰ Passabilidade é a capacidade do indivíduo de ser reconhecido socialmente como parte de um grupo identitário. De acordo com Viviane Vergueiro (2015), a passabilidade pode ser compreendida “enquanto uma categoria útil de análise para vivências nas diversidades corporais e de identidades de gênero, tanto como uma exigência cisnormativa, como uma estratégia possível de resistência a cissexismos em determinados contextos” (Vergueiro, 2015, p. 158).

discursos são produzidos pelos sujeitos em seus percursos, deslocamentos e feitura de espaços, enunciam uma outra Curitiba silenciada e invisibilizada, representada por Gilda quando impedida de desfilar no carnaval, quando não acolhida por políticas de assistência social ou quando negada seu direito à memória. Assim como Gilda, muitos outros sujeitos são excluídos da imagem da cidade “modelo”, sem direito a história ou acesso ao espaço público, mas tal qual a figura da travesti na Boca Maldita insiste em aparecer e agir publicamente, encontrando sua força na ação coletiva.

De acordo com Michel Pollak (1989) compreendo que a imagem de Gilda permanece no campo das memórias clandestinas e subterrâneas que aguardam “o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do ‘não-dito’ à contestação e à reivindicação” (Pollak, 1989, p. 9). Sua trajetória abriu caminhos e representou outras Curitiba possíveis e, por essa razão ela não vinha sozinha, ao seu lado outras travestis se apropriavam da arena pública, transformando-a em palco e espaço de enunciação. O legado destas vidas reserva em si um poder de contestação, que potencializa a continuidade histórica das (r)existências travestis. A partir dessa perspectiva, analiso no capítulo seguinte como o carnaval fora utilizado como plataforma para enunciar as subjetividades travestis de Samantha, Primavera Bulkan e Baby Pankada.

CAPÍTULO 2: CENAS DE UM CARNAVAL INTRANSIGENTE: OS PERCURSOS DE SAMANTHA, PRIMAVERA BOLKAN E BABY PANKADA NO BAILE DO OPERA-RIO

O Baile dos Enxutos realizado na sociedade nas segundas-feiras de carnaval era um dos eventos mais importantes em seu calendário. Nas décadas de 1970 e 1980 esta festa reunia aproximadamente 3 mil foliões para assistir as maiores atrações, isto é, o desfile das competidoras no concurso de fantasias do Opera-Rio⁵¹. As travestis curitibanas e de outros estados se reuniam para competir se transformando nas estrelas da noite, assumiam o papel de protagonistas se apropriando dos espaços flexíveis do carnaval para projetarem suas subjetividades constantemente precarizadas no contexto cotidiano da vida urbana.

Para compreender a centralidade da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários e do Baile dos Enxutos indico a reportagem publicada pelo Diário do Paraná em 10 de fevereiro de 1978. Composta por diferentes artigos que ocupavam toda uma página da edição, seus conteúdos abordavam desde a fundação da instituição até a realização e repercussão social do baile. De acordo com Gislene T. Brenner e Cíntia N. Nogueira (2014), é possível avaliar que as associações operárias ocupavam um espaço central no cotidiano dos trabalhadores de Curitiba, como partes fundamentais da história de movimentação dos operários curitibanos, sendo locais de reunião, assistência e mobilização.

O primeiro texto a compor a reportagem era intitulado *Benedito, as lições de um pedreiro sobre fraternidade*, no qual o leitor era apresentado ao contexto curitibano de 1883, ano em que foi fundada a Sociedade Protetora dos Operários com a finalidade de construir um espaço de ajuda mútua no âmbito da saúde, educação, funerário entre os trabalhadores urbanos. Munida de uma função social superior a um clube, a Sociedade era expressão do fenômeno denominado por Claudio Batalha (2004) como “cultura associativa”, isto é, uma perceptível tendência no operariado brasileiro, durante o final do século XIX e início do XX, de constituir

⁵¹ Optei por utilizar a grafia Opera-Rio, presente em algumas reportagens analisadas, a partir da compreensão de que o espaço do baile e da associação fora transformada pela apropriação das travestis, uma vez que tal denominação surge das próprias travestis que frequentavam o salão. O luxo, beleza e glamour passaram a ser signos presentes no concurso de fantasias glamourizando a Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários, além de tornar seus salões um dos mais frequentados durante os carnavais.

associações conferindo “uma certa institucionalidade a formas de sociabilidade diversas” (Batalha, 2004, p. 96).

Esses espaços se constituiriam em formas de organização autônoma da classe trabalhadora, no caso de Curitiba o artigo do Diário do Paraná indica que a sociedade operária buscava assistir aos trabalhadores num período em que as leis trabalhistas inexistiam no Brasil. Além disso, o texto permite inferir sobre as alterações nos objetivos da instituição a partir das modificações em seu nome e estatuto passando a denominar-se, em 1953, Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários.

Entre as décadas de 1960 a 1980 os salões da sociedade se voltariam exclusivamente à promoção de festas, sendo a mais famosa delas o baile nas segundas de carnaval e o desfile de fantasias das travestis, que concorriam ao título de Rainhas do Opera-Rio. De acordo com a reportagem do Diário do Paraná, a festa era um verdadeiro sucesso de público lotando os salões da instituição e aglomerando uma multidão para além de seus muros. Segundo o texto “num dos anos da década de 60, o concurso de travestis foi realizado no pátio a multidão acabou derrubando o muro (um acordo com o arcebispado levou o concurso para dentro novamente). Por isso há hoje um rigoroso esquema de segurança”⁵².

Este trecho faz menção às origens do Baile dos Enxutos realizado no Opera-Rio, iniciado a partir de brincadeiras realizadas pelos foliões no pátio da instituição, no qual era improvisada uma passarela para o desfile das travestis. Seu sucesso de público levou os organizadores do baile a trazerem o concurso para dentro dos salões. Observo também a menção ao arcebispo curitibano e sua influência na autorização da realização da festa, como um representante da igreja. Seu envolvimento indica a preocupação moral que envolvia a abertura dos salões da sociedade às travestis.

Surgido do lado de fora e incorporado à cultura da associação, o desfile das travestis era apresentado no texto jornalístico como uma quebra ao tabu, uma vez que, com o passar dos anos, as mulheres curitibanas que frequentavam o baile passaram a ir sem máscara. Estes aspectos mencionados no artigo, juntamente com a ênfase na vigilância policial que perpassava a realização da festa, cumprem uma função no discurso que o jornal busca apresentar sobre

⁵² Diário do Paraná, 10/2/1978.

Opera-Rio e o Baile dos Enxutos como locais seguros e moralizados para o divertimento da classe média da capital.

Em outro excerto do artigo era apresentada a preocupação em relação a separação dos espaços destinados às travestis e o público do baile. A comissão organizadora do baile criou então um “um banheiro muito privativo (...) afinal, há o terceiro mundo, o terceiro partido ou o terceiro exclusivo, há um banheiro exclusivo para os ‘transformistas’, pois o estatuto não permite confusão”⁵³. Apesar da flexibilidade das normas sociais nos dias de carnaval, permitindo que as travestis adentrassem os salões da sociedade como personagens principais do desfile de fantasia, isto não significava que elas estavam imunes a reprodução de algumas das tensões vivenciadas cotidianamente em relação a vigilância de suas condutas.

De acordo com Caroline Blum (2017) o carnaval se apresenta como um comentário “uma expressão performática, uma atividade reflexiva, uma maneira de se falar e representar a si e o mundo” (Blum, 2017, p. 16). Compreendo que o Baile dos Enxutos ao mesmo tempo em que reproduzia e reafirmava algumas das normativas sociais também possuía a potência de ser apropriado pelas travestis e configurado em uma plataforma de reflexão e expressão de outros desejos, anseios e arranjos sociais. Essas questões introduzidas até o momento indicam alguns pontos que serão aprofundados ao longo do segundo capítulo, sendo relacionados às trajetórias de algumas das travestis que competiram nas passarelas do Opera-Rio.

No capítulo anterior, os deslocamentos de Gilda em Curitiba apresentaram uma cidade viva e pulsante. Entre os muitos espaços disputados por Gilda, o carnaval curitibano de rua foi um dos principais lugares ao qual sua figura é rememorada. Sua presença à frente da festa indicou como eram lidos os corpos tidos como abjetos, tratados como alvo do controle dos mecanismos de poder, visto que representavam um perigo à subversão e à resistência. Além de resgatarem a reivindicação política e a força imaginativa própria do carnaval como festa popular. O estudo desenvolvido anteriormente sobre os caminhos percorridos por Gilda e o entendimento do carnaval como um espaço subversivo e potente apontam à direção a ser seguida neste capítulo. A partir da repercussão da festa na imprensa local percorro um caminho de fios e rastros que indicam algumas das vivências compartilhadas por Samantha, Primavera

⁵³ Diário do Paraná, 10/2/1978.

Bolkan, Baby Pancada, entre tantas outras que desfilaram em tais passarelas e a transformaram em lugar de projeção de seus corpos e vozes.

2.1 SAMANTHA E OS PALCOS COMO POSSIBILIDADE DE (RE)EXISTÊNCIA



FIGURA 12. Registro do desfile de Samanta no Baile dos Enxutos em 1973. Fotografia publicada no Diário do Paraná em 10 de janeiro de 1982.

Na imagem acima Samantha aparece desfilando na passarela da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários, usando um vestido longo e cheio de brilho ela sorri com os braços abertos, enquanto o público representado abaixo na fotografia assiste ao espetáculo. Com esta fantasia intitulada Viúva Alegre, composta ainda por um chapéu grande, que combinava com o restante da roupa, brincos e pedraria, ela seria coroada a Rainha do Baile dos Enxutos em 1973. Utilizo essa imagem para dar início a esta seção dedicada a percorrer alguns dos passos de Samantha, tanto nas passarelas do Opera-Rio, quanto em Curitiba.

A fotografia, retirada de uma matéria publicada pelo Diário do Paraná, é veiculada neste espaço como um mecanismo de representação da personagem principal das análises que se

seguem. Compreendo esse conceito a partir das colocações de Roger Chartier (1991) presentes no artigo *O mundo como representação*, no qual indica que inicialmente as representações tinham por função fazer ver uma ausência ou apresentar uma presença, “entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga” (Chartier, 1991, p. 184).

A imagem presentifica Samantha, colocando-a como figura presente e central neste texto. Sua representação desfilando no carnaval é outro ponto importante, visto que, é a partir dos indícios de suas passagens pelos Bailes dos Enxutos que nos encontramos e passamos a seguir sua trajetória. Por meio da leitura de alguns dos jornais publicados em Curitiba identifiquei a primeira menção a Samanta na notícia “*SAMANTA*” *ABAFOU E GANHOU NO OPERÁRIO*, publicada na Tribuna do Paraná em 07 de março de 1973. Assim, em letras maiúsculas, a manchete anunciava sua vitória no concurso de fantasias, abaixo eram veiculadas outras sete fotos das demais concorrentes do salão da Sociedade lotado e um texto contando os pontos altos da noite.

A notícia em página cheia, com imagens e manchete de destaque indicam o interesse do público leitor e a centralidade do Baile dos Enxutos nas comemorações do carnaval em Curitiba. Alguns trechos atestam a grandiosidade da festa, tais como “os arcos que ligam os dois salões do Opera-Rio estavam entupidos de gente”, “parece que metade da população de Curitiba foi à Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários prestigiar o ‘Concurso de Fantasias’” ou “os cinco bares do Opera-Rio nunca trabalharam tanto. Milhares de pessoas entulharam cada canto e cada fresta; só se podia andar de acordo com a maré”⁵⁴.

Apesar de prestigiado pela população curitibana, como demonstram as citações anteriores, o baile era fruto de seu contexto social. Isto significa que algumas das questões morais em relação às travestilidades eram reproduzidas na festa, como era possível observar os seguintes trechos que mencionavam a vigilância policial e o conservadorismo da classe média da capital: “o que chateou a maioria do pessoal foi a atuação da polícia que, zelando pela moral e os bons costumes, impediu que os travestis dessem os seus ‘shows’ à parte, rebolando com toda a graça que lhes é peculiar em cima das mesas” e “pouca gente usou máscara no baile dos

⁵⁴ Tribuna do Paraná, 7/3/1973.

travestis do Opera-Rio (de onde se conclui que a classe média paranaense está perdendo a vergonha)”⁵⁵.

Ao mesmo tempo em que estes excertos da notícia apontavam para uma reprodução dos valores morais e sociais que perpassavam os festejos de carnaval no Opera-Rio, eles também indicavam o nebuloso das fronteiras, tanto da classe como do gênero. Estes outros trechos ilustram tais colocações: “comenta um dos diretores: ‘Ficou convencionado chamar de Concurso de Fantasias, pega melhor. Mas tudo bicha mesmo’”, “bonecas a granel. E os menos avisados correndo o risco de cometer enganos terríveis no meio daquela balbúrdia toda” e “as 36 concorrentes desfilaram rápido demais, deixando a plateia meio decepcionada e pedindo ‘bis’”⁵⁶.

A partir desses enunciados presentes na notícia publicada pela Tribuna do Paraná observo como o Baile dos Enxutos se configurava em um espaço dialético composto por práticas de dominação e resistência. De um lado, encontro a presença da força policial e da cobertura fornecida pela imprensa como elementos de controle e vigilância sobre os foliões, principalmente, em relação às normas heterocentradas do comportamento social; por outro lado, o sucesso da festa, os salões lotados, a abolição das máscaras e, em especial, os usos que as travestis fazem deste lugar de destaque no cotidiano da cidade, pode ser interpretado como uma resistência exercida na capacidade criativa do carnaval. Como argumenta Roberto da Matta (1997), em suas investigações sobre os significados do carnaval na sociedade brasileira, não devemos nos esquecer que o carnaval pode ser compreendido com uma ritualização que reforça a ordem cotidiana, ao passo em que também coloca alternativas e sugere caminhos.

Nesta notícia veiculada pela Tribuna do Paraná encontro alguns indícios da participação de Samantha no Baile dos Enxutos. Para além de sua imagem projetada na passarela central do desfile há o registro da fotografia impressa no jornal, que apresento no início deste tópico. A foto unida a manchete a centralizam como o grande destaque da noite, neste contexto compreendo que a festa carnavalesca se configurava enquanto um espaço de projeção pública de si, sendo parte de uma das inúmeras “estratégias de resistência engendradas pelos populares,

⁵⁵ Tribuna do Paraná, 7/3/1973.

⁵⁶ Tribuna do Paraná, 7/3/1973.

muitas delas se fazem sentir no terreno cultural, campo privilegiado para expressão dos seus anseios mais recônditos” (Soihet, 1999, p. 14).

Ao ocupar os festejos de carnaval da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários, Samantha, assim como as demais travestis concorrentes no concurso de fantasias, produziam uma série de atos enunciativos que afirmavam novas possibilidades para o corpo e os espaços, que subvertiam momentaneamente as hierarquias sociais e de gênero. Além disso, considero que o baile se constituía como um dos principais locais de sociabilidade das travestis⁵⁷, que investiam meses de preparação para o desfile, que manipulavam uma série de saberes mobilizados para apresentarem a melhor fantasia e as melhores curvas desenhadas pelas aplicações de silicone industrial e hormônios.

Como mencionava a Tribuna do Paraná, eram 36 concorrentes que participavam do concurso, elemento que atestava a competitividade que envolvia tanto as travestis que residiam em Curitiba, quanto aquelas que viajavam de outras regiões para competir na cidade. Compreendo, portanto, que a festa colocava em movimento as trocas de informações e saberes, os deslocamentos terrestres de ir e vir, as intrigas, fofocas e brigas pelos resultados considerados injustos. O Baile dos Enxutos envolvia um universo de códigos e condutas no qual o desfilar das travestis pode ser entendido como uma prática insurgente “um reflexo de anseios e demandas das pessoas que buscam na cidade um espaço de voz” (Chuary; Maziviero, 2020, p. 3).

No texto da notícia os excertos analisados até o momento indicam algumas das características e significados do Baile dos Enxutos no contexto curitibano, como sendo uma festa de caráter dual, um momento de alternância e renovação das hierarquias. Em meio a tais enunciados, outros indícios da participação de Samantha no desfile podem ser identificados nos seguintes trechos: “uma morena (ou moreno?) de longos cabelos negros, desfila na passarela debaixo de uma salva de palavrões entusiásticos”; e “ao fim e ao cabo, venceu a ‘Viúva Alegre’, um longo e sofisticado vestido negro cheio da feminilidade de Samanta. (E como vedete da festa, ela tirou de letra. Desceu da passarela e sumiu, deixando um bom número de fãs plantados na escada do camarim, esperando em vão. Freud explica)”⁵⁸.

⁵⁷ Conforme: GREEN, James Naylor. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

⁵⁸ Tribuna do Paraná, 7/3/1973.

O discurso do jornal busca construir a partir destes enunciados um sentido e linearidade à expressão de gênero apresentada por Samantha, ainda que a colocasse em suspensão como indica o questionamento entre parênteses. A ênfase aos seus traços femininos justifica seu sucesso como vedete da noite e seus fãs, ou seja, ao circular pelos espaços festivos e fluídos do carnaval ela negocia com as possibilidades e limites do gênero. A imprensa enquanto um instrumento normativo ressalta a feminilidade de Samantha, como uma estratégia que torna mais palatável a atração ao grande número de fãs masculinos.

Como coloca Fábio Henrique Lopes (2018), em suas análises sobre o carnaval no Rio de Janeiro durante a década de 1960, as festividades carnavalescas ora “funcionam como estratégias de controle e de dominação, de normas, sujeições e hierarquias, ora como espaços que favorecem a expansão das possibilidades de liberdade, permitindo afetos, vivências de gênero, processos de devir, de transformação, de novos modos de vida e de outras subjetividades” (Lopes, 2018, p. 56).

Observo duas posturas em relação a Samantha, sua imagem misteriosa e imponente como vedete dos bailes de carnaval e sua intimidade revelada em dois momentos dentro do discurso da imprensa curitibana. Parte de seu cotidiano era apresentado a partir de dois episódios de agressão e me levam a considerar que a travesti e a bicha somente se revelavam ao público leitor em sua vulnerabilidade e morte. A elegância com que ela se montava nos carnavais pode ser a porta de entrada para conhecer Samantha, no entanto, era fora das passarelas que pude me aproximar de alguns detalhes sobre seus relacionamentos amorosos, familiares e de amizade.

De acordo com Durval Muniz (2007, p. 31) “tecer é como narrar, é relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem orientado no final”. A partir dessa compreensão do discurso e da operação historiográfica considero que a trajetória de Samantha se relaciona com contexto macro e nos ajuda a compreender as experiências dos travestis no século XX, em um contexto de emergência dessa nova subjetividade, de acirramento da repressão e vigilância dos indivíduos considerados subversivos pela ditadura civil militar.

Os recortes dos jornais locais sobre Samantha não se resumiam a sua presença no carnaval curitibano. Em 29 de maio de 1981 o jornal Diário da Tarde publicou em sua capa a

seguinte chamada “*Samantha*” foi achada na rua bastante ferida, a manchete acompanhada por uma charge e um breve texto informava que a travesti teria sido encontrada ferida em uma rua do centro da capital, depois de ser arremessada do interior de um veículo. Segundo a nota “diversos ‘coleguinhas’ de ‘Samantha’ solicitaram providências da polícia, para que o caso não ficasse no esquecimento, como o da morte do travesti ‘Jacira’, no ano passado”⁵⁹.

A notícia faz menção ao caso Jacira, que analisarei mais detalhadamente no capítulo 3, no momento basta termos em mente que a violência que perpassou a morte de Jacira foi o estopim para mobilização das travestis curitibanas em pressão a força policial para investigação e responsabilização do culpado pelo crime. Ao analisar o discurso do jornal nesta chamada, observo que ao veicular o termo coleguinhas somado as aspas para se referir às demais travestis, o periódico contribuiu para acrescentar a sua linguagem camadas de humor, como elemento desqualificador e estigmatizante de tais sujeitos. Tal característica era comumente utilizada no jornalismo criminal, especialmente ao se referir aos sujeitos considerados marginais, ou seja, as travestis, os bêbados, vadios e prostitutas (Silva, 2018).

Apesar de originalmente o humor e a alegria serem recursos utilizados pelas classes populares para se manifestarem cultural e religiosamente, conforme coloca Stephanie Tondon (2017) com o surgimento do jornalismo popular, “esses se tornam recursos mercadológicos, esvaziados de sentido” (Tondon, 2017, p. 6). Compreendo que a associação entre a violência deferida nas travestis e o riso possuíam uma função social, para além dos objetivos de aproximação do jornal com o público leitor. O humor, como apresenta Elias Thomé Saliba (2002, p. 15), “não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo”. Assim, o rir da travesti indicava uma visão desses sujeitos como inferiores, cuja dor era indiferente aos leitores e escritores da imprensa local.

Acompanhando a nota presente na capa do Diário da Tarde estava a charge reproduzida abaixo. O desenho apresenta uma mescla de elementos associados comumente ao universo da feminilidade e masculinidade, tais como o salto alto e a barba, respectivamente. Além disso, o choro associado à ideia do coração partido constrói um discurso sobre o acontecido, como uma briga de casal, na qual Samantha teria saído ferida, relacionando sua expressão de gênero feminino à fragilidade e emotividade.

⁵⁹ Diário da Tarde, 29/5/1981.

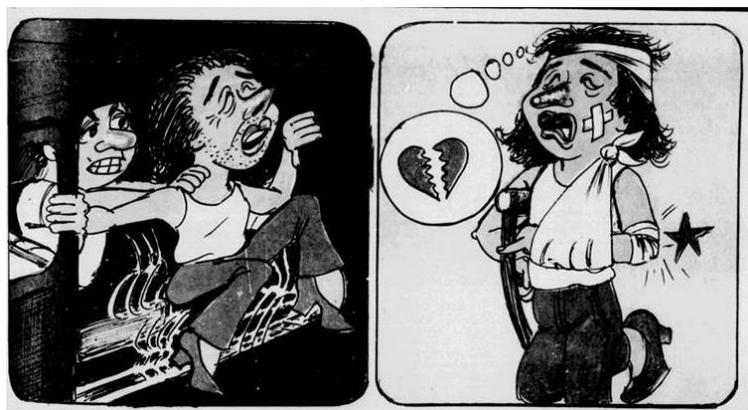


FIGURA 13. Charge representando episódio da agressão sofrida por Samantha, publicada no Diário da Tarde em 29 de maio de 1981.

Para análise da charge tenho em consideração algumas características específicas desse gênero de produção imagética, como por exemplo o exagero em seus traços, fugindo de uma representação idealizada da personagem apresentada. Esse tipo de imagem é marcado pelo destaque a aspectos ridículos e/ou grotescos, utilizados para estabelecer críticas de cunho político e social. Por fim compreendo que o desenho está inserido em um contexto com o qual busca dialogar, sua produção busca ser reconhecida pelo receptor, ou seja, contém linhas e formas que remetem a uma imagem pública de conhecimento comum (Ferreira, 2019).

Samantha é desenhada de maneira frágil chorando com o coração partido. A oposição entre o salto alto e a barba aprofundam uma crítica e observação sobre o sujeito e sua não linearidade entre sexo e gênero. O comentário do jornal expresso na charge indica que apesar de auto afirmar uma identidade feminina, aspectos biológicos relacionados à masculinidade denunciariam Samantha. Ao ser expulsa do carro por um homem com uma expressão séria e brava, a ela parece ser negado o amor. As travestilidades são comumente significadas a partir da prostituição e marginalidade, as expressões de amor e afeto sequer atravessam suas representações nos discursos da imprensa, como interdição a própria existência.

Conforme afirma Peter Burke (2004), as imagens oferecem indícios de representações produzidas por outrem, são representações mediadas. A partir dessas bases teóricas sobre a produção de imagem e considerando as características específicas das charges reproduzidas pela imprensa, acredito que a ilustração de Samantha no jornal carrega suas características

femininas e masculinas, maximizando seu contraste como forma de caracterizar a travesti de maneira ridícula.

Ao representar Samantha dessa maneira, o jornal diminui a carga da violência sofrida por ela ao mesmo tempo em que produz um discurso normatizador e pedagogizante, principalmente, ao acrescentar o humor na informação sobre o caso de agressão. A repetição dessa linguagem escrita ou imagética contribuí para construção de um discurso, não somente sobre Samantha, mas também sobre todas as travestis. Seus conflitos e aparições públicas, envolvidas pelo riso e escárnio nas páginas policiais, as posicionava dentro da hierarquia social de forma que suas reivindicações e problemas sociais não eram alvo de denúncia ou preocupação geral, mas sim exemplos de humor e riso.

Marina Silvério da Silva (2020), ao analisar sua experiência enquanto travesti ou mulher trans indica as diferentes formas pelas quais as violências e agressões interpelaram sua trajetória, como expressões do olhar e do riso cis heteronormativo, ridicularizando e marginalizando as subjetividades travestis:

todo conflito que vivencio com a sociedade, por ser trans, seja quando sou tratada no masculino (ele), quando recebo olhares coercitivos e opressores ou quando sou alvo de relacionamentos fetichistas e rejeições transfóbicas, todas essas violências acrescentam à minha carne, assim como na marinada, temperos diferentes, que modificam o meu gosto e me tornam quem sou (Silva, 2020, p. 12-13).

O jornal assume o papel cis heteronormativo ao representar a agressão sofrida por Samantha. Ao ser estampada na capa da edição a charge analisada ocupava um espaço de destaque dentro do periódico, cuja função era de captar a atenção do leitor, por essa razão seus códigos, linguagens e diagramação são distribuídos de maneira a facilitar a apreensão de sua mensagem. Isto indica que o rir das travestis era um discurso compartilhado, tanto pelos redatores, quanto por seus leitores.

Em sua continuação na página 4 da mesma edição o texto apresentava algumas informações sobre Samantha, como sua idade 32 anos, a forma como era conhecida por Lo ou Samantha, era advinda de uma família de classe média, seu pai era funcionário público e ela administrava seu próprio salão de beleza no centro da cidade. Era moradora de “um amplo apartamento do centro da cidade, onde recebia apenas seus amigos mais íntimos, não praticava

o ‘trottoir’ malicioso pelas ruas e, seus encontros amorosos, eram apenas com pessoas de seu relacionamento”⁶⁰. Além disso, a notícia destacava que suas vitórias no Opera-Rio “aliadas às atividades de cabeleireiro, tornaram-no muito popular na cidade”⁶¹.

Ao buscar tecer de forma organizada esses recortes da trajetória de Samantha me remeto ao alerta de Natalie Zemon Davis (1987) em *O Retorno de Martin Guerre*, quando dizia que “o que aqui ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção constituída pela atenta escuta das vozes do passado”. Na tentativa de seguir esse caminho desenhado pela historiadora teço algumas reflexões que se conectam com o que foi apresentado sobre Samantha até o momento e se somam as informações presentes nesta notícia sobre sua agressão no centro da cidade. Esses elementos ajudam a conhecer Samantha e recompor seus trajetos em Curitiba, permitem inferir que sua apresentação no jornal a diferenciava das demais travestis, que estavam nas ruas, esquinas e casas de prostituição.

Ao destacar que ela vivia uma vida discreta e confortável no centro da cidade, observo que mesmo sendo alvo de algumas das violências que perpassavam as vivências travestis naquele contexto, Samantha também usufruía dos privilégios advindos de sua origem nas camadas médias da sociedade. Ouso dizer ainda que talvez, por essa razão, recebia tanto destaque nos bailes do Opera-Rio, nas coberturas da imprensa ao evento, ganhando a popularidade na cidade. Novamente citando Marina Silvério da Silva (2020), ao comparar suas experiências com outras colegas ela afirma que

Camila é extremamente passável e possui traços físicos muito femininos. Ela possui voz aguda muito natural, seios grandes que se desenvolveram com a hormonização e é baixinha, o que destoava um pouco dos corpos mais agressivos e andróginos, como o meu e de Fernanda. Camila é branca, rica, possuía um carro rico, havia feito aulas de piano na infância, conhecia outros países, seus pais aceitavam e apoiavam de todas as formas sua transição, há pouco tempo fez a cirurgia de redesignação sexual e sempre estava acompanhada de namorados cis que aparentemente não se envergonhavam com o fato dela ser trans, talvez por ela ser muito passável. Nós somos da mesma geração, ela também nasceu em 1994, mas entre nós existia um abismo financeiro e por vezes me sentia menor em relação à sua beleza, passabilidade e experiências trans (Silva, 2020, p. 47).

⁶⁰ Diário da Tarde, ed. 23615, 29/5/1981.

⁶¹ Diário da Tarde, ed. 23615, 29/5/1981.

Os relatos e análises presentes na pesquisa de Marina Silvério da Silva (2020) contribuem e embasam minhas afirmações sobre Samantha. A partir dessas reflexões compreendo que, ainda que ela compartilhasse de muitas experiências com as travestis que desfilavam no Opera-Rio e circulavam por Curitiba, ela também se distanciava destas por sua posição de classe. Noto que muitas vezes essa diferenciação era utilizada de forma tática como meio de alcançar palcos e espaços que ela interpretava como superiores, principalmente, no quesito do reconhecimento social.

Ao buscar o amor e suas aventuras ela se colocava em uma posição vulnerável, conforme indica este caso de agressão. Apesar de Samantha buscar reforçar suas diferenças para com as demais travestis que desfilavam no Opera-Rio, como analisarei mais adiante, ela também compartilhava muitas de suas vivências.

Na matéria *Carnaval de Curitiba começa a tomar fôlego*, publicada em 10 de janeiro de 1982 no Diário do Paraná, eram veiculadas informações sobre a organização do carnaval na capital, entre os comentários sobre as escolas de samba e os agitos pré-carnavalescos, eram destacadas as seguintes informações sobre Samantha:

Entre os populares a presença do travesti Samantha, nome bastante conhecido entre os carnavalescos e respeitado entre a classe dos travestis. Samantha ou Lu (Luís Carlos Prosdócimo), como também é conhecido pelo público feminino que frequenta o Instituto de Beleza Elite, na praça Osório, não vai mais desfilhar no Operário. O tradicional “Baile dos Enxutos”, realizado na segunda-feira de carnaval vai ficar sem sua “rainha”. Para ela que possui muitos títulos no Rio, São Paulo e Paraná, sua época já passou. “Agora é a vez dos adeptos ao silicone, o que jamais se submeteria”. Lu tem boas lembranças de carnavais passados e pretende deixar esta mesma imagem positiva entre seus fãs. Este ano, no período de carnaval, vai descansar em alguma praia de nosso litoral de onde acompanhará os acontecimentos do tríduo momesco apenas pelos noticiários⁶².

Em primeiro lugar observo que a linguagem empregada pelo jornal reforça lugares comuns a representação das travestis na imprensa, principalmente no contexto analisado, o emprego do gênero masculino, das aspas e do nome de registro como elementos que denunciavam os desvios de Samantha e inconformidade a cis heteronormatividade. Em segundo o artigo indica que, ainda, mesmo afastada do Baile dos Enxutos, Samantha continuava sendo

⁶² Diário do Paraná, ed. 7998, 10/1/1982.

referência quando o assunto era o carnaval, atualizando assim seu vínculo com a festa. O texto também reforçava seu destaque social, tanto entre as travestis, quanto entre aquelas(es) que frequentavam seu instituto de beleza no centro de Curitiba.

Outros elementos presentes na notícia indicam uma possível distinção entre Samantha ou Lu, entre a travesti que brilhava no Opera-Rio como rainha de muitos títulos e Lu que gerenciava seu próprio estabelecimento de beleza. Além disso, Samantha ao explicar seu afastamento dos desfiles acaba por estabelecer outra diferença entre si e as novas gerações adeptas do silicone industrial, demarcando este processo de construção de novas relações entre as travestis e seus corpos. Conforme analisa Veras (2018), o Brasil vivia um processo de afirmação da temporalidade-subjetividade farmacopornográfica⁶³. As intervenções corporais a partir de hormônios, silicões e outros procedimentos estéticos marcariam as vivências travestis nesta passagem do tempo das perucas para o tempo farmacopornográfico.

Esta matéria seria uma das últimas menções de Samantha no contexto carnavalesco, consagrando-a como “rainha” do Baile dos Enxutos. Ao enfatizar seu destaque em outros concursos em diferentes estados brasileiros, contribui para matizar uma imagem positiva e glamourizada da travesti. Em suas últimas linhas o texto apresentava o destino de Samantha durante o carnaval de 1983, construindo uma relação saudosista e amistosa entre ela e seu público, elegendo-a como uma celebridade carnavalesca. Assim como o brilho dos bailes e festejos carnavalescos se apagam com a chegada da quarta-feira de cinzas e da quaresma, a trajetória de Samantha não se encerrou com seus triunfos no Baile dos Enxutos.

O episódio da agressão indicou a complexidade que envolvia a intimidade de Samantha e de suas relações pessoais. Ao descer dos palcos e retirar a armadura das fantasias de carnaval, que a revestiam com a segurança ainda que temporária de diva, vedete e estrela do Baile dos Enxutos, ela compartilhava da vulnerabilidade que envolvia os relacionamentos afetivos travados pelas travestis. As próximas notícias analisadas mostram esta outra faceta do cotidiano

⁶³ Conforme Paul B. Preciado, a era farmacopornográfica é caracterizada pela emergência de um novo regime de saber-poder-subjetivação na década de 1970 em um contexto de desmoronamento do modo de produção e consumo fordista e a desenvolvimento das indústrias bioquímicas, de informática e de comunicação. Segundo o autor, “as mudanças do capitalismo a que vamos testemunhar se caracterizarão não só pela transformação do ‘sexo’, do ‘gênero’, da ‘sexualidade’, da ‘identidade sexual’ e do ‘prazer’ em objetos de gestão política da vida (como Foucault já havia intuído em sua descrição biopolítica dos novos sistemas de controle social), mas também pelo fato de que esta gestão em si mesma será levada adiante por meio das novas dinâmicas do tecnocapitalismo avançado, da mídia global e das biotecnologias” (Preciado, 2018, p. 27).

de Samantha, refleti muito sobre esta questão, se abordaria todos os percursos de Samantha em Curitiba ou me limitaria a analisar apenas seu sucesso nos carnavais. Queria eu encerrar essa história com a alegria carnavalesca, no entanto, essa atitude me pareceu omissa e desconectada da realidade.

Apesar de compreender a necessidade de construir outras narrativas sobre as travestilidades, busco reproduzir aqui seus percursos em sua totalidade, expondo as violências que estavam submetidas sem, entretanto, limitar seus papéis a vítimas. Além disso, as personalidades apresentadas nesta tese indicam a diversidade de subjetividades, trajetórias e caminhos desenhados por elas em uma cidade que se queria modelo, uma capital planejada que excluía as travestis, os pretos e pobres.

Os últimos atos de Samantha em Curitiba chegaram ao fim de forma abrupta, interrompendo a alegria da vida, das passarelas e palcos, deixando o amargor da morte violenta e precoce. Em 23 de março de 1983 o Diário da Tarde informava que aos 32 anos Samantha “como ficou conhecido nas noites curitibanas e na época em que era a vedete do carnaval no ‘Baile dos Enxutos’, foi assassinado”⁶⁴. Este acontecimento recebeu destaque no jornal, com uma chamada na capa da edição e um texto detalhado na página quatro, além de outras notícias publicadas esporadicamente durante o ano informando os avanços das investigações policiais.



FIGURA 14. Recorte da parte superior da capa da edição 24349 do Diário do Paraná, publicada em 24 de março de 1983.

⁶⁴ Diário da Tarde, ed. 24349, 23/3/1983.

O destaque da manchete presente na capa da edição em sua parte superior indica o impacto e o lugar ocupado por esta notícia na hierarquia das informações trazidas pela edição jornal. A morte de Samantha era o principal assunto, seja pela brutalidade de seu assassinato ou pelo reconhecimento de sua figura como uma das principais personalidades do carnaval curitibano, o que corrobora minha análise de que apesar de compartilhar vivências comuns as travestilidades neste contexto, sua imagem fora alçada a uma visibilidade e status de vedete a partir de sua glamourização nos dias de folia. Thiago Soliba (2016) considera os signos da beleza e glamour como elementos de agência mobilizados pelas travestis neste período, “permitindo que habitassem o mundo, reivindicando existência dentro da norma heterossexual” (Soliba, 2016, p. 16).

As primeiras hipóteses sobre o caso indicavam um latrocínio, entre os suspeitos estava seu companheiro. No trecho abaixo observo como o jornal apresentava Samantha enquanto vítima, passando a utilizar artigos femininos. O sentido produzido neste excerto enfatiza a vulnerabilidade em que estava exposta, principalmente, em seus relacionamentos afetivos e sexuais:

A vítima que atualmente trabalhava no salão Elite, na Praça Osorio, anteriormente já se envolvera em outras ocorrências policiais. Uma delas foi uma violenta briga com seu "namorado" por questões de dinheiro. Agredida com violência foi parar no Pronto-Socorro Municipal em estado de coma. Em outra ocasião também foi atirada para fora de um carro em movimento e ficou machucada⁶⁵.

As suspeitas em relação à autoria do crime recaíram sobre um possível namorado de Samantha o que nos informam sobre a relação entre o afeto e as travestilidades. Como expõe Maria Clara Araújo (2015), a transfobia social e a produção do estigma colocam a população travesti e mulheres trans como não passível de receber afeto, imbricando em um processo de desumanização e precarização dessas vidas consideradas abjetas. As duas violências vivenciadas por Samantha e noticiadas nos jornais estavam relacionadas a conflitos com seus parceiros, indicando que a restrição do direito à afetividade para estes sujeitos se configurava enquanto um problema estrutural, que interligava muitas das histórias narradas nesta tese.

⁶⁵ Diário da Tarde, ed. 24349, 23/3/1983.

Mati Gonzáles Gil (2017), ao relatar e analisar suas experiências no campo afetivo, afirma que “las relaciones más cercanas de las personas trans están determinadas por un mensaje em donde el amor convive con la violència, el abuso, el vergueza y la discriminación. Hemos naturalizado que para nosotras el amor inevitablemente implica hacemos un poquito de daño” (González Gil, 2017, s/p). Compreendo que estas interdições da afetividade às travestis estão relacionadas a cisgeneridade, que segundo as leituras de Viviane Vergueiro (2016, p. 72) se configura enquanto “um conjunto de dispositivos de poder colonialistas sobre as diversidades corporais e de gênero, sendo tais dispositivos atravessados por outras formas de inferiorização e colonização interseccionais”.

O fragmento citado anteriormente ilustra, ao indicar um episódio de uma violenta briga entre Samantha e “seu ‘namorado’ por questões de dinheiro”, que diferentes aspectos perpassavam as violências sofridas pelas travestis, aproximando as afetividades das questões financeiras e econômicas. A busca por construir relacionamentos afetivos nas vivências travestis acabava, portanto, sendo perpassada por casos de violência, abuso e medo, visto que elas são consideradas, dentro da norma cisgênera, como identidades inviáveis, ininteligíveis, abjetas e subalternizadas.

A notícia da morte de Samantha trazia ainda algumas informações sobre sua família, especialmente seu pai, o funcionário público Nivaldo de Souza, que teria acionado a polícia após os funcionários do salão de beleza lhe informarem de seu desaparecimento. Segundo o jornal, “o pai da vítima, explicou que seu filho, desde que assumiu a condição de travesti, passou a morar separado da família. E que o havia visto pela última vez no dia 13, quando almoçaram juntos. Ele morava sozinho naquele apartamento e o restante dos seus companheiros são desconhecidos por parte de sua pessoa”⁶⁶.

Em outro trecho o jornal dizia que “Os vizinhos ao serem indagados responderam que não perceberam nada de estranho e que ‘Samantha’ desde o tempo que habitava aquele apartamento não havia incomodado ninguém. Desconheciam, porém, as pessoas que a visitavam”⁶⁷. A partir desses excertos observo a relação de Samantha para além dos bailes de

⁶⁶ Diário da Tarde, ed. 24349, 23/3/1983.

⁶⁷ Diário da Tarde, ed. 24349, 23/3/1983.

carnaval, levando uma vida reservada para seus familiares e vizinhos, enquanto buscava se cercar de amigos, como indica outro trecho da notícia:

Em fins de 79, "Lo" ou "Samantha", concedeu uma entrevista, quando declarou: "Não existem preconceitos ou importância com relação aos acontecimentos que me cercam, apesar de ter grande aversão por pessoas ignorantes, que estão ocupando mais a metade do nosso meio. Viver, mas com amigos que me aceitam como sou. Os demais prefiro ignorar ou pisar como vermes". Referia-se à posição de travesti que adotou aos 18 anos. Quanto a palavra travesti, sempre achou degradante, por isto, se considerava um ator transformista⁶⁸.

Novamente analiso, nas falas de e sobre Samantha, a imposição de limites entre sua figura pública nos palcos, sua vida íntima e profissional como táticas para manutenção de sua circulação em diferentes círculos sociais curitibanos, seja eles seu salão no centro da cidade, os teatros e a Sociedade dos Operários. O texto ao trazer a fala dos vizinhos e, principalmente, do pai de Samantha sobre seu desconhecimento dos companheiros que com ela conviviam, produz um gama de sentidos, em especial, quando afirmava que os dois haviam almoçado juntos nos dias anteriores. Observo a construção de um sentido de afetividade entre pai e filha neste ritual, ainda que vivessem afastados, maculando essa figura paterna.

Ao analisar as relações entre as redes familiares e as travestis, Rafael França G. dos Santos (2018) afirma que a principal tática utilizada é o “silenciamento vivido como forma de estabelecer e/ou manter laços familiares antigos ou novos. A frágil aceitação familiar em relação à transgeneridade foi marcada por um jogo perverso de silenciamento de si” (Santos, 2018, p. 294). Nestes momentos de tensão com suas famílias de origem as relações de amizade se tornavam fundamentais, visto que “as redes de amizade oferecem o suporte material e afetivo que potencializaram a continuação das vidas trans” (Santos, 2018, p. 290).

Como podemos observar nos trechos citados anteriormente, Samantha valorizava a companhia de “amigos que me aceitam como sou”. Conforme investigam Júlio A. Simões e Regina Facchini (2009), entre os anos 1950 e 1960, as festinhas, encontros e reuniões fechadas foram uma parte fundamental das sociabilidades homossexuais, principalmente, daqueles sujeitos pertencentes às camadas altas e médias da sociedade. O espaço de suas casas e

⁶⁸ Diário da Tarde, ed. 24349, 23/3/1983.

apartamentos tornavam-se um ambiente de legitimidade da identidade homossexual (Simões; Facchini, 2009).

Essa sociabilidade privada e as relações de amizade eram, portanto, fundamentais para aquelas experiências produzidas sob os signos da abjeção. Frente às hostilidades e agressões sofridas na esfera pública e, muitas vezes, nas relações familiares, Samantha afirmava viver e se cercar de amigos que a aceitavam tal como ela era. As amizades acabam, portanto, se transformando em espaços de “possibilidade real da criação de si, de invenção, efetivação e fortalecimento de projetos de subjetividades que não se restringem ao repertório historicamente imposto aos ditos marginais” (Santos, 2018, p. 163).

A partir destes elementos presentes no texto jornalístico construo hipóteses de que talvez Samantha tenha assumido para si uma postura reservada em relação a vizinhos e familiares como tática para manutenção de seus deslocamentos e a privacidade de seus relacionamentos amorosos, sexuais e de amizade. Ao mesmo tempo, em que na sua vida pública se apropriava dos palcos e passarelas como espaços de enunciação da identidade que reivindicava para si enquanto artista e transformista, como ela mesma se identificava.

As notícias sobre sua morte costuram esses dois aspectos que Samantha levava, aparentemente de maneira separada, de sua vida familiar, seus amigos, seus casos e sua persona artística. Na edição do dia seguinte o Diário da Tarde publicaria que um “grande número de familiares, parentes, bailarinas e travestis”⁶⁹ se reuniram para o sepultamento de Samantha, indicando a união dos diferentes sujeitos que envolveram seu cotidiano.

A busca do responsável pelo crime era conduzida pela polícia com a ajuda dos amigos de Samantha, que pareciam ter informações sobre seus envolvimentos amorosos e dos assíduos frequentadores de seu apartamento. A força policial seguia a procura de seu possível companheiro conhecido como “Italiano” que, segundo “os travestis que conheciam ‘Samantha’, seu companheiro era realmente violento e já havia se envolvido em outras brigas. Eles, porém, fazem questão de colaborar com a polícia e disseram que caso o encontrem avisarão na delegacia”⁷⁰.

⁶⁹ Diário da Tarde, ed. 4350, 24/3/1983.

⁷⁰ Diário da Tarde, ed. 4350, 24/3/1983.

No momento de investigação do caso era possível notar a mobilização, articulação e solicitude das travestis curitibanas. Novamente, os laços de amizade mostravam sua importância não só na “constituição de subjetividades homossexuais ou trans, mas certamente é um indício da potencialidade desta forma de relação, ligada à possibilidade de experiências” (Santos, 2018, p. 163) produzidas fora da cis heteronormatividade branca. Essa rede de amigos se transformava em mecanismo de uma engrenagem tática que contribuía para assegurar as (r)existências travestis em Curitiba.

Em outra publicação, veiculada dias depois no jornal Diário do Paraná, era apresentada a informação de que a polícia havia identificado o culpado, que se tratava “de um ex-presidiário e que teria realmente invadido o apartamento com a intenção de roubar”⁷¹. Para tanto, contaram com ajuda de uma testemunha “que era bastante ligada a vida do travesti”⁷².

A última menção ao caso fora veiculada em 20 de junho de 1983 no Diário do Paraná, indicando que após 3 meses de investigação a polícia tinha o ex-presidiário Ismael de Oliveira Sales, de 28 anos, como principal suspeito que, segundo informações, teria ganhado a “liberdade no final de 1981, quando passou a ter relacionamento com o conhecido travesti, ganhador de vários concursos carnavalescos do Opera-Rio”⁷³. Ao concluir as investigações as autoridades policiais “não mais estão convencidas da imediata captura de Ismael, o que poderia representar, além do esclarecimento da morte de ‘Samantha’, muitos outros crimes acontecidos na capital nos últimos meses”⁷⁴.

Os dois casos de agressão contra Samantha colocam em evidência o indivíduo despido de suas táticas de resistência. Considero que sua posição de classe e sua identificação enquanto artista e estrela do carnaval da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários lhe garantiam algumas proteções materiais como sua moradia no centro da cidade e seu trabalho como proprietária de um instituto de beleza. No campo dos afetos observo que havia espaço para manutenção de seus vínculos familiares, estando cercada por relações de amizade que lhe garantiam aceitação e acolhimento.

⁷¹ Diário do Paraná, ed. 4384, 05/5/1983.

⁷² Diário do Paraná, ed. 4384, 05/5/1983.

⁷³ Diário do Paraná, ed. 24423, 20/6/1983.

⁷⁴ Diário do Paraná, ed. 24423, 20/6/1983.

No campo amoroso e sexual, entretanto, suas relações apresentadas a partir do discurso da imprensa eram caracterizadas pela violência e abuso físico ou material, aspectos reforçados pelos periódicos ao associarem as travestis a desordem, criminalidade e agressões como elementos desqualificados de suas subjetividades e experiências. Um limite imposto pelas fontes analisadas que não me permite aferir a complexidade dos envoltivos afetivos de Samantha trago como hipóteses seu zelo ou imposição de outrem por discrição e privacidade, abrindo tais relações apenas a seu círculo de amigos.

A vida interrompida de Samantha permite outras reflexões sobre o silenciamento das afetividades das mulheres trans e travestis. Ao buscar afeto ela se encontrava em uma posição vulnerável, especialmente em um contexto em que, como afirma Jaqueline Gomes de Jesus (2015, p. 57), “o fascínio misturado com a abjeção tem sido de praxe na relação da sociedade brasileira com as travestis e mulheres transexuais”. Desejo e interdição marcam as relações afetivas e são reafirmadas nos discursos da imprensa, conforme pontua a autora, a mídia reforça os estereótipos que reduzem as travestis a objetos e mercadorias sexuais, ridicularizando quem se relaciona afetivamente com pessoas trans.

As vivências de Samantha se conectavam com as trajetórias de outras travestis que viveram em Curitiba no período analisado. Apesar de suas experiências serem marcadas por algumas particularidades, tais como sua posição de classe e sua constante busca por se diferenciar das demais travestis se afirmando como uma artista transformista. Samantha buscava o reconhecimento social a partir dos palcos de teatro, participando ativamente enquanto uma celebridade do Baile dos Enxutos do processo de constituição das passarelas do Operá-Rio e do carnaval como espaço e momento de enunciação de outras subjetividades que desafiavam e transgrediam a cis heteronormatividade. Considero também que sua representação na imprensa oscilava entre a violência presente em suas aventuras amorosas indicando os meandros de sua vida íntima, e as manchetes do carnaval apresentando a artista, vedete e estrela dos palcos e passarelas, a ser analisada na sequência.

No contexto analisado, o Baile dos Enxutos era central para a projeção das subjetividades travestis em Curitiba. Os salões da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários se constituíam enquanto um espaço de investimentos na materialização de sonhos e desejos, de exercícios performativos que anunciavam a imprevisibilidade do gênero. A festa

era, portanto, sinônimo de sucesso, tanto entre as travestis que concorriam no desfile, quanto entre a população curitibana que lotava a sede da associação.

A visibilidade alcançada pelos concursos de travestis no carnaval da capital paranaense e em outras regiões desencadeou no aumento da vigilância e mesmo na proibição dos bailes durante alguns anos da década de 1970. Em notícia publicada pelo Diário do Paraná em 24 de janeiro de 1975, foi veiculada informação a respeito da não realização do Baile dos Enxutos naquele ano. Durante este período a festa fora alvo do controle moral imposto pela ditadura civil militar no campo dos costumes e das sociabilidades da população. Alguns indícios como a alteração do nome do baile indicam as estratégias utilizadas com objetivo de evitar a censura e na medida do possível camuflar a participação das travestis, como indicou o texto analisado anteriormente, em que um dos membros da diretoria da Sociedade afirmava que “ficou convencionado chamar de Concurso de Fantasias, pega melhor”⁷⁵.

De acordo com Renan Quinalha (2018), a ditadura civil militar no Brasil foi estruturada em uma base ideológica que pregava a defesa da moralidade pública e dos bons costumes. Os Atos Institucionais se configuravam em um dos principais aparatos legais de efetivação deste regime, cujos objetivos eram a reconstrução econômica, política e moral do país, bem como o combate à corrupção e subversão. Neste contexto, a presença pública de corpos abjetos também compunha os cálculos de poder e governo da população, dessa maneira “se pode falar em uma ditadura hetero-militar, em que houve uma política sexual oficializada e institucionalizada para controlar manifestações tidas como ‘perversões’ ou ‘desvios’, tais como o erotismo, ‘a pornografia, as homossexualidades e as transgeneridades” (Quinalha, 2018, p. 31).

O Baile dos Enxutos era, portanto, também lido como uma atividade subversiva sendo alvo da vigilância e ação do Estado. A publicação do Diário do Paraná ao informar sobre a não realização da festa apresenta outro indício da participação de Samantha, veiculando que

O travesti Samanta, neste ano, não vai participar do tradicional Baile do Operário. Aborrecida, porque o Baile dos Enxutos não será mais realizado. Samanta vai pintar por outras plagas. Samanta deu seu depoimento: “O nosso baile era uma das poucas atrações turísticas do Carnaval curitibano. Agora tudo acabou”⁷⁶.

⁷⁵ Tribuna do Paraná, 7/3/1973.

⁷⁶ Diário do Paraná, 24/1/1975.

A curiosidade acerca da realização ou não do Baile dos Enxutos, bem como da participação de Samantha nas festividades de carnaval indicavam o interesse do público leitor do jornal em acompanhar essa movimentação, transformando-a em notícia. Este aspecto confirmava a centralidade da festa no contexto da sociedade curitibana, ao passo que revelava as tramas da busca por controle do lazer da população dentro de um projeto político e moral, associados a cis heteronormatividade branca.

A repressão ao Baile dos Enxutos emerge, portanto, em diálogo com o contexto ditatorial vivenciado pela sociedade brasileira e com o processo de construção da auto imagem de Curitiba como a capital “modelo”. A presença pública das travestis era cerceada pelo jogo de luz e sombras, como classifica Renan Quinalha (2018) ao abordar as ações coercitivas que recaiam sobre as sociabilidades abjetas, isto é,

Enquanto se mantivessem nas sombras do anonimato dos armários ou nos guetos em que se escondiam, os homossexuais podiam existir e fazer o que quisessem com seus corpos. O problema era quando vinham à luz e ocupavam o espaço público, reivindicando uma existência e um lugar político na sociedade (Quinalha, 2018, p. 36).

Os registros no jornal, seja na forma de grandes reportagens com manchetes e fotografias que ocupavam uma página da edição ou as pequenas menções em meios as colunas publicadas no periódico, permitem acompanhar os deslocamentos de Samantha por Curitiba, ou seja, são pequenos focos de luz que enunciam suas afirmações públicas. São indícios que percorri com o objetivo de compreender o processo de emergência da subjetividade travesti na cidade “modelo”, acompanhando em escala micro e macro as táticas e negociações estabelecidas com a finalidade de garantir a (r)existência em um espaço normatizador como meio urbano.

Na nota apresentada anteriormente, a fala de Samantha reforçava a importância do baile ao afirmar que “O nosso baile era uma das poucas atrações turísticas do Carnaval curitibano. Agora tudo acabou”⁷⁷. Esta sua afirmação é um fio condutor para análise que busquei desenvolver, ao colocar o Baile dos Enxutos como uma atração turística do carnaval curitibano, Samantha o localizava como uma tradição não oficial ou não assimilada pelo poder público a

⁷⁷ Diário do Paraná, 24/1/1975.

imagem da capital “modelo”. Além disso, ao usar o pronome nosso baile ela entrelaçava a cidade e essa tradição carnavalesca às vivências e sociabilidades das travestis na capital, afinal no espaço da festa e do desfile o show era delas.

O carnaval, enquanto uma manifestação cultural, concretiza a apropriação dos espaços por meio do lazer, humanizando o cotidiano urbano (Neca; Rechia, 2020). O protagonismo das travestis no Baile dos Enxutos era parte desse processo de humanização da cidade, contribuindo para construção de um Curitiba pulsante, viva e insurgente. Esta outra capital enunciada durante o festejo carnavalesco e na vivência das travestis impunha contradições ao discurso oficial da cidade “modelo”, tais tensões podem ser observadas nas tentativas de normatização e invisibilização das narrativas constituídas a partir dos deslocamentos de figuras como Samantha. Não é ao acaso que a sede da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários enquanto um lugar de memória das travestis em Curitiba fora lançado ao esquecimento.

Para Caroline Blum (2017, 18) “o carnaval é também uma atividade reflexiva que produz o estranhamento em si, a dramatização de tensões e contradições do mundo social”. Como indica a fala de Samantha ao se apropriarem do Baile dos Enxutos, as travestis curitibanas transformaram aquelas passarelas em um lugar de sociabilidade, de projeção de suas personalidades, de troca e compartilhar de saberes, bem como de disputas que marcaram a constituição de suas subjetividades.

Conforme argumenta Elias Veras (2015), em sua tese sobre a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza, o carnaval e os discursos da imprensa em relação a festa podem ser interpretados “como heterotopias de gênero, que, ao instaurarem uma ruptura provisória com o cotidiano, suspendem (temporariamente) normas de gênero e possibilitam a criação de relações singulares” (Veras, 2015, p. 71). Segundo o autor, é neste cenário que emerge a subjetividade travesti no Brasil, em um momento de uma reorganização dos espaços públicos e privados, no qual os festejos carnavalescos se afirmavam como lugares de maior liberdade, glória, glamour e visibilidade para sujeitos como Samantha.

A participação do restante da sociedade no Baile dos Enxutos era marcada, como indicava a matéria publicada pela Tribuna do Paraná e analisada anteriormente, pelo uso de máscaras pelas mulheres da sociedade curitibana. Esta seria uma estratégia para resguardar as identidades e valores morais desses sujeitos, que adentravam um espaço marcado pela presença

das travestis. Tais máscaras representavam a busca por estabelecer fronteiras e distanciamentos, impedindo o perigo de associação entre as famílias das altas camadas sociais e as perigosas e imorais travestis.

Elas eram marcas das tensões entre a cidade “modelo” – construída pela oficialidade – e a cidade insurgente dos sujeitos abjetos. Como colocam as investigações de Rita de Cássia C. Rodrigues (2016), sobre a relação entre a cidade do Rio de Janeiro e a presença de sodomitas, bagaxas ou não, travestis, transformistas e homossexuais masculinos “(...) à parte esse processo que historicamente tem como marca a pretensão a uma dada moralidade e a higienização, a vida que pulsa em seus desvãos opera com códigos próprios, rica em práticas inventivas, capazes tanto da constituição de territórios como de articulações impensáveis” (Rodrigues, 2016, p. 92).

A fala de Samantha era concluída com um lamento “agora tudo acabou”, indicando a não realização do Baile dos Enxutos. Observo como a visibilidade alcançada pelo baile e, conseqüentemente, pelas travestis que participavam do concurso de fantasia, se constituiu enquanto uma importante plataforma para irradiação das vozes travestis, que produziam sentidos a partir do carnaval como rainhas, enquanto que fora dele elas eram deslocadas para zonas de marginalidade e violência.

Por meio desse jogo de sentidos, os indícios dos deslocamentos de Samantha em Curitiba chegam até o presente. Suas vitórias no Opera-Rio a tornaram uma figura destaque, seus passos eram acompanhados pelos jornais locais, como indicava outra nota publicada no Diário do Paraná, na qual era informado que “para alegria de certos foliões, a ‘travesti’ Samantha voltará este ano às passarelas”⁷⁸. Suas menções em pequenas notas, notícias e mesmo reportagens publicadas esporadicamente nos jornais locais eram como fios que se dobram, embolam e ramificam. Como indica Ginzburg (2006), sobre o trabalho e método do historiador, tais fios da história podem ser comparados “aos fios de um tapete chegados a este ponto, vemo-los a compor-se numa trama densa e homogênea. A coerência do desenho é verificável percorrendo o tapete com os olhos em várias direções” (Ginzburg, 2006, p. 170).

Seguindo a tecitura de tais fios encontro a matéria publicada em 10 de fevereiro de 1978 no Diário do Paraná, cujo título *Samanta, o adeus sem fantasia do povo que ela amou* anunciava sua despedida das passarelas do Opera-Rio. Novamente a visibilidade ganhada pelo Baile dos

⁷⁸ Diário do Paraná, 27/1/1976.

Enxutos colocava em evidência a trajetória de Samantha, ou seja, o palco da sociedade se configurava como um espaço de projeção das travestis na sociedade local, um local de afirmação de suas subjetividades.

O primeiro parágrafo do texto informava que Samantha não iria usar fantasia no baile daquele ano, fazendo parte da Comissão Julgadora, ela “(...) apenas num momento deixará de participar do júri, que vai eleger a melhor do ‘concurso de fantasia’ e desfilará na passarela onde viveu os seus maiores momentos de glória”⁷⁹. Considero que as vitórias e glórias alcançadas pelas travestis nas passarelas do Opera-Rio, como indicava o texto ao se referir a Samantha, apontavam para as relações de força entre o espaço normativo público ou privado das cidades e as apropriações criadas por estes sujeitos como uma expressão criativa e (r)existente.

Compreendo existir entre as travestis e a Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários o movimentar de duas operações desenhadas por Michel de Certeau (2014) no livro *Invenções do Cotidiano*, como “estratégias [que] apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto de tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder” (Certeau, p. 102). Sendo assim, considero que tanto o tempo do carnaval, como o espaço dos palcos do Opera-Rio, eram locais que permitiam a uso tático pelas travestis da visibilidade do Baile dos Enxutos como forma de projetarem suas imagens para além da exclusão, silenciamento e abjeção que marcavam suas vivências urbanas.

Diante dessa possibilidade de uso e consumo do espaço da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários, a figura de Samantha projetava-se como uma estrela e celebridade do carnaval. Sua apresentação na notícia que anunciava seu afastamento do concurso de fantasia contava com um resumo de sua participação no Baile dos Enxutos, principalmente de suas vitórias, destacando que

Nesta pequena passarela ela começou em 1972, com a fantasia de Diamante Negro, conquistando o 2º lugar; em 1973, era a vitoriosa com Viúva Alegre; nos dois anos seguintes, para tristeza geral dos concorrentes, não houve concurso. Em 1976, Samanta voltava ao Operário e com Broadway ficava em

⁷⁹ Diário do Paraná, 10/02/1978.

segunda colocação, no ano passado, inspirada em Catarina de Todas as Rússias, retornava ao seu primeiro lugar⁸⁰.

Este excerto informava os leitores sobre os sucessos de Samantha, endossando sua imagem como estrela do Baile dos Enxutos. Cabe analisar os nomes por ela atribuídos às fantasias como *Diamante Negro*, *Viúva Alegre*, *Broadway* e *Catarina de Todas as Rússias*. Considero que a nomeação das fantasias estava associada ao ato de criar e costurar a sua subjetividade, aspectos que advinham dos símbolos por elas enunciados. Dessa maneira, se entrelaçavam referências a preciosidade e raridade das gemas de diamante negro, a ópera, os teatros e a imperatriz russa, apresentando algumas características que nos permitem conhecer Samantha como a importância dos espetáculos em suas vivências, suas pretensões artísticas, a afirmação de imponência e autoestima nas escolhas de suas fantasias como atos enunciativos de si.

Considero que a fantasia Viúva Alegre apresentava uma relação, tanto de referência a nomenclaturas associadas a homossexualidade no período como gay ou rapaz alegre, quanto de intertextualidade com a ópera de mesmo nome composta por Franz Lehar em 1905, com letra de Victor Leon e Leo Stein, e adaptada ao cinema em 1925, 1934 e 1952. A obra narra a história de um pequeno país e os planos de seu governador para que a “viúva alegre” não gastasse sua fortuna em Paris, ou para que ela não caísse nas mãos de um usurpador – o que provocaria a falência do principado. Para que o dinheiro permaneça no país o “charmoso” e mulherengo conde Danilo foi incumbido da tarefa de seduzir e casar-se com a viúva.

Em relação a fantasia Catarina de Todas as Rússias compreendo tratar-se de uma referência a Catarina II, que diante da inabilidade de seu marido Pedro III para governo do império e sua morte precoce, foi proclamada imperatriz de todas as Rússias. Seu reinado foi marcado pela extensão dos limites dos seus domínios, investimento na melhoria da agricultura e da indústria, renovação das leis e defesa dos ideais iluministas. Tanto a figura da rainha, quanto a da viúva, apresentam-se como mulheres fortes, inteligentes e donas de seus próprios destinos, seja administrando suas fortunas ou governando um império. Ambas as personalidades possuíam vidas amorosas agitadas, marcadas por relacionamentos interessados, traições e mesmo pela viuvez.

⁸⁰ Diário do Paraná, 10/2/1978.

Ao se apresentar nas passarelas do Opera-Rio com tais fantasias, Samantha narrava histórias que, possivelmente, se relacionavam com suas vivências concretas e com a imagem que desejava projetar de si. Além disso, ao trazer essas referências em suas fantasias ela nos informava sobre seu capital cultural, seu nível de instrução e conhecimento, elas eram elementos de distinção entre Samantha e as demais fantasias que eram apresentadas no desfile. O figurino e os adereços utilizados no corpo eram parte de um discurso enunciado pelas travestis curitibanas em sua noite de estrelato no calendário local, ou seja, a segunda-feira de carnaval no Baile dos Enxutos.

As fantasias eram incorporadas aos atos performativos de gênero, isto é, a estilização repetida do corpo por meio de “gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um ‘eu’ generificado permanente” (Butler, 2018, p. 3). Ao compreender que o gênero é constituído por atos corporais específicos, Butler considera as possibilidades de transformações culturais presentes em tais processos de fazê-lo, dramatizá-lo e reproduzi-lo. Observo que no contexto do desfile de fantasias as travestis evidenciavam o caráter provisório do gênero, quando encenavam outras subjetividades e formas de utilizarem o corpo.

Ainda de acordo com Butler (2018), compreendo que as travestis encontravam no contexto dos palcos e passarelas maior passabilidade, uma vez que “as performances de gênero em contextos não teatrais são regidas por convenções sociais claramente mais punitivas e reguladoras” (Butler, 2018, p. 11). Ao trazer os atos performativos do gênero para o cotidiano, as travestis rompiam com as convenções entre ficção e realidade “na rua ou no ônibus, o ato se torna perigoso, se realizado, porque simplesmente não há convenções teatrais delineando o caráter puramente imaginário do ato; não existe, na rua ou no ônibus, qualquer presunção de que o ato é diferente da realidade” (Butler, 2018, p. 12)

Samantha afirmava-se assim como estrela no show do carnaval, o que justificaria a atenção dispensada pelo jornal aos seus desfiles no Opera-Rio, bem como em sua despedida reportada com uma notícia específica, que ocupou parte da página cujo conteúdo estava dedicado a homenagear a Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários. A diagramação do período constrói uma associação entre este local histórico da comunidade trabalhadora curitibana e a figura da travesti como uma artista, entrelaçando elementos considerados tradicionais da sociedade local e as novas subjetividades urbanas. A subjetividade de Samantha

era abordada na imprensa associada a este prisma artístico do teatro, rompido apenas nas notícias que retratavam suas agressões e as confusões de aventuras amorosas, único momento dentro do discurso dos jornais em que a conhecemos sem plumas, paetês e fantasias.

Sua despedida dos desfiles no ano de 1978 transformou-se em notícia e ela alçou espaços no meio público. Ao final do texto publicado pelo Diário do Paraná, em 10 de janeiro de 1978, seguiam algumas afirmações suas, indicando que seria “(...) uma despedida do ‘povo que me ama, deste povo maravilhoso de Curitiba’. No Opera-Rio, Samanta esquece o seu registro de identidade e se torna apenas uma ‘transformista’ simplesmente Samanta. E passa a ter uma visão muito amável do mundo”⁸¹.

A maneira como era apresentada a despedida de Samantha nas linhas acima citadas, bem como a sua fala reproduzida no texto do jornal, apresentavam alguns indicativos do lugar social por ela ocupado. Ao ser colocada como transformista, isto é, um ator que performava uma expressão de gênero tipicamente associadas ao sexo oposto, considero que sua trajetória encontra ressonância no contexto brasileiro geral analisado por Elias Veras (2018), segundo o qual a palavra travestis, muitas vezes entre os anos 1950 e 1970, era utilizada como sinônimo de fantasia, fazendo referência as bonecas e transformistas que assumiam uma visibilidade pública provisória, durante o carnaval e os espetáculos teatrais.

A relação que Samantha estabeleceu com o povo de Curitiba e outros posicionamentos seus, expressos mais adiante na análise, contribuem para localizar sua trajetória neste contexto de transição, definido por Elias Veras, como a passagem do tempo das perucas ao tempo farmacopornográfico, no qual

as coloridas imagens de travestis com o corpo hormonizado e siliconado, que circularam nas revistas e na cobertura televisa dos bailes carnavalescos atuaram na constituição visual do novo sujeito, revelando a estética do gênero na constituição do sujeito travesti, misturando tradições visuais norte-americanas (star), europeias – notadamente francesas (vedette) – e brasileiras (mulatas) (Veras, 2018, p. 351).

A imagem apresentada de Samantha congregava algumas destas características, sendo colocada como estrela e vedete dos bailes do Opera-Rio. Seus passos eram constantemente mencionados nos jornais, suas fantasias, suas fotografias eram veiculadas nas edições, assim

⁸¹ Diário do Paraná, 10/2/1978.

como algumas entrevistas. O espaço das passarelas e do carnaval se configuravam, portanto, como lugares fundamentais para projeção e afirmação da subjetividade pública e, posteriormente midiaticizada, de Samantha.

Em 11 de julho de 1978 outra notícia publicada no Diário do Paraná com a manchete *Operário faz seu desfile em setembro* anunciava a realização do Baile dos Enxutos em comemoração à entrada da primavera. A celebração contaria com diferentes competições de dança e o tradicional desfile de fantasias comandado pelas travestis. Ao realizar o baile fora de época a Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários confirmava seu sucesso de público e a visibilidade da festa no contexto curitibano.

O subtítulo “*SAMANTHA*” presente na notícia trazia algumas críticas da travesti ao baile dizendo que não participaria da celebração por dois motivos, primeiro porque “não tem mais condições. Há falta de uma grande seleção, com pessoas se inscrevendo para desfilarem apenas para não pagarem a entrada, o que é uma falta de consideração à classe dos homossexuais”⁸², e segundo porque teria sido convidada para voltar a trabalhar no teatro que já era “um ponto mais elevado do que uma passarela”⁸³.

Na continuação da notícia, Samantha afirmava sua intenção de “parar de frequentar ‘certos lugares’ pois não pode mais ser considerada um travesti que desfila no Opera-Rio”⁸⁴. Segundo ela, sua fase de aparecer e se promover teria acabado, sua trajetória de vitórias lembradas no texto da notícia reafirmam a importância do baile em seu processo de alcançar visibilidade até o ano de 1978 “quando entregou o título, ‘pela primeira vez chorei na passarela ao despedir-me ao som da Valsa do Adeus’”⁸⁵.

Estes trechos confirmavam a ligação de Samantha com o Baile dos Enxutos e o uso estratégico do espaço do baile como plataforma de projeção da sua imagem. Ao mesmo tempo em que indicavam sua busca por tentar se diferenciar das travestis que continuavam a competir nas passarelas do Opera-Rio, uma vez que ela teria acessado um lugar superior que seria os palcos do teatro. Observo duas chaves de análise para a relação estabelecida por Samantha em relação aos desfiles e a sua busca pela carreira nos espetáculos. Em primeiro lugar, por meio do

⁸² Diário do Paraná, ed. 6939, 11/7/1978.

⁸³ Diário do Paraná, ed. 6939, 11/7/1978.

⁸⁴ Diário do Paraná, ed. 6939, 11/7/1978.

⁸⁵ Diário do Paraná, ed. 6939, 11/7/1978.

diálogo com a obra de Michel de Certeau (2014), analiso o seu uso tático das passarelas, compreendendo tática como uma ação calculada do “fraco” que se dá no espaço do outro, em que a partir desse não-lugar o sujeito “tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (Certeau, 2014, p. 101).

Em segundo lugar, considero que apesar de utilizar os salões do Opera-Rio inicialmente de maneira tática, Samantha buscava distinguir-se das demais travestis que frequentavam o Baile dos Enxutos, alçando espaços que considerava possuírem maior capital cultural como os teatros. Tomando por base as colocações de Pierre Bourdieu (1974) analiso que Samantha assumia e negociava determinadas posições e distinções de classe, ainda que frequentasse os locais de sociabilidade travesti, diferenciava-se destas pela posição social de sua família, pertencente a classe média curitibana. Analisar sua trajetória exige, portanto, não perdermos de vista que

Uma classe social nunca é definida somente por sua situação e por sua posição numa estrutura social, isto é, pelas relações que elas mantêm objetivamente com as outras classes sociais; ela deve também muitas de suas propriedades ao fato de que os indivíduos que a compõem entram deliberadamente ou objetivamente em relações simbólicas que, expressando as diferenças de situação e de posição segundo uma lógica sistemática, tendem a transmutá-las em distinções significantes (Bourdieu, 1974, p. 63).

Ao buscar firmar uma carreira no teatro enquanto um espaço de distinção social e capital cultural, Samantha reafirmava sua posição de privilégio e suposta superioridade frente às demais personalidades que apresento nesta tese. Em outras matérias publicadas no jornal eram apresentadas algumas informações que confirmam sua posição social distinta como proprietária de um salão de beleza no centro da cidade, vivendo sozinha em um apartamento localizado também no centro, bem como a posição social de seu pai como funcionário público. Observo que tais aspectos evidenciam uma questão estrutural, ou seja, como a asse atravessa os sujeitos, constituindo a sociedade e no caso em específico facilitando os usos e espaços acessados por Samantha distinguindo-a e influenciando inclusive na afirmação de sua subjetividade travesti enquanto parte do mundo dos espetáculos e do transformismo.

Relaciono a valorização do teatro presente na fala de Samantha com o contexto nacional de ascensão de figuras como Weluma Brown⁸⁶, Rogéria⁸⁷, Thelma Lipp⁸⁸, Claudia Celeste⁸⁹, entre outras. Considero essa influência a partir da fala em que afirmava que já havia trabalhado em teatro, segundo ela: “mas nos meus tempos de pivete. Hoje, se voltar, vai ser em uma mais elevada, para levantar ou cair de vez. E para isto já estou pondo minha anatomia em forma”⁹⁰. A partir dos elementos apresentados observo a constante busca de Samantha por diferenciar e projetar-se em outros espaços sociais. Outro elemento que se destaca na notícia eram suas críticas ao Baile dos Enxutos, especialmente em relação às concorrentes presentes nas últimas edições do evento, indicando que

(...) um fato muito importante para seu afastamento dos desfiles de fantasia é a grande invasão, nestes concursos de simples homossexuais, que se dizem travestis apenas nestas horas. Com o que Samantha não concorda, pois travesti, diz, é um ator transformista, e é assim que se define. Desta maneira, nos camarins, durante os concursos, os verdadeiros travestis estão sujeitos a navalhadas, fantasias cortadas e plumas quebradas por esta não seleção observadas nestes bailes, afirma Samantha⁹¹.

Observo neste trecho a compreensão de Samantha acerca da definição da subjetividade travesti, associada a imagem de um ator transformista, denunciando em seguida os conflitos existentes nos camarins do Baile dos Enxutos devido à falta de critério para seleção das concorrentes. Além de reafirmar sua diferença em relação aos demais, ela toma por base uma autodefinição da travestilidade enquanto atuação e transformismo, dialogando com a noção do teatro e da vida artística como um meio de reconhecimento e distinção social.

⁸⁶ Weluma Brown, negra e travesti, foi reconhecida no meio artístico e dos espetáculos internacionais entrando para a história da televisão no Brasil como uma das Chacretes do programa A Buzina do Chacrinha. Além disso, foi Diretora Geral da ASTRAL/Rio, falecendo em 2013, como legado que marca a luta do movimento social das travestis e mulheres trans.

⁸⁷ Rogéria foi uma atriz, cantora e maquiadora de grande sucesso no teatro e na TV brasileira. Nascida no Rio de Janeiro em 25 de maio de 1943, faleceu em 2017 aos 74 anos.

⁸⁸ Thelma Lipp, nascida em São Paulo em 1962, foi uma modelo e atriz, mais conhecida como jurada do quadro “Eles e Elas” do Clube do Bolinha. Thelma faleceu em 2004 aos 42 anos.

⁸⁹ Claudia Celeste nasceu no Rio de Janeiro em 14 de julho de 1952, considerada a primeira travesti a atuar como atriz em novelas brasileiras. Depois de anos de carreira como atriz e dançarina, Claudia veio a falecer em 13 de maio de 2018.

⁹⁰ Diário do Paraná, ed. 6939, 11/7/1978.

⁹¹ Diário do Paraná, ed. 6939, 11/7/1978.

Em seu caminho de afirmação, Samantha expressava alguns comentários e opiniões conservadores e juízos de valor sobre as passarelas do Opera-Rio, sobre as travestis e suas modificações corporais. Observo que tais posicionamentos respondiam às táticas de reconhecimento e passabilidade social justificando em partes o destaque de Samantha nos discursos da imprensa. O Baile dos Enxutos apresentava-se, primeiramente, enquanto um meio de sociabilidade e projeção das subjetividades travestis em Curitiba, sendo também apropriado por ela.

Ainda que buscasse diferenciar-se, o Opera-Rio representava um lugar comum de afirmação em suas vivências e de outras travestis curitibanas no período analisado, isto é, era um dos primeiros espaços nos quais elas projetavam suas subjetividades públicas nos desfiles e contavam suas histórias e suas fantasias. Compreendo que a partir desse caminho Samantha adentrava os salões da sociedade, e nos anos seguintes se firmava enquanto estrela da festa, alçando voos em outros palcos como o teatro.

Por fim, a compreensão da travestilidade apresentada por Samantha indica o processo de emergência desses novos modos de reconhecimento e invenção de si, operacionalizado pelas travestis durante as décadas de 1960 e 1970. Conforme Lopes (2018), compreendo que os espaços de fruição da boemia, das festas populares e da vida noturna favoreceram a construção das sociabilidades homoeróticas e da enunciação de uma nova subjetividade, formatada por um processo de diferenciação historicamente forjado. Inicialmente compreendida por meio de “expressões, sentidos e imagens que ajudaram a naturalizar a travestilidade como disfarce, como diversão momentânea, como condição fugaz e passageira” (Lopes, 2018, p. 57) até “as travestis da primeira geração, promoveram, pela primeira vez, a invenção de uma nova subjetividade, não mais limitada ao período do carnaval ou às apresentações teatrais” (Lopes, 2018, p. 58).

De acordo com Fábio Henrique Lopes e Marina Silva Duarte (2021), a segunda metade do século XX marcaria a emergência de uma primeira geração das travestilidades, assim denominadas pela coragem e criatividade de entregarem-se à desterritorialização de si, “sem contar com o saber, as orientações, as dicas, a proteção e os cuidados das mais experientes, as chamadas ‘mães’ ou ‘madrinhas’, tão recorrentes e importantes na vida de mulheres trans das gerações seguintes, ousaram deixar a condição de estar em travesti e passar, a partir da década

de 1960, a viver como travestis” (Lopes; Duarte, 2021, p. 152). Considero que as declarações de Samantha sobre o ser travesti estavam emaranhadas a tais processos de emergência das travestilidades, dos movimentos de ocupação e criação dos shows de travestis nos teatros e posteriormente nos canais de televisão, das carreiras internacionais e dos avanços das modificações corporais, da ingestão dos hormônios e do silicone industrial.



FIGURA 15. Fotografia de Samantha, publicada no Diário do Paraná em 20 de junho de 1983.

Novamente vinculo a imagem de Samantha para presentificar sua mensagem em relação às táticas de (re)existir na capital que se queria modelo. Seu sorriso, os bordados e pedrarias presentes em suas vestimentas, a maquiagem, o cabelo feito e o ato de assumir e criar para si uma vida artística emergiam como uma afirmação, como um ato de criar espaços de enunciação e performance de novas formas, sujeitos, novos caminhos e possibilidade do ser. Além disso, como advertência final, a imagem de Samantha destaca a importância de marcar não somente as trajetórias travestis, mas também de racializar tais travestilidades e demarcar os percursos das travestis negras tão presentes nos contextos analisados e ao mesmo tempo tão invisibilizados pelas pesquisas acadêmicas.

2.2 PRIMAVERA BOLKAN NO TEMPO DO CARNAVAL E DAS RUAS

Dê sua desculpa, mas compareça à noite ao Operário essa era manchete que anunciava o carnaval de 1973 na edição do Diário da Tarde. O Baile dos Enxutos, celebrado como uma

das principais festas carnavalescas de Curitiba, era o “momento esperado por figurões e empregados. É um momento de confraternizar”⁹². Observo que estes festejos emergiam no discurso do jornal como um tempo-espço de afrouxamento das normas sociais, um intervalo no cotidiano urbano, como indica o seguinte trecho:

Hoje é a noite das mil desculpas e onde o mais alto figurão mistura-se ao mais simples trabalhador, pulando, brincando e divertindo-se a valer; muita gente já levou as esposas para a casa da sogra ou à praia para poder ficar à vontade na festa que já é tradicional no carnaval curitibano: "Concurso de Fantasias" da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários⁹³.

Como uma fuga das convenções e normativas sociais, o carnaval parece criar um espaço sem as desigualdades, papéis de gênero e classes sociais, no qual trabalhadores e “figurões” se uniam em festa. A alegria e diversão abriam possibilidades à reescrita de uma outra realidade, ainda que temporária e aparente. Com desculpas, os maridos despistavam suas esposas para que pudessem apreciar o concurso de fantasia e as travestis. Como argumenta Peter Burke (2010), em suas investigações sobre as festas populares e os processos de reforma da cultura popular, o carnaval era uma ocasião de êxtase e liberação, “uma época de desordem institucionalizada, um conjunto de rituais de inversão. Não admira que os contemporâneos o chamassem de época da ‘loucura’ em que reinava a folia. As regras da cultura eram suspensas” (Burke, 2010, p. 327).

O texto publicado no Diário da Tarde apontava para dualidade dos dias de carnaval e do cotidiano urbano. É justamente neste jogo de afrouxar das normas sociais, de visibilidade e extravasar dos desejos que encontro a personalidade apresentada neste tópico. Sua trajetória se torna visível no discurso da imprensa em pequenas partes, quase sempre à margem, em breves citações e comentários. É um desafio recriar seus passos apenas pela leitura dos discursos produzidos pelo status quo da imprensa local, ligada a setores tradicionais e conversadores.

A partir do uso tático dos espaços das edições dos jornais dedicados a descrever e relatar o carnaval curitibano, Primavera Bolkan enunciava-se enquanto travesti, negra e pobre, apresentando suas demandas e reivindicações. Os discursos sobre as festas carnavalescas eram como plataformas utilizadas como lugares de potência política, de visibilidade e reconhecimento aquelas que desfilavam e competiam no Baile dos Enxutos.

⁹² Diário da Tarde, ed. 21878, 5/3/1973.

⁹³ Idem.

Para além da apropriação do espaço do carnaval observei que a trajetória de Primavera indica outros jogos em relação às experiências no espaço e tempo da cidade. Percebo e buscarei demonstrar isto ao longo deste tópico, a alternância entre o tempo das ruas e o tempo da festa, ou seja, o movimento entre o cotidiano urbano e o intervalo das festividades. Ao analisar o quadro *A Batalha entre o Carnaval e a Quaresma* (1559) de Pieter Bruegel, Burke (2010) essa luta entre dois grupos, o primeiro representando o carnaval a partir de elementos como a taberna e um cavaleiro obeso e outros elementos da cultura popular tradicional, o segundo a esquerda do retrato representava a Igreja, com um cavaleiro magro, indicando as tentativas de reformar ou suprimir as festas populares.

Compreendo que a batalha entre a quaresma e o carnaval, analisada por Burke (2010), ofereça caminhos teóricos para o entendimento da alternância entre o cotidiano e as festividades ou tempo das ruas e o tempo das festas em Curitiba. Considero que estes períodos apresentavam duas éticas ou modos rivais em movimento “a ética dos reformadores [ou do cotidiano] se fundava na decência, diligência, gravidade, modéstia, ordem, prudência, razão, autocontrole, sobriedade e frugalidade” (Burke, 2010, p. 362) e a “ética tradicional [das festas populares e do carnaval] mais difícil de se definir, pois tinha menos clareza de expressão, mas que envolvia uma ênfase maior nos valores da generosidade e espontaneidade e uma maior tolerância em relação à desordem” (Burke, 2010, p. 362).

A partir destas noções sobre as operações táticas cotidianas e a alternância entre o tempo das ruas e das festas, busco investigar os deslocamentos de Primavera Bolkan. Nas primeiras menções identificadas nos jornais o aspecto que despertou atenção foi seu nome próprio, revelando talvez alguns indícios da imagem de si por ela construída. Se autoneamar Primavera indicava uma relação de intertexto entre o eu constituído e a estação do ano, na qual as flores desabrocham, depois dos meses de inverno, e os dias são longos e ensolarados. Emilene Leite de Sousa (2016), ao produzir um ensaio antropológico sobre o ato de nomear na comunidade sertaneja de Capuxu, afirma que nomear é trazer à existência, sendo um meio fabricante da pessoa, um signo de identidade, que revela as formas de identificação, interação e distinção.

O sobrenome Bolkan acrescentava a imagem de Primavera uma referência a atriz cearense Florinda Bolkan, um ícone do cinema brasileiro e uma das atrizes mais celebradas dos anos 70, com fama e reconhecimento internacional, atuando em mais de 50 filmes como *Os*

Deuses Malditos, do diretor italiano Luchino Visconti e *Investigação sobre um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita*, de Elio Petri. A junção destes nomes e sua auto atribuição informavam sobre um trabalho sobre si, com base nas colocações de Wiliam S. Peres (2012, p. 540) sobre o conceito foucaultiano de parrhêsia, considero que o ato de Primavera apontava para “coragem de dizer sobre si, de expressar uma posição social e política diante do mundo, dos outros e de si (...) assumindo um lugar que lhe permite sentir bem, construir sua estética da existência”, ainda que muitas vezes esta afirmação de si signifique uma exposição a violência.

Ao analisar o ato de nomear como parte do processo de constituição da pessoa, do estabelecimento de relações sociais e de construção da sua estética da existência, compreendo ser significativa essa escolha de nomes. Como um marco do cuidado de si e da constituição do sujeito de poder, em que se autoneamar coloca as travestilidades “como processualidade em trânsito situadas entre a afirmação de suas verdades ousadas, corajosas e afirmativas de suas estilísticas da existência diante de determinações do sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais” (Peres, 2012, p. 540). Ao se enunciar como Primavera Bolkan ela criou para si uma subjetividade que nos informava algo sobre uma vida iluminada, desabrochando como a estação das flores, ou ao menos era essa imagem que ela gostaria de passar, o que não significava que assim fosse de fato. Além disso, o sobrenome indica uma busca por visibilidade, reconhecimento, sucesso e estrelato ao se associar à trajetória de uma atriz de sucesso.

Não à toa essa primeira menção a Primavera, na edição do Diário da Tarde publicada em 05 de março de 1973, mencionava sua presença no baile realizado no sábado de carnaval na Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários. Na notícia ela comentava que estava na cidade para participar do Concurso de Fantasias no Baile dos Enxutos. O texto a apresentava da seguinte forma:

(...) Exibindo-se sempre rente ao salão "Primavera" (travesti de São Paulo) - figura magra, sem alguns dentes, vestida de azul cintilante, gesticulava com absoluta desenvoltura. É a primeira vez que ela participa do carnaval no Operário. Soube dele em São Paulo através de uma "amiga" e resolveu este ano matar a curiosidade. Num certo momento da noite, "Primavera" saiu. Foi descansar e reclamou muito dos curitibanos: - Olhe, aqui eles puxam minha peruca. Não gosto disso. Vim ganhar o concurso de segunda-feira⁹⁴.

⁹⁴ Diário da Tarde, ed. 21878, 5/3/1973.

Os elementos apresentados neste trecho, como as características físicas de Primavera, indicam a maneira como ela seria retratada no discurso da imprensa local e qual papel seria a ela atribuído. É significativo que ela esteja à margem do palco e, justamente, se apropriando dessas margens nas notícias e entrevistas dos jornais, que identifiquei as falas de Primavera. Advinda de São Paulo, negra e de origem social baixa, como indica a informação estrategicamente mencionada sobre as condições de sua arcada dentária, ela era apresentada diferindo-se, por exemplo, da personalidade analisada anteriormente. Samantha, ao contrário, era alçada à celebridade no Baile dos Enxutos, de família tradicional curitibana, com uma posição de classe média, ela era colocada como estrela do Opera-Rio e dos palcos de teatro, recebendo reconhecimento como artista transformista e centralidade dentro das edições dos periódicos, que se colocavam a narrar o carnaval.

Após sua estreia no Baile dos Enxutos em 1973, Primavera seria mencionada novamente no Diário da Tarde em 18 de novembro de 1980, na notícia policial *Estudante desmente agressão*, texto com uma chamada na capa e uma foto de seu rosto agredido. Segundo o texto, no dia 25 de outubro, o estudante Paulo Sérgio Ogg teria assaltado e atacado Primavera. Em sua declaração à polícia ele alegava ter estado com a travesti, negando, no entanto, ser o autor da agressão e do furto, contando que

(...) naquela noite regressava de uma festa com seu Passat vermelho placa Al-2733, quando ao passar pela Rua Cruz Machado, avistou uma mulher nas proximidades do Cine Condor. Como estava a fim de fazer um “programa”, deixou que ela entrasse no carro. Neste momento um outro Corcel ocupado por alguns elementos também estacionou logo atrás. Rapidamente colocou seu veículo em movimento, e na altura da Rua 13 de Maio, sua companheira se identificou como travesti. Perturbado com tal declaração, pediu que deixasse o carro, porque não estava acostumado com este tipo de “programa”. O travesti respondeu que só sairia caso recebesse o dinheiro correspondente ao “programa”.

(...) Como novamente mandou que saísse, o travesti abriu a porta e deixou o carro, alegando que por ser “bonita” não teria dificuldades em conseguir outros clientes. Ocasão que o mesmo Corcel que estava o seguindo estacionou atrás, e de seu interior desembarcaram alguns elementos que passaram a agredir o travesti. Pensando que se tratava de um assalto foi embora o mais rápido possível. Ele declarou ainda que só deu um empurrões, na ocasião em que o travesti havia aberto a porta de seu carro⁹⁵.

⁹⁵ Diário da Tarde, ed. 23445, 18/11/1980.

Em seu depoimento, Paulo buscou apresentar outros indivíduos como atores da agressão. Se colocava na posição de vítima enganado pela visão de uma mulher, que depois se revelaria ser uma travesti, enunciado este que apresenta uma regularidade na explicação dada pelos homens sempre que confrontados sobre seu envolvimento com as travestis, especialmente nos conteúdos policiais da imprensa. Além disso, dizendo-se assustado com a possibilidade de ser assaltado por estes outros elementos, que supostamente os estavam seguindo, ele fugiu diante da cena de agressão à Primavera. Na sequência do texto publicado pelo jornal era mencionado que ele teria sido identificado por Primavera como seu agressor.

Como indica Jaqueline Gomes de Jesus (2018), os caminhos históricos da população trans no Brasil ainda estão por ser escritos. Segundo a autora, é necessário “alimentar trabalhos que se aprofundem na memória de nossa população e, com isso, fortaleçam a nossa consciência” (JESUS, 2018, p. 392). A trajetória de Primavera era parte dessa memória, suas experiências intercalavam o brilho dos bailes de carnaval e a violência das ruas. Seu cotidiano era, assim como de outras travestis, mulheres e homens trans no passado e presente, alvo de preconceito, desatendimento de direitos fundamentais, exclusão estrutural e outras formas “(...) de violências variadas, de ameaças a agressões e homicídios, o que configura a extensa série de percepções estereotipadas negativas e de atos discriminatórios contra homens e mulheres transexuais e travestis que caracterizam a institucionalidade da transfobia no Brasil (Jesus, 2018, p. 388).

Pode parecer um desvio da temática geral do capítulo analisar este caso de violência contra Primavera, entretanto, apesar de discutir prioritariamente neste espaço o carnaval e a presença travesti em Curitiba, compreendo ser fundamental conhecer a totalidade das trajetórias dos sujeitos desta pesquisa. A publicação veiculada anteriormente apresenta outros aspectos das experiências de Primavera, permitindo preencher algumas lacunas sobre seus deslocamentos. Deduzo a partir dessas informações que embora ela tivesse visitado a capital em 1973 para conhecer o Baile dos Enxutos, em algum momento, até ser matéria do jornal novamente, ela fixou residência na capital, indicando que possivelmente ela construiu uma rede de apoio e amizades que contribuíram para permanência na cidade.

Primavera buscava sua sobrevivência nas pistas, isto é, por meio da prostituição como indicava o texto anterior. Sua presença nas ruas e esquinas ganhou visibilidade mediante a sua exposição à violência. Megg Rayara (2018, p. 74) afirma que ao longo do século XX “o espaço

destinado às travestis se divide entre a prostituição e o teatro de revista. São existências marginalizadas, restringidas à vida noturna”. Inserida neste contexto, Primavera ocupava os espaços das noites e no discurso da imprensa era posicionada às margens ou nas páginas policiais, diferente do tratamento recebido por Samantha que conhecemos no tópico anterior. Apesar de veterana nos bailes de carnaval, como outras matérias indicaram, ela não chegou a ser alçada a celebridade, recebendo matérias de destaque sobre seus percursos nas passarelas.

Ao comparar as trajetórias de Samantha e Primavera retratadas através do discurso dos jornais observo as diferentes formas de reconhecimento e abordagem das experiências das travestis que circulavam nos palcos e nas ruas. Neste caso, considero que as posições de classe de ambas influenciavam diretamente no modo como elas eram vistas pela sociedade. Ainda que compartilhassem algumas vivências, tais como a violência advinda de seus parceiros amorosos ou sexuais, compreendo que, conforme argumenta Pierre Bourdieu (1974, p. 56) “a posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social nunca pode ser definida completamente de um ponto de vista estritamente estático, isto é, como posição relativa (‘superior’, ‘média’ ou ‘inferior’) numa estrutura dada em determinado momento do tempo”. Ao analisar os deslocamentos destes sujeitos, diferentes aspectos se interpõem como sua posição de classe, sua raça, seu gênero e sexualidade.

O Diário do Paraná também mencionava o caso de violência contra Primavera, veiculando algumas informações complementares como o fato de Paulo Sérgio Ogg ser indicado como filho de um magnata. Na linguagem e apresentação dos acontecimentos a abordagem do periódico era irônica, com doses de humor e ridicularização, como é possível observar na sequência:

O caso está sendo investigado na Delegacia de Homicídios e o autor já confessou, pelo menos a agressão. Ele voltava de uma festa, naquele dia, quando, passando pela Cruz Machado, parou o carro ao lado de uma bela morena e a convidou para entrar. "Ela" não se fez de rogada. Entrou e cruzou as pernas, no melhor estilo.

TRAVESTI

Como é, vamos fazer um programa? Perguntou o rapaz sem olhar direto no rosto da morena. “Eu sou travesti”, respondeu "Primavera". Começou aí a discussão, porque o rapaz queria fazer o mais caro e não queria pagar nada para a "donzela". Resultado: "Primavera" recebeu socos que acabaram por provocar hematomas graves.

(...) Na delegacia, apenas a incredulidade dos policiais: "O rapaz até que é bonito, mas fazer programa com aquilo? Não é possível"⁹⁶.

A linguagem empregada na notícia ao utilizar recursos como humor da fala dos policiais ou as aspas indicando o sentido deslocado do termo donzela ao se referir a Primavera contribuía para amenizar ou desqualificar a gravidade da agressão deferida a uma travesti. Ao noticiar um caso de violência por meio de um texto que buscava extrair do leitor o riso e o escárnio para com a agredida, o discurso posicionava tais sujeitos em um lugar marginal e de abjeção. Afirmo que Primavera passa a ser compreendida socialmente, tal qual nas análises sobre a travestilidade de William S. Peres (2012), como um ser abjeto, cuja "abjeção se incumbe da desapropriação de qualquer reconhecimento ou direito que um ser humano possa ter por inexistir para a inteligibilidade lógica das compreensões normativas, ou seja, sem visibilidade não é reconhecido como sujeito, se não é sujeito não existe, logo não pode ser tomado como ser de direitos" (Peres, 2012, p. 541).

O jogo de condenação e associação da subjetividade travesti ao ridículo e a violência construído nos discursos da imprensa contribuía para posicioná-las em um lugar social de abjeção. A partir dessa marginalidade os enunciados que mencionavam Primavera eram em geral secundários, escritos nas bordas de suas páginas. Ao contrário de Samantha, Primavera não era colocada como protagonista nestes espaços. Um exemplo deste tipo de conteúdo é a edição do Diário do Paraná, em 25 de fevereiro de 1982, na qual apesar da grande quantidade de fotos publicadas das travestis em suas fantasias, a maioria não era identificada, ou seja, seus nomes não importavam bastando seus corpos expostos.

Primavera era citada no trecho "(...) também muito aplaudido foi Primavera Bolkan, com a fantasia 'Você tem dado em Casa?'"⁹⁷. Essa citação marca sua presença no Baile dos Enxutos, ainda que ocupasse um lugar às margens no discurso da imprensa. Considero que Primavera fazia um uso tático dessa visibilidade alcançada nos bailes de carnaval. Algumas falas suas eram publicadas em matérias que se dedicavam a descrever os bailes, apropriando-se desse espaço das edições ela tornava-se autora de seus próprios enunciados. Uma ação no

⁹⁶ Diário do Paraná, ed. 7653, 18/11/1980.

⁹⁷ Diário do Paraná, ed. 8036, 25/2/1982.

espaço das margens pautando uma visibilidade ao centro, seu uso tático dos jornais, como coloca Michel de Certeau (2014, p. 46),

Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições, etc.) são do tipo táticas. E também de modo mais geral, uma grande parte das maneiras de fazer: vitórias do fraco sobre o mais forte (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de caçadores, mobilidades da mão-de-obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia (Certeau, 2014, p. 46).

Compartilho desta leitura teórica de Michel de Certeau (2014), sobre os esquemas de ação e maneiras de fazer dos usuários. Compreendo que a visibilidade de Primavera nas páginas da imprensa era perpassada pelo tencionar dos sistemas impostos da cis heteronormatividade branca e das artes de utilizar. Ainda que os jornais, como um lugar de poder, lhe atribuíssem um papel secundário no carnaval e ridicularizassem sua existência nas notas policiais, Primavera apropriava-se deste espaço e o utilizava para expressar suas opiniões nas poucas linhas conquistadas, como um pequeno sucesso, um golpe, uma astúcia.

O carnaval de 1985 foi destaque nas edições do Correio de Notícias, Primavera e sua fantasia Muda Brasil eram mencionadas no texto, que indicava as campeãs da noite e os acontecimentos da festa. Alcançando o segundo lugar na categoria fantasia do Baile dos Enxutos, uma foto sua fora publicada, era uma das únicas vezes que apareceria com destaque nas coberturas da imprensa sobre o carnaval,



FIGURA 16. Fotografia de Primavera Bolkan no Baile dos Enxutos da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários, publicada no Correio de Notícias em 20 de fevereiro de 1985.

A foto mostra Primavera exibindo sua fantasia com os braços abertos e o corpo exposto, levemente coberto por pedrarias e plumas. Ao cruzar o contexto do carnaval de 1985 e o nome de sua fantasia Muda Brasil considero que ela estabelecia um diálogo com o processo político do país, fazendo referência ao fim da censura e a redemocratização. Observo que durante a década 1980 as fotografias dos corpos desnudos das travestis passaram a receber maior destaque nas coberturas do carnaval por parte da imprensa, este fato pode estar relacionado ao período histórico brasileiro, como também a popularização dos procedimentos estéticos, dos hormônios e do silicone industrial, dividindo inclusive a competição do Baile dos Enxutos em duas categorias fantasia e plástica.

Não obstante, a imagem de Roberta Close em uma das edições da revista Playboy, em 1984, colocou a modelo como um ideal de feminilidade a ser alcançado pelas travestis e mulheres trans. Intensificou-se, portanto, a busca por moldar o corpo se beneficiando da

abertura política do país e dos avanços do regime farmacopornográfico. Elias Veras (2018, p. 349-350) aponta que neste contexto “entre ruínas e promessas, os modelos tradicionais associados ao masculino e ao feminino, assim como os estereótipos de gênero e de raça, foram questionados e fissurados, seja pela emergência das novas tecnologias produzidas e difundidas pela ciência e pela mídia, seja pela atuação dos movimentos brasileiros (com suas conexões internacionais), feminista, negro e homossexual”.

Ainda sobre o carnaval de 1985, destaca-se o texto publicado no Correio de Notícias que veiculava algumas entrevistas com as concorrentes e veteranas do concurso. Primavera figurava entre uma das entrevistadas, no entanto, suas falas não foram publicadas, a notícia apenas indicava sua concordância com os apelos de Daniele Cristine sobre o descaso do governo brasileiro em relação a emissão de novos documentos pessoais para aquelas que, assim como ela, reivindicavam uma identidade feminina para si. A emergência desta questão no jornal aponta para a intensificação dos processos de reivindicações de novas identidades, seja no âmbito das transformações corporais ou no reconhecimento do Estado a legitimidade desses sujeitos.

Outra característica nos discursos da imprensa em relação à representação de Primavera pode ser observada nesta matéria do Correio de Notícias, em que ela manipulava uso tático da visibilidade do Baile dos Enxutos para criação de um espaço de reivindicações políticas e sociais. No carnaval de 1986, quando entrevistada pela equipe do jornal, Primavera inicia reclamando do resultado do concurso e em seguida tece alguns comentários sobre a sociedade, afirmando que “a gente vem aqui, gasta um dinheirão com a fantasia, derrama charme pelo salão e temos este troco. Assim não dá, sempre somos marginalizados em todos os locais. A sociedade brasileira ainda é terrivelmente machista, só que os machões são doidos pela gente. É muito cinismo junto, você não acha?”⁹⁸.

Sua fala é potente e politiza sua presença no carnaval e na sociedade, indicando as contradições sociais em relação ao tratamento dispensado às travestis. Primavera questiona e escancara o jogo de luz e sombras de desejo e abjeção que envolve suas vivências. Como expõe Jaqueline Gomes de Jesus (2018), o processo histórico de lutas e a busca por autonomia das travestis e mulheres trans em relação a conquista de direitos e ao combate a transfobia no Brasil,

⁹⁸ Correio de Notícias, ed. 1392, 13/2/1986.

“o espaço reservado a nossa população é o da exclusão extrema, sem acesso a direitos civis básicos, sequer ao reconhecimento da identidade. Temos de lutar muito para termos garantidos os nossos direitos fundamentais, tais como o direito à vida” (JESUS, 2018, p. 388).

No mesmo carnaval de 1986, outra fala de Primavera foi publicada na Tribuna do Paraná em meio aos anúncios das vencedoras, das confusões e brigas de camarim. Apresentada como veterana e campeã do terceiro lugar na categoria fantasia, ela era indicada como uma “velha conhecida de outros carnavais, já habituada aos prêmios nos desfiles gays”⁹⁹. Ao ser entrevistada pela equipe do jornal, ela apresentou as seguintes opiniões:

Primavera Bulkan não arriscou palpites (o importante é competir), mas tem consciência de classe: "Ninguém dá emprego pra gente, e temos que viver como marginais, fugindo da polícia". Ela pediu que fosse instalada uma casa de shows de travestis, para abrir o mercado de trabalho em Curitiba, e se queixou da "crise econômica" que, com a Aids e a inflação, está de amargar a vida dos gays¹⁰⁰.

Para além das intrigas internas sobre as fantasias e polêmicas sobre a escolha das campeãs, aspectos próprios da competição que envolvia o Baile dos Enxutos, o comentário de Primavera apresenta outros elementos que compunham o cotidiano das travestis em Curitiba. Novamente, ela faz um movimento que politiza o carnaval para além da beleza de seus corpos e fantasias, ela se apropria do espaço do carnaval para registrar as dificuldades que perpassam o cotidiano das vivências travestis.

Na década de 1980 soma-se a repressão policial, a discriminação social, a desinformação e o medo em relação a emergência de uma nova e misteriosa doença, prontamente apontada como “peste gay”. De acordo com os autores Marcio Caetano, Claudio Nascimento e Alexsandro Rodrigues (2018), “como se não bastassem os discursos que alimentavam a construção de um corpo doente aliada à repressão social/ policial que restringia o afeto ou sociabilidade, na maior parte do século XX, a população LGBT foi tatuada com outras marcas, agora as oriundas da epidemia”. A somatória dessas pautas impulsionaria a articulação e mobilização dos movimentos políticos. As organizações que pautavam as demandas das travestis e mulheres trans surgiram a partir desse contexto, principalmente nos

⁹⁹ Tribuna do Paraná, 12/2/1986.

¹⁰⁰ Tribuna do Paraná, 12/2/1986.

anos 90, o que não exclui sua movimentação e a construção de outras formas de resistência nas décadas anteriores.

Estudos como de Megg Rayara (2020) e outras(os) pesquisadoras(es) indicam tanto a presença das travestis em diferentes contextos históricos, como a organizações de diferentes táticas de resistência. O movimento de apropriação do espaço das edições do jornal pelas travestis, em decorrência da realização do Baile dos Enxutos, realizado pela fala de Primavera, era uma ação no espaço do outro. Uma tática que contribuía para registrar as dificuldades materiais por elas enfrentadas no dia-a-dia, ao mesmo tempo em que reivindicava e propunha ações que poderiam trazer melhorias nas suas condições de vida. Sua fala era consciente e indicava o processo de politização desses sujeitos em um momento de redemocratização do país e mobilização dos movimentos sociais.

A década de 1990 foi marcada pela organização de encontros e criação de associações que buscavam avançar na conquista de direitos à população trans. Entretanto, conforme indicam Sara Wagner York/ Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior, Megg Rayara Gomes Oliveira, Bruna Benevides (2020),

Foram as travestis que ajudaram a constituir e estruturar o Movimento Gay, e acabaram ficando de fora das ações políticas desenvolvidas por ele. Vale lembrar que a luta contra a despatologização do “homossexualismo” não trouxe consigo a causa trans. E a construção deste corpo travesti passa por uma disputa no campo epistemológico com narrativas que trazem, além do olhar observador, a representatividade e o pertencimento ao grupo que vinha sendo estudado, apenas sob o olhar cisgênero (York/Gonçalves Junior; Oliveira; Benevides, 2020, p. 5).

A partir desse lugar que as travestis e mulheres trans organizariam suas lutas, que inclusive remontam a um passado anterior ao século XX, considero que as falas de Primavera dialogavam com as diferentes formas de resistências das travestis ao longo da história construídas, principalmente, por meio de seus corpos, vozes e gritos. Enquanto sujeitos políticos ativos, as travestis sempre estiveram em luta, principalmente quando a passividade era sinônimo de não existência. Assim, ao serem “exotificadas, demonizadas, hiperssexualizadas, patologizadas, abusadas, banalizadas e úteis a muitos campos quando convém. Mas sempre donas de si. Donas de nossas não cisgeneridades, donas de nossos corpos a ponto de fazermos

o que quisermos com eles. Inclusive, pedir a responsabilização de nossos alçozes de vida e de morte” (York/Gonçalves Junior; Oliveira; Benevides, 2020, p. 5).

A partir das falas de Primavera apresentando os problemas cotidianos e as demandas compartilhadas com outras travestis com quem dividia os palcos e as pistas, observo a dinâmica entre as diferentes temporalidades do carnaval e a das ruas. Com base nas elucubrações teóricas sobre a percepção subjetiva do tempo e sua articulação com os modos de vida e tipos de sociabilidades nas sociedades considero, como indicava Fernand Braudel (1992) em suas análises sobre o mundo mediterrâneo, que a história e vida social possuem diferentes ritmos.

De acordo com Jorge Machado (2012), comportamentos simbólicos, como as formas de vestir e celebrar, contribuem para a construção das unidades de tempo que organizam a vida cotidiana. Cada sociedade seria organizada conforme um tempo social dominante, isto é, “um tempo, baseado numa prática social preponderante, estrutura e polariza o ritmo em torno do qual se articulam os outros tempos” (Machado, 2012, p. 14). Tais percepções e significados atribuídos ao tempo físico tem por função garantir a produção das condições necessárias à sobrevivência, contribuindo também para a constituição das normas e valores sociais.

Maria Helena Oliva-Augusto (2002) afirma que vivemos na sociedade do trabalho, na qual o ser social é mediado pelos conceitos de trabalho e tempo do trabalho. Baseada nestes apontamentos considero que a organização da vida em Curitiba no período analisado também possui seus ritmos e percepções próprios que determinavam o dia-a-dia e as suas festividades. Ao investigar, especificamente, as experiências das travestis na capital, compreendo por meio da análise da trajetória de Primavera que seu cotidiano estava distribuído entre duas temporalidades: a da rua e a do carnaval. Na primeira elas buscavam sua sobrevivência a partir do trabalho com o exhibir dos corpos e a prostituição nas esquinas, praças e ruas. É nesse tempo e espaço que elas garantiam suas condições de existência e sociabilidade, marcado por trocas subjetivas, aprendizagens, mediações comerciais e, também, repressões e violências.

No tempo do carnaval elas se tornam visíveis no espaço dos bailes, apropriando-se do afrouxar das normas sociais nos dias de festejos carnavalescos. Usavam as passarelas da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários como lugar de projeção de suas subjetividades e de promoção de si. Nessa mediação das práticas e dos tempos elas desenvolviam diferentes táticas de resistência de visibilidade e reconhecimento como personalidades centrais nos

festejos carnavalescos da sociedade local, na temporalidade do carnaval. Além disso, no espaço e tempo das ruas suas ações se pautavam nas negociações com as autoridades, principalmente a força policial, no uso do corpo, do grito e da articulação coletiva como meio de alçar suas demandas e necessidades diárias.

Como é possível observar na matéria publicada no Diário da Tarde, em 06 de maio de 1983, sobre a prisão de 14 travestis que realizavam *trottoir* na Praça João Cândido próxima ao Opera-Rio, no tempo das ruas o tratamento a elas dispensado era outro. As suas respostas às violências exigiam uma adaptação de suas táticas da apropriação do espaço para a negociação com as forças disciplinadoras da esfera pública. Primavera estava inclusa no grupo de detidas, que ao serem enquadradas pela polícia protestavam contra este abuso e afirmavam ter um acordo, que lhes garantia o salvo conduto para utilizarem aquele local como ponto de prostituição. Essa notícia sugere algumas questões, que analisarei a seguir, sobre as vivências travestis na temporalidade das ruas.

Em primeiro lugar, analiso o local em que foram apreendidas, a Praça João Cândido no bairro São Francisco. Considero ser simbólica sua presença justamente neste espaço localizado nas proximidades da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários e das Ruínas de São Francisco, dois lugares que marcaram parte da história dos trabalhadores e da população negra em Curitiba. O espaço do Opera-Rio ao longo de sua história servira de púlpito, dando visibilidade às demandas populares dos trabalhadores locais e, posteriormente, de enunciação das subjetividades travestis na cidade “modelo”.

Do outro lado da Praça João Cândido estão as Ruínas de São Francisco, uma materialização da presença negra em Curitiba, como argumenta Glaucia Pereira do Nascimento (2020) ao indicar que a primeira pintura da cidade realizada por Jean Baptiste Debret em 1827 apresentava, justamente, a Igreja de São Francisco de Paula em construção. O quadro registrava ainda um homem negro não escravizado, como indicavam sua toca barrete frígio, símbolo da liberdade ou emancipação na época, cortando pedras. Na pintura há ainda um mastro representando uma marujada, que consistia em manifestação cultural negra em agradecimento a São Benedito, pela graça de uma travessia pacífica pelo oceano Atlântico.

Essas digressões são fundamentais para entender a Praça João Cândido como um lugar praticado, isto é, um espaço produzido a partir dos usos e operações de seus usuários. Considero

ser esta praça portadora de um passado renegado e invisibilizado pelos discursos da cidade “modelo”, ela enuncia uma outra Curitiba que vive e se transforma por meio dos usos impostos pelos sujeitos. Este local carrega em si uma série de feitura de espaço como o histórico de reivindicações trabalhistas elaboradas na Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários que, abandonada pela administração municipal, cedeu lugar a um estacionamento particular, e as Ruínas de São Francisco que permanecem quase em silêncio como um amontoado de pedras, que poucos sabem o que significa ao lado de casarões restaurados, que se dedicam a atualizar narrativas sobre a capital construída por mãos brancas.

Entre estes dois lugares se posicionavam as travestis, ocupando este entremeio da praça e seus entornos, utilizando o espaço público como meio de subsistência e de enunciação de si. Assim como a cidade “modelo” colocava no esquecimento o passado dos trabalhadores em luta e da participação da população negra em sua construção, as travestis eram cerceadas e repreendidas pelas ações policiais. Compreendo que esse local se tornava, devido a seu passado e presente, parte fundamental dos percursos de constituição das subjetividades travestis em Curitiba, como meio de ganho das condições para sobrevivência, de sociabilidade e resistência como é possível observar nos desdobramentos dos relatos sobre essas apreensões.

O segundo aspecto importante trazido nesta matéria sobre a apreensão do grupo de 14 travestis na Praça João Cândido eram as informações e os protestos realizados por elas e relatados no jornal. Entre as figuras centrais do ocorrido, conforme o texto do Diário da Tarde, estava Sara, de 27 anos, residente em Londrina, enfermeira diplomada, casada com um bancário e “com o passaporte pronto e passagem marcada para a França”¹⁰¹. Ela era apresentada como a mais revoltada das apreendidas

Dizia que estava respeitando as ordens do delegado, ou seja, não desfilar com as pernas e seios para fora. Porém acabou sendo preso com o uso da violência e permaneceu mais de 12 horas detido. Em sua opinião não pode ser presa e acusada de vadiagem, já que trabalha e porta todos os documentos pessoais e profissionais¹⁰².

O trecho acima informa que a revolta de Sara estava baseada na injustiça de sua prisão, visto que portava “todos os documentos pessoais e profissionais”, esta sua afirmação apontava

¹⁰¹ Diário da Tarde, ed. 24385, 6/5/1983.

¹⁰² Diário da Tarde, ed. 24385, 6/5/1983.

para como eram organizadas as ações de repressão das travestis na esfera pública. De acordo com Rafael Freitas Ocanha (2018), ao investigar as ações da Ditadura Civil Militar em São Paulo, as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela expansão das sociabilidades voltadas a população LGBT, pelo lançamento de periódicos alternativos como *Lampião da Esquina* e a fundação de grupos organizados como SOMOS e o Movimento Homossexual Brasileiro, “mas nem tudo eram flores nestes tempos de chumbo. Polícia, políticos conservadores, comerciantes e moradores estavam incomodados com a maior liberdade conquistada pela população LGBT” (Ocanha, 2018, p. 79-80).

O subterfúgio utilizado para repressão dessa parcela da população – sendo as travestis as principais afetadas – era o seu enquadramento na Lei de Contravenção Penal, especialmente, em seu art. 59, cujo texto dizia: “Entregar-se alguém habilmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastante de subsistência, ou provar a própria subsistência mediante ocupação ilícita. Pena de prisão simples de 15 (quinze dias) a 3 (três) meses”¹⁰³. Baseada neste artigo a ação policial requeria que as travestis circulassem portando documentos que comprovassem sua identidade e um vínculo de trabalho formal.

Em São Paulo, como informa Rafael Freitas Ocanha (2018), foi criada uma equipe especial em 1976, que sob o comando de Guido Fonseca apreendeu aproximadamente 460 travestis, coordenando um estudo criminológico com o objetivo de mensurar a periculosidade de cada uma das apreendidas. Esse quadro agravou-se em 1977 com aprovação da Lei 6416/77 que proibia o pagamento de fiança para tal contravenção. Considero a partir da fala de Sara que tais prisões e perseguições também ganharam espaço em Curitiba, constituindo-se em um meio legal de punição e vigilância a estes sujeitos caracterizados pelo discurso normativo como perigosas ameaças à ordem pública, isto é, a ordem cis heteronormativa.

A notícia apresentava também Veroneza e Priscila, que estavam revoltadas e denunciavam uma outra travesti que, por possuir melhores condições financeiras, havia sido libertada mediante o pagamento de gratificação ao policial. Sara se unia ao grupo nas reclamações, indicando “que anteriormente travesti era detido e não apanhava. Agora os policiais estão até atirando e assim dando a entender que somos os bandidos mais procurados

¹⁰³ BRASIL, Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941.

da cidade”¹⁰⁴. Rafael Freitas Ocanha (2018) apresenta em suas investigações que as rondas policiais eram noticiadas nos jornais como operações de limpeza, enquanto as entrevistadas cedidas pelas travestis denunciavam a violência das abordagens policiais.

A polícia enquadrava as travestis como perigosas e criminosas por meio de rondas, ações violentas e prisões, estes eram alguns dos elementos estratégicos que buscavam manter a ordem cis heteronormativa. Mediante a tais ações as travestis elaboravam suas táticas de resistência, como é possível observar nos trechos retirados do Diário da Tarde. Aquelas munidas de dinheiro e bens negociavam com a polícia, as demais faziam uso de artifícios como suas vozes e corpos, causando confusões e escândalos que permitissem a fuga, o encaminhamento a hospitais, a visibilidade da imprensa e do público. A revolta e os protestos de Sara, Veroneza, Priscila e as demais apreendidas se caracterizavam enquanto um uso tático, a partir delas ganharam visibilidade e espaço nos jornais, denunciando a violência da polícia e as injustiças de suas prisões.

Na continuação da notícia o subtítulo *UMA GUERRA* indicava a ideia de luta e conflito entre forças antagônicas sem considerar as desigualdades desse confronto, visto que a força policial possuía legitimidade para agir contra as travestis. As ações da polícia, e muitas vezes o discurso do jornal, configuravam-se enquanto artes dos fortes, atos estratégicos executados por sujeitos de querer e poder, baseados em um lugar das instituições, de disciplina, normas e controle (Santos, 2018). Em resposta, as travestis faziam uso deste espaço do outro e com astúcia organizavam suas próprias formas de resistência, por meio do enfrentamento e também das negociações, como informa o trecho a seguir:

A maior parte dos travestis detidos durante a operação, relatou que conseguiram por parte da polícia um acordo para ficarem na Praça João Cândido, após as 23 horas. Não poderiam andar em turmas e promover desordens. Já que em caso de alguma reclamação seriam detidas. Também receberam ordens de não andarem com roupas que atentem a moral. Porém agora acontece que a cidade está sendo invadida por dezenas de travestis de outras cidades. E são eles que desfilam quase sem roupas na praça e ainda promovem desordens. Mas não são presos. porque correm com a aparição do primeiro carro policial. E no final as que não correm porque conhecem o acordo feito com a polícia, acabam sendo presas. E o pior é que agora é com violência. Ontem um dos travestis foi preso abaixo de tiros. Dando continuidade a denúncia, “Sara” apontou os travestis “Patrícia”, “Monique”,

¹⁰⁴ Diário da Tarde, ed. 24385, 6/5/1983.

“Istela” e “Katia” como sendo os que promovem desordens naquela praça. Todos são de fora e “Monique” sempre carrega uma faca na bota¹⁰⁵.

Para além da microfísica do poder, da constituição de normas acerca das vestimentas, dos corpos das travestis e sua circulação pelo espaço urbano, esse trecho nos indica as negociações estabelecidas entre os sujeitos, ou seja, suas trocas, manipulações e maneiras de fazer. Como indicado por Michel de Certeau (2014, p. 93), ao construir conceitos como estratégias e táticas, “o que distingue estas daquelas são os tipos de operações nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar”. Considero que o acordo com a polícia e o tumulto eram acionados pelas travestis como forma de resistir e garantir seu acesso às ruas e ao espaço público.

Outro aspecto que sobressai no trecho acima é o conflito entre dois grupos de travestis, sendo o primeiro aquele que compartilhava do acordo com os policiais e buscava seguir suas regras e o segundo composto por aquelas recém chegadas à cidade, que além de não se inserirem nas negociações com as autoridades policiais, criavam situações de confusão e desordem. A partir da leitura de Norbert Elias na obra *Sobre o Tempo* (1998), considero o papel coercitivo do tempo na experiência das travestis resistentes em Curitiba, visto que o tempo permite transmitir de um ser humano para outros imagens e memórias que dão lugar a uma experiência, mas que não podem ser percebidas pelos sentidos não perceptivos. Os indivíduos constituíram-se a partir de um patrimônio de saber já adquirido, fruto de um longo processo de aprendizagem “a coerção do tempo é de natureza social, posto que é exercida pela multidão sobre o indivíduo” (Elias, 1998, p. 21).

Compreendo que uma das formas de diferenciação entre as travestis teria como base o tempo e as experiências compartilhadas, como era o caso do acordo com a polícia e o código de postura que este estabelecia, que construía uma cultura própria, sendo

a reunião de elementos originais e elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos. Como qualquer cultura, elas não são homogêneas sem ser, por esta razão, incoerentes. As culturas populares são, por definição, culturas de pequenos grupos sociais subalternos. Elas são construídas então em uma situação de dominação. (...) Neste sentido, as culturas populares são culturas de contestação (Cucho, 1999, p. 149).

¹⁰⁵ Diário da Tarde, ed. 24385, 6/5/1983.

As travestis, portanto, reunidas no espaço urbano construiriam e compartilhariam uma rede de códigos, de táticas, de saberes, que se apropriavam e transformavam ou subvertiam seus corpos, suas montagens, as ruas, as praças e parques. Ao se colocarem nas vias públicas elas exerciam pressões e expunham as possibilidades do gênero, para além do sistema binário e da linearidade do sexo, gênero e desejo. Desta feita, eram identificadas pelas autoridades policiais e pelos discursos do Jornal como inimigas de um modelo de cidade planejada, higiênica, racional e moderna.

De acordo com Durval Muniz (2007, 31), compreendo que a narrativa histórica se compara ao ato de tecer, ou seja, “é relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem orientado no final”. Com esta concepção de História não limitei as análises das temáticas centrais deste tópico que eram inicialmente o carnaval e Primavera, uma vez que ao consultar as fontes e conhecer sua trajetória, outras questões foram colocadas e novos fios somaram-se a sua trama. A partir destes vestígios compreendi que as experiências de Primavera se desdobraram neste jogo entre o tempo do carnaval e das ruas, sua participação ainda que pequena no episódio da prisão das 14 travestis a insere neste grupo e conecta-se com as denúncias que registrava na imprensa, acerca das condições precárias que enfrentavam nas ruas e no mercado de trabalho em Curitiba.

Assim, na temporalidade da festa, ela apropriava-se das brechas e margens das coberturas jornalísticas ao carnaval, fazendo uso tático da visibilidade e dos discursos da imprensa. Na passarela o afrouxamento das normas sociais no período carnavalesco a lançava como estrela e vedete da noite, somando-se às ruas como um espaço de enunciação de si. No tempo das ruas a força policial se colocava como principal agente de imposição disciplinar. Neste contexto as táticas se adaptavam em pequenas negociações, no uso dos acordos e dos meios materiais, como o dinheiro. O ato de revoltar-se ou causar escândalo, também emergia de maneira tática, uma vez que, mobilizava a atenção dos periódicos e da população, tornando visíveis suas denúncias.

As notícias analisadas até o momento foram os indícios que localizei nos jornais consultados sobre os deslocamentos de Primavera em Curitiba. O carnaval de 1986 foi sua última menção, suponho que parte dos obstáculos das suas aparições na imprensa era sua

posição de classe, sua raça e seus trânsitos na prostituição. Todos estes aspectos lhe afastavam da posição de celebridade ou vedete do Opera-Rio nos discursos dos periódicos, apesar de ser veterana nos desfiles.

A última informação que obtive de Primavera foi quando visitei o jazigo coletivo, doado por Márcia Regina¹⁰⁶, para que as travestis de Curitiba tivessem a dignidade de serem sepultadas, mantendo seus nomes e identidades. A lápide informava uma data 11 de março de 1992, o que seria naquele ano uma semana após o carnaval, encerrando o tempo dos confetes e das flores e anunciando um legado que temos o dever de manter vivo.

2.3 OUTRO RECORTE: BABY PANKADA E A BUSCAR POR HUMANIZAR AS TRAVESTILIDADES

Como o título do capítulo indica, o intuito é discutir algumas cenas do carnaval curitibano, especificamente aquelas ocorridas no Baile dos Enxutos. Nos tópicos anteriores acompanhei as trajetórias de Samantha e Primavera Bolkan, no entanto, ao longo da leitura das fontes, outros nomes também ganharam destaque nos bailes da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários tais como Márcia Regina e Daniele Cristine, mas a estas dedicarei os próximos dois capítulos respectivamente. Restaram, portanto, outros recortes menores das cenas carnavalescas, dos quais apresentarei a seguir por meio da figura de Baby Pankada.

Baby Pankada era uma das veteranas nos desfiles do Baile dos Enxutos, segundo informações retiradas da Tribuna do Paraná em 1985, ela já teria participado de treze edições do concurso de fantasias, acumulando uma vitória, três segundos lugares e dois terceiros. Apesar dessa longa trajetória foram identificadas apenas quatro notícias que mencionaram seu nome, associando-a às confusões e intrigas sobre o resultado do concurso de fantasia e a falas que reivindicavam humanizar as vivências travestis para além do carnaval. Entre as poucas informações sobre Baby que estavam registradas nos jornais, pude averiguar que ela trabalhava no comércio juntamente com sua irmã, o que pode indicar que sua família residia em Curitiba e que ela mantinha contato com seus familiares.

¹⁰⁶ Márcia Regina foi uma das travestis que compunham a cena curitibana nas décadas de 1970 e 1980, veterana nos desfiles do Baile dos Enxutos, ele ocupou um papel de destaque entre a comunidade travestis. No próximo capítulo me dedico a analisar seus percursos por Curitiba.

Cabe mencionar que o trabalho de identificar e acompanhar os deslocamentos e aparições das personalidades apresentadas nesta pesquisa consistiu em um desafio. Considero que este movimentar constante é parte das táticas de (r)existência, não se deixar capturar pelos discursos normativos, tecendo diferentes linhas e dobras na malha urbana. Como afirma Megg Rayara (2020), as subjetividades travestis se fazem e se tornam visíveis a partir da encruzilhada de linhas, do borramento de fronteiras atravessando das margens ao centro. As travestis e bichas se fazem “presente nas frestas da história, denominada de maneiras variadas, mas ainda é ela, a bicha. Assim, os sinais de sua existência vão sendo revelados, e um lugar na história que lhe foi tirado começa a ser timidamente construído” (Oliveira, 2020, p. 80).

Na astúcia do caminhar elas colocavam em movimento táticas e maneiras de fazer que deixavam marcas na cidade e que resistiam apesar das políticas de apagamento, normatização e epistemicídio. Ao reconstituir seus passos observo a potência de suas afirmações inscritas em seus corpos, nas relações pessoais que estabeleciam e no uso dos espaços urbanos como meio e lugar de existência. Assim, os nomes impressos nos jornais tornam-se visíveis por alguns momentos e desaparecem, rompendo a invisibilidade e revelando-se de forma intransigente sem pedir permissão, ocupando um lugar no discurso que não lhes é cedido, mas sim apropriado.

A própria origem do concurso de fantasia, como uma manifestação que ocorria fora dos portões da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários, sendo posteriormente assimilado pelos seus salões, dado seu sucesso, é um exemplo de como os ruídos e vibrações produzidos pelos corpos travestis no espaço público não podem ser ignorados. Como ilustra a notícia *Festa gay virou bacanal no Opera-Rio*, publicada em 25 de fevereiro de 1982 no Diário do Paraná, destacando que “foram 36 ao todo, a desfilarem plumas e paetês para um público estimado de cinco mil pessoas. Havia inclusive um travesti argentino e um espanhol, além do brasileiro multinacional ‘Baby Pancada’, que não gostou do resultado e acabou brigando e saindo pelado da passarela”¹⁰⁷.

Inseridas nesta representação do Baile dos Enxutos com salões lotados, grande número de concorrentes e belíssimas fantasias, localizei as personalidades apresentadas neste capítulo. Como no caso de Baby, cuja menção no trecho anterior indica a maneira como ela seria retratada na imprensa local, em meio a confusões sobre os resultados sempre polêmicos dos concursos

¹⁰⁷ Diário do Paraná, ed. 8036, 25/2/1982.

de fantasia. Em suas entrevistas, por sua vez, ela tecia elogios aos países europeus como avançados no tratamento destinado às travestis, além de apresentar outros aspectos que humanizavam suas experiências. No trecho seguinte observo o primeiro elemento de sua imagem projetada pela imprensa, ou seja, suas disputas no Opera-Rio:

(...) O ator transformista curitibano “Baby Pancada”, falando fluentemente o francês, mostrou uma linda fantasia, a “Glorificação de um travesti”, que o júri não gostou muito. “Baby Pancada” desfilava pela 11ª vez e havia falado no camarim, que o título já era seu, que esse ano ela seria a vencedora. Mas depois dela desfilou a artesã “Karina”, com a fantasia “Divino, Fantástico, Maravilhoso” e o júri deu o seu veredito.

(...) Os dois travestis que tiraram em segundo e terceiro lugar, não gostaram da decisão do júri. “Baby Pancada” pisou na faixa e, depois de entrar no camarim, seguida por Marilin, voltou e tentou atear fogo às faixas de princesa¹⁰⁸.

Diante do resultado do concurso Baby sentindo-se injustiçada tentou atear fogo na faixa e em outro momento voltou a passarela e desfilou sem roupas. As discussões e polêmicas sobre a escolha da Rainha do Baile representavam como a competição era uma parte importante do desfile, visto que a vitória era uma conquista de visibilidade, estrelato e protagonismo no carnaval, além do prêmio em dinheiro. Compreendo que a festa no Opera-Rio era um elemento fundamental da sociabilidade travesti, era o momento de conquistar territórios e estabelecer alianças, além de ser um espaço de promoção, glamourização e enunciação de si e de suas subjetividades.

Analisar a festa a partir do discurso dos jornais impõem, muitas vezes, a reprodução da dinâmica normatizante da sociedade, visto que estes veículos da imprensa em sua maioria representavam os interesses da classe média urbana, da municipalidade e dos setores tradicionais e conservadores, reafirmando padrões e narrativas sobre a branquitude e a cis heteronormatividade. Analiso que a visibilidade alcançada pelo baile e pelas travestis neste período de carnaval acontecia apesar de todos esses fatores, é uma apropriação tática dos dias de carnaval, de suas inversões e afrouxar das normas. A resistência das formações discursivas da imprensa entrava em confronto com a resistência e astúcia das travestis, transformando os textos e representações carnavalesca em espaços de promoção de si e ao mesmo tempo de

¹⁰⁸ Diário do Paraná, ed. 8036, 25/2/1982.

reprodução de estereótipos e preconceitos, como por exemplo, a representação das concorrentes como escandalosas e arruaceiras.

Ainda sobre o trecho veiculado anteriormente destaca-se a identificação de Baby como ator transformista, assim como nos outros casos analisados, observo um fluir entre categorias como gay, transformista, travestis, mulher de verdade, entre outros termos utilizados pelos jornalistas e pelos próprios sujeitos para se definirem. De acordo com Jorge Leite Junior (2008, p. 13) a identificação dos sujeitos com tais categorias é situacional, “num crescendo de pessoas, desejos e situações que questionaram alguns limites e, ao mesmo tempo, faziam questão de demarcar outros”.

As pesquisas do autor indicam, portanto, a fluência, aliança e os conflitos entre as identidades, bem como o uso dos sujeitos sobre tais classificações, que se apresentavam de forma clara e concisa apenas nas definições científicas (Leite Jr, 2008). Diante dos discursos normatizantes e higienizadores da imprensa, considero que as personalidades aqui analisadas buscavam afirmar-se a partir da negociação com tais categorias, utilizando seus significados de acordo com cada situação em benefício próprio.

No carnaval de 1985 a cobertura realizada pelo Correio de Notícias destacava os detalhes da competição pelo título de Rainha do Baile dos Enxutos, ao passo em que as entrevistas realizadas com algumas concorrentes traziam outras questões, como é caso de Daniele¹⁰⁹ e Primavera Bolkan que registravam suas reclamações sobre o descaso do governo brasileiro para com suas demandas. Baby também fora entrevistada sobre o assunto, “a miss simpatia conta que nos países civilizados como na França, os homossexuais têm apoio do governo e quem quiser passar por um ano de análise para ver se pode mudar de sexo tem todo o apoio e muitas vezes até a operação”¹¹⁰.

Neste trecho, assim como em outra entrevista cedida por Baby aos jornais durante o Baile dos Enxutos, os países europeus eram mencionados por ela como lugares avançados no tratamento dedicada às travestis, sua fala entrava em diálogo com uma série de discursos que “inventam uma Europa com glamour, dinheiro e vida mais fácil” (Santos, 2018, p. 194-195).

¹⁰⁹ Daniele era mencionada nesta matéria denunciando a sua dificuldade em conseguir alterar seus documentos de identificação após sua cirurgia de readequação, no capítulo quatro desta tese discutirei especificamente sua trajetória.

¹¹⁰ Correio de Notícias, ed. 1098, 20/2/1985.

Migrar para fora do país era, e continua sendo, em muitas narrativas, como aponta Rafael França G. dos Santos (2018), visto como “uma ascensão na ‘carreira trans’, uma etapa importante na criação de si com uma obra de arte. (...) Além da possibilidade de modificar o corpo, e tornar-se ‘toda plastificada’, a ida para a Europa assumia um sentido de vencer na vida” (Santos, 2018, p. 227).

Em outra entrevista cedida à Tribuna do Paraná, Baby comentava que estava feliz com o resultado e que “apesar de dois terceiros lugares, três segundos e um primeiro, em treze anos esta é a primeira vez que eu adorei o resultado”¹¹¹. Em seguida teria “seu momento de glória quando desfilou nua pela passarela, arrancando aplausos dos foliões”¹¹². A liberação dos corpos era parte da narrativa dos carnavais no Brasil e vemos que no Baile dos Enxutos os corpos travestis ganhavam as passarelas e páginas dos jornais no dia seguinte, celebrados pelos foliões a noite, no extravasar de desejos que marca os festejos carnavalescos e recriminados nas manchetes da imprensa como “Sodoma e Gomorra”, “rebu” ou “bacanal”.

Considero que o Baile dos Enxutos era fruto de muitos discursos, sejam eles normatizadores, como na imprensa e na força policial, ou enunciadores, como nas formações discursivas produzidas pelas próprias travestis, projetando as travestilidades em Curitiba. Um lugar de festa, alegrias e projeção de si, entre sorrisos, plumas, paetês, pernas e peitos, o baile e sua cobertura pelos jornais locais tornavam-se momentos de destaque das travestilidades no cotidiano urbano, elas ganhavam a noite como sendo seu habitat natural e também as capas dos jornais pelas manhãs. Este espaço se configurava também em um lugar de sociabilidade, alegria, celebração de amizades e desavenças, que seriam fundamentais para construção de si, ou seja, para além das ruas e esquinas, os salões do Opera-Rio seriam outros locais de aprendizado e trocas entre as travestis no processo de constituição e afirmação de suas subjetividades.

Rafael França G. dos Santos (2018), em sua tese sobre os processos de montagem de si na cidade de Campos dos Goytacazes, afirma que as “homossexualidades e as experiências trans são tecidas sob o signo da abjeção. É por isso que há de supor que as relações de amizade foram para esses sujeitos a possibilidade real da criação de si, de invenção, efetivação e fortalecimento de projetos de subjetividades que não se restringem ao repertório historicamente

¹¹¹ Tribuna do Paraná, 20/2/1985.

¹¹² Tribuna do Paraná, 20/2/1985.

imposto aos ditos marginais” (Santos, 2018, p. 163). Neste processo os espaços de sociabilidade são fundamentais pois são as plataformas nas quais se constituem tais relações, sejam nas ruas, nos espaços de prostituição e, no caso curitibano, nas passarelas do Opera-Rio.

O Clube Atlético realizou um baile de pré-carnaval em 1986, o Gala Gay, que de maneira similar ao Baile dos Enxutos, buscava eleger a travesti mais bonita do baile. Com competidoras de outros estados essa festa serviria de aquecimento para o baile do Opera-Rio. Em meio a este clima de festa e animação a edição do Correio de Notícias veiculava um comentário de Baby Pankada, no qual ela afirmava que “só se pensa em sexo, carnaval e fora da folia, nós também somos profissionais, temos um outro lado que ninguém observa. Não somos um bando de alucinadas na vida. Também pensamos e somos humanos”¹¹³.

Esta declaração de Baby ao jornal era outro aspecto que se fazia presente em falas suas à imprensa curitibana, seu clamor pela humanização das travestis lançando o olhar sobre suas vidas para além do carnaval. Assim como Primavera Bolkan, Baby também se apropriava do espaço do carnaval, politizando a presença das travestis na sociedade e contrariando suas as representações estigmatizantes presentes no discurso da imprensa.

Durante o carnaval de 1986, em entrevista cedida ao Correio de Notícias, ela conversou sobre diversos assuntos como amor, identidade e Curitiba, rendendo uma matéria exclusiva intitulada “*Baby Pancada*” diz que não é fácil a vida dos travestis. O texto iniciava com uma frase sua dizendo que “vida de travesti é como escorregar no escorregador de gilete e cair numa bacia de álcool em chamas. Ser travesti é ser sempre quase”¹¹⁴. O repórter complementa dizendo que esta declaração havia sido dada em um “momento de relax no baile Opera-Rio. Ela havia obtido segundo lugar na categoria Plástica, no desfile dos ‘enxutos’, mas estava com o rosto bastante triste”¹¹⁵.

Outros lados das experiências travestis passavam a circular na página do jornal por meio das declarações de Baby. Para além dos festejos de carnaval e da alegria, ela era flagrada triste e suas falas enumeram suas tristezas humanizando e iluminando os problemas vivenciados

¹¹³ Correio de Notícias, ed. 1391, 9/2/1986.

¹¹⁴ Correio de Notícias, ed. 1392, 13/2/1986.

¹¹⁵ Correio de Notícias, ed. 1392, 13/2/1986.

diariamente pelas travestis no Brasil. Baby denunciava uma vida compartilhada no coletivo em seus obstáculos, uma vida composta como apresenta Jota Mombaça (2021),

(...) na borda das coisas, lá onde estamos prestes a dissolver as ficções de poder que nos matam e aprisionam; lá, aqui, todas essas geografias onde fomos saqueadas, e nos tornamos mais-do-que-aquilo-que levaram; onde fomos machucadas, e nos tornamos mais do que um efeito da dor; onde fomos aprisionadas, e nos tornamos mais do que o cativo; onde fomos brutalizadas, e nos tornamos mais do que a brutalidade. Lá, aqui, onde fomos assassinadas, e nos tornamos mais velhas que a morte, mais mortas que mortas, e nesse fundo – esse fora que não só não está fora como está dentro de tudo –, nesse cerne em que fomos colocadas, fecundamos a vida mais-do-que-viva, a vida emaranhada nas coisas (Mombaça, 2021, p. 13).

Entre a abjeção e potência são tecidas as experiências travestis como aponta as personalidades aqui investigadas e as colocações de Jota Mombaça (2021). Diante de sua desqualificação como sujeitos de direitos, as palavras de Baby construía denúncias e traçavam rotas de fugas para outros lugares melhores, em seu caso ela considerava os países europeus como esse destino, conforme afirmava no seguinte trecho: “infelizmente nunca nos observaram como seres humanos. Todo mundo nos espia como mercadoria, mas isto acontece mesmo em termos brasileiros. Na Europa somos mais respeitadas como profissionais de casa noturna. Aqui é esta zorra, esta loucura, falou em travesti, falou em sacanagem. Não somos apenas isso”¹¹⁶.

Migrar e construir roteiros de fuga passavam a figurar como táticas para construção de si e de condições de sobrevivência. Conforme analisa Larissa Pelúcio (2007, p. 41) “mover-se na busca de um corpo, de um lugar habitável, de uma vida longe da abjeção, da pobreza e da violência doméstica é um enredo comum. Sair de casa ainda menino, muitas vezes escorraçado; encontrar no corpo de outra travesti as referências para si mesmo; buscar febrilmente essa transformação; são roteiros que se repetem e têm uma geografia a cumprir”. É para este Norte que apontavam as falas de Baby para mobilidade como forma de (r)existir.

Quando o tópico era amor ela, primeiramente indicava “que a imprensa curitibana raramente faz algum trabalho mais sério na área de comportamento”¹¹⁷, e complementava dizendo que

¹¹⁶ Correio de Notícias, ed. 1392, 13/2/1986.

¹¹⁷ Correio de Notícias, ed. 1392, 13/2/1986.

os homens chegam aqui só para fazer gozação depois que nos entrevistam, mentem, distorcem tudo que respondemos. As mulheres agem pior ainda, parece que nos temem pela concorrência. Acontece o seguinte. Travesti que não cuida do corpo, não existe mesmo. Elas, as mulheres, casam e ficam gordas, sem graça. Acabam perdendo os maridos por alguns momentos para a gente. Mas não temos culpa por esta crise¹¹⁸.

Neste trecho ela amarrava duas questões, primeiro sobre suas representações nos discursos da imprensa que não produziam um trabalho sério, que as entrevistavam e distorciam suas palavras. A partir dessas suas colocações considero como sua visibilidade na imprensa se desenvolvia por meio dessas negociações com os jornais. Observo que o espaço que elas ocupavam nas edições não lhes era cedido, mas sim conquistado fruto dos seus trânsitos pela cidade, tornando-as sujeitos visíveis. Suas existências se enunciam “no espaço público, nas ruas, nos bares, nos portos, nas praças, nos bordéis, por estar atrelada à exigência de extrair o sustento do próprio trabalho” (Oliveira, 2020, p. 85).

O segundo ponto que se destaca neste trecho da entrevista de Baby está relacionado a construção das relações pessoais que envolviam também as competições com outras mulheres e o processo de construção e a importância da manutenção desses corpos. O amor aqui acaba relacionando-se aos aspectos carnis e também a momentos, dialogando mais uma vez com a premissa construída socialmente de que mulheres que fugiam de uma certa leitura do ideal de feminilidade estavam “sujeitadas a vivenciar no campo amoroso não só uma exclusão, mas frequente uma desvalorização e desrespeito, quando somos divididas em castas das que ‘são pra comer’ e as que ‘são pra casar’” (Araújo, 2015 apud Bagagli, 2017. P. 150-151).

O afeto não se apresentava nas falas de Baby, tanto que mais adiante em sua entrevista ela destacava outras questões culturais e educacionais, relatando que teve seus “sentimentos sufocados desde criança. Segundo ela: “hoje, meu grande amigo é o dinheiro. Mas tem uma coisa. Acho que pagamos um imposto social violento por sermos belos e bonitos. E o travesti tem obrigação de ser bonito e rico, senão, não é ninguém, cai na marginalia profunda e é destruído”¹¹⁹. Ela relatava, portanto, a dificuldade em estabelecer relações pessoais reais, verdadeiras e afetuosas, construindo para si uma subjetividade travesti glamourizada e ligada ao universo noturno e artístico, “fruto histórico do asfalto e das grandes aglomerações

¹¹⁸ Correio de Notícias, ed. 1392, 13/2/1986.

¹¹⁹ Correio de Notícias, ed. 1392, 13/2/1986.

urbanas’, na prosa poética de Hélio Silva (1993, p. 39). Essa relação com a vida urbana remonta à trajetória de tantos homens efeminados que buscaram no anonimato das cidades um espaço para tornar suas vidas mais habitáveis” (Pelúcia, 2007, p. 34-35).

Em outro tópico da entrevista Baby relatou que trabalhava no comércio, juntamente com sua irmã e que não vivia apenas “como travesti”, referindo-se aqui talvez a prostituição, uma vez que, neste período, tais termos eram utilizados as vezes como sinônimos. Além disso, chamava atenção para outro problema relacionado a afirmação de sua identidade, ao dizer que pretendia

virar mulher com uma operação no exterior. Estou me preparando psicologicamente para esta cirurgia. O problema maior será conseguir depois uma identidade de mulher. Conheci o desespero da “Daniele” depois que virou mulher mesmo. Ela morreu antes daquele acidente de carro, já tinha morrido na vida, porque nunca conseguiu legalizar sua identidade, sua existência civil como pessoa. É isso que a sociedade brasileira gosta de fazer com a gente¹²⁰.

Neste trecho sua fala articulava o reconhecimento de suas identidades e a morte civil das travestis pela falta de legalização, denunciando assim o processo de abjeção a que estavam submetidas, sem serem reconhecidas pelo estado como sujeitos de direitos. Suas palavras são carregadas de uma potência que reivindica e politiza suas vivências, que fala da morte em vida, mas também da corajosa, visto que, apesar dessa realidade ela ainda perseguia o corpo desejado. Como descreve Judith Butler (2017), o processo de produção e reconhecimento de uma vida como vivível ou passível de luto é sempre marcado pela sua parcialidade e fracasso, visto que,

Na realidade, cada instância normativa é acompanhada de perto por seu próprio fracasso, e com muita frequência esse fracasso assume a forma de uma figura. A figura não reivindica um estatuto ontológico determinado e, embora possa ser apreendida como “viva”, nem sempre é reconhecida como uma vida. Na verdade, uma figura viva fora das normas da vida não somente se torna o problema com o qual a normatividade tem de lidar, mas parece ser aquilo que a normatividade está fadada a reproduzir: está vivo, mas não é uma vida. Situa-se fora do enquadramento fornecido pela norma, mas apenas como um duplo implacável cuja ontologia não pode ser assegurada, mas cujo estatuto de ser vivo está aberto à apreensão (Butler, 2017, p. 22).

A partir desse diálogo com as elocubrações teóricas de Judith Butler, compreendo o processo vivido e narrado por Baby em que as vidas travestis se materializam como fracassos

¹²⁰ Correio de Notícias, ed. 1392, 13/2/1986.

não correspondentes às normas, sendo caracterizadas como seres vivos, sem vida e direitos. Ao fazer essas afirmativas e tê-las publicadas no jornal, Baby fazia uso do espaço e visibilidade do carnaval para tecer outros discursos sobre si e seu coletivo, humanizando essas vidas sem direito ao luto. Apesar de suas cenas no carnaval serem limitadas como pequenos recortes, sua presença era marcada por este ruído e vibração em busca da vida e da humanização de si e de suas companheiras.

Além de refletir sobre si, Baby no último tópico da entrevista tecia algumas reflexões sobre a sociedade local, afirmando que os bailes no Opera-Rio ajudaram a soltar as máscaras dos curitibanos. Ela diz que,

Antigamente todo mundo vinha pra cá, secretamente, com muito medo de que alguém soubesse de que estava no meio dos travestis. Hoje o pessoal está mais solto, amadureceu os desejos e todo mundo solta seus diabinhos no salão, sem receio de uma repressão maior. Nós, aqui do Operário, colaboramos para dar um senso real ao carnaval curitibano. Podem dizer o contrário, mas todo mundo gosta mesmo é disso aqui. Se acaba o Operário e nosso show, morre quase todo o carnaval desta cidade¹²¹.

Este trecho informava, portanto, sobre as relações entre as travestis, o Baile dos Enxutos e a sociedade curitibana. Como a partir deste espaço do carnaval as normas sociais eram borradas e os sujeitos extravasavam seus desejos, tornando o concurso do Opera-Rio um lugar outro em que a marginalização cotidiana da travesti cedia a imagem artística e glamourizada das vedetes. Neste espaço e tempo os sujeitos mesclavam-se e a cidade “modelo” se reinventava de forma viva. Mas ao final do carnaval a vitória era da quaresma, como indicam as experiências travestis encarnadas neste capítulo em Samantha, Primavera Bolkan e Baby Pankada.

O espaço da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários e o tempo do carnaval permanecem como lugares praticados, transformados em plataformas de enunciação das subjetividades travestis em Curitiba. No entanto, eles eram também locais de sociabilidades e articulação de laços e relações de amizade e luta por vidas vivíveis. No próximo capítulo acompanho Márcia Regina, campeã e veterana nos Baile dos Enxutos, depois parte da organização do concurso e figura articuladora de resistências e de redes de ajuda mútua entre as travestis curitibanas.

¹²¹ Correio de Notícias, ed. 1392, 13/2/1986.

CAPÍTULO 3: MÁRCIA REGINA E O ENTRELAÇAR DA FESTA AO COTIDIANO, DO RISO AO LUTO

Embora as ligações entre um papel teatral e um papel social sejam complexas, e não seja fácil traçar uma linha divisória entre eles (Bruce Wilshire chama atenção para os limites dessa comparação em *Role-Playing and Identity: The Limits of Theatre as Metaphor*), parece claro que, embora as representações teatrais possam se deparar com censuras políticas e críticas mordazes, as performances de gênero em contextos não teatrais são regidas por convenções sociais claramente mais punitivas e reguladoras. Desse modo, ver uma travesti subir ao palco pode suscitar prazer e aplausos, enquanto que vê-la sentada ao nosso lado no ônibus pode despertar medo, raiva e até mesmo violência (Butler, 2018, p. 11-12).

Repito as palavras de Judith Butler (2018) pois elas se aproximam das discussões que serão apresentadas neste capítulo. Ao indicar o caráter performático do gênero, a autora adverte para as regulações dos atos performativos no contexto social, principalmente aquelas que recaem sobre os corpos desviantes da cis heteronormatividade branca. Essa transposição dos palcos às ruas é o caminho que percorro, saindo das passarelas do Opera-Rio apresentadas no capítulo anterior e analisando as lutas cotidianas enfrentadas pelas travestis curitibanas em seus trânsitos pelos espaços públicos.

As fontes analisadas a seguir indicam uma contradição entre os dias de carnaval e o cotidiano, entre o desejo e adoração recebido pelas travestis nas passarelas enquanto vedetes e estrelas do Opera-Rio, e a violência e criminalização destinada a elas no restante do ano. A travestilidade é construída no corpo, a violência regulatória e punitiva também é dispensada a esses corpos considerados desviantes. No entanto, é neste mesmo corpo que a resistência renasce em táticas e ações que lhes permitiram a construção de outros caminhos e linhas de fuga.

Nas capas e manchetes sobre os bailes de carnaval na Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários o nome de Márcia Regina era catalisador, de estrela das passarelas a organizadora do Baile dos Enxutos. Entretanto, a influência exercida por ela entre as travestis curitibanas não se limitava ao espaço dos dias de folia. Uma das principais evidências de sua inserção social entre as travestis é o espaço cedido no Cemitério Municipal de Santa Cândida.

A partir deste lugar praticado, doado por Márcia Regina, construo o argumento acerca de sua posição social enquanto um nó que entrelaçava a festa ao luto. A existência deste jazigo

coletivo materializa um momento vivenciado pelas travestis curitubanas como um monumento construído e legado à posterioridade. Conforme argumenta Jacques Le Goff (1996, p. 526) os monumentos são “tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”, uma herança do passado e da memória coletiva. No caso específico dos monumentos funerários, o autor afirma que estes estariam “destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte” (Le Goff, 1996, p. 526).

O túmulo transforma-se em um instrumento de poder que perpetua a memória daquelas que viveram e morreram em Curitiba. Como afirma Baby Garrot, em sua entrevista no documentário *Beijo na Boca Maldita* (2008), “nenhuma era enterrada como indigente podia ser homossexual, travesti. Elas faziam vaquinha, elas davam um jeito, elas eram mais unidas, mais humanas naquela época. (...) a Márcia Regina cedeu esse túmulo”. Sua fala sobre uma memória saudosa da solidariedade e união que marcou este período é como um fio que se entrelaça com as matérias de jornais ao jazigo, indicando a composição de um desenho que busco percorrer e que pode nos informar sobre as táticas de resistência, sobrevivência e as reivindicações políticas das travestis no espaço urbano curitubano.



FIGURA 17. Fotografia da lápide localizada no Cemitério Municipal de Santa Cândida em Curitiba.

A imagem acima apresenta a sepultura cuja lápide, desgastada pela ação do tempo contém em letras já bem apagadas os nomes de Celina R. Peixoto, Nilsa Baun, Léo Baun, Renilda N. Baun, Raimundo N. Siqueira, Martinha Florença, Daniele C. Bastos, Leandra S. Pedroso, Primavera Bolkan, Gilda R. A. Rinquê e Veruska A. Faustino. Além de algumas fotos e a inscrição “deixou-nos como herança: amor, tristeza e saudade. Homenagem de Márcia”. Considero este túmulo como um lugar de memória, isto é, como um marco e testemunha da resistência e da identidade reivindicada pela comunidade travesti em Curitiba. Como descreve Pierre Nora (1993, p. 13), “os lugares de memória nascem e vivem, portanto, do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos. (...) Se o que defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis”.

Sua materialidade indica uma preocupação com a salvaguarda dessas memórias e identidades, diante da ameaça de serem enterradas como indigentes em consequência do distanciamento familiar. A aparência envelhecida da lápide denuncia negligência, diferente dos marcos urbanos e das personalidades abarcadas em uma memória oficial sobre a cidade, elas expressam uma memória silenciada e colocada sob as sombras pelos mecanismos de poder da cis heteronormatividade branca. Michael Pollak (1989), ao analisar as disputas entre uma memória dominante e as memórias por ele identificadas como subterrâneas, afirma que

(...) essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (Pollak, 1989, p. 5).

O autor considera aqui as negociações e os espaços/momentos de emergência do não-dito. Observo que o jazigo coletivo na Santa Cândida é parte de uma rede de memórias e lugares que narram uma outra Curitiba, que aguardam e emergem em resistência. A partir desse lugar fúnebre temos contato com estas vidas enquadradas como não passíveis de luto, que pela ação tática de apropriação deste espaço no cemitério aguardam, resistem e mantêm suas lembranças sobre vidas possíveis de serem vividas.

Em seu livro *Não vão nos matar agora* (2021, p. 8), Jota Mombaça dedica sua obra “àquelas que vibram e vivem apesar de; na contradição entre a imposição da morte social e as nossas vidas irredutíveis a ela”. Considero que as vidas abarcadas nesta tese também estavam posicionadas nesta encruzilhada, elas nos informam sobre vidas possíveis em uma capital que se queria modelo. Em outro trecho de seu livro, Mombaça afirma que “não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas amontoadas, clamando por justiça, em becos infinitos, por todos os lugares. Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata” (Mombaça, 2021, p. 8). Observo o túmulo coletivo como um monumento, um lugar de memória e uma memória subterrânea com a função de salvaguardar e não reduzir a morte às vivências de Gilda, Daniele, Marcia Regina e tantas outras.

O túmulo coletivo, assim como o suporte teórico das análises de Jota Mombaça, reveste a morte de um significado de coletividade e ancestralidade. A busca por preservar suas identidades e a dignidade de seus atos fúnebres rompe com “o silenciamento dessas narrativas históricas que emanam dos corpos travestis e os dispositivos de poder que o Estado colonial possui, destroem as experiências de vidas transviadas para dar lugar a uma norma de papéis sociais colonizadores que negam a(s) ancestralidade(s) das travestis” (Oliveira, 2020, p. 371).

Como investiga Alessandra Mawu Defendi Oliveira (2020), essa ancestralidade pode ser “entendida em seus valores de parentesco, culturais e sociais, mas também afetivas, experimentais e integralmente parte da própria natividade do Ser travesti, de uma vivência que por si só já é uma ancestralidade” (Oliveira, 2020, p. 371). Segundo a autora, esse reconhecimento ancestral e coletivo possibilita a ruptura com o contexto de hostilidade, violência e desumanização impostas às travestis nas sociedades ocidentais, bem como sua elevação à um patamar “do respeito, da representação e da memória histórica de uma identidade que é um direito fundamental” (Oliveira, 2020, p. 372).

Márcia Regina, ao ceder esse espaço no cemitério, deixou como legado um marco espacial da defesa das identidades e vivências travestis em Curitiba. Ao analisar sua presença nos discursos da imprensa curitibana, observo sua representação como uma das “mais tradicionais travestis da cidade”, uma das fundadoras e veteranas nos desfiles do Baile dos Enxutos. Seu nome é frequentemente associado ao carnaval, seja como competidora ao longo

da década de 1970 ou como apresentadora e integrante da equipe de organização do Baile, durante os anos 1980.

Apesar dessa visibilidade alcançada a partir de seu envolvimento nos festejos carnavalescos, eram poucas as informações veiculadas sobre Márcia nos jornais analisados. Essa dificuldade de acesso a fontes e arquivos que reúnem as memórias e vestígios das existências travestis atravessa esta pesquisa, primeiro pelo descaso público e o silenciamento imposto pela falta de políticas públicas em defesa da preservação e construção de arquivos, que permitam a constituição de outras narrativas histórias transcendidas. Segundo os indícios dessas vivências sobrevivem nas lembranças daquelas que vivenciaram tais experiências, coletar essas memórias marcadas pela fragilidade e as resistências em reviver memórias traumáticas¹²².

Ainda que diante das barreiras que se colocam entre minha posição como sujeito e pesquisadora e a posição de Márcia pude, a partir das fontes analisadas, identificar algumas publicações nos jornais que informam sobre outros aspectos de suas vivências. Em uma notícia publicada no Diário do Paraná, em 27 de fevereiro de 1969, era mencionado que

O "travesti" Márcio Budenter (20 anos), que usa o nome artístico de Marcia Roberto Cruz e atua na "boate" Maxim's, na companhia do Baile Deniam, movimentou ontem a Delegacia de Falsificações. "Marcia" registrou queixa ali contra a proprietária do Instituto de Bele Dana, à rua Voluntários da Pátria que lhe vendeu uma peruca de cabelos naturais, estragada e imprestável. O "travesti" pagou a quantia de NCr\$ 450,00 pela peruca e como a vendedora não aceitou a reclamação, resolveu recorrer à Polícia. "Marcia", como se recorda, tirou o 3º lugar no concurso de fantasia do Operário, no carnaval, quando respondeu a tapas os gracejos que lhe eram dirigidos por um espectador. Ontem na Polícia, "ela" disse que luta judô¹²³.

Por meio de indícios como sua vinculação com o Baile dos Enxutos e o próprio nome, traço a hipótese de que esta notícia se referia a mesma Márcia Regina¹²⁴. A fotografia veiculada

¹²² Há de se considerar que muitas vezes essas memórias se tornam inacessíveis aos pesquisadores devido ao histórico de exploração das vivências travestis pela academia sem o devido retorno dessas pesquisas ou seu impacto na realidade material dos sujeitos centrais na construção de um campo de pesquisas e de teses acadêmicas. Os cuidados necessários a uma abordagem responsável do trabalho de campo para reunião de tais memórias no contexto analisado somou-se aos cuidados de saúde impostos pela pandemia da COVID-19 e o prazo para defesa desta tese me levaram a buscar de outras fontes e caminhos de análise.

¹²³ Diário do Paraná, ed. 4090, 27/02/1969.

¹²⁴ Cabe mencionar que nas reportagens mencionadas é comum encontrar variações da grafia dos nomes e sobrenomes, característica que pode ser atribuída a falta de preocupação da equipe jornalística em registrar tais

pelo jornal e reproduzida a seguir se soma a uma série de outros vestígios que me permitem inferir que possivelmente se tratava de Márcia.



FIGURA 18. Fotografia de Márcia Regina presente na publicação do Diário do Paraná, em 27 de fevereiro de 1969.

Na fotografia sobressaem os traços físicos de Márcia que ao serem comparados com outras imagens da mesma se aproximam em semelhança. Além disso, ao tratar do discurso jornalístico, é comum identificar erros de grafia em nomes e identificações, especialmente em matérias redigidas em contextos policiais por jornalistas de plantão. Ao inferir que a Márcia representada nesta notícia do Diário da Paraná se tratava da mesma Márcia Regina que busco retratar neste capítulo, é possível identificar seu trânsito nas noites curitubanas ao trabalhar em uma boate e seu vínculo com o Opera-Rio enquanto competidora no desfile de fantasias.

Márcia, ao relatar ao jornal que lutava judô, provoca uma surpresa que posteriormente seria enfatizada no texto da notícia e em seu título *Judoca de Peruca*. Essa reação expressa pelo periódico dialoga com as noções binárias da cis heteronormatividade. O título da matéria, a

informações ou mesmo como uma tática de resistência desses sujeitos para dificultar sua identificação. No caso de Márcia Regina recorri a comparação de imagens, fatos, semelhanças nas grafias do nome, além de buscar a confirmação do diretor do curta *Beijo na Boca Maldita* (2008) Yanko Del Pino.

fotografia e o uso de aspas em seu nome eram elementos que, somados, indicavam o estranhamento e em seguida a violência do sistema normativo ao se deparar com sujeitos que escancaravam a fluidez e a plasticidade das categorias de gênero.

Márcia, Gilda, Samantha, Primavera e Baby, em seus trânsitos diários, evidenciavam um processo vivenciado em toda sociedade brasileira na segunda metade do século XX, de emergência de outras identidades sexuais e de gênero. Jorge Leite Junior (2008) explica que a discussão sobre os processos de identificação possui um foco corporal e situacional marcados pela fluidez, aliança e conflitos, isto é, “dependendo do lugar e da situação, tal pessoa se apresentava como uma ou outra das identidades. E às vezes com outras ainda, do tipo ‘gay’ ou ‘mulher de verdade’” (Leite Jr, 2008, p. 13).

No campo de análise desta pesquisa observo que esta fluidez, muitas vezes, era utilizada pelos indivíduos como tática de resistência e trânsito entre espaços. Ao utilizar elementos socialmente atribuídos ao masculino ou feminino em diferentes contextos, acentuando ora suas características consideradas masculinas ou femininas, tais sujeitos buscavam garantir sua passabilidade pelos espaços normativos, contribuindo para denunciar neste caminho o caráter situacional do gênero. As tentativas de encaixar essas subjetividades em categorias fixas tornava-se contra produtivo.

O jornal enquanto um mecanismo de reprodução dos discursos normativos na sociedade utilizava, portanto, da estrutura da linguagem para reforçar o deslocamento desses sujeitos dentro do sistema binário de gênero. Como afirma Maria Lugones (2008, p. 78) “no es necesario que las relaciones sociales estén organizadas en términos de género, ni siquiera las relaciones que se consideren sexuales. Pero la organización social en términos de género no tiene por qué ser heterosexual o patriarcal. El que no tiene por qué serlo es una cuestión histórica”. A notícia publicada pelo Diário do Paraná a respeito de Márcia informa tanto sobre a individualidade de suas vivências, quanto sobre seu lugar dentro da estrutura social historicamente forjada a partir do dimorfismo biológico, da organização patriarcal e heterossexual.

Estes primeiros encontros com a figura de Márcia Regina, seja no túmulo cedido às travestis curitibanas ou em sua passagem pela polícia, permitem inferir sobre o contexto de emergência das travestilidades. Como investiga Fábio Henrique Lopes e Marina Silva Duarte (2021), a segunda metade do século XX marca a passagem do estar para o ser travesti, em meio

a abertura dos palcos das casas noturnas, teatros e desfiles de carnaval, uma geração fora forjada. Além disso, neste mesmo período “muitas travestis encontravam seu modo de sobrevivência, de sociabilidade, de possibilidade de transformação no mundo da prostituição. Não obstante, são nesses ambientes, festivos, artísticos e também no mercado sexual, que as primeiras travestis começam a circular com mais liberdade e onde criou-se uma abertura para consolidação desse novo modo de ser no mundo” (Lopes; Duarte, 2021, p. 162).

Cabe mencionar, conforme aponta as pesquisas de Megg Rayara (2020), que a presença de travestis ao longo da história é alvo dos processos de silenciamento e apagamento, sendo assim há de se considerar as existências de Xica Manicongo, Yayá Mariquinhas, Madame Satã, entre tantas outras, que reivindicavam desde o Brasil colônia até o século XX “um tratamento no feminino questionando de maneira escancarada a fixidez dos gêneros, desafiando a relação entre sexo biológico e gênero” (Oliveira, 2020, p. 85). Identifico que os trânsitos de Márcia Regina informavam sobre esse processo de afirmação das travestilidades, indicando a passagem das festividades ao cotidiano. Ao materializar no túmulo a possibilidade do luto e de organizar o espaço dos desfiles no Opera-Rio como espaço de festa e enunciação das travestis curitibanas, ela transformava-se em voz ativa e referência para investigação dos deslocamentos travestis por Curitiba.

Apesar de ser apresentada nos jornais curitibanos por seu envolvimento com o carnaval e o Baile dos Enxutos, encontro Márcia também em outros espaços como seu conflito relatado na notícia analisada anteriormente. Por meio desta notícia temos acesso a outras informações como seu trabalho na boate Maxim's, na companhia do Bailet Deniam. Além disso, com base no curta-documentário de Yanko Del Pino, *Beijo na Boca Maldita* (2008), identifiquei que Márcia era apresentada como copeira e creditada como Alceu Budene. A partir desta identificação pude aferir que Márcia falecera em 20 de setembro de 2009, representando a morte de mais um arquivo vivo da história das travestilidades curitibanas¹²⁵.

Na notícia publicada em 05 de maio de 1973 encontrei a informação de que Márcia residira em um pensionato. O artigo do jornal narrava seu confronto com Ivone Forte, dona da pensão, acerca de uma confusão a respeito da mudança de quartos,

¹²⁵ Início nesta tese o trabalho de reunião dessas informações dispersas com o desejo e compromisso de dar continuidade a esta pesquisa e na esperança que outras pesquisas se debrucem sobre tal campo.

(...) Segundo Ivone Forte, mesmo com o corpulento físico que o travesti possui, durante muitos anos é figura tradicional no Clube Operário. "Neste ano - disse - demorou algum tempo confeccionando sua fantasia para conseguir uma das primeiras classificações. Mas saiu de lá maldizendo a comissão julgadora". Muitas vezes, Alceu Budenam confunde as pessoas, porque nem sempre está com roupas femininas. Seus melhores trajes são reservados para a época carnavalesca, quando faz questão de mostrar seu porte no Clube Operário¹²⁶.

No trecho acima a relação de Márcia com o Opera-Rio era reafirmada enquanto uma figura tradicional, com destaque à sua dedicação aos trajes e fantasias para o concurso. Outros elementos presentes no texto remetem uma leitura da sua performance e corporalidade, a menção ao seu corpulento físico e a confusão que produz nas pessoas ao desfilar sem suas fantasias e roupas femininas no cotidiano. A partir destes aspectos considero que Márcia representava aos discursos normativos o rompimento com a linearidade do esquema sexo/gênero/desejo, encarnando uma noção de travestilidade e transexualidade enquanto "(...) devir, como forma de estar no mundo. É um ensaio que convida os que topam esta viagem, trânsito que não pretende excluir ninguém, tampouco dizer da vida e dos sentimentos das pessoas. TRANS como perturbador oferece outras lentes, filtros e máscaras" (Ranniery; Uziel; Magalhães, 2015, p. 73).

Sua fala à equipe do jornal destaca a competitividade que envolvia o desfilar nas passarelas do Opera-Rio e, principalmente, arrebatar o título de Rainha do Carnaval. O processo de participar do carnaval envolvia desde a preparação das fantasias aos maldizeres a comissão julgadora. Fatos que indicam a centralidade do Baile dos Enxutos nas sociabilidades e na constituição do ser travestis em Curitiba, enquanto um espaço de enunciação de outras possibilidades de ser na capital "modelo". Neste contexto carnavalesco as principais menções a Márcia Regina estavam relacionadas a sua participação e vitórias. Em 16 de fevereiro de 1961, a cobertura dos dias de folia realizada pelo Correio do Paraná, estampava na capa algumas fotos dos festejos, entre elas estava a imagem reproduzida a seguir:

¹²⁶ Diário do Paraná, ed. 5349, 05/05/1973.



FIGURA 19. Fotografia de Márcia Regina durante o desfile de fantasia no Baile de Enxutos em 1961, presente no Correio do Paraná em 16 de fevereiro de 1961.

A fotografia era impressa sem legenda de identificação, a chamada da capa apenas mencionava se tratar de uma travesti, encaminhando o leitor à página 6, com base nas características físicas acredito se tratar de Márcia, tendo em vista seu envolvimento com o Baile dos Enxutos desde sua origem nas décadas de 1950 e 1960. A matéria completa no interior da edição era estampada com um título em letras maiúsculas informando *Sob as vistas da polícia: Espetáculo de luxúria e lascívia*. Assinado por Osmann de Oliveira¹²⁷, o texto reivindicava a ação policial nos bailes de clubes curitibanos, indicando que “nestes ambientes de depravação os recalques são sublimados, e endeusados em público, os pervertidos”¹²⁸.

Ainda que o texto não identificasse os clubes ou as travestis que desfilavam nestes bailes, a partir da análise e comparação dessa imagem com outras, pude deduzir que se tratava de uma das primeiras menções nos jornais analisados a Márcia Regina e ao desfile das travestis no carnaval curitibano. Ao cruzar esta menção ao baile no Correio do Paraná com as

¹²⁷ Advogado em Curitiba.

¹²⁸ Correio do Paraná, ed. 524, 16/02/1961.

informações descritas por Paulo Chaves da Silva (presidente do Opera-Rio em 1986), em entrevista ao Correio de Notícias pude averiguar que as

travestis, lá pela década de 50 (época dos grandes bailes, com as grandes orquestras como a tradicional Orquestra Guarani, durante 25 anos animando os salões da casa) começou a chegar nas imediações do clube. A sede ainda era a antiga, com um bosque aos fundos, onde os foliões começaram a incorporar a presença dos travestis, improvisando os primeiros desfiles em tom de brincadeira sobre mesas do bosque. Tão natural foi a aproximação, que “voluntariamente” os concursos acabaram dentro do clube, instituído, mas jamais institucionalizado¹²⁹.

Observo o movimento das margens ao central realizado pelas travestis ao desfilarem na área externa do clube se aproximando e adentrando os salões do Opera-Rio, tornando-se a principal atração dos bailes de carnaval nas décadas seguintes. Afirmarões como sua chegada às imediações do clube se apropriando do bosque aos fundos da sede e sua incorporação, primeiramente pelos foliões, indicavam que apesar do sucesso popular do desfile das travestis a clandestinidade desta aproximação era evidenciada na fala de Paulo Chaves da Silva veiculada no jornal. As aspas na palavra voluntariamente colocavam em dúvida essa proximidade natural entre o Opera-Rio e as travestis, além disso, o jogo de palavras “instituído, mas jamais institucionalizado” reforçavam que mesmo sendo realizado anualmente o baile não era parte da instituição, formalizado ou universalizado.

Ao mesmo tempo em que fora a própria apropriação do espaço da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários pelas travestis um dos motivos para afirmação da associação como um dos salões mais disputados durante o período de carnaval. A dedicação de Márcia às suas fantasias, assim como das demais travestis curitibanas, foi responsável por glamourizar e transformar essas passarelas em Opera-Rio. A afirmação dos signos da beleza e glamour garantiram, portanto, o sucesso do Baile dos Enxutos e a criação de um espaço de enunciação das travestilidades curitibanas, projetando muitas das personalidades analisadas nesta tese.

O desfile das travestis no carnaval do Opera-Rio por meio de seu sucesso popular se impunha às instituições, se apropriando dos espaços, as travestis impunham sua presença e gradualmente se tornavam a principal atração da noite. Assim, como expõem Megg Rayara

¹²⁹ Correio de Notícias, ed. 1391, 09/02/1986.

(2020) ao analisar os percursos da bicha nos espaços públicos e cis heteronormativos, compreendo que o desfile das travestis no Baile dos Enxutos “tem uma existência que não trata da margem apenas, mas de um risco que se atravessa. É uma transversal que perpassa o jogo centro e periferia, rasgando-o.” (Oliveira, 2020, p. 86). Neste caso as margens ultrapassam o centro, demonstrando que as margens nunca estiveram fora ou desconexas do todo. Ao sair dos fundos da sede do clube elas assumiram o protagonismo na festa, ainda que cerceadas pela polícia e pela direção da associação.

Com a popularidade do desfile de fantasias, algumas das personalidades que desfilavam frequentemente no carnaval acabaram se firmando como estrelas e vedetes do show, como foi o caso de Samantha, analisado anteriormente, e de Márcia. O jornal Diário do Paraná apresentava em 29 de fevereiro de 1968 uma das vitórias de Márcia no Baile dos Enxutos, afirmando que em meio a um forte policiamento e salões lotados as “travestis voltaram a dar a nota alta ao Carnaval curitibano”¹³⁰ após 2 anos de proibição. Isto indica que talvez parte da popularidade alcançada pelo concurso fosse fruto de uma identificação das travestis enquanto exóticas, desejáveis e aceitáveis apenas nos dias de folia, mas sempre vigiadas.

O primeiro lugar coube a fantasia Princesa Leopoldina, defendida pelo travesti “Márcia”, que avaliou o seu vestido em um milhão de cruzeiros antigos, embora fizesse questão de esclarecer que para sua confecção usara material já utilizado em outras fantasias, pelos quais nada pagou. “Márcia” é veterana em desfiles de fantasia, tendo já concorrido no Rio, no “Les Girls”, como também em São Paulo e em Belo Horizonte. “Márcia” disse que a vitória não era apenas sua, mas de todos os interessados em concursos de fantasias, que pela primeira vez depois de dois anos puderam se realizar em Curitiba, onde a Polícia proibira o “Desfile dos Enxutos”. Seu maior desejo depois de ganhar o concurso, segundo revelou aos repórteres que a entrevistaram, era a de tirar a pesada fantasia e “botar um biquíni para aproveitar o resto do baile”¹³¹.

Nesta notícia a relação de Márcia com o carnaval, os desfiles e fantasia era salientada, através de sua dedicação em confeccionar e reutilizar as roupas que apresentava nos palcos, apresentada enquanto veterana do Baile dos Enxutos conhecemos também por meio desta notícia sua carreira no mundo dos desfiles de fantasia em outros estados brasileiros. Compreendo seu vínculo com os espetáculos, de acordo Thiago Barcelos Soliva (2016), em

¹³⁰ Diário do Paraná, ed. 3788, 29/02/1968.

¹³¹ Diário do Paraná, ed. 3788, 29/02/1968.

suas investigações sobre as homossexualidades e o mundo artístico em que “o show business foi um vetor de ascensão social e simbólica, através do qual as ‘travestis’ brasileiras experienciaram uma realidade menos violenta e até um considerável reconhecimento, tendo em vista o assédio que sofreram da imprensa” (Soliva, 2016, p.66). Este momento de flexibilizar das cis heteronormatividades permitiu também as travestis curitibanas um espaço de festividade nas passarelas e salões do Opera-Rio, como apresenta o desejo de Márcia de “botar um biquíni para aproveitar o resto do baile”.

As fantasias apresentadas por Márcia Regina eram baseadas em sua maioria em personagens femininas históricas, deusas antigas e tesouros minerais como Princesa Leopoldina, Rainha do Nilo, Deusa do Sol e Sonho de Fernão Dias¹³², respectivamente. Compreendo que a ênfase ao período carnavalesco nas vivências travestis, analisadas nesta tese, está relacionada à potência criativa e subversiva do carnaval, enquanto um momento de flexibilidade das normas sociais e extravasamentos dos desejos. Em relação ao envolvimento constante de Márcia com a festa, considero que foi a partir do carnaval vivenciado cotidianamente e coletivamente que ela construía sua relação com a cidade e com suas redes de amizade.

¹³² Fernão Dias foi um bandeirante e apresador de índios. Em 1674 partiu de São Paulo à procura de prata e esmeraldas, o que lhe renderia a alcunha de Caçador de Esmeraldas, percorreu os sertões do atual estado de Minas Gerais, faleceu acreditando ter descoberto esmeraldas, quando, na verdade, só descobrira turmalinas, pedras verdes sem grande valor. Mais informações disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/america-portuguesa/8762-a-bandeira-de-fern%C3%A3o-dias-paes#:~:text=J%C3%A1%20Fern%C3%A3o%20Dias%20morreu%20acreditando,s%C3%A9culo%20XVII%2C%20seria%20descoberto%20ouro>. Acesso em: 09 fev 2023.



FIGURA 20. Fotografia de Márcia Regina durante o desfile de fantasia no Baile de Enxutos em 1968, publicado pelo Diário do Paraná em 29 de fevereiro de 1968.

A imagem acima representa uma das fantasias apresentadas por Márcia nos desfiles do Opera-Rio. Um vestido volumoso com muitos babados e grande adereço na cabeça, recoberto por plumas e brilho, engrandecendo sua apresentação como Princesa Leopoldina. A preocupação em costurar e desfilar com exuberantes vestidos e fantasias contribuíra para o processo de glamourização do Baile dos Enxutos e daquelas que se apresentavam no concurso. Como explica Thiago Barcelos Soliva o glamour se configuraria em “agência entre esses indivíduos, permitindo que habitassem o mundo, reivindicando existência dentro da norma heterossexual” (Soliva, 2016, p.16).

Compreendo que a festa e o status de vedete e estrela do Opera-Rio eram elementos centrais na construção de uma imagem de si, seria “sob o signo do glamour, conjugado a imagens de cosmopolismo e modernidade, que indivíduos fora da norma heterossexual puderam se inserir em espaços normativos, antes impenetráveis da sociedade” (Thürler; Mathieu, 2021, p. 14). A partir desse lugar as travestis adentram e se apropriam dos salões do Baile dos Enxutos e figuras como a de Márcia se firmavam no discurso da imprensa local como estrelas tradicionais do carnaval curitibano.

Na cobertura do carnaval de 1971 realizada pelo Diário do Paraná a manchete anunciava *Operário lotado para ver Márcia arrebatada troféu*, em seu primeiro parágrafo, apresentava que “uma multidão que nunca coube na Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários policiada por 60 soldados, assistiu ao desfile de 17 travestis de quatro Estados e do Interior do Paraná na última segunda-feira, dentro do maior acontecimento do carnaval de Curitiba”¹³³. O cerceamento do Baile dos Enxutos, seja em forma de proibição ou policiamento, exemplifica o que argumentava Renan Quinalha (2018) acerca da política de repressão dos corpos e sexualidades, “ainda que o Estado não seja o único responsável por normatizar os discursos e práticas sexuais, sem dúvidas, durante a ditadura, ele se tornou um *locus* privilegiado de irradiação de regras proibitivas e licenças permissivas em relação às sexualidades, ajudando a definir as condutas classificadas como inaceitáveis” (Quinalha, 2018, p. 21).

Diante da tutela da força policial ao Baile dos Enxutos a voz de Márcia Regina, enquanto veterana e “uma das fundadoras do concurso, há mais de oito anos, reclamou muito da polícia, que por várias vezes impediu o desfile”¹³⁴. Em outro trecho era ainda mencionado que “Márcia a primeira colocada, foi recebida com grande ovação, certamente por defender as cores da Escola de Samba Colorado”¹³⁵. Apesar de seu protagonismo na história de constituição do concurso de fantasias como uma das principais festas do carnaval curitibano, as falas de Márcia eram apresentadas de forma indireta, acrescentando outros filtros para análise de seus deslocamentos.

A partir destes dois excertos observo a popularidade e envolvimento de Márcia com o Baile dos Enxutos e o carnaval curitibano, embora sua projeção na imprensa local se desenvolvesse de forma indireta, considero que o uso dos jornais como plataforma de enunciação de si ou como um espaço a ser apropriado para registrar suas reivindicações individuais e coletivas não estava entre seus objetivos. Considero que sua articulação com as demais travestis curitibanas e suas demandas também seguiram este padrão, desdobrando-se de forma indireta ou afastada dos holofotes da imprensa, ainda que seu status de estrela, campeã e fundadora do concurso lhe permitisse registrar nos jornais suas críticas ao policiamento da festa.

¹³³ Diário do Paraná, ed. 4687, 26/02/1971.

¹³⁴ Diário do Paraná, ed. 4687, 26/02/1971.

¹³⁵ Diário do Paraná, ed. 4687, 26/02/1971.

De acordo com Luiz Morando (2021), a popularização dos shows de travestis nas décadas de 1950 e 1960 ocorreu justamente em um momento político de acirramento da ditadura civil-militar, “em que várias forças de coerção — policial, judiciária, moral, religiosa, familiar — agiam para oprimir e reprimir as travestis, proibindo-as de sair ou de se apresentar em público” (Morando, 2021, p. 135). Neste contexto, o Baile dos Enxutos era apresentado nos jornais como uma das festas mais tradicionais de Curitiba e dos mais animados e concorridos. Como indica o seguinte trecho, publicado no jornal *Correio de Notícias* em 20 de fevereiro de 1985, “o mais tradicional baile de Curitiba, o Baile dos Enxutos da Sociedade Operário, realizado na segunda-feira foi um dos mais animados e concorridos da cidade. Os diretores da sociedade calculam que mais de cinco mil pessoas pularam nos salões do clube que teve como ponto alto a escolha do travesti de mais bela plástica e com a mais bela fantasia”¹³⁶.

Outro aspecto que é possível aferir, a partir do trecho retirado do jornal, refere-se à criação das categorias da mais bela plástica e mais bela fantasia. Em primeiro lugar, essa divisão da competição marca um contexto de popularização das intervenções estéticas, dos hormônios e silicones. Seria um marco geracional, segundo Cíntia Guedes (2015), a segunda metade do século XX marcaria o processo de surgimento de diferentes técnicas para modelar corpos femininos, “neste contexto aparecem os primeiros relatos de injeção de silicone industrial. É interessante perceber que tais práticas, embora não tenham sido registradas com a mesma precisão que história das próteses oficiais, dividem o mesmo momento histórico” (Guedes, 2015, p. 99).

De acordo com a revisão bibliográfica produzida por Cíntia Guedes (2015), a prática da injeção do silicone industrial no Brasil teria seus primeiros usos em Curitiba, sendo uma técnica “apreendida na França e trazida para o Brasil através de uma travesti da qual não se tem mais notícias” (Guedes, 2015, p. 99), como confirmam as pesquisas de Marcos Benedetti e Luiz Mott. Reconstituir os caminhos e o desenvolvimento desta prática se torna, portanto, uma tarefa praticamente impossível “devido à ilegalidade (prática ilegal da medicina) e à marginalidade que a circunda, pouco se sabe como e quando a bombação começou a ser praticada” (Guedes, 2015, p. 99).

¹³⁶ *Correio de Notícias*, ed. 1098, 20/02/1985.

Nos jornais analisados existem alguns registros da utilização do silicone industrial em Curitiba, como é caso da notícia “*Silicone da morte*” *preocupa travestis*, publicada no Diário da Tarde em 10 de fevereiro de 1983, segundo o texto

Com a chegada de travestis de outros Estados, para passarem o carnaval no baile do Operário, correu o boato de que alguns deles, principalmente os que vieram de São Paulo, já teriam usado silicone industrial misturado ao laxante Nujol, que acabou causando a morte de oito travestis e doenças graves em outros trezentos. Sobre este caso, “Fernanda”, um travesti argentino, comentou que Curitiba é um dos melhores centros para aplicação do silicone. Embora tenha omitido nomes informou que o serviço de aplicação é feito por dois grandes médicos. Os travestis que possuem condições financeiras aproveitam os dias antes do carnaval, para fazerem aplicações de silicone no rosto, seios e quadris. A morte dos travestis em São Paulo está sendo investigada pelo 8º Distrito daquela capital, onde os policiais descobriram que as mortes ocorreram após as aplicações do silicone industrial que estava sendo misturado com o laxante Nujol. No inquérito consta que o travesti “Michele”, que foi deportado da França por exercício ilegal da Medicina, realizou aplicações semelhantes em mais de 300 travestis de vários Estados¹³⁷.

As informações presentes no trecho acima coincidem com as investigações de Cíntia Guedes (2015), acerca dos fluxos não autorizados que atravessam os corpos em seu processo de reconstrução. Ao identificar Curitiba como um dos melhores locais para aplicação do silicone, o jornal nos oferece pistas sobre os trânsitos das travestis em busca de modelagem para seus corpos, ao mesmo tempo em que apresenta uma base material que justifica a existência da categoria plástica no Baile dos Enxutos. Em razão do discurso normativo da imprensa, o poder policial e médico eram arrolados na notícia de forma a alertar e criminalizar essa prática, bem como os sujeitos que buscavam, dentro de um contexto de marginalização, produzir outras linguagens de gênero performadas em seus corpos.

Márcia Regina, assim como observei em Samantha no segundo capítulo, passou a se afastar do desfile do Baile dos Enxutos devido a popularização da categoria plástica e dos corpos curvilíneos, produzidos a partir dos procedimentos estéticos. Em declaração publicada no Correio de Notícias, Márcia expressava seu descontentamento “com a organização do baile do Operário pois não há mais o concurso de fantasias como era antigamente. ‘Depois que passou

¹³⁷ Diário da Tarde, ed. 24315, 10/02/1983.

a ser só peito e perna eu não concorro mais’, queixou-se ela com saudade do tempo em que o que valia mesmo era o luxo e qualidade da fantasia”¹³⁸.

Localizo os descontentamentos de Márcia e Samantha em relação às mudanças ocorridas na competição do Baile dos Enxutos e, principalmente, ao foco cada vez maior nos corpos moldados e esculpidos das travestis em detrimento as luxuosas fantasias, como parte de um embate geracional. Conforme analisa Elias Veras (2015) as décadas de 1970 seriam marcadas pela emergência de uma nova subjetividade, forjada pela passagem do tempo das perucas ao tempo farmacopornográfico, das intervenções corporais temporais as permanentes nos desenhos das travestilidades.

Considero que os processos de constituição de si vivenciados por Márcia e Samantha dialogam com esse contexto anterior, em que as festividades do carnaval abriam “as portas para aqueles que desejavam se travestir, ou como se dizia ‘estar em travesti’” (Lopes; Duarte, 2021, p. 155). Associadas ao mundo dos espetáculos e do carnaval, ambas apresentavam opiniões que se alinhavam a noção de transformismo enquanto uma transformação, usando a montagem “em ocasiões e momentos específicos, como o carnaval, festas privadas ou para apresentações teatrais” (Lopes; Duarte, 2021, p. 159), em oposição ao processo que daria nas décadas seguintes de passagem do “estar” para “ser” travesti, como um “efeito e produto de um processo histórico, geracional e subjetivo de identificação, o qual vai forjar e possibilitar novas subjetividades” (Lopes; Duarte, 2021, p. 156).

Além disso, há de se considerar, como aponta Thiago Barcelos Soliva (2014), que as noções de luxo, glamour e chique tiveram um importante papel na estruturação das dinâmicas de distinção e representação das homossexualidades durante os anos 1960. Os concursos de beleza configuravam-se como locais de sociabilidade e reafirmação desses elementos por meio das roupas, maquiagem e gestuais “ou seja, deveria estar inscrito nos seus corpos produzindo um tipo de corporeidade específica, capaz de materializar o espírito do glamour, tão importante nesse universo” (Soliva, 2014, p. 4).

A relação de Márcia com o Baile dos Enxutos dialogava com o processo de transformação do espaço das passarelas Opera-Rio em plataforma para ascensão da figura da travesti curitibana em divas e estrelas, ao menos durante os dias de carnaval. Considero que

¹³⁸ Correio de Notícias, ed. 1098, 20/02/1985.

este deslocamento dos lugares sociais destinados às travestis eram “também subjetivas – uma mudança dramática na forma como essas travestis negociavam sua existência com o mundo hostil que as cercava. Essa negociação só era possível quando elas faziam uso do glamour” (Soliva, 2014, p. 18).

Nesta mesma notícia publicada pelo Correio de Notícias, Márcia informava sobre seu envolvimento com a criação de um “concurso de fantasias infantis na sociedade São Braz, o bairro onde ela mora. E para isso ela reuniu todas as suas fantasias antigas e doou à sociedade. Assim, ontem à tarde, nada menos do que 28 crianças do bairro puderam passar um carnaval diferente, desfilando no clube”¹³⁹. Baseada nestas informações compreendo o envolvimento social de Márcia com o carnaval e o glamour das fantasias. Considero que é justamente por meio da ascensão social, alcançada nos Bailes dos Enxutos, que ela transitava nas comunidades locais como portadora de capital simbólico, seja pelo seu sucesso na festa ou por sua conformidade aos padrões de gênero fora das passarelas.

Ao analisar os processos de montagem e desmontagem de um jovem das camadas populares de Salvador, Maycon Lopes (2015) identifica que a “interseção entre gênero e classe atua na construção de si do meu etnográfico, que almeja intensamente ascender socialmente, e que para tanto, dispõe-se a modificar sua aparência segundo os padrões normativos, os mesmos que ilustram, ou melhor, sancionam, como se apresenta ao mundo uma pessoa ‘bem-sucedida’” (Lopes, 2015, p. 53). Considero que Márcia ao restringir sua montagem aos palcos dos concursos de fantasia também negociava sua inserção e trânsito social com os elementos normativos do gênero.

A montagem de Márcia, durante os bailes de carnaval, dialoga com a noção de “passar por” proposta por Thiago Duque, segundo a qual as pessoas negociam com os padrões de gênero em determinadas situações, enfatizando características que “querem e buscam esconder, conhecer, construir, desconstruir, descobrir ou revelar principalmente em termos de ‘sexo’, não exclusivamente em termos de sexualidade e/ou gênero” (Duque, 2013, p. 18). Sua conformidade tática e momentânea a cisnorma lhe garantia, portanto, a imagem de estrela do Baile dos Enxutos e, muitas vezes, porta-voz e mediadora entre a comunidade travesti e a

¹³⁹ Correio de Notícias, ed. 1098, 20/02/1985.

imprensa ou a presidência do Opera-Rio, ao mesmo tempo em que se inseria também nas causas sociais de seu bairro.

As menções a Márcia identificadas nos jornais investigados indicavam seu descontentamento e afastamento gradual do Baile dos Enxutos, passando a envolver-se na criação de outro concurso de fantasias em Curitiba ou no desfile na Escola de Samba Colorado. A notícia *Livre território Livre*, publicada em 07 de fevereiro de 1986 no Correio de Notícias, trazia informações sobre os festejos carnavalescos na Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários. Cabe observar como o texto veicula informações que engrandecem o papel da associação na sociedade curitibana.

Ao apresentar as atrações centrais da noite comentava-se sobre as homenagens a Edgar Antunes da Silva, presidente da associação que havia falecido no ano anterior, “o homem que foi durante 33 anos presidente (...) do Operário – território livre que há mais de cem anos carrega o estandarte das lutas das minorias”¹⁴⁰. O Baile dos Enxutos compunha parte destas celebrações ao completar 30 anos, como descreve o seguinte trecho:

Para homenagear Tatu, nada melhor do que a manutenção de uma tradição de folia. Pela trigésima vez este ano, o grande baile da segunda-feira de Carnaval em Curitiba será no Operário, com a participação de 30 concorrentes ao título do Enxuto 86. Mais uma vez, durante os quatro dias de festa paga, a sociedade de despe da hipocrisia e das falsas morais lotando os salões do Operário para ver uma faina relegada ao espaço clandestino das madrugadas nas esquinas e becos da cidade os travestis¹⁴¹.

Este texto enfatiza a noção do carnaval como um momento de suspensão da ordem e das normas sociais vigentes no cotidiano da sociedade curitibana. No caso das travestis esses dias marcavam seu posicionamento como estrelas das passarelas e personagens principais que animavam os festejos carnavalescos, distanciando esses períodos de suas vivências nas madrugadas e esquinas, como apresenta o excerto acima. O Operário, neste contexto, era apresentado como um território livre, que carregava como legado o “estandarte das lutas das minorias”.

Cabem alguns questionamentos a estas afirmações, como indicava o texto analisado anteriormente, apesar de instituído o Baile dos Enxutos e concurso de fantasia das travestis, o

¹⁴⁰ Correio de Notícias, ed. 1389, 07/02/1986.

¹⁴¹ Correio de Notícias, ed. 1389, 07/02/1986.

evento nunca fora institucionalizado. Como explicam Brenner e Nogueira (2014), a Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários tem sua origem na necessidade de organização da assistência aos trabalhadores de forma associativa, baseada na ajuda mútua. De fato, as sociedades operárias ocupariam no início do século XX um papel importante na organização da classe trabalhadora em Curitiba. Entretanto, quando observo a relação entre a associação e as travestilidades compreendo que essa aproximação se deu como uma ação tática de apropriação das travestis, escancarando as portas do clube aos seus shows e garantindo suas presenças nestes salões com base no sucesso de público.

Como uma imposição, as travestis curitibanas desenhavam uma linha que atravessava os espaços das noites e das esquinas aos salões do Opera-Rio, impondo-se e apropriando-se da centralidade do carnaval e dos dias de festa. Apesar das cidades e do espaço urbano estarem organizados como um caleidoscópio do grau de controle, reprimindo aqueles que comprometiam a imagem oficial da capital que se queria modelo, “a vida pulsa em seus desvios opera com códigos próprios, rica em práticas inventivas, capazes tanto da constituição de territórios como de articulações impensáveis” (Rodrigues, 2016, p. 92).

Esta notícia *Livre território Livre*, em especial, fora publicada de maneira a defender e engrandecer a Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários. A organização do texto jornalístico enfatizando as qualidades da associação eram apresentadas diante do silenciamento dela nos casos de repressão policial às travestis que ocupavam as imediações do clube. O Correio de Notícias seguia apresentando as ameaças de protestos e tentativas de boicote ao Baile dos Enxutos organizadas pelas travestis, que reivindicavam o direito de ocuparem os espaços públicos e exigiam um posicionamento do Opera-Rio em sua defesa:

por um equívoco da classe dos travestis, quase que este ano o Operário fica sem a atração de seus enxutos. Durante o ano de 85, por ordem de um delegado de polícia, os travestis perderam seu ponto tradicional nas imediações da Praça São Francisco, próxima ao Largo da Ordem. O Operário, considerado pelo poder eclesial e pelas senhoras católicas da vizinhança, como o ponto máximo do movimento “das bichas”, passou a rever sua proposta inicial – de um clube aberto a todos os segmentos da sociedade – distorcida, retorcida ou progredida pela liberdade de novos rumos sociais, ou o que parecia ser o novo¹⁴².

¹⁴² Correio de Notícias, ed. 1389, 07/02/1986.

A força policial como um braço executor do projeto governamental da Curitiba “modelo” alinha-se aos conceitos morais do poder eclesial, passando a não somente disputar, como reprimir e expulsar as travestis dos pontos que ocupavam no centro da cidade. O Opera-Rio acusado como território da movimentação “das bichas” adotou uma postura defensiva revendo a quem estavam abertas as portas clube. A linguagem do jornal colocava as travestis como equivocadas ao se manifestarem contra a associação, isentando-a e posicionando-a em uma encruzilhada a qual nada poderia fazer. Este trecho expõem as imposições normativas sobre o espaço público e quem possuía o direito de habitá-lo.

Ainda que se apresentasse como uma associação aberta “a todos os segmentos sociais”, a postura assumida pelo Opera-Rio frente a repressão policial e o cerceamento da circulação das travestis em seu cotidiano foi a de buscar se proteger, resguardando a sua imagem e negociando com os setores tradicionais da sociedade. Como explica o presidente da associação,

“a Sociedade vive de arrecadações” e como os bailes foram perdendo a frequência e os travestis ganhando ousadia, ou melhor, coragem na luta por um espaço conquistado e atribuído como seu também. Paulo confessa que a alternativa para que o clube não viesse à bancarrota foi “ceder às intransigências sociais”, mas reafirma “o território continua livre no Carnaval”¹⁴³.

As normas sociais respondem ao calendário, no qual os dias de carnaval representam um momento de desequilíbrio, uma válvula de escape ao cotidiano, garantindo a manutenção da ordem (Da Matta, 1997). A curiosidade e desejo que atraíam a população de Curitiba aos shows das travestis era, portanto, canalizada e autorizada durante os festejos carnavalescos, neste momento os salões do Opera-Rio a elas se abriam, “fornecendo às pessoas uma experiência concreta de vida não-hierárquica contra as categorias fixas” (Soihet, 1998, p. 9). Durante o restante do ano essa atração era mantida sobre o manto escuro da noite, dos becos e esquinas mal iluminados.

A apropriação dos espaços urbanos e a luta pela manutenção destes locais livres do policiamento e criminalização era parte do cotidiano dos grupos considerados minoritários, ou seja, todos aqueles sujeitos cuja imagem não condizem com o projeto da Curitiba “modelo”. Rita de Cássia Colaço Rodrigues (2016) afirma que a constituição dos territórios pela população

¹⁴³ Correio de Notícias, ed. 1389, 07/02/1986.

LGBT possibilitou “o partilhamento das experiências de exílio e a consolidação de uma identidade comum. Coletivizados, engendraram práticas de cuidado recíproco, constituindo efetivos mecanismos de proteção interpares, elaborando respostas satisfatórias às exigências do viver urbano” (Rodrigues, 2016, p. 92). A defesa do direito de ocupar e circular nas imediações do Opera-Rio era, portanto, uma luta em prol de toda uma coletividade ali criada, na qual aquele lugar praticado se tornava um meio de sociabilidade, uma possibilidade de montagem e de sobrevivência.

Em meio a esta disputa territorial Márcia assumiu o papel de negociadora entre a organização do concurso e as travestis em revolta, que buscavam boicotar o Baile dos Enxutos pelo seu silêncio diante da violência a qual estavam sendo submetidas. Como apresentava o texto a seguir:

Márcia, um dos travesti mais antigos da cidade, que diz – “deixei de ser branca para ser franca”, está mais uma vez na coordenação do concurso dos Enxutos depois de oito anos de ausência. Ela confirma a revolta dos travestis com a perda de seu espaço de sobrevivência, confirma também o risco do boicote dos Enxutos ao Carnaval de 86, mas afirma que o “Operário nada tem a ver com tudo isso. Como as ‘bichas’ confiam em mim, sabem que luto por elas, entenderam que nossa briga não é contra o clube. Mais uma vez o travesti, que é o próprio Carnaval, vai mostrar sua arte para uma sociedade que só o assume no Carnaval. Durante o resto do ano somos presos por vadiagem num país de desempregados. Nós travestis, trabalhamos por nossa sobrevivência, somos realistas – jamais hipócritas”¹⁴⁴.

Márcia se coloca como alguém de confiança entre as travestis, confirmando sua influência enquanto parte da organização do Baile dos Enxutos. A partir de sua afirmação considero que, apesar de ter se afastado do Opera-Rio, ela ainda era uma figura central na história de constituição do concurso de fantasias e das brincadeiras de carnaval em Curitiba. Ao utilizar sua conexão com a festa para sair na imprensa em defesa das travestis curitibanas, Márcia se conectava com a luta destas pelo direito a existir na capital “modelo”

As palavras de Márcia conectam e expõem as contradições entre o cotidiano e o carnaval nas vivências travestis em Curitiba, assumida nos dias de festejos carnavalescos e perseguidas como vadias e criminosas no resto do ano. Além disso, o texto da notícia ilustrava sua circulação entre diferentes espaços, ocupando um lugar entre as instâncias organizativas do Baile dos

¹⁴⁴ Correio de Notícias, ed. 1389, 07/02/1986.

Enxutos, ao mesmo tempo em que possuía a confiança das “bichas”. A partir destes trânsitos considero que sua trajetória indica os caminhos e a passagem entre a festa ao cotidiano, ocupando uma posição de liderança como uma figura organizativa do carnaval ou zelando pela preservação da memória e dos atos fúnebres daquelas que viveram na capital paranaense.

Em outra notícia publicada em 09 de fevereiro de 1986, o Correio de Notícias trazia uma cobertura dos bailes pré-carnaval. Com destaque para a festa realizada no Atlético, na qual o ponto alto da noite seria o concurso da travesti mais bonita do baile, “a apresentadora ‘Marcia’, voz rouca de coroa sensual, ficou cansada ‘porém feliz com o processo do pré-carnaval atleticano. Hoje foi só mostra, um esquentamento das meninas. No Opera-Rio a coisa irá explodir pra valer. O melhor é que estamos aqui, livres e soltos para o que der e vier”¹⁴⁵.

Baseada nestas fontes compreendo como o carnaval era um elemento central na compreensão de Márcia sobre as travestilidades, bem como da imagem que projetava na imprensa. Em trechos como a “travesti, que é o próprio Carnaval”, “botar um biquíni para aproveitar o resto do baile” ou “O melhor é que estamos aqui, livres e soltos para o que der e vier” Márcia entrelaçava as travestis, a festa e a liberdade, representando um momento no cotidiano para a liberação dos desejos da carne e desnudamento das hipocrisias sociais. Devido sua trajetória como uma das mais antigas competidoras no Baile dos Enxutos ela passou a ocupar o papel de protagonista como voz ativa e organizadora do show.

Considero que a presença de Márcia e das travestis no carnaval politizava a festa, apropriando-se da visibilidade que estampavam em seus corpos, falas e reivindicações na imprensa, pressionavam as associações e ameaçavam de boicote os bailes. Celebrar os festejos carnavalescos era, entre tantos outros significados, também parte de uma afirmação de resistência. O movimento do carnaval era, portanto, questionador e debate o direito à cidade, se configurando também em um instrumento de resistência cultural, que lutava pela independência e liberdade das ações coletivas e “negasse a intervenção do poder público” (FERNANDES; HERSCHMANN; BARROSO, 2019, p. 162).

Por fim, localizo Márcia nesta encruzilhada, na qual se entrelaçavam o carnaval e o cotidiano, a festa e a luta/luto. Diferentes das falas impressas de Primavera e Baby, analisadas no capítulo anterior, que se apropriavam do Baile dos Enxutos para expressarem suas lutas e

¹⁴⁵ Correio de Notícias, ed. 1391, 09/02/1986.

reivindicações diárias, muitas vezes as posturas de Márcia podem expressar um certo distanciamento, como seu gradual afastamento do Opera-Rio na década de 1980. No entanto, algumas de suas ações tais como a doação do túmulo coletivo e sua volta a organização do baile, buscando resguardar um espaço há muito conquistado como palco das travestilidades curitibanas realizavam um trabalho de coser e negociar espaços e formas de resistências no centro de Curitiba. Estes enfrentamentos desdobravam-se tanto nas brincadeiras carnavalescas, quanto diante das violências urbanas que analisarei na sequência.

3.1 JACYRA: E O ESTOPIM DA ORGANIZAÇÃO

O entrelaçar dos dias de carnaval com o cotidiano vivenciado pelas travestis curitibanas era marcado por um deslocamento que colocava em evidência as disputas territoriais sobre o espaço urbano, pela liberdade de circular pela cidade e ocupá-la. A Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários e os seus entornos se configuravam como principal palco de conflitos e enfrentamentos, sendo nas passarelas da associação que as travestis brilhavam e eram exaltadas nos festejos carnavalescos. No restante do ano, ainda que cerceadas pela violência policial, as esquinas e praças nas imediações eram transformadas em palco de sua sociabilidade, principalmente, por meio da prostituição.

Acompanho esse deslocar travesti dos palcos do Opera-Rio ao espaço público, compreendendo que neste contexto elas estavam expostas a uma série de violências, hoje caracterizadas como transfobia, manifestadas “nos mais variados modos discriminatórios, como ameaças, insultos e até violência físico-corporal, indireta ou diretamente” (Fernandes, 2015, p. 19). Observo, portanto, que as vivências diárias dos sujeitos abarcados nesta pesquisa estavam inseridas em uma situação de vulnerabilidade revelada “tanto, mas práticas do cotidiano, por intermédio de violências interpessoais expressas ou veladas, como nas práticas institucionais de um aparato estatal que incorporou a vivência sexual dominante, historicamente comprovada por tipificações penais, patologizações e discriminação decorrentes da caracterização dos desvios sexuais” (Fernandes, 2015, p. 30).

Ao analisar as fontes, no entanto, me deparo com diferentes linhas de fugas e agenciamentos mobilizados pelas travestis curitibanas como táticas de (r)existências. Neste tópico analiso, especificamente, o caso de Jacyra, buscando compreender a partir desse episódio

como se organizavam e se manifestavam as revoltas e protestos deste grupo no período investigado. Considero que para além de utilizarem a visibilidade do carnaval como um mecanismo de exposição de si e de suas pautas, outras formas de reivindicações de melhorias em suas qualidades de vida eram expressas em suas vivências coletivas e públicas pela capital que se queria modelo.

Jacyra era travesti e frequentava as imediações da Praça João Cândido, próximo a Sociedade dos Operários, em companhia de outras travestis fazendo ponto nas zonas centrais de Curitiba. Com 18 anos completados em 07 de setembro de 1980 ela já possuía algumas passagens pela polícia acusada de “trottoir malicioso”¹⁴⁶. Apesar das escassas informações publicadas nos jornais pude aferir que sua família residia em Curitiba, ainda que não fosse possível averiguar a natureza de seu relacionamento com este núcleo familiar.

Compreendo o jornal enquanto uma mercadoria que, organizada a partir dos interesses de sua equipe editorial, anunciantes e público leitor, apresentava uma abordagem das travestilidades mediadas por noções morais e mercadológicas. As travestilidades eram representadas nos periódicos sob os prismas do fascínio, desejo, abjeção, objetificação e desumanização, reforçando estereótipos de gênero e reafirmando violência estrutural contra tal grupo. De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus (2015, p. 57), “os meios de comunicação, como expressão das representações da sociedade, repetem a histórica crença na anormalidade da população transgênero, sob uma linguagem de escárnio que naturaliza violações”.

Na imprensa curitibana consultada nesta pesquisa, observo a reprodução de certos padrões nos quais as travestis eram ora exaltadas como estrelas do carnaval, ora associadas a violência, desordem e criminalidade urbana. Sua visibilidade oscilava entre estes dois polos. Jacyra era um destes exemplos, tornara-se visível ao discurso dos jornais a partir da violência deferida contra ela. Segundo o Diário da Tarde, em notícia publicada no dia 09 de setembro de 1980, “Jacyra estava em companhia de outros homossexuais, por volta das 3 horas na Sociedade Beneficente dos Operários, quando foi acolhido por um elemento ainda desconhecido, em seu automóvel”, sendo em seguida assassinada com um tiro na cabeça e deixada na rua.

Diante desta violência explícita, conforme indica outro trecho da notícia publicada pelo Diário da Tarde, o encaminhamento das investigações fora acompanhado pelos familiares e

¹⁴⁶ Diário da Tarde, ed. 23397, 10/09/1980.

amigos de Jacyra, reunindo um grupo de pessoas nas dependências públicas, como afirmava este trecho:

Depois das 15 horas, grande número de homossexuais reuniu-se nas dependências do necrotério, aguardando a liberação do corpo, para sepultamento, a ocorrer hoje. O grupo esboçou um movimento de protesto, mas preferiu aguardar os resultados dos trabalhos desenvolvidos pela Delegacia de Homicídios, para apurar a identidade e prender o responsável pelo crime¹⁴⁷.

Este grande número de homossexuais reunidos aguardando para sepultar Jacyra representava uma ameaça à força policial, pressionando para que o responsável por tal violência fosse de fato punido. A reunião desse grupo em luto e cobrança por justiça pode ser observada como um primeiro indício das formas de união e das redes de solidariedade que envolviam as experiências travestis em Curitiba. Diante dos abusos e agressões que recortavam seu cotidiano, elas se organizaram de maneira orgânica dialogando com o contexto de organização do movimento das travestis e transexuais apresentado por Jovanna Cardoso da Silva (2018). Segundo a autora, ao longo da década de 1990, tais sujeitos se colocaram em luta tendo como suas principais pautas justamente a violência policial e a reivindicação de acesso a políticas públicas de saúde.

Júlio Assis Simões (2018) argumenta que o movimento de protesto contra o delegado Richetti e sua “Operação Rondão” ou “Operação Limpeza”, realizada na cidade São Paulo em 1980, com o objetivo de expulsar travestis, prostitutas, “pederastas”, “maconheiros”, “trombadinhas” e “desocupados” das áreas centrais da capital, fora central para o processo de organização das travestis e transsexuais. Essa represália policial acabou por produzir uma ação coletiva pública, que marcaria a militância e anteciparia a visibilidade das Paradas do Orgulho, representando

um precioso momento em que o deboche e a ‘fechação’ fizeram sua entrada apoteótica na cena política. Nessa surpreendente convergência de transgressão e protesto, ainda em plena ditadura militar, podemos reconhecer muito do que hoje se discute sobre corpo, emoção e performance na ação coletiva (...) Um lapso de euforia criativa, cujas reverberações sentimos até o presente (Simões, 2018, p. 42).

¹⁴⁷ Diário da Tarde, ed. 23396, 09/09/1980.

Considero que estes movimentos orgânicos funcionaram como ensaios de uma militância que se estabeleceria nas décadas seguintes com a abertura política. As uniões espontâneas, ameaças de protestos e desordens encampadas pelas travestis em Curitiba contribuíam para dar visibilidade a sua principal pauta no momento, isto é, o acesso à cidade e o fim da repressão policial. Em outro trecho da matéria, esta rede de união era novamente mencionada quando o jornal se colocava a narrar os detalhes do sepultamento de Jacyra, afirmando que

Ontem à tarde, em meio a chuva, foi sepultado Jacyra Fioravante de Oliveira Penteado. Além de familiares, estiveram presentes alguns travestis, que não se negaram a contatos com jornalistas, mas pedindo providências para que fatos idênticos não venham a ocorrer. Eles afirmaram que “Jacyra”, quando bebia, ficava “muito violenta e era capaz de algumas burradas”. Confirmaram também as acusações de que, em algumas vezes, “Jacyra” tinha arrojado alguns de seus clientes. Apesar de sua pouca idade (18 anos, completados no domingo), o homossexual já contava com várias passagens pela Delegacia de Costumes, por “trottoir” malicioso nas ruas centrais da cidade¹⁴⁸.

Observo que a cobrança por providências e a ameaça das Travestis de se unirem em protesto público mobilizou os aparatos de poder da municipalidade e do status quo. Neste jogo de poderes o discurso do jornal era utilizado como um meio de desqualificação do sujeito, principalmente, ao enfatizar as passagens pela polícia de Jacyra, seu temperamento explosivo, o abuso do álcool, entre outros. Ao veicular essas informações, o periódico conduzia as conclusões de seus leitores sobre o ocorrido justificando em certos aspectos a violência deferida contra Jacyra a partir de sua suposta índole duvidosa.

O trabalho policial sobre o caso se desdobrara a partir do depoimento de uma testemunha que teria avistado a placa e o veículo em que Jacyra embarcou naquela noite. Na notícia *Morte de travesti ainda sob mistério*, publicada em 10 de setembro de 1980, o Diário da Tarde informava que os encaminhamentos realizados pela polícia foram marcados pela “falta de um melhor entrosamento entre os órgãos policiais da Capital”¹⁴⁹, que causaram dificuldades e retardaram o esclarecimento do caso. As hipóteses do delegado responsável pela investigação

¹⁴⁸ Diário da Tarde, ed. 23396, 09/09/1980.

¹⁴⁹ Diário da Tarde, ed. 23397, 10/09/1980.

seriam de “uma tentativa de assalto por parte do travesti ou ainda um ‘programa’ frustrado, depois de a vítima ter sido confundida com uma mulher”¹⁵⁰.

Essa hipótese seria reafirmada na publicação do Diário do Paraná, que apresentava algumas outras informações sobre a aparência do suspeito e outros detalhes do caso. Conforme publicou o jornal:

Apesar de há cinco dias a Delegacia de Costumes ter recebido carta anônima, ameaçando travestis que fazem o trottoir malicioso no centro da cidade, a polícia não acredita numa possível ligação com o fato.

A principal hipótese é a de que o motorista do Passat – descrito como sendo um rapaz alto, cabelo tipo militar e que usava roupas claras – tenha colocado Jacyra em seu carro pensando tratar-se de uma mulher.

Ao notar o engano, teria exigido que o mesmo descesse e, devido resistência e possível ameaça com alguma arma branca, tenha feito uso do revólver¹⁵¹.

Como mencionado no capítulo anterior, o discurso sobre o engano masculino, confundindo travestis com uma “mulher” é recorrentemente utilizado como meio de justificar suas aventuras e transgressões da cis heteronormatividade. Em sua etnografia sobre a prostituição travesti, Larissa Pelúcio (2007) afirma que a dinâmica das noites envolve, muitas vezes, “falsos clientes que as violentam e assaltam; policiais que as extorquem e humilham, brigas com traficantes; entre travestis e *michés*, por conta de pontos de prostituição, acerto de dívidas de drogas e de amores, desentendimentos entre si, gerados por motivos que vão da disputa por clientes, acertos de contas por comentários depreciativos e delações” (Pelúcio, 2017, p. 34).

Esse contexto de violências e extorsões era explorado pelo discurso da imprensa como instrumento de estigmatização das travestis que frequentavam os espaços de prostituição. Tais aspectos justificariam as ações higienistas, a criminalização e o descaso para com as ameaças a vida das travestis, influenciando também “a percepção que têm de si mesmas, chegando algumas a se julgarem merecedoras de alguns atos violentos” (Pelúcio, 2017, p. 34).

Na publicação do Diário da Tarde, em 12 de setembro de 1980, eram veiculadas algumas informações repassadas pelas companheiras de Jacyra, sobre os momentos que antecederam o crime. Segundo elas “(...) um homem alto, de boa aparência e trajando roupa clara e sapatos

¹⁵⁰ Diário da Tarde, ed. 23397, 10/09/1980.

¹⁵¹ Diário da Tarde, ed. 23397, 10/09/1980.

brancos fora visto no interior do Opera-Rio, horas antes do crime. Neste mesmo local estivera ‘Jacyra’ até momentos antes de ser morto e as descrições do indivíduo correspondem às fornecidas por Luiz Carlos Ferreira”¹⁵². Mesmo diante destas novas informações, a abordagem da policial permanecia a mesma: “seria uma simples coincidência o fato da vítima e autor terem estado no mesmo local, conforme a polícia. A principal hipótese continua sendo a de que o homicida tenha apanhado ‘Jacyra’ nas proximidades do Operário, pensando tratar-se de uma mulher”¹⁵³.

Todas as informações sobre o indivíduo e o carro em que Jacyra teria embarcado guiam um trabalho policial que desde o início possui uma explicação, na qual o crime fora cometido baseado em desentendimento e engano sobre sua identidade de gênero. A falta de comunicação e agilidade das investigações por parte das delegacias eram expostas na imprensa e impulsionaram uma sindicância a respeito do trabalho policial neste caso. Considero que tais elementos expressavam uma imagem pública das travestis, especialmente, aquelas que frequentavam os espaços de prostituição. Segundo Erving Goffman (1988),

Quando indivíduo tem uma imagem pública, ela parece estar constituída a partir de uma pequena seleção de fatos sobre ele que podem ser verdadeiros e que se expandem até adquirir uma aparência dramática e digna de atenção, sendo, posteriormente, usados como um retrato global. Como consequência, pode ocorrer um tipo especial de estigmatização. A figura que o indivíduo apresenta na vida diária perante aqueles com quem ele tem relações habituais será, provavelmente, reduzida e estragada por demandas virtuais (quer favoráveis ou desfavoráveis), criadas por sua imagem pública (Goffman, 1988, p. 82).

O discurso da imprensa e a prática policial constituíam uma imagem das travestis associada a criminalidade e a desordem pública. Elas seriam concebidas como inimigas públicas do projeto de construção de uma capital “modelo”, principalmente ao se distanciarem de uma subjetividade cis heteronormativa, branca e europeia. Representavam uma ameaça combatida por meio das apreensões policiais, acusadas de atentado ao pudor e estigmatizadas nas páginas dos jornais como arruaceiras e perigosas. Em outra notícia publicada pelo Diário

¹⁵² Diário da Tarde, ed. 23397, 10/09/1980.

¹⁵³ Diário da Tarde, ed. 23397, 10/09/1980.

da Tarde, em 13 de setembro de 1980, eram veiculadas as passagens de Jacyra pela polícia. Com o subtítulo *Bagunçava*, o excerto dizia que

Teve sua primeira passagem naquela delegacia em junho de 77, quando por vadiagem foi detido na Avenida João Gualberto. E no início de 78, foi apanhado na Cruz Machado, após ter conseguido escapar da Furtos e Roubos. Ao todo teve 14 detenções, e em muitas delas, para não ser recolhido ao xadrez cortava seus pulsos, obrigando assim a ser encaminhado ao hospital¹⁵⁴.

Ao apresentar o histórico das apreensões de Jacyra por vadiagem e furto, o jornal construía um discurso sobre ela, como o próprio subtítulo anunciava, se tratava de uma bagunceira, arruaceira, desordeira, indisciplinada e baderneira. Ao ser reconhecida socialmente enquanto uma travesti, pobre e prostituta, sendo enquadrada pela polícia e pela imprensa, uma justificativa era forjada para seu fim trágico, sendo atraído por si mesma. O periódico organizava, portanto, uma narrativa com causas e consequências, início, meio e fim, cujo resultado seria a estigmatização do sujeito, isto é, o processo pelo qual o indivíduo é marcado com o signo de um estigma “um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso” (Goffman, 1988, p. 13).

As duas últimas linhas do trecho citado anteriormente indicam as táticas de resistência impetradas pelas travestis com o objetivo de evitarem as prisões ou serem encaminhadas às delegacias, muitas delas infringiam ferimentos em si mesmas, criando a necessidade de encaminhamento hospitalar. Considero, de acordo com Paul Preciado (2011, p. 14), que “o corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação”. A corporalidade travesti emerge como uma arma de guerra, sendo utilizada como meio de (r)existir e de criar “possibilidade de intervir nos dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual” (Preciado, 2011, p. 14).

¹⁵⁴ Diário da Tarde, ed. 23397, 10/09/1980.

O jornal reproduzia também uma carta contendo ameaças deferidas às travestis curitibanas. A nota publicada pelo Diário da Tarde, em sua edição do dia 13 de setembro de 1980, informava que o grupo intitulado Cruzada Anti-homossexualismo teria enviado uma carta a Delegacia de Costumes, apresentada em sua integridade no jornal:

Setor Grande Curitiba. Cruzada Anti-homossexualismo. 1. Não somos autores do crime contra o homossexual, mas lembramos que a taça da ira de Deus está começando a transbordar sobre eles. 2. Evitemos que sejam repetidos os tristes episódios de Sodoma e Gomorra. 3. Abaixo a Grande Abertura Erótica e Pornográfica¹⁵⁵.

A partir de referências bíblicas, como a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, o grupo intitulado Cruzada Anti-homossexualismo declarava que a ira de Deus cairia sobre Curitiba. Esta seria a única menção a carta ou ao grupo presente nas fontes analisadas, considero que a emergência dessa ameaça se tratava de uma resposta esporádica, provavelmente perpetrada por grupos de civis e religiosos. Sua publicação indica a ação de diferentes instâncias sociais e de poder, tais como o Estado e a força policial, que em defesa da moral e dos bons costumes impunham uma série de cerceamentos ao acesso à cidade por parte das travestis. A articulação destes diferentes estratos sociais, políticos e jurídicos produziam discursos que pregavam a aversão às travestilidades, categorizada atualmente como transfobia.

Compreendo que o momento em que a sexualidade adentra os cálculos do poder supera-se as dicotomias entre o Estado, a sociedade civil e os limites entre público e privado. Neste contexto, os discursos científicos e morais buscam definir a normalidade corporal, patologizando as práticas desviantes da cis heteronormatividade branca. A violência imputada contra Jacyra, bem como as ameaças sofridas pelas travestis, se configuravam enquanto a materialização extrema desse processo de “captura e produção dos modos de subjetivação, controlados em suas singularidades a partir dos poderes legitimados. O que antes era visualizado como guerra entre sentidos de vida, assume, na titularização da violência por parte do poder estatal, um viés conformador, onde o desviante é reconfigurado e reduzido ao ‘normal’ pela potência estatal” (Fernandes, 2015, p. 22).

¹⁵⁵ Diário da Tarde, ed. 23400, 13/09/1980.

A falta de avanço nas investigações policiais e responsabilização do culpado pela morte de Jacyra era outro aspecto que enfatizava o lugar ocupado pelas vidas travestis no ideário dos juristas “tendo o estereótipo como principal critério seletivo, o exercício real do poder punitivo incrimina e permite a punição de determinadas pessoas” (Geisler; Martins, 2015, p. 150). A resposta ensaiada pelas travestis era anunciada na notícia *Travestis ameaçam fazer uma passeata*, publicada pelo Diário da Tarde, em 17 de setembro de 1980. Reunidas na Delegacia de Homicídios para prestarem seus depoimentos, elas se apresentavam, segundo o jornal, “apreensivas com a série de ameaças que estão recebendo desde o surgimento da Cruzada Anti-Homossexual, e agora prometem organizar até uma passeata de protesto. O grupo disse não acreditar no envolvimento da Cruzada na morte de ‘Jacyra’ supondo que o crime ocorreu em consequência de desentendimento entre ‘ela’ e seu companheiro”¹⁵⁶.

A ameaça de um protesto mobilizado pelas travestis despertava o medo dos perigos da ação das multidões. Como argumenta Judith Butler (2019), a performatividade corpórea colocada em movimento a partir da união dos corpos é “o objeto de muitas das manifestações que tomam a condição precária como condição estimulante” (Butler, 2019, p. 15). Emanava desses corpos uma força que os torna visíveis às coberturas da imprensa e, conseqüentemente, à sociedade em geral. Esses “modos de expressar e demonstrar a condição precária engajam de maneira importante ações corpóreas e formas de liberdade expressiva que pertencem propriamente à assembleia pública” (Butler, 2019, p. 15).

Ao ameaçarem uma manifestação pública, as travestis movimentavam a expressão de seus descontamentos e das condições precárias de suas vivências, como uma afirmação de suas existências e necessidades. A década de 1980 e, principalmente, os anos 1990, marcaram no Brasil a articulação política de travestis e transexuais impulsionados pelo binômio da violência policial/HIV-AIDS (Carvalho; Carrara, 2013). Considero que no contexto analisado passaram a dividir espaços diferentes, táticas de (r)existência das travestis curitibanas, especialmente diante da repressão policial sobre aquelas que frequentavam os espaços de prostituição. Dessa maneira, eram mobilizadas ações de negociações e acordos com as autoridades, a assembleia pública em protesto, a apropriação da visibilidade nos discursos da imprensa, entre outras.

¹⁵⁶ Diário da Tarde, ed. 23403, 17/09/1980.

A exposição das condições precárias de suas existências ganhou repercussão através da violenta morte de Jacyra. Além do aspecto público do caso, considero também as desconfiças das colegas de Jacyra de que o crime teria sido motivado pelo desentendimento entre ela e seu companheiro. Assim como o caso de Samantha, analisado no segundo capítulo, muitas das relações amorosas das travestis eram perpassadas pela violência, exploração, fetichização e silenciamento, tendo em vistas, que poucos desses relacionamentos eram assumidos publicamente.

A violência contra Jacyra, sendo deflagrada por um cliente ou por seu companheiro, ilustrava a precariedade e a naturalização da violência a qual estavam submetidas as travestis, em especial aquelas que buscavam sua sobrevivência na prostituição, suas vidas eram estabelecidas “como algo tñue, precário e, nesse sentido, indigno de ser protegido da injúria da perda e, portanto, não passível de luto” (Butler, 2019, p. 218). Nestes casos, o apoio dos laços de amizade seria fundamental tanto no processo de construção de si, quanto na constituição de táticas de (r)existência, conforme argumenta Butler (2019), sendo a partir destas redes de apoio que as vidas precárias seriam ressignificadas como

(...) formas de persistência e resistência ainda acontecem na vida à sombra do público, ocasionalmente escapando e contestando os esquemas pelos quais são desvalorizados ao afirmar o seu valor coletivo. Então, sim, os não passíveis de luto por vezes se reúnem em sublevações públicas de luto, motivo pelo qual em tantos países é difícil distinguir um funeral de uma manifestação (Butler, 2019, p. 217).

Por meio das relações de amizade construídas nas noites curitibanas, eram travadas ações táticas em busca de visibilidade para cobrança de medidas do poder público em defesa de segurança à vida das travestis. Sua reunião em frente às delegacias e nos rituais funerários indicavam essa aproximação entre luto e luta. No próximo tópico analisarei as demais formas de resistências das travestis curitibanas com objetivo de garantir seu acesso à cidade.

O caso Jacyra foi um dos primeiros a ter repercussão na imprensa curitibana, demonstrando a violência e as ameaças que recortavam o cotidiano e atravessavam as vidas das travestis na cidade, bem como suas formas de articulação em resistência ao descaso das autoridades policiais. Infelizmente, como informava a edição de 02 de fevereiro de 1983 do Diário da Tarde, a investigação sobre o assassinato de Jacyra continuou em aberto. Seu nome retornaria às manchetes dos jornais devido a morte de seu irmão, como informava o seguinte

trecho: “na época do crime, a polícia acreditava que o autor do crime era um fazendeiro, mas até hoje as investigações continuam na ‘estaca zero’, sendo apenas agora lembrado face ao assassinio do seu irmão, também em circunstâncias misteriosas”¹⁵⁷.

A investigação em aberto ou crime sem solução, como também fora o de Samantha, continua a dialogar com as vivências das comunidades travestis e transsexuais no Brasil. Jota Mombaça (2021) afirma na *Carta às que vivem e vibram apesar do Brasil*, que “não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas amontoadas, clamando por justiça, em becos infinitos, por todos os lugares. Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata” (Mombaça, 2021, p. 8). Assim a vulnerabilidade individual se torna coletiva, transformando-se em ação e resistência “plural e corporificada para representar os princípios da democracia pelos quais luta. Ela também vai implicar a reunião daqueles que não são passíveis de luto no espaço público, fazendo de sua existência e da reivindicação por vidas vivíveis a demanda por uma vida anterior à morte” (Butler, 2021, p, 238).

3.2 O CORPO COMO RESISTÊNCIA TRAVESTI EM CURITIBA

Grande confusão durante a noite de anteontem e madrugada de ontem. Tudo começou por volta de 23 horas, quando ‘Kátia’, cujo nome verdadeiro é Aurélio Gaspar, de 22 anos fazia ‘trottoir’ na Rua Benjamin Lins, no princípio da Avenida Batel, no bairro do mesmo nome. O estudante I. D., de 21 anos, funcionário da Telepar, retornava para sua casa, localizada na Avenida Salgado Filho, quando encontrou ‘Kátia’ encostada em um muro da Rua Benjamin Lins, esquina com a Buenos Aires. Pensando que se tratava realmente de uma mulher, pela forma elegante com que estava vestido o travesti o rapaz não hesitou em passar a cortejá-lo. Mas não demorou muito para que I. D. descobrisse o verdadeiro sexo da pessoa a quem estava acariciando. Seu gesto foi de repulsa, passando a proferir palavrões contra o homossexual, ao mesmo tempo em que ameaçava agredi-lo. Tal atitude transformou completamente ‘Katia’ que aos gritos afirmava que ‘agora, para você eu sou Aurélio e você vai é apanhar’. E não deu outra coisa. ‘Katia’ passou a massacrar o ‘amásio fracassado’ e poderia até ter sido morto, não fosse a aparição de dois agentes do Centro de Operações de Policias Especiais (COPE) que conseguiram libertá-lo. Disposto a não ser preso, o travesti investiu contra os policiais, agredindo os da mesma forma que o fizera contra

¹⁵⁷ Diário da Tarde, ed. 24309, 02/02/1983.

o rapaz. Aparato policial foi dispensado para o local e, somente então ‘Katia’ acabou sendo dominada¹⁵⁸.

Este texto publicado pelo Diário da Tarde, em 24 de fevereiro de 1979, exemplifica a representação das Travestis na imprensa curitibana, em que a transposição entre a noite do Baile dos Enxutos e os dias cotidianos eram marcados pela estigmatização e criminalização. De estrelas do carnaval, elas passavam a personagens principais nas colunas policiais, como na cena descrita acima, o discurso do jornal reforçava a ideia do engano na identificação do gênero, como justificativa para a violência que Kátia sofreu, representando-a ainda como perigosa e descontrolada.

De acordo com Fernanda Dantas Vieira (2015), durante a ditadura civil militar no Brasil, as ações policiais de repressão às travestis e homossexuais se davam a partir das operações de limpeza chamadas de “rondões”, bem como pela censura a tais assuntos nas páginas da imprensa. Segundo a autora, neste período “foi estabelecido formas de ‘medir’ o corpo das travestis, recolher suas imagens para ‘averiguação’ a fim de determinar o quanto perigosas elas poderiam ser. O risco que ofereciam, nas palavras da polícia, era de perverter e incentivar a juventude, além de propagar ‘abomináveis’ práticas” (Viera, 2015, s/p). O texto veiculado anteriormente contribui com este processo de construção de uma imagem das travestis como perigosas, denunciando sua suposta violência e suas práticas de corrupção da juventude personificada na figura do jovem “amásio fracassado”.

O jornal funcionava também como mecanismo de poder ao identificar Kátia e a rua em que costumeiramente realizava o “trottoir”, contribuindo com a vigilância sobre os indivíduos considerados ameaças à moral e bons costumes. Por outro lado, a identidade do rapaz era preservada guardando a ele o direito ao anonimato, afinal a publicização de seu envolvimento com Kátia seria a degradação de sua reputação e honra diante da cis heteronormatividade. Além disso, o periódico selecionava e apresentava elementos como o fato de ser um jovem estudante e trabalhador, utilizando estes aspectos como uma confirmação de seu caráter. O discurso do Diário da Tarde apresentava, portanto, de um lado um bom rapaz e outro uma travesti fora de si armando uma confusão diante da suposta repulsa de seu companheiro.

¹⁵⁸ Diário da Tarde, ed. 23844, 24/02/1979.

Considero que o conflito e as ameaças proferidas por Katia, afirmando que “agora, para você eu sou Aurélio e você vai é apanhar”, constituíam-se em parte das táticas utilizadas pelas travestis para garantirem sua segurança nas noites. O estigma da periculosidade, associado ao medo de ser identificado na companhia da travesti, era utilizado como meio de defesa, em que causar um tumulto poderia despertar a atenção de outras travestis que estivessem nos arredores. O corpo e sua força física aliada a ideia de desordem se transformavam em armas de resistência.

Entretanto, como veremos nas narrativas sobre a organização do movimento de luta das travestis, o ato de resistir não era uma ação individual, “a mobilização das travestis e transexuais, embora reconhecida a partir e com a emergência da AIDS, foi anterior, pelo embate com a polícia e o enfrentamento contra violência estatal. O cenário das ruas, da prostituição e das performances da noite foi, sem dúvida, o mesmo que transformou as avenidas em luta política por direitos de ser, expandindo, muitas vezes, o direito a existir.” (Carrijo *et al*, 2018, p. 4).

A violência e a necessidade de políticas de acesso à saúde pelas travestis, impulsionadas pelo momento de abertura política, marcariam nas décadas de 1980 e 1990 o início do processo de passagem das práticas individuais de resistência a uma ação articulada coletivamente. No recorte desta pesquisa, considero que as notícias publicadas nos jornais curitibanos nos informam sobre esse processo de organização da resistência ainda que de maneira espontânea, na criação de redes de apoio fundadas nas relações cotidianas e de amizade, dos auxílios na montagem e no trânsito pela cidade.

Neste tópico apresento a organização da luta cotidiana das travestis em Curitiba, suas táticas, alianças e rivalidades pontuais em busca do direito de ser e ocupar a cidade “modelo”. A partir deste caminho, compreendo como o corpo e os laços de amizades eram mecanismos fundamentais no processo de constituição e enunciação pública de si. A prisão de Kátia, relatada na citação que inicia este texto, ilustra em partes suas formas de resistência, bem como a ação de repressão policial e o discurso normativo da imprensa, apresentando o cenário sobre o qual se organizariam suas denúncias e respostas.

Além de mencionada no formato notícia, a prisão de Kátia fora ilustrada em quadrinhos na capa da edição do Diário da Tarde. Acompanhada de uma manchete impressa em letras maiúsculas e negritadas, a charge representa em seu primeiro quadro Katia com seu

companheiro e nos quadros seguintes ela era representada agredindo o rapaz e os policiais. Novamente signos como barba, vestido e salto alto eram utilizados como elementos que representam sua incompatibilidade com o sistema binário do gênero.



FIGURA 21. Charge retirada da edição 23844 do Diário da Tarde, publicada em 24 de fevereiro de 1979.

Essa maneira de representar o corpo travesti na imprensa indica as estruturas rígidas e normativas que organizam as expressões de gênero dentro de um modelo binário e linear entre sexo-gênero-desejo. Cabe pensar o corpo trans e travestis “como uma linha de força, de transformação, de invenção de si, algo que podemos associar ao que Ramos (2008) chamou de ‘poética da experimentação’ quando escreveu sobre a produção de travestis artistas plásticas na América Latina” (Ranniry; Uziel; Magalhães, 2015, p. 81). Ao ser confrontada com a força policial, Kátia utiliza seu corpo como potência e suporte para resistir à prisão. Por meio do tumulto e dos ferimentos inferidos em si mesma, ela buscava livrar-se do encaminhamento à delegacia, manejando a situação até ser liberada e poder brincar o carnaval no Baile dos Enxutos, como informa a legenda da charge e outro trecho da notícia:

Colocado no interior da viatura do COPE, para ser transportado até o 1º Distrito Policial, no centro da cidade o travesti furioso, passou a desferir socos e pontapés, destruindo parcialmente o camburão, causando prejuízos consideráveis. Já no início da madrugada quando se encontrava no interior do xadrez da distrital, "Kátia" tentou o suicídio, cortando os pulsos com instrumento perfuro cortante. A polícia mais uma vez teve que se submeter aos "caprichos" do homossexual, transportando-o até o Pronto-Socorro Municipal, para ser hospitalizado. Ontem pela manhã depois de receber alta

da casa de saúde "Kátia" deveria retornar à prisão, entretanto. Os policiais preferiram simplesmente libertá-la, para que pudesse participar da festa no Operário e para que não promovesse mais confusões. "Kátia", que é natural de Lages SC, agradeceu aos policiais pela sua liberdade, dizendo que "vou ganhar o concurso e dedica-los a vocês"¹⁵⁹.

Kátia era apresentada no texto do jornal como furiosa e portadora de uma força brutal, distribuindo agressões e depredando o camburão da polícia. Sua resistência à prisão era representada como caprichos. Na contramão ao discurso do periódico, interpreto suas ações como a manipulação do corpo levada aos limites, utilizando-o como principal recurso de resposta à sua detenção. De acordo com Fátima Lima (2014), compreendo que os corpos "excedem os limites da biologia, da anatomo-fisiologia; contemplando subjetividades, experiências, vivências, sofrimentos, dores, desejos, formas de ser e estar no e em mundo, um corpo vivo e vivido em suas múltiplas dimensões" (Lima, 2015, p. 141). Neste universo de possibilidade o corpo também se transforma em arma, a última barreira de resistência, principalmente, para aqueles indivíduos induzidos às condições precárias de existência.

Ao final, Katia seria liberada mediante o compromisso de que não provocaria mais confusões, possibilitando então sua participação no desfile do Baile dos Enxutos, afinal era carnaval. A notícia publicada no jornal era organizada de maneira a produzir um discurso, uma história que apresentava um início com dois amantes trocando carícias, um conflito, o descontrole de Kátia e a intervenção policial encerrando a confusão de forma amistosa. A formatação desses enunciados têm a função de apresentar a notícia e os problemas sociais, ao mesmo tempo em que tranquiliza seus leitores, produzindo a imagem da travesti enfurecida e descontrolada e da força policial como pacificadora.

Essa cobertura realizada pelo Diário da Tarde sobre a prisão de Kátia enfatizava sua associação com o Baile dos Enxutos e a confusão causada por ela em resistência à polícia. Em seu texto, o jornal destacava a força física de Kátia e seu estado de espírito irradíssimo, como podemos observar no trecho a seguir:

A fúria do travesti foi tamanha, que além de agredir o seu conquistador, enfrentou quatro agentes do Centro de Operações Policiais Especiais - COPE e só a muito custo, foi dominado e preso. Já no interior da viatura, "Katia", ainda "irradíssima", rasgou seu vestido, tirou o sutiã e atirou-o para Irineu,

¹⁵⁹ Diário da Tarde, ed. 23844, 24/02/1979.

dizendo que ele deveria "levar de lembrança, para nunca mais esquece-la". Parecendo estar "dopada", Katia chegou a arrancar uma grade de proteção existente atrás do banco do motorista, que o separa do preso, além de tentar suicidar-se utilizando uma lâmina de gilete.

(...) Mais tarde um advogado que soube da prisão do travesti, entrou com um pedido de "habeas corpus" conseguindo colocar Katia em liberdade, evitando, assim, que ela ficasse de fora do desfile dos "enxutos" de segunda-feira no Operário¹⁶⁰.

As informações sobre Kátia eram dispostas no discurso do jornal de maneira a desqualificá-la, apresentando-a como furiosa, irritada, agressiva, além de insinuar que talvez ela estivesse sob efeito de alguma substância química “parecendo dopada”. A sua ação de tirar o sutiã e jogá-lo na direção de seu agressor, deixando-o como lembrança para que ele não a esquecesse, pode ser interpretado como um ato de deboche, como uma forma de escárnio, zombaria e desprezo em relação àquele indivíduo. Considero que se associavam o uso tático do corpo, do debochar e da ação judicial de solicitar o habeas corpus como elementos de resistência, manipulados por Kátia com finalidade de garantir sua liberdade e sua presença no desfile do Baile dos Enxutos.

Outra matéria publicada no Diário da Tarde com o título *Travesti provoca confusão*, em 11 de novembro de 1982, informava que Rosita havia sido detida pela Delegacia de Costumes “por estar em trajés sumários na Praça do Operário”¹⁶¹. Observo em primeiro lugar que os espaços públicos localizados nas proximidades da sede da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários eram identificados como territórios das travestis curitibanas, e segundo como esses lugares passaram a ser palco de disputas políticas e de repressão policial. Como apresentei anteriormente, ao falar de Primavera Bolkan, os arredores do Opera-Rio se caracterizavam como um espaço simbólico, parte de um passado de lutas e resistências negras, trabalhadoras e travestis em Curitiba.

No livro *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*, Rogério Haesbaert (2019) indica que “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (Haesbaert, 2019, p. 79). Diante desta concepção de território compreendo que os entornos da

¹⁶⁰ Diário da Tarde, ed. 23844, 24/02/1979.

¹⁶¹ Diário da Tarde, ed. 24269, 11/11/1982.

Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários comportavam uma série de trânsitos e disputas para dominação desta territorialidade e imposição de uma cultura dominante relacionada a cidade “modelo”, bem como para sua apropriação pelos grupos que buscavam ocupar os espaços da cidade, em especial, as travestis.

Posso supor que enquanto um território apropriado pelas travestis a Praça João Cândido fora, principalmente durante as noites, um lugar de trânsitos econômicos, políticos, de saberes, silicões, produzindo diversas redes de relações de amizades e rivalidades, bem como uma cultura que lhe era própria. Para além da prostituição, este território era um lugar de sociabilidade, de montagem, de comércio, principalmente, se pensarmos que muitas vezes as travestis evitavam saírem durante o dia por conta das violências que lhes eram perpetradas. Como argumenta Adriana Sales, é no espaço da prostituição, das ruas e esquinas que as travestis encontram os meios para não passarem fome, terem casa, acolhimento para partilharem “experiências muito próximas das suas” (Sales, 2018, p. 265); a partir destes lugares que também articulariam suas táticas de resistências e, conseqüentemente, sua organização em um movimento social.

Em 11 de novembro de 1982, o Diário da Tarde noticiava o tumulto criado por Rosita diante da iminência de sua prisão na Praça João Cândido, destacando as investidas policiais para normatizar esta área que seria um dos únicos redutos travestis da capital. Diante das ameaças da polícia, a confusão fora manipulada por Rosita como tática para tentar escapar da detenção, como menciona o trecho a seguir:

começou a gritar que estava sendo assaltado e sequestrado, criando desta maneira uma grande confusão, pois logo surgiram vários defensores, que somente recuaram após os policiais terem se identificado. Recolhido ainda para a delegacia ameaçava suicidar-se e estragar os seus seios de silicone. O titular daquela delegacia, delegado Douglas Haquin, informou que todos os travestis que estiverem usando trajes provocantes serão detidos e caso não comprovem estarem trabalhando¹⁶² serão autuados por vadiagem. Quanto a Antonio Marcos Dionisio, a “Rosita”, que estava usando uma minissaia, contou que prefere andar na moda, e como foi apanhada de surpresa na saída do Operário, não teve outra alternativa não ser gritar por socorro. Pensava que desta maneira acharia uma formula para escapar. Novas investidas da polícia

¹⁶² Cabe ressaltar que a comprovação de trabalho pelas travestis aqui mencionada fazia referência ao emprego fora do mundo da prostituição, tendo em vista que esta prática era autuada como atentado ao pudor no contexto analisado, como analisa Adriana Ribeiro Rice Geisler e Ana Paula Antunes Martins (2015).

serão realizadas nos próximos dias naquela área, que é a única parte da cidade que serve como reduto para os travestis¹⁶³.

Diante da represália policial, Rosita utilizou sua voz e corpo para proferir ameaças, buscando causar uma confusão grande o suficiente para lhe permitir escapar da prisão. Conforme apresenta Rafael F. Ocanha (2018), as travestis se utilizavam de diferentes mecanismos para resistirem aos “rondões”, como cortarem os pulsos com objetivo de serem encaminhadas aos hospitais, se rebelarem nas prisões e baterem nos policiais “para que na confusão algumas delas conseguissem fugir e chamar o Centro Acadêmico XI de Agosto¹⁶⁴ para negociar a libertação” (Ocanha, 2018, p. 81).

Cabe mencionar que a organização destas formas de resistência eram uma resposta à organização da repressão policial. De acordo com Rivail C. Rolim (2007), a partir da década de 1950 há uma intensificação das ações do Estado do Paraná no sentido de fortalecer e organizar seu aparato policial, neste período foram fundadas as delegacias dos costumes cujas atribuições eram “investigar, prevenir e reprimir a prostituição, evitando que afetassem a moralidade pública, as ações que pudessem afetar a honra e a dignidade das famílias, as manifestações que contrariassem a moral e os bons costumes” (Rolim, 2007, p. 156). No período da ditadura civil militar a atuação desta repartição policial fora organizada a partir da realização de rondas nos espaços identificados como locais de prostituição, podemos observar esta característica na notícia sobre a prisão de Rosita, entre outras que analisarei na sequência.

As lâminas e a revolta também marcaram a prisão de Tais, relatada pelo Diário do Paraná em 28 de julho de 1979, apreendida em uma ronda realizada pela Delegacia de Costumes, “onde foram presas 28 pessoas, sendo 21 mulheres e sete invertidos¹⁶⁵. Quando se viu cercado pelos policiais, o andrógino reagiu, chegando a espancar dois agentes, saindo em desabalada carreira. Na delegacia constatou-se que ‘Tais’ trazia debaixo da língua, um pedaço de lâmina, que usou mais tarde para fazer cortes em seus punhos”¹⁶⁶.

¹⁶³ Diário da Tarde, ed. 24269, 11/11/1982.

¹⁶⁴ O Centro Acadêmico XI de Agosto era a entidade de representação política dos estudantes da Faculdade de Direito da USP, fundada em 1903. De acordo com Ocanha (2018, p. 81), durante o período da ditadura civil militar “a advogada Alice Soares, do Centro Acadêmico XI de Agosto, prestava atendimento gratuito a travestis que eram presas neste tipo de operação”.

¹⁶⁵ Gíria utilizada no contexto como sinônimo de homossexual ou travesti.

¹⁶⁶ Diário do Paraná, ed. 7255, 28/07/1979.

Neste trecho observo como Tais utilizou as táticas de resistência elencadas anteriormente, ou seja, ela buscou causar uma confusão, agrediu os policiais, tentou correr e ainda portava uma lâmina para ser utilizada como forma de se ferir e ser encaminhada ao atendimento hospitalar. A repetição da manipulação destas ações e mecanismos indicam que a resistência, ainda que individualizada, não era individual, de que elas trocavam informações e ensinavam umas às outras novas maneiras de enfrentar e fugir da repressão policial. Considero que estas redes de informações e conhecimentos construídos e compartilhados no cotidiano, no espaço das ruas e esquinas, desenvolver-se-ia em uma organização coletiva de luta e movimento social das travestis ao longo das décadas de 1980 e 1990 centrada no combate a violência policial, na busca por assistência médica, entre outras pautas.

No restante da notícia, o Diário do Paraná indicava que ao chegar na delegacia Tais teria sido colocada à frente de Juan Manoel Jokein Prado que a acusava de assalto. A manchete utilizada pelo Jornal, *Assaltante beija a vítima na delegacia*, apontava à tentativa de espetacularização do ocorrido no discurso jornalístico, narrando que diante dos repórteres Tais “inicialmente rebelou-se, virou-se de costas, puxou a blusa e cobriu o rosto, dizendo que não permitia ser fotografado. Depois, porém, acabou cedendo e começou até a fazer pose, pedindo que gastassem os filmes e fizessem bom proveito das fotos¹⁶⁷.”

A resposta de Tais a repressão policial e a espetacularização da imprensa se apresentavam em forma de ousadia, deboche e enfrentamento. Ao ser fotografada pelos jornais para compor as páginas das colunas policiais, ela inicialmente procura esconder o rosto como uma forma de rebelar-se até perceber que poderia utilizar do espetáculo a seu favor, declarando que gastassem todos os filmes e aproveitassem o show. Compreendo essa tomada de posição com um ato de retomada da sua potência, se ela estamparia as páginas dos periódicos seria a sua maneira, com suas poses sem agenciamentos. Considero, seguindo as colocações de Judith Butler (2015), que “el sujeto no sólo se forma em la subordinación, sino que ésta le proporciona su continuada condición de posibilidad” (Butler, 2015, p. 18), ao analisar a ousadia da resposta de Tais aos repórteres compreendo, portanto, que sua atitude se move no sentido de retomada da sua capacidade de ação e potência, ela ressignifica sua experiência encontrando uma condição de possibilidade de agir em meio a subordinação policial.

¹⁶⁷ Diário do Paraná, ed. 7255, 28/07/1979.

Ao retomar sua capacidade de agir, Tais assumiu a posição de protagonista de sua prisão, deslocando e ressignificando o discurso normativo sobre a atuação policial e sua detenção. De acordo com a notícia publicada pelo Diário do Paraná, ao ser levada à Delegacia, Tais denunciou que as acusações de assalto deferidas por Juan eram falsas, para ser ouvida tanto pela polícia quanto pela imprensa, ela dá um show “investindo contra este [Juan] e aplicando-lhe um ‘tremendo’ beijo. No final do espetáculo, o travesti passou a acusar o estudante, dizendo que ele é useiro e vezeiro em sair com travestis, que todos o conhecem como um verdadeiro ‘caçador das noites’”¹⁶⁸.

Se por um lado os discursos normativos prescrevem normas, qualificam os sujeitos e lhes ordenam condutas, pensando especificamente no poder judiciário que, segundo Adriana Geisler e Ana Paula A. Martins (2015), tem como base o princípio do estereótipo como critério seletivo para punição, criminalização e encarceramento de determinados grupos, observo como os mecanismos legais são utilizados como ferramentas para identificar as travestis e suas condutas como obscenas ao pudor público. Por outro, Tais fazia outro uso do aparato policial e jornalístico invertendo a seu favor o discurso ao denunciar Juan como “caçador das noites, “useiro e vezeiro”, ela trocava acusações e compunha um espetáculo ao beijá-lo em frente às câmeras da imprensa.

Compreendo que as denúncias trocadas por ambos eram manipuladas enquanto ações táticas com objetivos de se esquivarem da prisão. No caso de Juan sua associação com as travestis significava também sua estigmatização, quase como um contágio social, estar associado e ser apreendido junto as travestis significava uma desonra à sua masculinidade, dentro da cis heteronormatividade branca. No discurso do Diário do Paraná, Juan apresentava sua versão dos fatos, confirmando sua suposta inocência e tornando pública que na

noite do dia 18, quando o rapaz trafegava com sua Brasília, AW-4019 pela praça Rui Barbosa e deparou com dois travestis. Parou o carro. Os dois entraram e pediram para serem levados até as proximidades do Estádio Couto Pereira, Alto da Glória. Antes, porém, solicitaram a Juan que no Alto desse algumas voltas em companhia deles, tendo percorrido o centro e algumas ruas de bairros, até que parou nos fundos do campo do Coritiba. Quando parou o veículo num local de pouca iluminação, um dos travestis perguntou a Juan se ele não desejava manter relações com o amigo, fato este que a vítima diz ter se negado, quando acabou sendo assaltado, tendo uma faca encostada ao

¹⁶⁸ Diário do Paraná, ed. 7255, 28/07/1979.

pescoço. Os dois homossexuais, apoderaram-se de 5 mil cruzeiros e um documento do estudante¹⁶⁹.

Em outros trechos da notícia essa versão apresentada por Juan não era questionada, sendo interpretada como a verdade. Observo que nenhuma informação era veiculada sobre Tais, resumindo sua versão ao seu show particular na delegacia ao ser apreendida sob a acusação de roubo. Juan, por sua vez, era apresentado como um estudante universitário, venezuelano, de 25 anos, residente na rua Lima Barreto, 198, Jardim das Américas. Ao analisar o artigo do periódico, considero que a apresentação de Juan e a caracterização de Tais como agressiva, desferindo socos em policiais, eram aspectos fundamentais para confirmação da hipótese de assalto levantada por ele, enquanto Tais era desacreditada.

Além disso, publicada na página final do primeiro caderno do jornal, logo abaixo ao texto seguia a imagem de Tais e Juan. Observo a espetacularização do ocorrido pela imprensa, com o emprego de expressões como “show particular”, “espetáculo” e “plateia”. No entanto, nesta cena real e espetacularizada, Tais manipulou e assumiu o roteiro colocando-se como protagonista, utilizou seu corpo como potência, dessa maneira, ela conseguiu denuncia-lo.

¹⁶⁹ Diário do Paraná, ed. 7255, 28/07/1979.



FIGURA 22. Fotografias publicadas no Diário do Paraná em 28 de julho de 1979.

As imagens publicadas na edição do Diário do Paraná apresentavam Tais com os pulsos cortados, algemados e erguidos, fazendo pose, na sequência era flagrada ao lado Juan que sorri. Estas fotografias de Tais impressas no jornal são fortes e exprimem sua capacidade de ação, ditando sua representação no jornal e como a queriam representar, colocando-a em seus termos. Seguindo as colocações de Judith Butler (2015) inspiradas na teoria foucaultiana sobre o poder, compreendo que o processo de constituição dos sujeitos é perpassado pelas relações de poder “como algo que también forma al sujeto, que le proporciona la misma condición de su existência y la trayectoria de su deseo, entonces el poder no es solamente algo a lo que nos oponemos, sino también, de manera muy marcada, algo de lo que dependemos para nuestra existência y que abrigamos y preservamos em los seres que somos” (Butler, 2015, p. 12). A reação de Tais ao ser abordada e apreendida pela polícia ilustra este duplo caráter do poder enquanto subordinação e produção, ou seja, na tentativa de seu enquadramento legal pela violência

policial ela produziu um discurso/show no qual era protagonista, transformando seu corpo em potência.

Em um desenhar criativo, estas táticas de resistência permitiram que as travestis curitubanas permanecessem ocupando as ruas e esquinas da capital que se queria modelo. Na edição de 16 de abril de 1980, o Diário da Tarde estampava a seguinte manchete *Travesti e habeas para o “trottoir”*, sua chamada na capa afirmava que Karina teria provocado “grande polêmica ao requerer à autoridade competente um ‘habeas-corporis’ preventivo, com a intenção de praticar o ‘trottoir’ livremente pelas principais ruas da cidade. O golpe de ‘Karina’ quase deu certo. Agora cana”¹⁷⁰.

A partir dessa notícia publicada no jornal, considero que Karina ao buscar alternativas que garantissem sua permanência nas ruas e afastassem a polícia de seu enalço, se apropriava do sistema legal procurando usá-lo ao seu benefício. Sua manobra fez uso das falhas de comunicação entre os juízes e o delegado da Delegacia de Costumes, como apresentava a notícia, Karina “requereu através de seu advogado Antônio Carlos do Amaral, o ‘habeas-corporis’ preventivo, sob alegação de que praticamente estava impedido de sair às ruas, e que normalmente era detido como ‘suspeito’ pela Costumes por ocorrências que achava absurda”¹⁷¹.

Ao se deparar com tal pedido, o juiz substituto da 11ª Vara concedeu o pedido e passou às mãos de Karina que o segurou em sua posse “não sendo entregue, portanto, ao delegado Douglas Haquim da Costumes, como exige a lei. Muito esperto, o travesti somente exibiria o documento na noite de 31 de março, quando foi surpreendido pela polícia praticando o ‘trottoir’”¹⁷². Como o próprio texto do jornal indicava, a ação de Karina fora esperta explorando a falta de comunicação e burocracia do sistema judiciário, ela realizou sua solicitação legítima, em defesa de seu direito de livre circulação reconhecido legalmente a qualquer indivíduo.

Isto demonstra as possibilidades de ação dos sujeitos ou, como indica Michel de Certeau (2014), suas maneiras de fazer essas “mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção cultural” (Certeau, 2014, p. 41). São as operações

¹⁷⁰ Diário da Tarde, ed. 23176, 16/04/1980.

¹⁷¹ Diário da Tarde, ed. 23176, 16/04/1980.

¹⁷² Diário da Tarde, ed. 23176, 16/04/1980.

“microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de táticas articuladas (...) modos de proceder e essas astúcias de consumidores, compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina” (Certeau, 2014, p. 41). Karina, por meio de uma criatividade dispersa, tática e bricoladora, manipulou o sistema legal utilizado como ferramenta de repressão às travestis e o utilizou de maneira a garantir seus trânsitos pelo espaço público.

O delegado Douglas Haquim, por sua vez, ao receber o habeas corpus teria entrado em contato com o juiz “para esclarecer a situação, bem como enviou um expediente onde esclarecia toda a trama do acusado, e ainda cópias das declarações prestadas por aquele e ainda fichário de suas passagens pela especializada, por vadiagem” (DIÁRIO DA TARDE, ed. 23176, 16/04/1980). Em outro trecho da notícia eram veiculados alguns excertos da nova decisão judicial sobre o caso, na qual

O magistrado continua em seu ofício: “Felizmente, porém, ainda não chegamos lá e, no chamado exercício do poder de polícia do Estado, é lícito a autoridade policial coibir a prostituição maliciosa, que consiste em aliciar parceiros em plena via pública, de forma escandalosa, que fere a moral e os bons costumes. E nem poderia ser de outro modo, pois, caso contrário, as ruas seriam tomadas por toda sorte de pessoas que praticam a prostituição, homem ou mulher. A prostituição em si não é crime, entretanto, torna-se ato ilícito quando praticada de forma a causar escândalo público”. E finaliza: “Em suma, para sair à rua, ninguém necessita de salvo conduto e, por outro lado, não tem direito a ele quem pretende utilizá-lo apenas para poder praticar prostituição pública. Ante ao exposto(...), denega-se a ordem, com a recomendação de que a autoridade policial, nos casos de recolhimento de quem quer que se entregue à prática da prostituição, lavre o competente flagrante por vadiagem, a fim da custódia, revestir-se das formalidades legais”¹⁷³.

Diante do habeas corpus cedido à Karina, o delegado Douglas Haquim acionou, novamente, os mecanismos legais que levaram a prisão da travesti, isto é, o artigo 59 da Lei de Contravenções Penais que condenava a vadiagem, e o artigo 233 do Código Penal que criminaliza os atos considerados obscenos ao pudor público. Conforme investigam Adriana Geisler e Ana Paula A. Martins (2015), essa noção de obscenidade é vaga e carregada de subjetividade “como um tipo penal aberto – e, portanto, vendo seu sentido preso à aferição do ato no momento de sua prática – dele não se extrai sem esforços a suposta vontade do legislador.

¹⁷³ Diário da Tarde, ed. 23176, 16/04/1980.

Há, pois, na caracterização do ato obsceno, como se verá, uma larga e reconhecida margem de interpretação” (Geisler; Martins, 2015, p. 151), sendo compreendido para além do entendimento legal. O papel do aparato policial e judiciário no caso analisado era garantir a manutenção da cis heteronormatividade como um modelo de vida e corporalidade dominante.

Ainda em relação as operações de combate à prostituição no centro da cidade, o delegado da Delegacia de Costumes afirmava que “o centro foi invadido por travestis, com as mulheres sendo afugentadas para outros locais. Com isso, cresceu o número de brigas e feridos durante a madrugada, nas vias públicas normalmente frequentadas pelos homossexuais - Dr. Pedrosa, Emiliano Pernetá, Avenida Batel ou Av. João Gualberto”¹⁷⁴. Estas informações endossam a associação da presença das travestis nas páginas policiais e nas ruas de prostituição com a “ideia de submundo da cidade, da degradação e do perigo: sexo, drogas e subversão da ordem parecem ser as categorias que sustentam esse imaginário e que, com isso, contribui para cristalizar essa histórica compreensão dessas subjetividades nomeadas como travestis” (Santos, 2018, p. 88), justificando as ações de policiamento e controle destas subjetividades e espaços.

Considero que as experiências travestis em relação a repressão policial a partir do conceito de vida precária, galgado por Judith Butler (2017), segundo o qual “a condição precária designa a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte” (Butler, 2017, p. 46-47). A vida dos sujeitos que rompem com a cisheteronormatividade, implícita nas institucionalidades públicas e do direito, é deslocada a condições “marginais” e precárias, sem assistência do Estado ou direitos individuais ou coletivos. Dessa maneira, ao recorrerem “ao Estado em busca de proteção, mas o Estado é precisamente aquilo do que elas precisam ser protegidas” (Butler, 2017, p. 46-47).

A partir das fontes analisadas até o momento, observo que a repressão policial sobre as travestis desdobrava-se, principalmente, como meio de cercear seus deslocamentos pelo espaço urbano. Os embates entre a polícia e as travestis curitibanas eram explorados na entrevista de Sheila publicada em 03 de março de 1978 no Correio do Paraná. Como anunciava a manchete *Sheila conta tudo sobre a vida dos travestis de Curitiba*, a matéria que ocupava toda a página

¹⁷⁴ Diário da Tarde, ed. 23176, 16/04/1980.

3 da edição era fruto do impacto causado pela prisão de Jaqueline¹⁷⁵ em São Paulo, que teria repercutido

em Curitiba, principalmente entre a classe que agora diz que está mais unida do que nunca. As companheiras do preso que aqui residem foram unânimes em dizer que este tipo de problema que levaram “Jaqueline” à cadeia é corriqueiro em suas vidas, pois afirmam que são marginalizadas, mesmo sem estarem fazendo coisas que atentem a moral ou que provoquem as acusações que geralmente as levam para a delegacia¹⁷⁶.

Em primeiro lugar, esta matéria com Sheila se agrupa a uma série de outras publicações presentes nos jornais entre as décadas de 1970 e 1980 que se dispunham a adentrar e tentar compreender as travestilidades. Apesar de seu número ser inferior à quantidade de notícias que reproduziam noções estereotipadas e estigmatizadas das travestis curitibanas, estes conteúdos me ajudam a compreender o processo de organização das reivindicações e lutas políticas, que se consolidaram, principalmente, nos anos 1990. Considero que as prisões individuais ou coletivas noticiadas e analisadas até o momento indicam para constituição e compartilhamento de uma rede de ações táticas de resistência, que gradativamente consolidam um caminho de construção de movimentos articulados na luta pela conquista de direitos.

De acordo com Rafael França G. dos Santos (2018), os espaços dos bares e no caso analisado aqui podemos categorizar o próprio espaço do Baile dos Enxutos e da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários como sendo locais de proteção e do encontro de acolhimento afetivo que potencializavam as experiências, associando-se também a ideia de “possibilidade de construir vínculos de amizade nesses espaços; era o local em que pessoas que partilhavam experiências comuns poderiam se encontrar e criar outras experiências em parceria. Assim, os bares eram o espaço físico privilegiado para a formação da rede que se estabelecia na cidade, tanto mais por potencializar novos e enriquecedores encontros” (Santos, 2018, p. 104).

A prisão de Jacqueline em São Paulo, uma veterana nos desfiles do Opera-Rio, gerou um choque entre as travestis que residiam em Curitiba. Com base nas indicações de Rafael

¹⁷⁵ A partir das escassas informações presentes nos jornais analisados pude inferir que Jaqueline fora uma popular competidora do Baile dos Enxutos e outros concursos de fantasia e beleza concorridos pelas travestis em diferentes estados do Brasil, durante as décadas de 1970 e 1980.

¹⁷⁶ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

França G. dos Santos (2018), observo como as relações de amizades potencializam as possibilidades de ser, tanto em uma perspectiva individual de constituição de si, quanto na luta coletiva pelo direito à cidade, ao corpo, à assistência das políticas públicas. Os laços criados no carnaval, nos concursos de fantasia dos Enxutos, bem como nas ruas e esquinas, foram uma rede de contatos e afetos que potencializaram a organização das travestis em luta contra a criminalização e a violência policial.

Sheila era apresentada como natural de Londrina, com 23 anos, e durante a entrevista preferiu não revelar seu nome completo para evitar problemas familiares. Segundo o jornal ela possuía instrução colegial e vivia em um luxuoso apartamento em Curitiba. Em uma “conversa franca relatou todos os problemas da classe, afirmando que aqui em Curitiba o grupo somente é formado por oito, pois os transformistas não estão no rol dos travestis e geralmente são estes que mais encrencas arrumam com a polícia”¹⁷⁷. Suponho que ao diferenciar as transformistas e travestis, Sheila associa as primeiras a transitoriedade entre os gêneros femininos e masculinos e ao mundo artístico dos espetáculos; as segundas dialogam com a noção de ser, principiando a concepção das travestilidades como identidade, neste contexto, era comum a associação das travestis a prostituição, justificando a repressão policial severa contra estes grupos.

Compreendo com base nas investigações de Jorge Leite Jr (2008) que estes processos de identificação, principalmente na segunda metade do século XX, são situacionais manipulados como táticas de trânsito em determinados espaços e situações. Conforme indica o autor a distinção entre estas identidades compreendem desde o “mais rígido em textos científicos ao mais intencionalmente flexível na cultura de massas, passando pela complexa miscelânea de ideias, vivências e estratégias da experiência concreta e cotidiana de tais pessoas” (Leite Jr, 2008, p. 12-13). Ao identificar tais diferenças Sheila indica à fluência, as alianças e os conflitos que perpassavam suas relações cotidianas e pessoais, bem como a maneira como elas eram lidas socialmente.

Durante a entrevista um dos pontos questionados pelo repórter foram as relações de amizade de Sheila. Ao que ela responde nomeando algumas de suas amigas como “a Lejara que é muito amicíssima minha, a Gracielle, Susi, Patrícia, Telma, Lessandra e algumas outras”¹⁷⁸.

¹⁷⁷ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

¹⁷⁸ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

Questionada sobre a rivalidade entre elas, Sheila dizia que “só no carnaval, pois no restante tudo bem”, fazendo uma referência aos bailes de carnaval. A ênfase em sua amizade com Lejara indica a importância destas relações, como argumenta Rafael França G. dos Santos (2018), estes vínculos se configuram em potência, uma vez que, iluminam e verticalizam os processos de constituição de si, ou seja, o ato de ser compreendido e partilhar experiências na vida dariam o tom nas relações de amizade dentro das experiências trans.

A rivalidade no carnaval era indicada por Sheila como parte das tramas que compunham estas relações de amizade. Como apresentei no capítulo anterior, o carnaval se constituía em um espaço de afrouxar das normas sociais, possibilitando as travestis a enunciação de si, segundo Rafael França G. dos Santos (2018), as festas carnavalescas eram locais de potência para as travestis se conhecerem e criarem redes de contato que possibilitariam determinadas criações de si uma vez que as “relações de amizade e o carnaval são elementos que compõem este cenário em que as experiências trans são forjadas. Neste período da década de 1970, a noção de travesti estava ligada ao carnaval pois era neste espaço que as subjetividades trans estavam autorizadas” (Santos, 2018, p. 82). Ao mencionar estes dois elementos em sua resposta ao jornal, Sheila reafirmava a centralidade destes aspectos em seu cotidiano e, conseqüentemente, nas vivências travestis em Curitiba.

Ao ser perguntada sobre suas diversões, as festas e os locais que frequentava, Sheila respondeu que se divertia “igual todo mundo, cinema, teatro, festas. Gosto de futebol, torço para o Coritiba e vibro pela televisão. Olhe, aliás até torci bastante para o time do Londrina”¹⁷⁹ e que “durante a semana ou melhor na 5ª feira e sábado eu vou no Operário, e de vez em quando nas casas das amigas, isto é, quando a polícia não inventa de terminar com a nossa alegria”¹⁸⁰. Se entrecruzam nas palavras de Sheila elementos que estruturavam e potencializavam as experiências travestis, para além do carnaval e das amizades, o espaço do Opera-Rio era citado como um lugar de sociabilidade, confirmando que a centralidade e a associação clube com as travestilidades compostas em Curitiba extrapolavam o período das festividades. A Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários se configurava enquanto um lugar praticado e reapropriado pela presença travesti como um espaço de produção de “histórias fragmentárias e

¹⁷⁹ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

¹⁸⁰ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como estórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo” (Certeau, 2014, p. 175-176).

Novamente a polícia e sua prática de repressão e criminalização às travestis era mencionada por Sheila, indicando que mesmo suas atividades de lazer e diversão eram alvo das intervenções policiais. Os aspectos mencionados por Sheila se entrelaçavam e passavam a compor uma imagem de seus trânsitos cotidianos, como mencionei o carnaval, as relações de amizade e o espaço do Opera-Rio, que eram elementos centrais no processo de constituição e enunciação de si. A força policial enquanto último elemento indica para os enfrentamentos normativos desses sujeitos que ao se colocarem nos locais públicos representavam um desafio a cis heteronormatividade branca.

Em relação ao mundo do trabalho Sheila informava ao repórter que trabalhava em um salão de beleza, que costumava para fora “além de trabalhar à noite”. Ao ser perguntada sobre o local em que costumava ficar nas noites, ela respondeu que “na hora da escuridão prefiro ficar sozinha, na Avenida João Gualberto, próximo à Praça 19 de Dezembro”¹⁸¹. O lugar indicado por Sheila encontra-se relativamente distante da Praça João Cândido e da sede da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários. Considero que esta distância e solitude adotados por ela eram parte de suas táticas manipuladas como forma de evitar chamar a atenção da polícia, tendo em vista o número frequente de rondas e apreensões das travestis em espaços públicos.

Na continuidade da entrevista o jornalista questionou a relação de Sheila com a polícia, ao que ela informou que já teria sido presa “umas cinco ou seis vezes, não me lembro direito” e que muitas vezes teve de pular muro ou “entrar em veículos sem ser convidada”, que “nunca ando de saia, pois se a polícia nos prende por atentado ao pudor, imagine se estivéssemos de saia”¹⁸². Ao ser apreendida pela polícia sua tática era esperar o advogado que “caso eu não amanheça em casa, ele entra com o habeas corpus”¹⁸³. Portanto, o local em que fazia ponto, a

¹⁸¹ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

¹⁸² Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

¹⁸³ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

escolha das roupas e o sobreaviso ao advogado eram as táticas construídas por Sheila com a finalidade de garantir sua circulação pela cidade.

Ao tecer e compartilhar estas táticas de resistência, Sheila se inseria neste cenário de investida da polícia contra as travestis e prostitutas sob o pretexto de zelo à moral e bons costumes. Não à-toa nas décadas de 1980 e 1990 a prostituição torna-se uma pauta social de luta e organização coletiva “foram as calçadas da prostituição que tornaram as travestis e as transexuais visíveis para o poder público” (Carrijo et al, 2018, p.9). Jovanna Cardoso da Silva, uma das figuras consideradas fundamentais para a construção do movimento das mulheres trans e travestis no Brasil, constantemente rememora em suas falas a violência perpetrada pela polícia e suas formas de resistências como na “marcha realizada ao final do III Encontro Nacional de Travestis e Transexuais na luta contra a aids (Entlaids) no Rio de Janeiro, em 1985, (...) ‘as travestis saíram da Candelária gritando em coro as palavras de ordem: ata ata ata a polícia que nos mata... ina ina ina a polícia é assassina’” (Carrijo et al, 2018, p.4).

O jornalista passou a questionar para quais delegacias elas eram encaminhadas, ao que Sheila informou que quando presas eram levadas “para a Delegacia de Costumes ou Delegacia Plantão, onde chegamos a ficar quase cinco dias presas porque somos travestis”¹⁸⁴. Na sequência o jornalista interroga “Você é revoltada?” e Sheila respondeu:

Sou com a marginalização que nos é imposta pela polícia. Se andamos na rua somos presas e depois nos libertam. Mas isso não é nada o pior é quando nos leva para a Delegacia de Plantão e nos deixam no meio dos outros, onde só porque somos travestis, ficamos cinco dias. E o pior é que a polícia não prende os transformistas, pois estes sim aprontam e bastante. Arrumam briga com qualquer pessoa e nem sempre são presos pela polícia¹⁸⁵.

A fala de Sheila evidenciava a razão pela qual as travestis eram encaminhadas à prisão, como argumentei anteriormente, os mecanismos legais eram dispostos de forma a justificar a repressão policial. Os artigos com designações vagas sobre o ato obsceno e o atentado ao pudor garantiam a aplicabilidade da lei sobre as travestis, como afirmam Adriana Geisler e Ana Paula A. Martins (2015, p. 155), “a experiência dos que vivenciam o ‘gênero nas margens’, são reveladoras e transgressoras de mecanismos de poder naturalizados nas ideologias e modos de

¹⁸⁴ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

¹⁸⁵ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

vida dominantes nas sociedades urbanas ocidentais e contemporâneas”, principalmente, por romperem com a visão binário de gênero.

Considero que esta revolta expressa por Sheila contra a marginalização imposta às travestis pela polícia seria parte do impulso que constituiria tanto a organização de táticas individuais de resistência, como a escolha da roupa, do local do ponto, o advogado, em outros casos, os cortes, a lâmina, a agressão aos policiais e a confusão, quanto o início de uma articulação coletiva das travestis em luta, como fora a ameaça de uma passeata em busca de responsabilização pela morte de Jacyra. Ao retomar a atuação política de figuras centrais no movimento das mulheres trans e travestis, como Indianara Siqueira, Jovanna Cardoso da Silva e Keila Simpson, Gilson Goulart Carrijo (2018), observa que “a violência policial atravessa tais narrativas (...) O que parece ter se deslocado aqui seria a possibilidade de denunciar a ação dos policiais como sendo abusivas, mesmo sem garantias de resultados efetivos” (Carrijo *et al*, 2018, p.7). Isto significa que a partir de sua movimentação políticas nas últimas décadas as mulheres trans e travestis produziram “atos políticos em lugares que não poderiam ser efeitos nem somente das fissuras de poderes excludentes, nem somente das capturas assimilacionistas do Estado, mas sim em um entre-lugar” (Carrijo *et al*, 2018, p.8).

Como parte desta história Sheila já denunciava, em sua entrevista ao Correio do Paraná em 1978, sua revolta e táticas de resistência construindo uma imagem ainda mais perigosa e ameaçadora ao poder público. Neste sentido, quando questionada sobre a violência, confusões e brigas que enfrentava durante as noites em que frequentavam as ruas e esquinas, ela respondeu que “só brigo em últimos casos, quando sou provocada”¹⁸⁶, em seguida afirmou que quando necessário utilizava “a bolsa, que é a arma que toda mulher usa”¹⁸⁷. O repórter continuou com as questões: “O que carrega dentro da bolsa? - Os objetos de maquiagem, documentos. E de vez em quando dá vontade de carregar pedras. - Você anda armada? - Tem algumas que andam, mas eu não, pois caso polícia prenda o problema fica grave”¹⁸⁸.

Tais questões sobre o uso de armas dialogavam com o estigma da periculosidade das travestis, de acordo com Helena Vieira e Yuri Fraccaroli (2018), durante a ditadura civil militar

¹⁸⁶ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

¹⁸⁷ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

¹⁸⁸ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

no Brasil foram “estabelecidas formas de medir o corpo das travestis, recolher suas imagens para averiguação a fim de determinar quão perigosas elas poderiam ser. O risco que ofereciam, nas palavras da Polícia, era de perverter e incentivar a juventude, além de propagar abomináveis práticas” (Vieira; Fraccaroli, 2018, p. 365). Dessa maneira, considero que as perguntas realizadas pelo jornalista buscavam averiguar quão perigosas eram as travestis curitibanas, questionando Sheila sobre armas, brigas e revoltas.

Sobre sua vida íntima e familiar Sheila contou ao jornal que nasceu em Londrina “onde fiquei num colégio internado. Com doze anos fugi para o Rio de Janeiro, onde fiquei por mais quatro anos, depois regressei para Londrina, onde fiquei por mais uns tempos e finalmente separei da família e vim morar em Curitiba”¹⁸⁹. Acerca deste período o repórter questionou sobre os sonhos profissionais de Sheila nos tempos de escola, ao que ela respondeu que sonhava em cursar “medicina, sempre fui amarrada nestas coisas. Mas infelizmente não deu, e eu sou feliz agora com que sou”¹⁹⁰.

Estes trânsitos de Sheila por Londrina, Rio de Janeiro e Curitiba, bem como sua menção aos sonhos da infância e a conformação e felicidade com quem era, indicam para os processos de construção de si, ou seja, os caminhos percorridos e as amizades que potencializaram sua descoberta e sua maneira de se colocar no mundo. A relação entre deslocamentos, amizades e relações familiares retomam a ideia do sujeito-em-processo fundado a partir dos atos performativos, como indica Butler (2019, p. 2018), “os corpos são transformados em gêneros por uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados através do tempo”.

Além de ilustrar seus processos de construção de si, os deslocamentos de Sheila permitem inferir que sua relação familiar era perpassada por conflitos, como indica o seguinte trecho de sua entrevista em que informava que sua família continuava “morando em Foz do Iguaçu, onde possuem uma rede de lanchonetes. Mas já faz cinco anos que eu não os vejo, por isto que tenho bastantes amigos”¹⁹¹. Considero que muitas vezes, nas experiências travestis, o afastamento da rede familiar é seguido pela criação de novas redes de afeto, as quais serão fundamentais à constituição de si.

¹⁸⁹ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

¹⁹⁰ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

¹⁹¹ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

De acordo com Rafael França G. dos Santos (2018), as famílias de origem ocupam um lugar nas experiências travestis perpassados por “inúmeros processos de negociação da transgeneridade, que por vezes podem reforçar violências cisgêneras, mas que também sugerem formas de agência, capacidades criativas de existência” (Santos, 2018, p. 321). Dessa maneira, a produção de si é sempre marcada pela presença “de amigas e amigos, ora tomados como a própria família, ora como irmãos e irmãs que oferecem apoio e acolhida quando a família de origem significou falta, negligência e constrangimento” (Santos, 2018, p. 321).

Na entrevista de Sheila as narrativas sobre suas amizades eram constantemente mencionadas como pano de fundo de suas formas de lazer, divertimento e acolhimento. Ao final da matéria, em uma cena construída de maneira descontraída, enquanto Sheila apresenta sua cachorrinha Poly, ela relatava que recentemente estivera com Lejara em algumas praias no litoral paranaense “onde estreamos nossas tangas”¹⁹². Estas passagens reforçam a centralidade e “a força política das relações de amizade como instância capaz de fazer a vida continuar, a amizade como tecido afetivo, mas sem esquecer dos conflitos, das intrigas, dos dramas e das tramas que envolvem as relações de amizade” (Santos, 2018, p. 319).

No encerramento da entrevista Sheila insinua ao jornalista que “qualquer dia vou convidar os travestis da nossa turma para vocês fazerem uma entrevista legal, onde cada um vai contar parte de sua vida, tá legal. Tchau e apareçam”¹⁹³. Ao afirmar que convidaria suas amigas para contar suas histórias ao jornal, ela contribui para reflexão acerca do papel da imprensa na produção dos discursos sobre as travestilidades.

Os jornais estavam inseridos e (re)produziam um contexto de marginalização destes sujeitos considerados abjetos por romperem a cisnorma. A entrevista de Sheila e sua proposta final compunham as pequenas fissuras produzidas pelas travestis curitibanas, produziam espaços e se apropriavam das frestas e pontos de visibilidade, seja no carnaval, ou nas matérias investigativas de suas vivências. Ainda que retratadas nos periódicos de maneiras estereotipadas dentro destes discursos normativos, as travestis exerciam sua potência ao manipularem esses lugares.

¹⁹² Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

¹⁹³ Correio do Paraná, ed. 23551, 03/03/1978.

Ao buscar percorrer o caminho das táticas de resistências desenhadas pelas travestis curitibanas durante as décadas de 1970 e 1980, pude observar o entrelaçar das contradições e desigualdades que envolviam as vivências travestis em Curitiba, do riso e alegria dos bailes de carnaval a repressão policial, passando pelas disputas pelo acesso aos espaços públicos. A trajetória de Márcia Regina colocava-se nesta encruzilhada, enquanto veterana do Baile dos Enxutos, seus deslocamentos costuravam os dias de festa ao luto, principalmente, ao ceder o jazigo no cemitério, possibilitando que os corpos e memórias das travestis curitibanas não fossem descartados sem suas identidades reconhecidas, permanecendo cravadas na lápide até a contemporaneidade.

Diante da indução de condições precárias de vida e morte às travestis, as ações de Márcia contribuíram para organização do carnaval como espaço para seu estelato e do jazigo como uma política de memória. Estes atos seriam exemplos de reivindicações de infraestrutura para vidas vivíveis, como afirma Butler (2017, p. 33), a “apreensão da condição de ser enlutada precede e torna possível a apreensão da vida precária. A condição de ser enlutado precede e torna possível a apreensão do ser vivo como algo que vive, exposto a não vida desde o início”. Assim, ao buscar o direito ao enlutar, Márcia contribuía para denunciar a imposição da precariedade às travestis curitibanas.

Além disso, seu papel na organização do Baile dos Enxutos soma-se à luta pelo direito a ocuparem as ruas e esquinas, especialmente, aquelas localizadas nas proximidades da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários. Estas mobilizações indicavam que as travestis ao se unirem tornavam-se ainda mais perigosas e ameaçadoras, uma vez que, quando “as reivindicações políticas são feitas pelos corpos quando eles aparecem e agem, quando recusam e persistem, em condições nas quais esse fato por si só ameaça o Estado com a deslegitimação” (Butler, 2019, p. 93).

É também diante da morte e violência que elas se uniram e ameaçaram um movimento de revolta em relação ao caso Jacyra. Em meio a este contexto observei a articulação de táticas individuais e coletivas de resistência mobilizadas cotidianamente. Os corpos emergiam como elementos fundamentais do (re)existir, bem como da produção de respostas às condições de violência, principalmente policial, que perpassavam as vivências travestis, conforme argumenta Judith Butler (2019),

o corpo nas ruas persiste, mas também busca encontrar as condições de sua própria preservação. Invariavelmente, essas condições são sociais e exigem uma reorganização radical da vida social para aqueles que experimentam sua existência em perigo se estamos pensando bem, e nosso pensamento nos compromete com a preservação da vida de alguma forma, então a vida a ser preservada toma uma forma corporal (Butler, 2019, p. 105).

Esta organização da luta cotidiana da comunidade travesti em Curitiba, suas táticas, alianças e rivalidades pontuais em busca do direito de ser e ocupar a cidade “modelo” apresentadas neste capítulo indicaram os corpos e os laços de amigades como mecanismos fundamentais no processo de constituição de si e da enunciação pública de suas performances de gênero. Na sequência, analiso a trajetória de Daniele Cristine Bastos colocada como um exemplo de investimento na produção de si, tendo em vista estas relações de apoio e resistência.

CAPÍTULO 4: DANIELE CRISTINE BASTOS E A CONSTRUÇÃO DE SI: UMA TRAJETÓRIA EXEMPLAR NA CIDADE “MODELO”

Daniele Cristine Bastos nasceu em 27 de agosto de 1949 na cidade de Jaguapitã, região norte do estado do Paraná, filha de José e Celina, era a décima primeira filha entre suas dez irmãs. Estudou na cidade em que nasceu até o ginásio, quando mudou-se para Curitiba para cursar o científico. Daniele relatou que sempre encontrara acolhimento em sua mãe Celina, ao contrário da relação que teria com a família que a recebera na capital, principalmente ao afirmar sua expressão de gênero e seu desejo por realizar procedimentos estéticos de readequação do seu corpo. Por essa razão teria sido expulsa de casa ainda na década de 1960.

Nos anos que viveu em Curitiba trabalhou como doméstica, costureira, apresentou-se em shows nas casas noturnas e confeccionou perucas para vender. Fora estrela nos Bailes dos Enxutos, sendo eleita Rainha do Opera-Rio, Miss Busto e se consolidando jurada do desfile na década de 1980. Em 1983, realizou uma cirurgia no Marrocos para redesignação sexual, passando a enfrentar problemas quanto à conformação de sua documentação e sua performance de gênero ao regressar ao Brasil. Daniele Cristine viveu um relacionamento amoroso estável por aproximadamente 12 anos.

Em 17 de abril de 1985 se envolveu em um acidente de carro, vindo a falecer em decorrência do mesmo. Seu corpo foi sepultado, junto a Gilda, Primavera Bolkan, Martinha, Leandra e Veruska, no jazigo cedido por Márcia Regina no cemitério de Santa Cândida. Este capítulo é sobre Daniele Cristine e o que faz de sua trajetória, resumidamente narrada aqui, ser considerada um exemplo à sua geração e às travestis que viviam em seu mesmo contexto.

Aparentemente estes deslocamentos podem ser considerados comuns ao olhar desatento, no entanto, ao relacioná-los ao contexto das travestis que viveram na segunda metade do século XX, observo como Daniele Cristine rompeu com a “norma” ou com o destino imposto a elas. Como afirmava Baby Garrouit no documentário *Beijo na Boca Maldita* (2008), “Daniele foi um exemplo a todas nós, primeira operada de Curitiba”.

Essa afirmação somada à trajetória de Daniele Cristine levanta alguns questionamentos sobre quem fora e o que representaram seus deslocamentos ao ponto de ser considerada um exemplo ou até mesmo o que significava ser um exemplo neste contexto. As análises presentes

neste capítulo buscam responder essas questões, percorrendo os caminhos desenhados por Daniele em Curitiba. Compreendo esta noção de trajetória exemplar no contexto analisado, como a enunciação de uma possibilidade de ser, desenhando um caminho a ser seguido por outrem, principalmente para aquelas que rompiam com a cis heteronormatividade branca.

Procuro investigar os percursos de Daniele na capital que viria a se afirmar enquanto cidade “modelo” e compreender seus processos de construção de si e de sua trajetória como exemplar, a partir da análise dos discursos presentes em duas fontes principais, a imprensa curitibana e o documentário *Daniele, Cinzas e Carnaval*, produzido em 1979 por José Iwersen. De acordo com a imagem projetada nas palavras de Baby, Daniele servira de espelho a sua geração para ser admirada e seguida. Considero que sua afirmação profissional, a construção de seu corpo e sua performance feminina do gênero, bem como sua vida afetiva e amorosa, contribuíram para posição assumida por Daniele entre as travestis curitibanas, enquanto anunciadora de outros futuros possíveis, para além das violências e marginalizações, ainda que estas também se fizessem presentes aqui.

As vivências de Daniele expandiram as possibilidades de ser e deslocavam os limites impostos a potência do ser travesti, como indicam Sara Wagner York/Sara Wagner Pimenta Gonçalves J, Megg Rayara Gomes Oliveira e Bruna Benevides (2020),

Se nós, travestis, fazemos o que quisermos com nossos corpos para afirmar quem somos, não duvidem do que somos capazes de fazer para chegar onde queremos. Largaram nossas mãos, apagaram nossa história, retiraram nossos nomes, identidade e direitos. Negaram nossa humanidade. Mesmo assim, nós fizemos aquilo que a sociedade deseja e rejeita, pois reivindicamos uma liberdade, de ser e existir, de desafiar os limites do corpo e da sexualidade que escapa ao controle, denunciando a opressão colocada sobre aqueles que se curvam diante da cisgeneridade compulsória sem contestá-la (York; Oliveira; Benevides, 2020, p. 6).

Apesar da violência advinda de diferentes esferas como: íntima, familiar, institucional, entre outras, do epistemicídio¹⁹⁴ de suas existências¹⁹⁵, as travestis emergem ressignificando a

¹⁹⁴ De acordo com Boaventura de Souza Santos o epistemicídio pode ser compreendido como “à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presentes na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas” (2009, p. 183).

¹⁹⁵ Os principais dados sobre as diferentes formas de violência que impactam as vidas da comunidade trans e travestis são organizados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Publicados anualmente, os dossiês podem ser consultados no link: <https://antrabrasil.org/assassinatos/>.

existência e desafiando as cis heteronormatividade branca que fundamentam a sociedade ocidental, reescrevem, portanto, a noção de liberdade como indicam as autoras acima citadas. As conquistas de Daniele tornavam-se coletivas, indicando caminhos possíveis na Curitiba “modelo”, no regime político da ditadura hetero militar brasileira.

Na sequência organizo este capítulo em dois tópicos que revisitam os discursos sobre a trajetória de Daniele Cristine enunciados na imprensa curitibana e no documentário *Daniele, Cinzas e Carnaval*, respectivamente. Para análise tenho em consideração as especificidades metodológicas que envolvem a investigação dos discursos da imprensa e do cinema, enquanto fontes históricas e como elas. Considero que os materiais aqui analisados contribuem para a produção de diferentes discursos sobre os sujeitos, produzidos a partir da fala dos outros sobre Daniele, eles se apresentam enviesados pelas concepções e intencionalidades de jornalistas e produtores de cinema. Compreendo, por outro lado, que estes espaços de enunciação também foram constituídos a partir da agência de Daniele, ou seja, de seu deslocamento e aproximação das margens das edições diárias, das pequenas notas jornalísticas e do cinema independente para registrar sua história.

4.1 DANIELE CRISTINE NAS PÁGINAS DA IMPRENSA

No artigo *Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra* Jaqueline Gomes de Jesus (2019) denuncia o processo de apropriação e resignificação da personagem histórica Xica Manicongo pela militância política das mulheres trans e travestis, sendo atualmente apontada como a primeira travesti brasileira. A partir dessa reconstrução histórica outras perspectivas se apresentam “sobre a multiplicidade de experiências relacionadas à vivência de uma identidade de gênero trans, a partir do protagonismo do próprio grupo social, que apreende seu passado, questiona o presente e constrói o próprio futuro” (Jesus, 2019, p. 259).

A autora indica, portanto, os recentes processos de valorização e reconstrução das trajetórias travestis, impulsionados pela movimentação e organização política deste grupo, com o objetivo de criar uma consciência sobre si a partir da constituição de uma memória histórica de suas existências, afirmando a importância da posse do “conhecimento de nossa história, de onde viemos, de que a nossa população lutou, e morreu, para que tivéssemos os mínimos direitos dos quais hoje gozamos” (Jesus, 2019, p. 254). Ao buscar percorrer os caminhos

trilhados por Daniele Cristine tenho por intenção somar sua trajetória à história das travestilidades brasileiras, assim como Gilda, Samantha, Primavera Bolkan, Baby Pankada e Márcia Regina.

Neste intento, algumas questões se colocam ao fazer historiográfico: como capturar a vida de alguém e narrar seus processos de constituição de si? Ou como reconstituir as memórias apagadas ou aniquiladas de outrem? Quando nos colocamos a estudar a vida dos excluídos da História¹⁹⁶ os desafios se aglomeram e a leitura indireta, indiciária¹⁹⁷ e conjectural produzida pelas(os) historiadoras (es) deve torna-se sensível às produções marginais e aos processos de silenciamento. Ao voltar o olhar para vidas travestis identifico uma série de produções recentes que se colocam a denunciar suas existências históricas, questionando, como indiquei no terceiro capítulo, onde estariam os arquivos sobre suas vivências. Ao buscar investigar os deslocamentos de Daniele Cristine, em uma trajetória considerada exemplar para as travestis curitubanas, percorro linhas difusas que se multiplicam, dobram e enovelam.

Dados os limites desta pesquisa, foi nos jornais Diário do Paraná, Tribuna do Paraná, Diário da Tarde e Correio de Notícias entre os anos de 1970 e 1985, que encontrei os primeiros indícios sobre as vivências de Daniele em pequenas notas e algumas poucas manchetes relacionadas às festas de carnaval e ao Baile dos Enxutos. Compreendo que em um movimento que desloca a margem ao centro, as travestis curitubanas do período analisado se apropriavam destes pequenos espaços na imprensa local para veicularem suas imagens, vivências e reivindicações.

Há de se considerar na análise dos jornais que “os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustrações que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir” (De Luca, 2008, p. 138). A partir destes, os jogos de interesses e expectativas as leituras de mundo eram compartilhadas entre jornalistas, editores e público leitor.

¹⁹⁶ Referência a obra: Perrot, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

¹⁹⁷ Compreendo o que aponta o método indiciário a partir da leitura de Carlo Ginzburg (1989), segundo o qual a leitura “de dados aparentemente negligenciáveis, remonta a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (Ginzburg, 1989, p. 152), ou seja, ainda que perpassada por barreiras e filtros impostos ao longo do tempo, a análise dos vestígios do passado são capazes de (re)constituir uma narrativa sobre os sujeitos históricos.

Compreendo que os discursos sobre as travestilidades em Curitiba eram produzidos dentro de uma dinâmica cis heteronormativa branca, compartilhada pelo regime político, econômico e social vigente. Dessa maneira, as principais menções as travestis se limitavam ao universo da prostituição e violência, construindo uma imagem patologizada e perigosa deste grupo. Entretanto, ao analisar as edições diárias pude observar que momentos como o carnaval produziam espaços para projeção das personalidades travestis, relacionando-as a outras imagens como vedetes e musas. Ao se apropriar destas brechas algumas delas eram alçadas a celebridades locais, constituindo outros discursos sobre si.

A partir dessas considerações e ressalvas, analiso a trajetória de Daniele Cristine em um movimento duplo, no qual ao mesmo tempo em que era capturada e estampada nas páginas da imprensa curitibana de forma normativa, também utilizava deste espaço para enunciar seus próprios discursos de si. A primeira notícia identificada sobre Daniele foi publicada no Diário do Paraná, em 04 de abril de 1970, na notícia *Furtou para comprar fantasia de carnaval*. Segundo o texto ela fora “autuada em flagrante pela Delegacia de Furtos e Roubos, por ter furtado de sua patroa Matilde Sobias, residente no edifício Vasconcelos, 17º andar apto. 171. Vinte e cinco mil pesos, 24 dólares, peles e mais duas malas cheias de roupa”¹⁹⁸.

A notícia enfatizava a estranheza do caso, localizando-a na motivação para furto e na imagem da acusada. Em uma fotografia veiculada juntamente com a notícia, Daniele aparecia de costas para a parede, com as mãos próximas ao rosto, como podemos observar na imagem reproduzida a seguir. A legenda da foto anunciava em letras maiúsculas “estranho gato”.

¹⁹⁸ Diário do Paraná, ed. 4341, 04/01/1970.



FIGURA 23. Fotografia de Daniele Cristine presente no jornal Diário do Paraná em 04 de janeiro de 1970.

Considero que a imagem unida à legenda colaborou com a construção de um discurso sobre Daniele, a posição da câmera, do rosto e de suas mãos indicam como ela buscava proteger sua imagem deste registro. Sua postura corporal é apresentada de maneira defensiva, contribuindo para a produção de sentido a colocando como uma criminosa gatuna, capaz de silenciosamente adentrar uma residência e furtar seus bens de maneira discreta. Sua imagem não aparenta ser perigosa, mas ao ser retratada desta maneira no jornal, cola-se esta verdade ao sujeito. Como afirma Charles Monteiro (2016), o uso da fotografia na imprensa coloca em jogo “a imagem propriamente dita, os textos que a acompanham e o contexto sociopolítico” (Monteiro, 2016, p. 75) emaranhados em um processo no qual “tanto o fotógrafo quanto o observador das fotografias lançam mão de suas iconotecas - estoque próprio de imagens dentro do conjunto de imagens socialmente partilhadas em uma determinada época - para produzir sentido e para interpretar uma imagem respectivamente” (Monteiro, 2016, p. 67).

Daniele justificou que o furto teria sido motivado pelo seu desejo de “comprar o seu ‘modelo’ para desfilar no ‘Operário’, onde foi eleita a ‘menina do ano’ e o ‘travesti mais

feminino de 69”¹⁹⁹. A imagem associada a legenda e a motivação do roubo reforçavam uma visão de estranheza e curiosidade acerca de Daniele, não à toa o periódico dedicou algumas linhas as suas falas e explicações, permitindo que superficialmente os leitores a conhecessem.

No início da notícia as palavras de Daniele esclarecem “Eu já nasci assim, mas minha família, muito ultrapassada, sempre quis que eu estudasse como homem. Fiz uma operação aos 17 anos para corrigir meu hermafroditismo, mas não adiantou nada”²⁰⁰. Em um subtítulo da notícia outras informações sobre Daniele eram apresentadas pelo jornal, indicando que após o furto teria providenciado o

(...) câmbio do dinheiro em moeda nacional, gastando tudo imediatamente. Falando com uma voz um pouco grossa, “Daniele” explica que está rouca, pois gritou muito no “réveillon”. Diz que o seu sonho sempre foi fazer um curso de filosofia, mas que agora que tomou a decisão de se tornar mulher, vai ser mais difícil, “pois minha própria família” me expulsou de casa quando lhes comuniquei que ia fazer uma operação em São Paulo”. José Gomes de Lima, tem 20 anos, é filho de uma família do Norte do Paraná, tendo mais de 7 irmãs. Atualmente, diz o “travesti”, trabalho em casas noturnas “eu só trabalho de cozinheira, para poder manter meu guarda roupa”. “Eu não sou de roubar, eu só tirei o dinheiro porque a dona não queria me emprestar a roupa”²⁰¹.

Estes trechos da notícia indicam os mecanismos do discurso normativo operando a partir do texto jornalístico. As tentativas de definir quem era Daniele, bem como a apresentação de detalhes como a voz grossa e rouca, o nome entre aspas, a escrita de “o ‘travesti’” e o destaque à estranheza do furto e do gato buscavam enquadrá-la no sistema binário de gênero, constringendo onde ela apresentava características dissidentes. Estas engrenagens discursivas são produzidas e movem-se de diferentes formas ao longo da história, posicionando-se de acordo com o que é passível ser dito ou considerado verdadeiro em determinada época, sendo assim, “os contemporâneos encontram-se fechados em discursos como em aquários falsamente transparentes, ignoram quais são e até que existe um aquário. As falsas generalidades e os discursos variam através do tempo; mas, em cada época, passam por verdadeiros” (Veyne, 2008, p. 19).

¹⁹⁹ Diário do Paraná, ed. 4341, 04/01/1970.

²⁰⁰ Diário do Paraná, ed. 4341, 04/01/1970.

²⁰¹ Diário do Paraná, ed. 4341, 04/01/1970.

Ao analisar o furto realizado por Daniele questiono a linguagem normativa do jornal que buscava enquadrá-la dentro de uma estrutura cis heteronormativa branca. Considero que a ação de Daniele como um ato de potência, isto é, ao considerar que a realização do Baile dos Enxutos ocupava um lugar fundamental dentro das sociabilidades travestis desenvolvidas em Curitiba no período analisado, a busca por destacar-se pela apresentação de fantasias glamurosas, de serem vistas e derramarem beleza pelos salões eram partes do jogo de constituição de si e de seu reconhecimento pelo outro. Como indica Thiago B. Soliva (2016), estes signos da beleza e glamour eram como “um tipo de agência entre esses indivíduos, permitindo que habitassem o mundo, reivindicando existência dentro da norma heterossexual” (Soliva, 2016, p. 16).

Na notícia analisada encontravam-se em disputa estas duas versões apresentadas por Daniele e pela polícia, endossada na narrativa do jornal. Estes dois últimos buscavam desacreditar Daniele, seja pela sua performance de gênero, raça ou por sua classe social, implantando a desconfiança de que suas justificativas fossem falsas, como indica o seguinte trecho da notícia, “os policiais da DFR, não acreditaram na sua história, pois segundo suas informações, José Gomes está implicado em outros casos de furtos, que ainda não foram apurados. Assim sendo é em provável, que ‘Daniele’ irá parar na Penitenciária em vez de fazer operação em São Paulo”²⁰². As acusações soltas sem apresentação de evidências indicam o caráter moralizador da força policial e da imprensa na abordagem dos casos que envolviam as travestis, em que “o comportamento divergente de determinados grupos é visto como ‘aberrante’, ‘antijurídico’, ‘patológico’, a constituir ‘problemas sociais’ e devendo ser tratado com medidas repressivo-educativas suficientes à recondução dos desviantes à normalidade” (Geisler; Martins, 2015, p. 150).

Na versão construída por Daniele seu ato se justificava dada a importância de seu objetivo, ou seja, derramar beleza e glamour nas passarelas do Opera-Rio, enunciando a si e buscando reconhecimento enquanto rainha da noite. O discurso do Diário do Paraná, por sua vez, reafirmava em suas últimas linhas como uma verdade instituída que “José Gomes de Lima, 20 anos, roubou quase tudo de uma senhora que o protegia, dólares, pesos e peles. É ‘travesti e

²⁰² Diário do Paraná, ed. 4341, 04/01/1970.

seu nome de guerra é ‘Daniele Cristine’²⁰³. O jornal localiza e moraliza a posição social ocupada por Daniele, colocando-a como uma travesti sorradeira e perigosa que se voltou contra quem a protegia, reforçando o discurso no qual as travestilidades “são retratadas como *os outros*, o contraponto de uma suposta normalidade representada pelo homem branco cisgênero heterossexual que se coloca como *eu*” (Oliveira, 2020, p. 31).

No jornal Tribuna do Paraná a prisão de Daniele foi publicada nas páginas policiais em 05 de janeiro de 1970, com a seguinte manchete *Ladrão diferente deu “show” na delegacia*. A notícia impressa no centro da página do periódico, captando a atenção dos possíveis leitores, indicava a importância do conteúdo exposto. Esta diagramação do jornal associada a uma linguagem que enfatizava a suposta estranheza desta cena, assim como fizera o Diário do Paraná, construíam um sentido e prescreviam uma atitude diante da travestilidade, que era compartilhada socialmente em que as travestis eram atreladas às noções de perigo, medo, incerteza, exotização/erotização, entre outros estereótipos.

Segundo a Tribuna do Paraná, Daniele “que durante a madrugada faz sucesso como ‘travesti’, procurava se empregar como mordomo nas residências mais finas da cidade e tão logo ganhou a simpatia de seus patrões, dava um jeito de conhece todas as dependências da casa com uma finalidade roubar” (Tribuna do Paraná, 05 de janeiro de 1970). Diante das queixas de furtos que chegavam à delegacia, o que despertava a atenção era o interesse de Daniele “por roupas e joias de mulher, tendo inclusive apanhado algumas peças íntimas” (Tribuna do Paraná, 05 de janeiro de 1970). A partir destes trechos observo a construção no discurso da imprensa de uma imagem da “travesti marginal que assume visibilidade através de notícias relacionadas à ‘desordem’ da cidade: brigas, assassinatos, roubos, etc” (Veras; Guasch, 2015, p. 42).

De acordo com Elias Veras e Oscar Guasch (2015, p. 49), a emergência público midiática das travestilidades na imprensa operava dentro de um script que incluía “título sensacionalista; foto das travestis presas; nome feminino entre aspas, seguido do nome masculino; associação com a prostituição; violência policial que culminava com as travestis no ‘camburão’ e na prisão; (...) ausência de falas das próprias travestis”. Algumas destas características se apresentavam em muitas das matérias analisadas nesta tese, inclusive nas duas

²⁰³ Diário do Paraná, ed. 4341, 04/01/1970.

notícias publicadas acerca da apreensão de Daniele. No entanto, observo que sua apresentação na delegacia “vestido de ‘Daniele’ [dando] um ‘show’ especial para os policiais de serviço”²⁰⁴ (Tribuna do Paraná, 05 de janeiro de 1970) evocada em ambos periódicos, bem como os “escândalos e confusões” operacionadas pelas travestis no momento de suas prisões se configuravam enquanto ações táticas, isto é, eram apropriação do espaço do outro, da força policial e da visibilidade da imprensa para denunciarem suas condições precárias de existência.

Os jornais Tribuna do Paraná e Diário do Paraná, ao enfatizarem e envolverem as figuras das travestis, especialmente Daniele, sob o signo da curiosidade e estranheza contribuíam para construção do estigma da ambiguidade e indeterminação de seus corpos, e do perigo de contaminação social da prostituição e criminalidade (Veras, Guash, 2015). A aparição de Daniele nos jornais nos informa tanto sobre os discursos normatizadores da imprensa, quanto sobre sua agência, ou seja, ao dar um show aos policiais ela retomava sua capacidade de ação, produzindo um contradiscurso; ao assumir sua travestilidade ela produzia um protagonismo discursivo transformando “a mídia em arena de disputa, de denúncia da sociedade heteronormativa e da violência policial” (Veras, Guash, 2015, p. 8).

Sobre este jogo de poderes e discursos que a imagem de Daniele foi estampada na Tribuna do Paraná, sorrindo com os ombros a mostra, ela realizava um *strip tease* aos policiais e jornalistas. Como podemos observar na fotografia reproduzida na sequência, era na curiosidade e ambiguidade sobre sua performance de gênero que ela encontrava sua potência, impondo sua figura ao jornal e ganhando espaço nas edições diárias ainda que inserida nos discursos normativos da imprensa. Se na edição do Diário do Paraná sua imagem era apresentada na defensiva, o momento registrado pela Tribuna do Paraná representou seu deslocamento e aprendizagem ao utilizar o periódico a seu favor.

²⁰⁴ Tribuna do Paraná, 05/01/1970.



FIGURA 24. Fotografia de Daniele Cristine publicada no jornal Tribuna do Paraná em 05 de janeiro de 1970.

Ao retirar a camiseta que vestia e exibir seu corpo Daniele conquistou voz dentro do texto jornalístico, veiculando informações adicionais sobre si, para além do roubo. Uma mini biografia sua era adicionada na notícia publicada, informando ao leitor sua idade, origem e sua afirmação de que era cozinheira. Como mencionam Elias Veras e Oscar Guasch (2015, p. 49), as respostas produzidas pelas travestis ao discurso normativo da imprensa eram marcadas por contradiscursos “percebidos através de uma análise a contrapelo. Eles estão presentes nas entrelinhas, quase como um sussurro inaudível. Diante do exposto, ou seja, entre o dito e o inter-dito, surge o não-dito que se manifestava através do escândalo como tática de denúncia”.

Estas imagens produzidas sobre a prisão de Daniele se diferem de suas demais representações na imprensa. Em sua maioria ela era mencionada em notícias e matérias relacionadas a temática do carnaval e do Baile dos Enxutos. Dessa maneira, ela voltaria a estampar as páginas dos jornais novamente no carnaval do ano seguinte em 1971, quando ganhou o título de Miss Busto no Baile dos Enxutos.

O Diário da Tarde publicaria em meio aos comentários sobre o carnaval no Opera-Rio que “(...) Daniele com ‘Banho de Pérolas’ recebeu menção honrosa”²⁰⁵. Na edição do Diário do Paraná, por sua vez, era informado que “em segundo lugar, ficou classificada Daniele Cristine Bendlin, ‘Miss Busto’, representante de Jaguapitã, Paraná. É a primeira vez que desfila, e foi a

²⁰⁵ Diário da Tarde, ed. 21339, 25/02/1971.

mais aplaudida de todas as concorrentes por sua plástica. É com orgulho que deu sua medida: 44 centímetros de busto. (...) “Miss Busto” venceu em aparência e ‘feminilidade’”²⁰⁶.

Ao cruzar as informações presentes nos jornais analisados, considero que Daniele tenha saído de Jaquapitã e se mudado para Curitiba com objetivo de estudar, passando a viver com familiares próximos. O conservadorismo de sua família curitibana entrara em conflito com sua performance de gênero e as mudanças corporais que desejava operar em si, sendo expulsa de casa, passou a buscar emprego como cozinheira e empregada doméstica.

Entre as formas de sociabilidades travestis do período, o Baile dos Enxutos era central no processo de visibilidade, enunciação de si e reconhecimento social. Desfilarem com fantasias luxuosas, apresentar beleza e glamour no Opera-Rio e levar o título de rainha do carnaval eram sonhos compartilhados por esta geração de travestis curitibanas. Neste contexto, Daniele recorreu a pequenos furtos ou empréstimos nas casas em que se empregou para compor suas fantasias, sendo apreendida em 1970. No ano seguinte conquistou seu objetivo desfilando nas passarelas do Opera-Rio e se destacando entre as concorrentes pela sua feminilidade.

Ao brilhar e triunfar no Baile dos Enxutos, Daniele produzia e se aproximava de outras formações discursivas sobre a travestilidade presentes na imprensa brasileira, alicerçadas na ideia de fascínio “sobre determinado ideal de beleza feminina e construído em oposição ao estereótipo da travesti marginal” (Veras; Guasch, 2015, p. 44). Entretanto, como argumentam Elias Veras e Oscar Guasch (2015, p. 44), “seria um engano acreditar que as travestis e transexuais que se aproximavam de uma representação da ‘mulher de verdade’ estivessem plenamente aceitas pela heteronormatividade”. Considero, portanto, que as experiências públicas e midiáticas das travestis no contexto analisado eram constituídas sob esta constante vigilância e denúncia de sua ambiguidade e indeterminação diante da linearidade entre sexo, gênero e desejo que compõem a matriz heterossexual.

Aos jornais a trajetória de Daniele se tornaria visível novamente apenas em 1979 quando fora eleita Rainha do Carnaval do Opera-Rio com a fantasia “La Violetera”. A partir dessa menção a Daniele confirmo minha hipótese sobre o Baile dos Enxutos como meio de visibilidade e de enunciação pública das travestilidades curitibanas. Sobre suas atividades durante estes anos em que permaneceu invisível aos discursos da imprensa é provável que ela

²⁰⁶ Diário do Paraná, ed. 4687, 26/02/1971.

tenha continuado frequentando os bailes de carnaval e as imediações da Sociedade dos Operários, tenha se empregado como doméstica, apresentado shows em casas noturnas ou outras atividades, tenha iniciados romances e relações de amizade.



FIGURA 25. Fotografia de Daniele Cristine com a faixa de Rainha do Baile dos Enxutos de 1979, publicada no jornal Diário do Paraná em 01 de março de 1979.

A imagem acima anuncia a vitória de Daniele no concurso de fantasias do Baile dos Enxutos. Na fotografia vemos Daniele esboçando um leve sorriso, a faixa de rainha do Carnaval lhe atravessava o peito, seu cabelo estava trançado com um adereço na cabeça que segurava o véu que compunha a fantasia, juntamente com um vestido brilhante e uma cesta de flores. Sua fantasia “La Violetera” era uma referência ao filme de mesmo nome lançado em 1958, no qual a protagonista Soledad (Sara Muntiel), uma vendedora de violetas, se apaixonou pelo aristocrata Fernando; o romance entre os dois foi motivo de escândalo entre a sociedade de Madrid. Após o falecimento do irmão, Fernando rompe com Soledad a fim de salvar a honra da família, ela então inicia uma pobre carreira de cantora até ser descoberta por um produtor musical francês que alavancaria sua carreira.

A fantasia de Daniele estabelece, portanto, uma relação de intertextualidade com a trágica história de amor entre Soledad e Fernando, contando uma história nas passarelas do Opera-Rio. Considero que esta narrativa nos informa tanto sobre o show e ação de desfilarmos como

um lugar de enunciação envolto em noções cénicas de beleza, tragédia e glamour, quanto sobre a apresentação em que o sujeito e a fantasia contam uma história de si. Dessa maneira, cabe questionar em que sentido Daniele se via representada ou inspirada por Soledad em sua feminilidade, em sua triste história de amor ou na superação de suas adversidades e estrelato.

Assim como Soledad construiu sua trajetória do sofrimento, da rejeição e pobreza ao sucesso nos palcos como cantora, também Daniele em sua fantasia de “La Violetera” alcançou seu momento de fama e prestígio ao ser eleita Rainha do Carnaval. Sua vitória lhe rendeu uma chamada na capa do Diário do Paraná acompanhada de foto e continuação na página 5 da edição. A manchete enfatizava o sucesso do baile *Faltou lugar no Operário*, e em seu primeiro parágrafo apresentava as campeãs da noite e suas fantasias “‘La Violetera’, de Daniele, foi a vencedora do Concurso de Fantasias do Baile do Opera-Rio, onde trinta travestis desfilaram na passarela e fizeram da noite de segunda-feira uma das mais animadas do carnaval de Curitiba. Rosângela com o ‘Pássaro Negro’ foi a segunda colocada, Baby Pancada com ‘E Deus Criou o Travesti...’ levou o terceiro lugar”²⁰⁷.

Observo neste anúncio das campeãs como os nomes das fantasias apresentadas pelas demais concorrentes também se constituíam em outros enunciados, relacionando significados, gestos, vestimentas e representações a constituição de uma imagem de si enunciada nos palcos da Sociedade dos Operários. Enquanto um lugar apropriado e glamourizado pelas travestis, o Baile dos Enxutos e os salões do então Opera-Rio tornavam-se um lugar praticado, constituído pelos usos que ali desenhavam um jogo entre sujeitos e espaços, a carne e o concreto.

O sucesso de público indicado pelo texto do jornal pode ser lido como o sucesso das travestis, que se colocavam e eram reconhecidas como estrelas da noite e dos carnavais. Elas eram apresentadas como o ponto alto da festa, protagonistas do show, “durante todo o baile os travestis foram o centro das atenções e não deixaram por menos: foram em rodas de samba para os braços dos foliões afoitos sem deixar de escolher os preferidos. Muitos acabaram ficando mesmo na companhia das ‘bonecas’ e não foram poucos os que saíram pela porta, acompanhados”²⁰⁸.

²⁰⁷ Diário do Paraná, ed. 7131, 01/03/1979.

²⁰⁸ Diário do Paraná, ed. 7131, 01/03/1979.

De acordo Thiago B. Soliva (2015), a figura das divas e vedetes emergem como táticas de sobrevivência dos sujeitos localizados fora da cis heteronorma branca. O sucesso dos espetáculos noturnos e dos concursos de beleza, na segunda metade do século XX, transformaram-se em locais de agência destes sujeitos, permitindo “aqueles indivíduos fora da norma heterossexual habitar as normas (Mahmood, 2006), inserindo-se em espaços antes impenetráveis da sociedade” (Soliva, 2015, p. 18). No contexto analisado nesta tese, o narrar da chegada das travestis ao baile apresentado pelo Diário do Paraná, no trecho a seguir, ilustra o sucesso e glamourização das celebridades travestis que ao chegarem nos salões do Opera-Rio se deparavam com uma multidão:

A Sociedade Beneficente Operário foi pequena para comportar milhares de foliões que esmagavam nos portões na tentativa de entrar no salão. No portão reservado à passagem dos travestis, a aglomeração muito maior: mal os táxis ou carros apontavam, trazendo no interior seus passageiros, o público se comprimiam e chamavam-nos aos gritos, aplausos, vaias e palafitas. Alguns participantes mais irritados passaram direto com o veículo por pouco não atropelando os ansiosos expectadores²⁰⁹.

As notícias e coberturas da imprensa curitibana sobre o Baile dos Enxutos indicam como o carnaval era constituído enquanto um momento de suspensão das normas sociais, de inversão e extravasar dos desejos. Assim, “logo após o desfile na passarela bamba os travestis espalharam-se pelo salão, ficando todos à mercê dos que não puderam vê-los no desfile. Com essas cadeiras improvisadas elas animavam todos os locais possíveis da sociedade rebolando e ameaçando ‘streep-tease’ que arrancava calorosos e comentários do público”²¹⁰.

O frenesi que envolvia o baile e a apresentação das travestis confirma o carnaval dos salões da Sociedade dos Operários como um espaço fundamental na constituição das travestilidades curitibanas. Não à toa este palco fora glamourizado pelas próprias travestis que moviam esforços para apresentar corpos moldados e fantasias luxuosas, tendo em vista que triunfar no agora Opera-Rio significava visibilidade, reconhecimento e possibilidade de enunciação de si. Desfilarem nestas passarelas era, como argumenta Thiago Soliva sobre as experiências travestis no palco, a exibição do “‘talento de ser fabulosa’, ou seja, um tipo de

²⁰⁹ Diário do Paraná, ed. 7131, 01/03/1979.

²¹⁰ Diário do Paraná, ed. 7131, 01/03/1979.

agência com a qual esses indivíduos negociaram existência, a partir da incorporação de imagens e performances relacionadas ao glamour” (Soliva, 2015, p. 17).

Ao ser eleita Rainha do Carnaval do Opera-Rio em 1979, Daniele alcançava o status de vedete e protagonista do show, recebendo os aplausos do público presente, afirmando sua trajetória exemplar de sucesso e estrelato, colocando-se como uma diva entre as travestis curitubanas. A figura de Daniele emergia assim vencedora nos jornais, podendo ser lida a contrapelo, por aquelas que compartilhavam as mesmas vivências, como um exemplo, principalmente neste contexto de consolidação do mercado de bens culturais e dos programas televisivos de auditório, em que os “indivíduos fora da norma heterossexual puderam reinventar um espaço de agência e resistência, gerando solidariedade entre iguais e organizando formas de sociabilidade em torno de símbolos comuns associados à ideia de glamour, como é o caso das divas” (Soliva, 2015, p. 18).

Apesar da construção glamourizadas das travestis sobre o Baile dos Enxutos, esta formação discursiva dividia espaço no discurso do jornal com as tentativas de manutenção da cis heteronorma branca, como indica o ataque dos foliões às travestis ao final da festa. Sendo assim, outros trechos da notícia indicavam a presença de autoridades e o policiamento do local com objetivo de garantir um momento de liberdade sem preconceitos vivenciados pelos foliões dentro de uma zona “saudável de depravação”:

Entre os foliões, a alegria e entusiasmo não deixou lugar para nenhum preconceito de raça, cor e sexo. Diversas autoridades participaram da descontraída noite, que em alguns momentos e em determinados cantos do salão, tocou ares de saudável depravação. De qualquer maneira, a festa foi até o amanhecer, e acabou com prisões de alguns foliões que resolveram “atacar” os travestis. O policiamento ostensivo, durante todo o baile, não precisou interferir em nenhum outro acontecimento²¹¹.

Ao veicular essas informações sobre a liberdade e seguridade do Baile dos Enxutos, o Diário do Paraná, enquanto um periódico alinhado a grande imprensa, nos informa sobre as bases ideológicas às quais respondia, isto é, sua “linha editorial pré-definida e afinada com a cultura política dos proprietários ou mesmo dos acionistas (quando for o caso), que naturalmente leva em conta a expansão do público leitor e as exigências de mercado quanto ao

²¹¹ Diário do Paraná, ed. 7131, 01/03/1979.

conteúdo e forma de apresentação” (Silva; Franco, 2010, p. 09). Este excerto do jornal cumpriria com a finalidade de apresentar a Sociedade dos Operários como um espaço passível de ser frequentado pelo seu público leitor. Neste contexto, um carnaval policiado garantiria os limites considerados “saudáveis” pela ditadura hetero militar e seu pacto patriarcal, principalmente, por estar confinada dentro do espaço privado dos salões do Opera-Rio.

O espaço do carnaval e, principalmente, do Baile dos Enxutos construía-se enquanto um lugar praticado para exercício vigiado da liberdade e da liberação dos desejos neste entremeio das esferas públicas e privadas. Para as travestis curitibanas este palco era uma plataforma de enunciação e visibilidade. O sucesso nas passarelas glamourizadas do Opera-Rio era o sonho e a possibilidade de afirmação de si e do reconhecimento social, o que justificaria os sacrifícios e a dedicação na composição de fantasias, nos investimentos corporais e o alto grau de competitividade que envolvia o concurso. Os salões da Sociedade do Operário transformavam-se em um meio para o desenvolvimento de sociabilidade, de laços de amizade e de relações de rivalidade entre as travestis curitibanas e as advindas de outros estados para a competição, como apresenta o seguinte trecho:

Mas nem todos ficaram contentes: três concorrentes que vieram espacialmente do Rio de Janeiro e não puderam desfilar, queriam agredir as vencedoras, alegando que o concurso não havia sido legal: “Eles começaram antes do horário para impedir que participássemos, pois sabiam que poderíamos ganhar tranquilamente”, declarou Jacqueline Weeck. Ao qual, porém acabaram se informando e entrando nas passarelas improvisadas, cujos jurados elegiam favoritos na base dos aplausos²¹².

Os resultados do concurso de fantasia eram contestados todos os anos, como ilustram as informações iniciais presentes no excerto acima. A partir desta notícia observo também a união entre as travestis curitibanas que, como tática para garantir a vitória, anteciparam o desfile impedindo que as competidoras de outros estados desfilassem. Estas relações de cumplicidade nos indicam a potencialidade das amizades, principalmente aquelas ligadas às possibilidades “de experiências que darão contornos a outras subjetividades que não aquelas prescritas pelo padrão da heterossexualidade. Nas subjetividades trans, talvez, esse potencial seja ainda mais

²¹² Diário do Paraná, ed. 7131, 01/03/1979.

significativo, na medida em que se está falando de uma transgressão inscrita na ordem do gênero e da sexualidade” (Santos, 2018, p. 163).

A competição, o desfile, as vitórias, as relações de amizade desenvolvidas por meio do Baile dos Enxutos compunham um espaço de produção de vidas possíveis, isto é, eram “parte das técnicas de si, uma forma de inventar uma vida possível em meio a tanta hostilidade; tornar a existência habitável é um exercício cotidiano para se estabelecer na sociedade, e ter um espaço enquanto sujeito” (Santos, 2018, p. 163). A vitória de Daniele no carnaval de 1979 a consagraria entre as Rainhas eleitas da Sociedade dos Operários, uma posição de destaque dentro das sociabilidades travestis em Curitiba, produzindo outros discursos sobre si.

Compreendo que a notoriedade alcançada por Daniele a partir de seus desfiles no Baile dos Enxutos possibilitou sua afirmação enquanto uma figura exemplar, uma trajetória a ser seguida. Esta visibilidade seria potencializada em 1979 com sua vitória no concurso de fantasia, bem como pela produção do curta documentário *Daniele, Carnaval e Cinza*, dirigido por José Augusto Iwersen.

Sobre o filme construirei algumas análises no próximo tópico com mais profundidade, para este momento basta identificar que seu destaque nos festivais de cinema independente fora registrado nos jornais, como indica a nota publicada no Diário do Paraná em 11 de novembro de 1979. Segundo a publicação “o júri de premiação da V Mostra concedeu Menção Honrosa para o filme (...) que em agosto último venceu o Festival Grife, de São Paulo, mostra o cotidiano de um travesti curitibano na sua luta pela afirmação como profissional (costureiro) e amorosa numa sociedade arredia a este tipo de comportamento”²¹³.

Compreendo que o destaque de Daniele nas passarelas do Opera-Rio e seu protagonismo no curta documentário *Daniele, Carnaval e Cinza* colocavam seu nome em outros espaços no discurso da imprensa, principalmente considerando que sua representação no cinema rompia com as imagens recorrentemente retratadas das travestis na cinematografia brasileira. A imagem de Daniele e sua trajetória passaram a ser projetadas em cinemas e festivais repercutindo para além das colunas policiais ou das notícias sobre o carnaval, alcançando outros lugares e representações das travestilidades.

²¹³ Diário do Paraná, ed. 7344, 11/11/1979.

A construção da imagem de Daniele enquanto um exemplo às travestis curitibanas perpassa, portanto, este alcance e o destaque recebido a partir de sua representação no nas páginas da imprensa, do seu desfilar nas passarelas do Opera-Rio, do documentário e sua circulação em festivais e mostras de cinema, constituindo-se como um elemento de diferenciação. Todos estes fatores convergem na constituição de um processo de humanização de sua figura por meio de sua afirmação profissional e afetiva, ou seja, ao empregar-se como doméstica e manter um relacionamento há oito anos, Daniele produzia um contradiscurso a associação das travestis a perversidade sexual, negociando e conformando a moral heteronormativa.

A notícia de sua prisão analisada anteriormente seria o ponto fora da curva, o deslize que denuncia a posição de Daniele em relação às experiências comuns da travestilidade, isto é, sua associação à criminalidade e a amoralidade. Por outro lado, estes outros elementos aqui expostos advogam a seu favor, justificando talvez sua projeção enquanto uma figura exemplar. O aproximar e afastar-se da cis heteronormatividade branca posiciona os sujeitos nas hierarquias sociais, como argumenta Judith Butler (2017, p. 21), “uma vida tem que ser inteligível como uma vida, tem de ser conformar a certas concepções do que é a vida, a fim de se tornar reconhecível”, ela deve estar de acordo com o enquadramento normativo que reconhece uma vida como vivível.

A partir destas notas observo como Daniele galgou espaços de notoriedade dentro das sociabilidades travestis. Em notícia publicada no Diário do Paraná sobre o carnaval de 1982, era mencionado que Daniele compunha o júri que a elegeria campeã do Baile dos Enxutos, de competidora ela passaria, portanto, a figura de autoridade fazendo parte da mesa julgadora. Em outro trecho do jornal era apresentada as disputas e protestos das competidoras em relação ao resultado, o que Daniele, como uma figura de autoridade, entrevistou tomando “(...) as faixas dos dois travestis e as atirou ao público”²¹⁴.

Considero que sua inclusão entre os jurados do concurso de fantasia e sua atitude de autoridade em meio à confusão, retirando as faixas das vencedoras, indicam o lugar por ela ocupado dentro dessa dinâmica social. A visibilidade, os anos de experiência desfilando no Baile dos Enxutos e suas vitórias posicionavam Daniele como uma figura exemplar, tendo em

²¹⁴ Diário do Paraná, ed. 8036, 25/02/1982.

vista que sua trajetória demonstrava os meios pelos quais era possível constituir-se enquanto sujeito, como afirma Rafael França G. dos Santos (2017, p. 317), o reconhecimento das experiências travestis “apresentam como é possível inventar modos de vida, existências que brincam, negociam e (re)fazem o gênero binário, às vezes corroborando as normas, mas de um jeito novo, criativo; jeito esse que provoca fissuras, desnuda o natural e resiste às imposições cisheteronormativas”.

Historicizar a trajetória de Daniele e o local social por ela ocupado em meio a comunidade travesti curitibana permite reconhecer as táticas e mecanismos mobilizados com a finalidade de constituição de si enquanto sujeito. A negociação com cis heteronorma branca, as relações afetivas e de amizade, a ocupação dos espaços da cidade, produzindo contradiscursos e expandindo seus locais de visibilidade e enunciação. Nesta perspectiva, em 1984, o Correio de Notícias publicou algumas reportagens que investigavam como era ser travesti em Curitiba. Matérias investigativas acompanhadas de fotos e depoimentos ofereciam novos espaços nas edições diárias, seja para sanar a curiosidade de seus leitores ou para apresentar essas “novas” subjetividades presentes no espaço urbano da capital.

Apesar de criar um outro espaço para as travestilidades nos periódicos curitibanos, entre os discursos criminalizadores das colunas policiais e objetificadores das notícias sobre o carnaval, tais reportagens não rompiam com alguns padrões presentes na representação das travestis na imprensa. As falas de autoridades médicas e policiais eram veiculados nestas matérias contribuindo para moralização e patologização dessas subjetividades narradas pelas próprias entrevistadas. Como indica Jaqueline Gomes de Jesus (2015), são quatro os principais estereótipos que envolvem a imagem da população transgênera nos meios de comunicação, sendo eles:

- 1) tratamento das transexuais como objetos, reduzindo-as à condição de mercadorias; 2) apresentar uma visão restrita das travestis, como se fossem apenas profissionais do sexo; 3) empregar tratamento masculino para pessoas que se identificam de forma feminina; 4) ridicularizar quem se relaciona afetivamente com pessoas transgênero (Jesus, 2015, p. 56).

Daniele era uma das entrevistadas na reportagem *Ser ou não ser (acontece que eles são elas)*, publicada em 25 de julho de 1984. Sua história era narrada nos subtítulos *Inteira e Mais*

mulher, nos quais comentava suas vivências a partir da escolha de realizar os procedimentos cirúrgicos de redesignação corporal, afirmando que

a vida de um travesti é muito difícil. Ele sempre é quase... nunca é inteiramente, por isso resolvi depois de um longo processo de amadurecimento às duras penas no plano emocional, me tornar uma mulher inteira. Eu tinha muitos conflitos, vivendo meio-homem, meio-mulher. Ou mais mulher na cabeça e menos homem no corpo ou somente homem por ainda ter um órgão sexual masculino²¹⁵.

Neste trecho Daniele desenha suas próprias reflexões sobre a vivência travesti, indicando a centralidade do corpo e sua leitura social como um elemento de conflitos individuais, emocionais e subjetivos. Ao decidir intervir em seu corpo Daniele reafirma a experiência corporal como elemento fundamental na construção de si, em que cada marca representa “um uso próprio para se criar, se apresentar no mundo e constituir sua subjetividade” (Santos, 2018, p. 72).

Não à toa as questões colocadas pelas equipes jornalísticas e publicadas nas matérias voltavam-se a compreender a construção destes corpos, como se eles portassem um segredo a ser desvendado. De acordo com Rafael França G. dos Santos (2018), compreendo que os corpos travestis são feitos, tanto das relações dos sujeitos consigo mesmos, quanto das normalizações, disciplinas, dispositivos, investimentos de saberes e de instituições, eles “são possibilidades de negociação, estratégias para fraturar autoridades, meios de forjar identificações de gênero, por isso são corpos que evidenciam a tessitura do tempo com outros marcadores sociais, como classe, raça, etnia, geração e o local de moradia” (Santos, 2018, p. 71). Adiante no texto Daniele elabora algumas reflexões sobre as consequências deste corpo não-linear marcado pelas relações sociais e familiares, acrescentando que

No Brasil, país de cultura densamente machista, se já é difícil ser mulher, você imagine ser metade homem, metade mulher. É uma barra. Raramente sua família, a sociedade poderá aceitar esta dualidade. Já não aceita o homossexualismo que não transforma o corpo, agora tente avaliar como é difícil para um pai criar um filho homem que de repente resolve usar saias, ter seio, enfim, ser mulher. Alguns chamam isso até de coisa do diabo. Querem matar o filho, que aliás matam mesmo, no plano da relação. Ignoram pra sempre, fogem dele. E assim acaba agindo a sociedade²¹⁶.

²¹⁵ Correio de Notícias, ed. 926, 25/07/1984.

²¹⁶ Correio de Notícias, ed. 926, 25/07/1984.

Essa leitura da sociedade indicando o machismo que recorta e organiza a vida social apontava para o grau de consciência individual e coletiva acerca dos problemas que se impunham às vivências travestis. A partir desta fala de Daniele observo os princípios de uma movimentação e organização das travestis, produzindo verdades sobre si e tecendo reivindicações políticas, em um contexto ditatorial, no qual encontravam dificuldades até mesmo para “acessarem os movimentos sociais que nasciam ou que se reorganizavam, como o movimento LGBT – chamado à época de movimento homossexual – e o movimento negro” (OLIVEIRA, 2020, p. 178).

Conforme indica Megg Rayara (2020, P. 177), as travestilidades negras eram constituídas nas “margens da margem, na prostituição, na malandragem, na pobreza, envolta por violência física e simbólica, sob vigilância constante da polícia”. Fato este que localizava suas resistências nas “redes sociais de amigos que ofereciam apoio e sociabilidade, e timidamente foram ampliando suas áreas de atuação” (Oliveira, 2020, p. 178). Considero que a partir dessa coletividade Daniele, bem como as demais personalidades apresentadas nesta tese, conseguiram construir suas feminilidades, organizar suas reivindicações e ocupar os espaços da cidade modelo.

Ao ser questionada e convidada pela equipe de jornalistas a falar sobre si, Daniele realizava um exercício de confissão e autoexame que, como analisa Foucault (1995), seriam fundamentais para a constituição da subjetividade moderna, uma vez que alinhavam “o eu como unidade ideal da vontade e da verdade” (Foucault, 1995, p. 213). O processo de construção do sujeito passava, portanto, por uma aproximação entre o eu e a verdade. Este jogo tinha como objetivo “abrir no indivíduo um espaço onde a verdade pudesse surgir e atuar como uma força real através da presença da memória e da eficiência do discurso” (Foucault, 1995, p. 212).

Daniele apresentava ao jornal uma leitura de mundo e de si, em que o rompimento forçado com a família e a constituição de outras relações afetivas de cuidado e de amizade eram elementos fundamentais na sua constituição enquanto sujeito. A afirmação desta verdade sobre si passava também pelo corpo, pela construção da feminilidade e seu reconhecimento legal. No trecho veiculado na sequência, Daniele apresentava os problemas enfrentados após seu procedimento cirúrgico:

(...) Já ouvi de algumas amigas a loucura que eu fiz pelo fato de ter mudado. Pois é, agora fiquei cheia de problema. Não consigo meus documentos para viver como mulher, isto tem complicado muito minha vida. Vou num lugar como mulher e apresento documentos de homem. Sou Daniele na vida e José na carteira de identidade. A sociedade do macho monarca não permite uma mudança. Esta sociedade esquece que também sou gente, sou humana²¹⁷.

O desencontro entre a performance de gênero constituída por Daniele e sua não identificação pelos mecanismos do Estado, denunciam, como ela mesma afirmava, os preconceitos sociais. Paul Preciado (2019) argumenta que assim como a arquitetura das cidades é política e qualifica os espaços, a gestão dos corpos também se dá a partir de “operações básicas da fixação que naturaliza as práticas que reconhecemos como sexuais. A arquitetura do corpo é política” (Preciado, 2019, p. 418). No caso das corporalidades travestis essa política era excludente, tendo em vista, que suas materialidades denunciavam não só a performatividade do gênero e os limites da cis heteronormatividade branca, como indicavam que “o gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos” (Preciado, 2019, p. 416).

Para construção do corpo e das travestilidades as relações de amizade eram potencializadoras, uma vez que, a “produção de si como um sujeito verdadeiro, aquele que consegue expressar o seu ‘eu autêntico’ não pode ser feita somente para si” (Santos, 2018, p. 218). No entanto, como indicam as afirmações de Daniele algumas alterações corporais, principalmente os procedimentos estéticos permanentes, nem sempre recebiam apoio de suas amigas, sendo pontos de discordância entre as travestis. Assim, ao passo em que algumas de suas amigas não concordavam com suas escolhas, outras saíam em sua defesa diante das dificuldades enfrentadas em relação a sua documentação civil, como fizeram Primavera Bolkan e Baby Pankada, em reportagem sobre o carnaval de 1985 analisada adiante no texto.

Essas diferentes posições quanto a construção da corporalidade a partir dos procedimentos estéticos justificam-se ao analisarmos a união entre a estrutura normativa do gênero e os mecanismos de controle do Estado, para os quais Daniele, ao tomar autonomia sobre a produção de seu corpo e de sua performance de gênero, passou a ser enquadrada como

²¹⁷ Correio de Notícias, ed. 926, 25/07/1984.

um corpo abjeto e ininteligível às estruturas da cis heteronormatividade branca, como propõe Paul Preciado (2011),

O corpo straight é o produto de uma divisão do trabalho da carne, segundo a qual cada órgão é definido por sua função. Uma sexualidade qualquer implica sempre uma territorialização precisa da boca, da vagina, do ânus. É assim que o pensamento straight assegura o lugar estrutural entre a produção da identidade de gênero e a produção de certos órgãos como órgãos sexuais e reprodutores. Capitalismo sexual e sexo do capitalismo. O sexo do vivente revela ser uma questão central da política e da governabilidade (Preciado, 2011, p. 12).

Esta imbricação denominada por Paul Preciado (2011) como sexopolítica contribui para explicar os mecanismos de poder que recaem sobre as travestilidades. A ausência do registro civil transforma-se em uma negativa institucional à sua existência, a politização individual de Daniele e a organização coletiva das travestis emergia como uma necessidade de reivindicação do estatuto humano, pelo direito à ocupação e circulação pelos espaços públicos, pelo direito ao nome social e a assistência do estado.

No carnaval de 1985 o nome de Daniele era destaque fora das passarelas do Baile dos Enxutos, ainda que estivesse fora da competição. Ao ser entrevistada pela equipe do jornal, ela novamente apropriava-se da visibilidade da festa para reivindicar seu reconhecimento perante o Estado. No seguinte trecho da matéria publicada pelo Correio de Notícias em 20 de fevereiro de 1985, Daniele manobrava de maneira tática seu sucesso no baile:

No Baile dos Enxutos, alguns travestis se destacaram fora do concurso. Entre eles estava um que não pode mais participar, afinal fez operação e se transformou em uma mulher. Trata-se de Daniele Rosas que fez a operação há três anos, mas continua prestigiando o baile. Ela só lamenta que ainda haja problemas com os documentos que não podem ser mudados e chega até a fazer um apelo ao presidente eleito: Tancredo Neves: “Merecemos ser olhados e essa cirurgia poderia ser liberada no Brasil e também os documentos poderiam ser mudados depois da operação”²¹⁸.

Nas linhas finais do texto publicado no jornal, as palavras Daniele: “merecemos ser olhadas” ecoam como uma potência reivindicatória por reconhecimento e por políticas públicas no Brasil que atendessem as travestis. A festa popular e política se encontravam na arte de dar golpes e apropriar-se do espaço de enunciação do outro, materializado aqui na imprensa local.

²¹⁸ Correio de Notícias, ed. 1098, 20/02/1985.

Seu apelo marcava uma luta por existência, tendo em vista que aquelas vidas não reconhecidas pelas cis heteronorma não adentravam aos cálculos políticos. Como argumenta Judith Butler (2017), “uma vida tem que ser inteligível como uma vida, tem de ser conformar a certas concepções do que é a vida, a fim de se tornar reconhecível” (Butler, 2017, p. 21).

Esta luta por reconhecimento como uma vida passível de ser vivida envolveu as últimas menções a Daniele presentes nos jornais curitibanos. Em 17 de abril de 1985 o Correio de Notícias estamparia a seguinte nota, intitulada *A morte do travesti*:

O travesti José Gomes de Lima Junior, que vinha utilizando o nome de Daniele Antunes Bastos, 35 anos, morreu na noite de anteontem, durante colisão ocorrida na BR-376, quilometro 169, entre Ortigueira e Ponta Grossa. "Daniele", que há dois anos havia realizado no Marrocos operação para mudança de sexo, dirigia o veículo Chevette, Chapas BE-6254, e estava acompanhada de Rosita Braga. Acabou por colidir frontalmente com a Scania de propriedade da Cal Chimellim chapas CQ-9782. Além do travesti, morreu no local Rosita Braga. Os corpos foram transportados para o IML de Curitiba. Daniele era "casada" há 12 anos e em todos os bailes do "Opera Rio" se fazia presente²¹⁹.

Esta nota fora publicada na coluna Livro de Ocorrência, veiculada na margem esquerda da página seis da edição, juntamente com o relato de outros casos atendidos pela polícia de plantão. A partir destas características observo que o falecimento de Daniele mesmo sem ganhar destaque em manchetes não passa despercebida ao discurso da imprensa. O título da nota *A morte do travesti* e as seguintes frases “que vinha utilizando o nome de Daniele Antunes Bastos” e “‘Daniele’, que há dois anos havia realizado no Marrocos operação para mudança de sexo” reforçam o discurso cis heteronormativo e estereotipado da imprensa em relação as vidas travestis.

Observo nas últimas linhas a enunciação do contra discurso produzido por Daniele, em que seu casamento de doze anos e seu sucesso no Opera-rio despontavam como elementos que expandiam suas vivências. Se por um lado a linguagem do jornal desumaniza e despersonaliza as vidas travestis, enquadrando-as na figura da travesti marginal cuja história era resumida em uma trama jornalística que entrelaçava “ambiguidade/indeterminação, prática da prostituição, denúncia de ocupação dos espaços públicos e demandas por policiamento e por limpeza”

²¹⁹ Correio de Notícias, ed. 1144, 17/04/1985.

(Veras; Guasch, 2015, p. 47), por outro, Daniele constituiu para si uma vida que contradizia tais discursos ao conquistar o estrelato nos palcos glamourizados do Baile dos Enxutos e o afeto em uma relação duradora, ainda segundo Veras e Guasch (2015),

Nessa invisibilidade esconde-se a ideia de que, ao não serem reconhecidas como humanas, as travestis, principalmente aquelas pertencentes às camadas populares, não teriam direito a uma biografia, ao final, a uma vida. (...) Contudo, os sujeitos não reduziram sua dizibilidade à visibilidade/invisibilidade produzida pelos meios de comunicação. A produção discursiva jornalística está atravessada por contra-discursos, nos quais se lê a denúncia do estigma por parte das travestis (Veras; Guasch, 2015, p. 47).

Apesar do discurso da imprensa sobre Daniele alinhar-se ao tratamento a ela renegado pelo estado, ou seja, do apagamento de uma existência completa, ela exercia sua potência ao utilizar seu nome como afirmação de uma reivindicação por reconhecimento e apropriava-se dos espaços de visibilidade como locais de enunciação de seus contradiscursos, assumindo o protagonismo discursivo de sua vida transformando as páginas da imprensa em arenas de disputa, iniciando um “processo de luta que tornavam visíveis os preconceitos e as violências sofridas cotidianamente” (Veras; Guasch, 2015, p. 48).

Baby Pankada afirmou ao Correio de Notícias em 9 de fevereiro de 1986 que Daniele “(...) morreu antes daquele acidente de carro, já tinha morrido na vida, porque nunca conseguiu legalizar sua identidade, sua existência civil como pessoa. É isso que a sociedade brasileira gosta de fazer com a gente” (Correio de Notícias, ed. 1391, 9/2/1986). Esta fala de Baby é potente e ao apropriar-se do espaço do outro, a imprensa denuncia a violência e o descaso do Estado no reconhecimento das vidas travestis, mortas em vida.

Seguindo as indicações de Judith Butler (2019), considero que apesar de negado o reconhecimento de Daniele enquanto uma vida passível de ser vivida, isto não significa que ela “não vá ser motivo de luto para algumas pessoas, ou que os que não são passíveis de luto não possuem maneiras de se enlutar uns pelos outros” (Butler, 2019, p. 217). Haja vista esta rememoração de Daniele na fala de Baby e seu corpo sepultado juntamente com outras travestis curitibanas no jazigo coletivo, como uma declaração pública e material de suas vidas, mortes e memórias.

Como afirma Megg Rayara (2020) os percursos das travestilidades são inscritos em zigue-zague, são linhas que deslocam as margens ao centro. É sobre estas margens que Daniele escreveu nas fissuras destes discursos que traçou sua trajetória, estando visível àqueles capazes de a enxergar em sua integralidade como uma travesti, do interior do Paraná, que viveu boa parte da sua vida em Curitiba, que se apresentava nas noites em casas noturnas e boates, que era costureira, casada por 12 anos e estrela no Opera-Rio reconhecida por todas suas amigas. Constituiu para si uma vida exemplar que permanece, apesar de marcada institucionalmente como não passível de luto, foi motivo da reunião em sublevações públicas de luto.

4.2 DANIELE CRISTINE COMO PROTAGONISTA NOS CINEMAS

A vida de Daniele configura-se em potência, rompendo com o discurso estereotipado da imprensa em relação às travestilidades. Ela produziu fissuras sobre as quais construiu seu sucesso nos Bailes dos Enxutos, suas amizades e seu casamento. Como argumentei nos capítulos anteriores, o carnaval e sua visibilidade eram apropriados de maneira tática pelas travestis, transformando-se em espaço de circulação e enunciação de suas demandas. A partir das manchetes conquistadas nos jornais com suas vitórias nas passarelas do Opera-rio, Daniele reiterava sua luta pelo reconhecimento de sua vida. Considero que o documentário investigado na sequência também é fruto desse agenciamento da visibilidade do carnaval como meio para apresentar um discurso e uma verdade sobre si.

Daniele, Carnaval e Cinzas é um curta-documentário dirigido pelo cineasta curitibano José Augusto Iwersen. Lançado em 1979, o filme conta com aproximadamente 20 minutos de duração, gravação colorida em super-8²²⁰ acompanhada pelas marchinhas de carnaval da Banda de Ipanema. O curta apresenta diferentes aspectos da vida de Daniele, sua intimidade e sua coroação como Rainha do Baile dos Enxutos, contando com entrevistas de seu companheiro, médicos e especialistas.

Em seu percurso de exibição o curta-documentário recebeu destaque nas mostras de cinema independente, acumulando alguns prêmios como Melhor Filme no Festival de Cinema

²²⁰ Super-8 é um formato de filmagem cinematográfico, proposto inicialmente para uso amador seu baixo custo o tornou popular, nos anos 1970 e 1980, entre os estudantes de cinema e diretores independentes na produção de filmes experimentais.

Super-8 de Curitiba (1979), Melhor Fotografia no 7º Festival Nacional de Cinema Amador de Sergipe (1979), Melhor Filme e Menção Honrosa de Melhor Direção no 6º Festival de Penedo (1980). Atualmente a obra encontra-se sob a guarda do Museu de Imagem e Som de São Paulo, tendo sido disponibilizado digitalmente em 2020 no canal de Youtube da instituição²²¹.

Ao analisar o desenvolvimento da linguagem cinematográfica queer Margarete Almeida Nepomuceno (2009) considera que o cinema americano explorou desde seu princípio o uso do travestismo, em que “a imagem ambígua de um gênero performatizado em um corpo sexuado diferente deste, rendeu vários roteiros, indo do pastelão cômico ao drama de fundo psicológico” (Nepomuceno, 2009, p. 6). Nas produções brasileiras, para além do travestismo, as travestis ganhariam visibilidade nas pornochanchadas²²², que durante a década de 1970 uniriam erotismo e humor em diversos filmes de sucesso.

Sobre a representação das travestis nas pornochanchadas Diego Santos Vieira de Jesus (2020) indica que estas eram retratadas a partir de uma imagem caricatural como “‘bicha louca’, uma desviante que vivia em busca de sexo” (Jesus, 2020, p. 9). O discurso moral perpassava tais produções, em especial, quando as sexualidades e gêneros performados se apresentavam de formas dissidentes “os corpos e os prazeres de mulheres, travestis e homens homossexuais em cena somente eram legítimos como aberrações, não havendo outras possibilidades de existência, preservando-se os limites que tornam a ‘normalidade’ o padrão desejável” (Jesus, 2020, p. 9).

Neste contexto de produção fílmica, o curta-documentário sobre Daniele, produzido no final da década de 1970, construía novos espaços e representações sobre as travestilidades que se desenvolveriam nas décadas seguintes. De acordo com Margarete Almeida Nepomuceno (2009), uma cinematografia queer seria estruturada nos anos 1980 e 1990, representando dramas pessoais nos quais “a ambiguidade da escolha do gênero e da sexualidade acaba sempre em proporções trágicas quando o corpo ‘desfeito’ é des/coberto. A partir daí, o resultado do

²²¹ Museu de Imagem e Som de São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EjHsqwYSp7k>. Acesso em: 20 mar. 2023.

²²² As comédias eróticas inspiraram produtores brasileiros a seguir esse modelo de histórias picantes recheadas de erotismo (SIMÕES, 1984: 8-11). Essa influência, aliada a outros fatores, como o legado da chanchada, resultaria na produção do gênero Pornochanchada. A pornochanchada, que “bebeu muita água na fonte” da comédia erótica italiana, com a mesma receita de unir humor e erotismo, dominou o cenário do cinema brasileiro na década de 1970 com centenas de filmes de sucesso, com milhões de espectadores (NASCIMENTO, 2013: 13-14).

conflito gera a violência, a intolerância e punição, provocada pela tensão discursiva sobre uma única ‘verdade’ sobre os corpos” (Nepomuceno, 2009, p. 6-7). *Daniele, Carnaval e Cinzas*, portanto, se sobressai com uma outra narrativa sobre as vivências travestis, retratando as lutas diárias de uma travesti para se afirmar enquanto portadora de uma vida plena.

Em suas primeiras cenas o filme introduz Daniele, ao som da banda de Ipanema, filmada acordando, escovando os dentes e penteando os cabelos, todas essas ações e os elementos cênicos de sua casa criam uma atmosfera cotidiana e corriqueira às imagens apresentadas. Em uma transição de cenas entre o quadro de uma bailarina e a figura de Daniele sentada em um sofá fumando, ela se apresenta como: “José Gomes de Lima Junior, nasci no dia 24 de agosto de 1949, na cidade de Jaguapitã, meu pai chamava-se José minha mãe Celina, tive 10 irmãs, aliás 11 são 10 mulheres eu o único homem da família. Estudei na cidade de Jaguapitã até o 3º ginásio daí mudei para Curitiba, estudei daí aqui terminei o científico, daí parei” (Daniele, 1979).

Essas primeiras informações eram veiculadas com objetivo de apresentar ao telespectador a protagonista do filme, em poucos minutos conhecemos Daniele, sua casa e sua trajetória até Curitiba. As primeiras cenas retratam a ordinariade de seus dias, apresentando uma característica que perpassa todo o curta-documentário, isto é, a desmistificação da travesti. Na sequência Daniele busca justificar ou explicar sua travestilidade:

Eu quando era criança gostava muito de brincar de boneca, sempre dispensava a companhia dos meninos. Eu acho que entre todos os meus irmãos, minhas irmãs eu era a mais amiga da minha mãe, eu acho que o meu problema veio porque meu pai judiava muito da minha mãe, então eu odiei a figura masculina e como minha mãe era pra mim minha protetora eu admirava muito mais (Daniele, 1979).

O movimento da câmera se aproxima do rosto de Daniele, imagem e som adentram os locais que o discurso da imprensa curitibana não ousou cobrir. Os periódicos interpelavam a ambiguidade e a indeterminação de gênero “como marcas constitutivas do estigma e da abjeção travesti, ao mesmo tempo em que foram tomadas como elementos de fascínio” (Veras, 2015, p. 43). No curta-documentário, ao invés do retrato dicotômico do carnaval e da travesti marginal, desnuda-se a intimidade. As primeiras falas de Daniele trazem informações que buscavam sanar a curiosidade do telespectador, fruto do fascínio e desejo que persiste na travestilidade.

Ao refletir e relatar acerca da sua condição para o cineasta, Daniele produz uma verdade sobre si, tornando-se protagonista de sua própria narrativa e exercendo sua potência em cena. A partir de sua afirmação os depoimentos e falas seguintes são montados de modo a construir um argumento sobre as travestilidades, retirando-a do campo de discussão moral e introduzindo-a no campo comportamental. Além disso, no trecho apresentado anteriormente, observo como sua leitura do gênero era produzida a partir do diálogo com as noções de feminilidade e masculinidade impregnadas no imaginário popular.

Nas cenas seguintes o documentário veiculava a fala de médicos, psicanalistas e cientistas sociais, explicando que a homossexualidade era um traço comportamental, não configurando-se enquanto uma doença, além disso diferenciavam a homossexualidade da travestilidade, relacionando-as ao comportamento sexual e a expressão de um papel social, respectivamente. Ao trazer esses depoimentos e destacar a discriminação social que recaí sobre os homossexuais, as travestis, mulheres e negros na sociedade brasileira, o curta-documentário produzia um outro discurso sobre tais sujeitos.

Daniele era retratada, portanto, sob outra perspectiva que não a da travesti marginal investigada por Veras (2015) ou das personagens presentes nas pornochanchadas. Ainda que o curta-documentário fosse uma produção de outrem, em seus 20 minutos de tela, Daniele conseguia retomar para si espaço de enunciação, registrando outras possibilidades de ser as travestilidades. Ao tornar sua vida pública ela produzira “uma fenda na esfera do aparecimento expondo a contradição por meio da qual a sua reivindicação de universalidade é proposta e anulada” (Butler, 2019, p. 58).

Butler (2019) considera que a exclusão dos sujeitos dos espaços de aparecimento significa “ser privado do direito de ter direitos. A ação plural e pública é o exercício do direito de se ter um lugar e de pertencer, e esse exercício é o meio pelo qual o espaço de aparecimento é construído” (Butler, 2019, p. 66). Ao protagonizar o curta-documentário e enunciar sua intimidade nas telas de cinema, Daniele produziu essa fissura desenhando sua trajetória como um exemplo às demais travestis curitibanas, afirmando diferentes espaços e representações das travestilidades.

Daniele também narra suas relações familiares, rememora a proximidade e acolhimento que encontrava em sua mãe biológica, diferente do relacionamento experienciado com a família

curitibana que lhe acolhera durante seus anos de estudo no ensino científico. No seguinte trecho ela afirma acreditar que se ainda vivesse com sua mãe,

(...) se ela morasse em Curitiba eu teria uma total liberdade porque minha mãe me apoiava, ela me aceitava como eu era, inclusive eu chegava a confessar pra ela os meus problemas. Mas essa família com quem eu morava, eles não me aceitavam em hipótese nenhuma, achando que no caso se eu procurasse um psicanalista eu podia ter uma cura (Daniele, 1979).

Considero que o acolhimento inicial de sua mãe fora fundamental para Daniele em seu processo de construção de sua performance de gênero e na busca por construir sua feminilidade, ao ponto de ela refletir e registrar essa relação maternal no curta-documentário. Rafael França G. dos Santos (2018), ao investigar os processos de subjetivação das mulheres trans e travestis em Campos dos Goytacazes, observou que as famílias biológicas e as amigas apareciam como elementos centrais em diversos momentos dessas trajetórias trans.

Segundo o autor, seriam nos momentos de tensão com as famílias de origem que as redes de amizade surgiam oferecendo “o suporte material e afetivo que potencializaram a continuação das vidas trans” (Santos, 2018, p. 290). No caso de Daniele, formar uma rede de amizade em Curitiba significava encontrar o acolhimento e espaço que tinha com sua mãe biológica, para poder abordar e construir sua travestilidade, tendo em vista que sua família curitibana lhe impunha o silêncio e constrangimento. Daniele compartilhava essa vivência familiar com muitas outras travestis que

Caladas violentamente sob o risco da humilhação, agressão e muitas vezes sob a iminência de ser escorraçada, as trans passam a tangenciar outros caminhos, em que o gênero, a raça, a classe, a geração, a escolarização e até o local de moradia concorreram para a subjetivação que resiste e desnuda a suposta natureza cisgênera. Assim como o silêncio é polimorfo, cruel e pode oscilar em graus de intensidade, o outro elemento de destaque, a vergonha, também perpassa essa variação se sentidos e impactos sobre as vidas trans (Santos, 2018, p. 295).

A partir desta realidade, rememorar a relação de acolhimento com sua mãe é trazer para o presente uma lembrança afetiva e calorosa. Considero que esta memória era absorvida por Daniele como meio de potência, a experiência de ter contado com este apoio maternal, somado as suas amigas se configurava em importantes plataformas sobre as quais ela se constituiria enquanto sujeito.

Nestas cenas, ainda iniciais, o movimento de câmera e a composição do ambiente enquadram Daniele em sua intimidade. As primeiras imagens mostram seu quarto, em seguida ela dormindo e depois se arrumando no espelho. Nas próximas cenas ela aparece sentada em seu sofá com um cigarro na mão, neste momento em que ela se apresenta, os planos da fotografia vão se fechando em seu rosto gradativamente, conforme ela passa a refletir sobre suas relações familiares e sua travestilidade. O espectador assim como a câmera se aproxima da protagonista, como é possível observar nas imagens abaixo.



FIGURA 26: Imagens de Daniele Cristine retiradas do documentário *Daniele, carnaval e cinza* lançado por José Augusto Iwersen em 1979.

A montagem do curta-documentário sobrepõe essas imagens de maneira a construir uma aproximação entre a protagonista em cena e público que a assiste, como se descortinasse a intimidade de Daniele. Estes elementos da linguagem cinematográfica indicam a conexão entre a produção fílmica e seu contexto social, ou seja, entre a busca pela construção de uma verdade sobre Daniele a partir do trabalho do cineasta e a representação das travestilidades neste meio social. Considero, portanto, “uma resposta por parte do cineasta e dos agentes culturais

envolvidos na execução do filme acerca da realidade que eles próprios vivenciam e, que por sua vez, reverbera em sua representação cinematográfica” (Medina, 2019, p. 9).

Após as cenas do cotidiano de Daniele no interior de sua casa a vemos em outro cenário, ela caminha na rua ao lado de um amigo, os dois se encaminham a uma loja onde ela experimenta sapatos femininos. Estas imagens gravadas à luz do dia são significativas, principalmente, quando contextualizamos as vivências travestis no período investigado, em que sua circulação era constantemente cerceada pela polícia, restringindo-as à vida noturna (Oliveira, 2018, p. 74). Ao construir um discurso sobre Daniele por meio dessas sequências fílmicas, o curta-documentário contribuíra para construção de outras referências acerca das travestilidades, que não estavam associadas a patologização ou criminalização.



FIGURA 27: Imagens de Daniele Cristine retiradas do documentário *Daniele, carnaval e cinza* lançado em 1979.

A imagem de Daniele costurando e em seguida sua imagem na rua também introduzem sua preparação para o Baile dos Enxutos, visto que as filmagens foram produzidas em março de 1979 como localiza as informações iniciais apresentadas no curta-documentário. O cruzamento entre essas cenas cotidianas e as falas de autoridades produzem uma outra verdade não somente sobre Daniele, mas também sobre as travestilidades em si, denunciando toda “maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição” (Foucault, 2014, p. 19-20).

Em seguida Daniele passa a narrar os processos de constituição de si, isto é, os momentos em que ainda na adolescência identificou “que sempre quando um homem, principalmente, loiro e alto chegava perto de mim ou mesmo os guris no caso, na época, eu sentia uma atração assim que não dá pra explicar” (Daniele, 1979). Quanto a sua performance de gênero Daniele afirmava que “andar vestida de homem pra mim não era, eu não gostava. Então comecei a me aperfeiçoar em maquiagem, em maneira de se vestir, em falar mais delicado” (Daniele, 1979). Relata ainda de forma detalhada todos os investimentos e procedimentos estéticos manipulados como forma de moldar e construir o corpo desejado, afirmando que

O bom travesti ou pra se apresentar muito bem tem que ter muita despesas no caso, porque no caso a necessidade, porque homens como nós somos, nascemos homem, evidentemente sempre tem o problema da barba, e eu tinha muitos pelos, gastei com eletrolise muito dinheiro, apliquei silicone no rosto, tomei muito hormônio feminino, que o qual desenvolve o busto, peito no caso, tem a primeira, digo assim o primeiro remédio no caso seria hormônios são o estradiol, que a gente vai tomando injetável e depois acho que de uns 6 meses ele começa a aparecer, quanto mais se toma ganha, ele se desenvolve então fica um busto até parecido com o da mulher (Daniele, 1979).

Este relato produzido por Daniele e inscrito em seu corpo informam sobre os processos de construção de sua feminilidade, no contexto do curta-documentário se aproximam de uma explicação ao público sobre os caminhos de constituição das subjetividades travestis. Entretanto, considero que as experiências de Daniele publicizadas em tela indicavam caminhos possíveis a outras que assim como ela buscavam construir suas feminilidades. Ela informava como as travestis marcadas pelos signos do estigma e abjeção “elaboraram estéticas da existência, trabalho de si sobre si, cuja transformação corporal, a reinvenção dos gêneros, a reocupação dos espaços públicos e a construção de novas formas de família e amizade são exemplos” (Veras; Guash, 2015, p. 50).

Quanto a vivência pública e social da travestilidade Daniele comenta que “um dos problemas que os travestis sempre enfrentam, acho que além da sociedade não nos aceitar, é o problema da polícia, que eles nos encaram acho que como prostituta ou como atentado ao pudor e sempre prendem a gente” (Daniele, 2019). Como analisei nos capítulos anteriores, a abordagem policial, neste contexto, expressava um projeto de organização de tecnologias e

dispositivos repressivos e disciplinares voltados ao controle dos sujeitos considerados moralmente indesejáveis.

Com base nas pesquisas de Renan Quinalha (2018), compreendo que apesar do Estado não ser “o único responsável por normatizar os discursos e práticas sexuais, sem dúvidas, durante a ditadura, ele se tornou um lócus privilegiado de irradiação de regras proibitivas e licenças permissivas em relação às sexualidades, ajudando a definir as condutas classificadas como inaceitáveis” (Quinalha, 2018, p. 21). A força policial assumia no caso da travestilidade um papel de mecanismo de manutenção da cis heteronormatividade branca.

A leitura de Daniele acerca da repressão social que recaía sobre as travestis indica sua compreensão e vivência, dessa maquinaria normativa em funcionamento. Considero que esta percepção dos mecanismos de regulação do gênero e da sexualidade também colocavam as travestis curitubanas em ação desenhando diferentes formas de resistência, reapropriação dos espaços públicos e constituição de rede de amizade que potencializavam suas vivências em tais condições. Compreendo que essa característica perpassa as vidas e travestilidades apresentadas nesta tese, ou seja, a construção de uma reflexão crítica de si e da sociedade como meio de organização e reivindicação de condições mínimas para sobrevivência.

A partir dessa consciência de si Daniele afirmava que “apesar de todos os problemas que eu enfrento eu me sinto uma pessoa feliz, realizada. É porque eu trabalho como costureira, que é um trabalho feminino, uma coisa que gosto, faço show de vez enquanto, também faço peruca é assim que eu me mantenho” (Daniele, 2019). Neste momento em que Daniele enuncia sua felicidade, a câmera apresenta uma imagem focada em seu rosto. Como espectadores estamos o mais próximo possível de nossa protagonista, na sequência são veiculadas imagens de seu show.



FIGURA 28: Imagens de Daniele Cristine retiradas do documentário *Daniele, carnaval e cinza* lançado em 1979.

Daniele dança no palco com um vestido longo com franjas, rodopia dublando uma música, um cigarro na mão, a maquiagem e cabelos escovados completam sua apresentação. Sua felicidade é materializada em suas palavras e imagens, veiculando uma ideia de completude da existência associada à sua realização profissional e a construção de sua feminilidade. Considero, seguindo as indicações de Judith Butler (2019), que os

(...) corpos são produtivos e performativos. Por outro, eles só podem persistir e agir quando estão apoiados, pelos ambientes, pela nutrição, pelo trabalho, por modos de sociabilidade e de pertencimento. E quando esses apoios desmoronam e são expostos à precariedade, eles são mobilizados de outra maneira aproveitando os suportes que existem para afirmar que não pode haver vida corporificada sem suporte social e institucional, sem empregos permanentes, sem redes de interdependência e cuidado, sem direitos coletivos a abrigo e mobilidade (Butler, 2019, p. 93-94).

Ao associar sua felicidade à execução de um trabalho considerado feminino Daniele percorre este caminho indicado por Butler, isto é, ainda que induzida a precariedade por sua

performance de gênero, ele persiste em agir. Sua trajetória e a centralidade assumida pelo trabalho em sua narrativa, indicam que a reivindicação de uma vida possível passa necessariamente pela capacidade material de manutenção da existência e pela constituição de uma rede de cuidado, estruturada a partir das relações de afeto e amizade produzidas, no caso das travestis, à revelia do estado e das políticas públicas.

Observo também que o orgulho advindo da realização de um trabalho considerado feminino era, tanto parte do repertório de sua afirmação de gênero, quanto uma maneira de afastar-se do estigma da prostituição imputado às travestis como sinônimo de imoralidade e criminalidade. Ao distanciar-se da figura da travesti marginal, Daniele constituía para si uma imagem exemplar realizada a partir das negociações, resistências e acomodações às regulações da cis heteronorma branca. Sua trajetória informa sobre os processos de produção da travesti como sujeito estigmatizado que, como argumentam Elias Veras e Oscar Guash (2015, p. 42), ocultavam “o caráter de resistência das experiências trans aos processos normatizadores do gênero e da cidade”.

Ao lado do trabalho, os relacionamentos afetivos também despontavam na narrativa de Daniele sobre si, como elementos estruturantes de sua realização e performance de gênero. No seguinte trecho ela narra sua felicidade conjugal: “a gente sempre encontra uma pessoa de que a gente gosta. Eu por exemplo tenho um caso, uma mulher chamaria marido, mas nós homossexuais usamos o caso. Eu vivo com meu caso há oito anos, eu tenho certeza que eu vivo com ele como uma mulher lavo, passo, cozinho, somos um casal feliz” (Daniele, 1979).

Ainda que ancorada em uma visão essencialista da feminilidade marcada pela associação entre o feminino e as atividades domésticas, que reflete o pensamento que permeava a sociedade brasileira no contexto analisado, a trajetória de Daniele rompe com o discurso comum sobre as travestilidades e o amor. Como explica Mati González Gil (2017, s/p), as relações de afetos vivenciadas pelas mulheres trans e travestis naturalizam “un mensaje en donde el amor convive con la violencia, el abuso, la vergüenza y la discriminación. Hemos naturalizado que para nosotras el amor, inevitablemente, implica hacernos un poquito de daño”.

Ao afirmar sua felicidade em um relacionamento afetivo de oito anos Daniele produzia outras possibilidades de realização às travestilidades, associando na prática a ideia de amor “como uma combinação de confiança, compromisso, cuidado, respeito, conhecimento e

responsabilidade” (Hooks, 2021, p. 85). Bell Hooks (2021) indica que essa noção de amor permite aos sujeitos trabalharem sobre si mesmos “para desenvolver essas qualidades ou, se elas já forem parte de quem somos, podemos aprender a estendê-las a nós mesmos” (Hooks, 2021, p. 85). O afeto transforma-se em uma coluna estruturante no processo de constituição de si, assim como o trabalho, sendo um elemento que determina a visão de Daniele sobre a completude e o sucesso de suas vivências.

Este relato de Daniele é seguido no curta-documentário pelo depoimento de um padre reafirmando, a partir de citações bíblicas, que a homossexualidade era um problema antigo, sendo uma abominação perante Deus. Essa sequência constrói um conflito entre a realização de Daniele e a instituição religiosa. Em outra cena ela aparece sentada ao lado de seu companheiro, que é entrevistado pelo cineasta, afirmando que “bom eu me sinto realizado com a Daniele, apesar de ser travesti não me interessa o preconceito dos outros, eu tenho personalidade resolvi assumir e minha família não é contra entendeu, pra mim é uma mulher” (Daniele, 1979).



FIGURA 29: Imagem de Daniele Cristine e seu companheiro retirada do documentário *Daniele, carnaval e cinza* lançado em 1979.

A imagem dos dois, lado a lado, a mão de Daniele repousando em seu ombro somam-se a sua fala e reafirmam o afeto desta relação. Essa produção imagética é potente ao abrir a possibilidade do amor e da afetividade às travestis, diferindo-se de todas as representações analisadas nesta tese. Daniele afirma-se como um exemplo ao construir para si não somente a

feminilidade e realização profissional, mas também o amor como uma “vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa, fica claro que não podemos dizer que amamos se somos nocivos ou abusivos. Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado” (Hooks, 2021, p. 44).

O trabalho e seu relacionamento são arrolados no documentário como elementos cotidianos, parte do orgulho e felicidade de Daniele em seu processo de afirmação enquanto sujeito. A coroação de seu sucesso é apresentada na parte final do curta-documentário quando o público é introduzido ao Baile dos Enxutos, um momento de destaque em sua rotina diária. Imagens de Daniele em frente ao espelho preparando-se se sobrepõem, como podemos observar em seguida:



FIGURA 30: Imagens de Daniele Cristine se preparando para o desfile do Baile dos Enxutos, presentes no documentário *Daniele, carnaval e cinza* lançado em 1979.

Estas cenas contribuem para construção do Baile dos Enxutos como momento central nas sociabilidades das travestis curitibanas. A preparação para o desfile é cuidadosa e envolve diferentes processos e tecnologias estéticas de embelezamento, como cílios, cabelos, perucas,

maquiagem, fantasia e adereços. Cabe destacar que Daniele não está sozinha neste momento, na primeira imagem vemos um possível maquiador profissional, ou não, a auxiliando a maquiá-la, assim como ela estava acompanhada de um amigo na loja de sapatos. A presença de pessoas ao seu redor neste processo de preparação e celebração indica, de acordo com Rafael França G. dos Santos (2018), como as relações de amizades, principalmente nas vivências travestis, são importantes locais de “cuidado, carinho e continuidade da vida. Assim, o corpo, no corpo e pelo corpo proliferam afetos, inventam-se amizades vitaminas, mas também amizades como estética da existência para si e para o outro” (Santos, 2018, p. 264).

A partir destas imagens considero o Baile dos Enxutos como um lugar de encontro, socialização e afirmação da beleza e glamour do ser travesti em Curitiba. Como afirma Thiago Soliva (2016), o carnaval e os shows das travestis emergem, nas décadas de 1960 e 1970, enquanto locais de agência, oferecendo as

(...) condições para a produção de sensibilidades, performances e formas de sociabilidade relacionadas às transformações das sexualidades não normativas como ‘lugar social’. (...) os dias de folia e a sua contiguidade com o ‘mundo das vedetes’ foram imprescindíveis para a construção de categorias de pessoas que desafiavam o binarismo sexual e experimentavam dentro desses espaços uma aceitação parcial ou mesmo plena (Soliva, 2016, p.41).

No documentário, entre uma cena e outra das travestis desfilando no Opera-Rio, eram inseridas algumas manchetes retiradas dos jornais locais que anunciavam: “Daniele vence no ‘Baile dos Enxutos’”, “‘Enxuto’ vence com número adequado”, “Daniele ganhou no Operário” “Daniele depois de tentar por 13 anos, ganhou o primeiro lugar no Baile dos Enxutos, no Operário” “Travestis fizeram espetáculo! Operário recebeu 5 mil foliões”, “Travestis estouram no Operário: foi a maior festa de fantasia dos últimos anos”, “No Operário teve de tudo (cinco ‘bonecas’ não puderam desfilar), “Gays em noite de glória: Daniele já é a Rainha/79”, “O rebu das gays no Operário”, entre outras.

O presidente do Opera-Rio também fora entrevistado sobre a origem da festa ainda no pátio da associação, bem como a recente abertura da sociedade curitibana a folia. Ademais, Samantha estava entre as entrevistadas afirmando o sucesso do Baile dos Enxutos, juntamente com a compilação de imagens dos salões lotados. Um dos foliões ouvido pelo cineasta apresentava-se abraçado a duas travestis e, ao ser perguntado sobre o desfile de fantasia,

afirmava que “valia a pena, que era uma tradição, é uma beleza a coragem que tem de se assumir o que se é na vida” (Daniele, 1979).

Estes elementos confirmam o sucesso do baile e sua centralidade nas vivências travestis em Curitiba, como afirmava Daniele em outro trecho ao dizer que “desfilas pra gente é muito importante porque é a única, é o único dia que a gente se sente muito feliz e porque tem mil pessoas nos admirando. Eu diria assim até mais a gente se sente, é único dia que a gente se sente uma rainha” (Daniele, 1979). A montagem produzida pelo curta-documentário consolida o Opera-Rio como um espaço essencial da sociabilidade travesti. A fala de Daniele, por sua vez, acrescenta à festa mais um significado como um espaço de enunciação de si, projeção e admiração de suas figuras, seguindo as colocações de Thiago Soliva (2016), considero que

(...) o “talento de ser fabulosa”, ou seja, um tipo de agência com a qual esses indivíduos negociaram existência, a partir da incorporação de imagens e performances relacionadas ao glamour. Considerando essa dimensão imaginativa, é importante explorar a relação entre esses sujeitos fora da norma e o mercado de bens culturais, contexto sobre o qual a ideia de glamour assume importância central na construção de imagens e representações (Soliva, 2016, p. 17).

O Operário transforma-se então em Opera-Rio, as imagens dos corpos e fantasias são adornadas com pedrarias, plumas e muito brilho, como podemos observar nas imagens abaixo. Vencer o Baile dos Enxutos é colocado, tanto na fala de Daniele, quanto na narrativa do curta-documentário como o ponto máximo da realização de si, é o reconhecimento e coroação de suas feminilidades, “é neste contexto onde os sonhos e as imagens são responsáveis pela produção de sujeitos e projetos de vida que emergem ‘formas de vida’ relacionadas às sexualidades não normativas” (Soliva, 2016, p. 18).



FIGURA 31: Imagens do desfile de fantasias do Baile dos Enxutos, presentes no documentário *Daniele, carnaval e cinza* lançado em 1979.

Os minutos finais do curta-documentário mostram sua coroação como Rainha do Operário, recebendo a faixa de Samantha, seguida da filmagem de algumas fotos de Daniele criança, na escola e uma sequência de cenas suas dançando com sua fantasia de carnaval, sorrindo enquanto a maquiagem vai se desmanchando, como veiculado seguintes nas imagens:



FIGURA 32: Imagens de Daniele Cristine recebendo a faixa de Rainha do Baile dos Enxutos e sua fantasia se desmontando após a vitória no desfile, presente no documentário *Daniele, carnaval e cinza* lançado em 1979.

Daniele, Carnaval e Cinzas une a alegria do carnaval à chegada da quarta-feira de cinzas, o cotidiano e excepcionalidade da festa, trazendo uma outra representação das travestis para o cinema. O riso de Daniele nas imagens de sua vitória no Opera-Rio, bem como seu desmontar ilustrado na figura 32, indicam a dualidade das vivências travestis neste contexto, perseguidas pela polícia e discriminadas pela sociedade, ao mesmo tempo em que eram admiradas e reconhecidas pelos foliões.

O curta-documentário, ainda que se tratasse de uma fala do outro, transformava-se também em espaço de agência, no qual Daniele enunciava sua trajetória firmando-se como um exemplo bem sucedido de constituição da feminilidade travestis em Curitiba. Sua imagem exemplar era fundamentada na realização profissional e afetiva, sendo coroada com sua vitória no Baile dos Enxutos em 1979. Neste discurso o Opera-Rio, a beleza e o glamour, assim como as relações de afeto emergiam como importantes signos que potencializam a existência e a constituição das travestilidades.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

(...) vida de travesti é como escorregar no escorregador de gilete e cair numa bacia de álcool em chamas. Ser travesti é ser sempre quase.²²³

Para iniciar minhas considerações finais retomo esta frase de Baby Pankada, que a partir de uma comparação ilustra as dores que perpassam a experiência do viver travesti. A imagem gráfica da gilete e das chamas consumindo a carne enuncia as violências físicas, psicológicas, morais, institucionais, individuais e coletivas que podemos observar nas trajetórias analisadas nesta tese, no abandono de Gilda de Abreu moribunda pelas ruas de Curitiba, na falta de reconhecimento legal à Daniele Cristine Bastos, na justiça ou responsabilização que nunca chegou às mortes de Samantha e Jacyra.

Baby Pankada disparou essa frase em uma entrevista publicada na imprensa curitibana em 1986. Passados quase quarenta anos ainda é possível ouvir seu ecoar que permanece e fundamenta a potência das sujeitas travestis em denunciar suas condições de vida e os limites dos sistemas normativos. As vidas que conhecemos a partir desta tese também ecoam, permanecem e aguardam por justiça. Sendo assim, uma das minhas primeiras considerações é de que esta tese não tem fim, ela carrega em si o dever de ecoar e extrapolar ao meu trabalho como pesquisadora.

A potência das trajetórias de Gilda de Abreu, Samantha, Primavera Bolkan, Baby Pankada, Marcia Regina e Daniele Cristine Bastos produziu fissuras nos individualismos, agrupando-se em coletivos e assembleias em busca de criar condições para vidas vivíveis. Considero que este buscar ainda atravessa as vivências daqueles sujeitos induzidos à precariedade. As análises tecidas nestas páginas emergem, portanto, de um fazer historiográfico quente, vivo e comprometido, cujos sujeitos e sujeitas do conhecimento, assim como seus objetos, clamam por um protagonismo de vozes pretas, travestis, trans, lésbicas, bichas.

Nas primeiras versões deste texto minhas análises voltavam-se para uma história que chamarei de fria, gravada em concreto nas linhas dos prédios e nas determinações das políticas públicas sobre o espaço urbano de Curitiba. Demorei a reconhecer meu lugar como pesquisadora e confesso que o aprendi a partir das vidas que se abriram em minhas fontes, as

²²³ Citação da entrevista de Baby Pankada ao Correio de Notícias, ed. 1392, 13/2/1986.

quais não pude ignorar. A tese que se apresentou aqui por fim discute a carne, os sujeitos em seus movimentos que abrem caminhos e desenham fissuras, utilizando os espaços e modificando suas funções, transformando-os em plataformas de anúncio. Apropriadas pelas travestis curitibanas às ruas, praças, esquinas e salões, transformaram-se em lugares praticados que permitiram a construção de laços de afeto, que potencializaram a constituição de suas travestilidades.

O ponto de partida foi, portanto, o objetivo geral de investigar a constituição das subjetividades travestis em suas vivências urbanas enquanto sujeitas que resistem ou se acomodam aos padrões de gênero e sexualidade, as normativas e censuras do espaço urbano. Ao analisar as táticas empreendidas pelas travestis curitibanas para garantirem sua circulação pela cidade observei que as relações coletivas de amizade, afeto e luta foram fundamentais, tanto para seus deslocamentos na capital que se queria modelo, quanto para formação de suas subjetividades.

Apesar de analisadas individualmente em seus capítulos, as trajetórias aqui analisadas se apresentavam coletivamente, como no show dado nos salões do Opera-Rio em meio ao glamour dos desfiles e das competitividades pelo título de rainha do carnaval. Como na união das travestis curitibanas que adiantaram o horário do desfile e impediram que as concorrentes de outros estados participassem, garantindo assim a vitória de Daniele Cristine em 1979. Em sua devoção ao carnaval e ao Baile dos Enxutos como indica a trajetória de Marcia Regina e Samantha, contribuindo para construção de um palco que seria fundamental à enunciação das travestilidades curitibanas.

Sua união estava presente também nas cobranças e ameaças de protesto impressas nos jornais da capital, buscando justiça pelos assassinatos de Jacyra e Samantha, nos escândalos e enfrentamentos à polícia em casos de prisões. Ou ainda nos momentos de solidariedade e carinho como o acolhimento de Gilda de Abreu por Primavera Bolkan, sua amiga próxima, que no dia de seu enterro lhe deixou no cemitério um prato de comida. Na defesa de Daniele por Baby Pankada, reivindicando o reconhecimento de sua identidade de gênero, em entrevista ao jornal Correio de Notícias em 1985. Cabe ressaltar que devido os limites desta pesquisa outras trajetórias e trajetos ficam no aguardo a pesquisas futuras, tais como Graziela, Martinha, Paloma, Claudia Montez, Sarita Lamarque, Valeska, Carla, Bety, Suzi, Jorgete, Lejara,

Michele, Leda Montini, Karina, Kris, Veronesca, Patrícia, Alessandra, Gabriela, Regina, Sara Montenegro e tantas outras.

Suas vidas se atravessaram em Curitiba em uma rede que construía outros usos à cidade. De certa forma minha vida também foi atravessada por estas vivências e espero que o leitor também seja atingido pela potência que emana dessas vidas. Enquanto pesquisadora chego a este ponto da tese com uma outra visão acerca do papel da produção historiográfica, principalmente no que se refere as lacunas e os silenciamentos destas existências que desafiam os padrões cis heteronormativos e brancos que ainda pautam o fazer científico. Para além, a realização dessa pesquisa produziu também mudanças pessoais, hoje compreendo com muito mais clareza a importância da minha afirmação identitária no ambiente acadêmico e escolar, locais ainda hoje marcados por práticas normativas e excludentes.

A partir destas trilhas desenhadas no concreto urbano pelas personalidades investigadas encontrei a Rua das Flores, a Boca Maldita, a Praça João Cândido, a Sociedade Beneficente e Protetora do Operários, transformada em Opera-Rio, como os lugares cujas práticas que ali se desenvolveram permitiram a produção dessas vivências travestis em Curitiba. A cidade incorporada por elas passava a se constituir enquanto meio possível da existência, tensionando as políticas lernistas da cidade que se queria modelo, ou a capital mais européia do Brasil, onde as travestis se apropriavam da urbe como plataforma para enunciação de si e de suas demandas em busca de condições para vida vivível.

As telas de cinema e as páginas de jornais também eram consumidas e manipuladas de maneira a potencializar as denúncias da precariedade que envolvia as vivências travestis em Curitiba. A partir destes meios elas comunicavam e tornavam visíveis suas travestilidades, costurando o brilho dos carnavais com as violências cotidianas, impondo tensão ao cerceamento de sua circulação durante os dias, construindo suas vidas como obras de artes.

A partir da organização da tese em quatro capítulos apresentei os deslocamentos e trajetórias individuais das travestis curitibanas que mais foram mencionadas na imprensa, minha principal fonte para análise da constituição das subjetividades travestis na relação com o espaço urbano. Entre seus caminhos e descaminhos, uma série de temáticas se desdobraram expondo uma realidade complexa e diversa, desenhada através de um enovelar de linhas tensionadas pelas relações de poder e resistência.

Gilda de Abreu fora a figura central do primeiro capítulo, pois é quase impossível voltar-se à Curitiba das décadas de 1970 e 1980 sem mencioná-la. Gilda foi precursora escancarando as portas da Curitiba que se queria modelo, da cidade provinciana de descendência europeia. A partir de seus deslocamentos pelo centro, uma outra possibilidade de se viver na capital era enunciada, tornando-se representante de uma multidão de cidadãos que não se identificavam ou não eram abarcados pelos discursos oficiais da cidade “modelo”.

A presença de Gilda nos festejos e nas paisagens urbanas produziu espaços de aparecimentos sobre os quais foi e continua sendo possível denunciar a precariedade induzida ao mesmo tempo em que se reivindica as condições necessárias para vidas vivíveis. O embate entre Gilda e os cavalheiros da Boca Maldita exemplifica este enfrentamento ao projeto político lernista, que produzia um discurso sobre a cidade “modelo” sustentado por eixos estruturais, canaletas, parques e calçadas. Ao se apropriar dos cartões postais desta Curitiba, Gilda transformou a arena pública em palco e espaço de enunciação, emitindo ruídos e vibrações que anunciavam diferentes releituras do espaço organizado pelas políticas urbanas.

O carnaval e a Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários emergem, por meio das trajetórias de Samantha, Primavera Bolkan, Baby Bankada, Márcia Regina e Daniele Cristine Bastos, como espaços privilegiados para enunciação das subjetividades travestis. A apropriação da festa carnavalesca como um lugar de afrouxamento das normas sociais, bem como a glamourização das passarelas do Opera-Rio indicam as condições de espaços de sociabilidade e a mobilização de táticas de (r)existência.

Samantha parte dos signos da beleza e glamour, exibindo-se nos desfiles de fantasias com vestidos bordados, joias, adereços e maquiagem. Este espaço era transformado em sua performance como plataforma para visibilidade, impulsionando a criação de uma vida artística que emergia como uma afirmação, como um ato de criar espaços de enunciação e performance de novas formas, sujeitos, novos caminhos e possibilidade do ser.

A trajetória de Samantha seria marcada ainda pelos seus sonhos de sucesso nos palcos de teatro, considerados por ela como um lugar de maior prestígio. Apesar de buscar diferenciar-se das demais travestilidades enunciadas no Opera-Rio, tendo em vista sua moradia em um confortável apartamento no centro da capital e seu trabalho como gerente do seu próprio salão de beleza, aspectos que lhe garantiam uma posição de classe privilegiada. Entretanto, sua morte

tocou em pontos comuns as demais vivências analisadas nesta tese, como a discriminação e a violência presente nas relações amorosas.

Os deslocamentos de Primavera Bolkan eram representados na imprensa, por sua vez, a partir das marcas de sua posição de classe, sua raça e de seus trânsitos na prostituição, aspectos que lhe afastavam da posição de celebridade ou vedete do Opera-Rio, apesar de ser veterana nos desfiles. Não obstante a tais imposições, Primavera impunha um uso tático da temporalidade das festas, momento em que se apropriava das pequenas brechas e margens das coberturas jornalísticas sobre o carnaval para veicular as reivindicações de melhores condições de vida a comunidade travesti. Utilizava da visibilidade das passarelas para projetar-se como estrela e vedete da noite, unindo os salões do Opera-Rio às ruas como espaços de enunciação de si.

Considerei ainda que seu cotidiano era atravessado por estas duas temporalidades do carnaval e das ruas, entre o brilho dos concursos de fantasias e a repressão policial enquanto agente de imposição disciplinar, respectivamente. Neste contexto suas táticas de (r)existência se adaptavam em pequenas negociações, no uso dos acordos, no ato de revoltar-se ou causar escândalo, mobilizando a atenção da imprensa e da população, tornando visíveis suas denúncias.

Baby Pankada, assim como Primavera, manipulava os discursos da imprensa veiculando ao brilho do carnaval a denúncia das precariedades que marcavam as vivências travestis, como ilustra suas palavras transcritas no início destas considerações. O espaço da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários e o tempo do carnaval tornavam-se lugares praticados, transformados em plataformas de enunciação das subjetividades travestis em Curitiba, locais de sociabilidades e articulação de laços e relações de amizade e luta que seriam fundamentais para produção das condições necessárias à produção de vidas vivíveis.

No terceiro capítulo, partindo da trajetória de Márcia Regina observei como era desenhada e costurada esta transição entre os dias de carnaval e o cotidiano, que eram apresentados nos jornais de forma dicotômica. Na folia carnavalesca as travestis eram representadas como estrelas do show e na rotina diária da imprensa representadas como desordeiras, perigosas e violentas. Entretanto, ao analisar seus deslocamentos notei como era complexa esta transição entre a festa e o dia-a-dia.

Como nas vivências de Primavera e Baby, Márcia Regina também utilizou o Baile dos Enxutos como plataforma para expressar suas lutas e reivindicações diárias, seu sucesso nos desfiles e a colocaram como uma figura de referência tornando-se inclusive organizadora da festa. O tûmulo cedido por ela às travestis curitibanas somado a sua representatividade no carnaval a localizavam em uma encruzilhada que unia espaços e formas de resistênça, tanto nas brincadeiras carnavalescas, quanto nas violências urbanas e no direito ao luto.

A partir da figura de Márcia Regina passei a analisar as táticas de resistências desenhadas pelas travestis curitibanas, durante as décadas de 1970 e 1980, observando como seu cotidiano era atravessado por contradições e desigualdades, das festividades dos bailes de carnaval a repressão policial, do desfile de fantasias a luta pelo direito aos espaços públicos, a vida e ao enlutar. Este transitar indicou a importância dos laços de união e amizade, que transformavam as travestis em figuras ainda mais perigosas e ameaçadoras. Fora por meio destas mobilizações e declarações públicas que elas cobravam justiça por suas mortes, como no caso de Jacyra.

Observei também que as articulações de táticas individuais e coletivas de resistênça mobilizadas cotidianamente utilizavam os corpos como um meio de (re)existir, de produzir respostas às condições de violência, muitas delas induzidas pelas próprias forças do Estado, como a polícia. A organização da luta cotidiana da comunidade travesti em Curitiba, suas táticas, alianças e rivalidades ainda que muitas vezes organizadas de forma espontânea e pontual foram fundamentais para enunciação de seu direito de ser e ocupar a cidade “modelo”.

As travestilidades exibidas nesta tese nas vivências de Gilda, Samantha, Primavera, Baby, Márcia, Daniele, entre outras, ilustram como os corpos e os laços de amizade emergiam como mecanismos essenciais no processo de constituição de si e da enunciação pública de suas performances de gênero. A trajetória de Daniele Cristine Bastos analisada no quarto capítulo informa os percursos destes processos de investimento na produção de si, tendo como bases estas relações de apoio e resistênça.

O protagonismo de Daniele atravessava as margens em direção ao centro, produzindo fissuras tanto nos discursos da imprensa, quanto nos espaços urbanos. A visibilidade alcançada por ela a partir destes deslocamentos a transformaram em uma figura exemplar às demais travestis curitibanas. Nas telas do cinema independente ela criou um outro espaço de agência,

no qual enunciou suas vivências de realização profissional e afetiva afirmando o carnaval, a beleza e o glamour, assim como as relações de afeto em importantes signos que potencializam a existência e a constituição das travestilidades.

Estas trajetórias se entrelaçam e enovelam indicando os caminhos sobre os quais fora possível viver suas travestilidades em uma capital que se queria modelo. Elas projetam a potência dos laços cotidianos na constituição do sujeito ao mesmo tempo em que ilustram como a organização das travestis em lutas possui uma historicidade e protagonismo dentro do movimento LGBT.

Gilda de Abreu, Primavera Bolkan, Baby Pankada, Márcia Regina, Daniele Cristine Bastos e Samantha enunciam outras curitibas, suas histórias apresentam a articulação e coletividade das vidas travestis. Suas conquistas e vivências abriram espaços às próximas gerações e assim continuam em uma crescente. Essa expansão permanece em movimento a cada travesti viva, diplomada, militante, como indica a fala de Jovanna Cardoso da Silva (2018), essa é uma transformação, que apesar de ter um longo percurso para avançar é fundamental para tirar a população travesti e trans do alvo. Encerro com essas palavras porque entendo que esta tese tratou, tanto do passado enquanto algo vivo e presente, quanto das possibilidades de um futuro a ser construído através do protagonismo das populações alvo, ou não será?

Se a gente não se organiza a gente continua sendo apenas população alvo, essa era a nossa fala no momento de surgimento da ASTRAL, que nós já estávamos cansadas de ser população alvo.

Participar da vida pública, política e eleitoral é importante pra dar visibilidade, vai levar um segmento pra um legislativo/parlamento que necessariamente tem que discutir essa questão. A gente tem que se fazer presente pra poder transformar, é uma transformação (JOVANNA, 2018).

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. Do Direito à Cidade ao Fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.
- AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- AHLERT, Celina. **“Aqui tu pode ficar” - travestis e relações de poder no espaço urbano santa-cruzensense**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz Do Sul, 2019.
- ALBUQUERQUE, Aline Figueiredo de. **A questão habitacional em Curitiba: o enigma da “cidade modelo”**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP:EDUSC, 2007.
- ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, 2012.
- ANDRADE, Marta Mega de. Prática do espaço, experiência do corpo: Sennett e a cidade. **Anais do Museu Paulista**, v.4, p.291-308, 1996.
- ARAÚJO, Maria Clara. **A solidão da mulher trans negra**. 2015. Disponível em: <https://blogueirasnegras.org/solidao-da-mulher-trans-negra/>. Acesso em: 09/09/2023.
- AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Revista Filogênese**, v. 6, n. 2, p. 148-162, 2013.
- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. **Letras Escreve**, v. 7, n. 1, p. 137-164, 2017.
- BAKHTIN. Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993. P. 1-50.
- BARNART, Fabiano. **As travestilidades na ditadura a interdição e a resistência de travestis em Porto Alegre, na década de 1970**. Dissertação Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, 2018.
- BATALHA, Claudio H. M. Vida associativa: por uma nova abordagem da História institucional nos estudos do movimento operário. **Anos 90**, n. 8, 1997, p. 91-99.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BLUM, Caroline Glodes. **Carnaval curitibano**: o “lugar” de uma festa popular na cidade. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, 2013.

_____. Maé da Cuíca: da Vila Tassi ao Museu Paranaense – memória, patrimônio e carnaval. Semana de Antropologia e Arqueologia, III Seminário de Etnologia e Museus e V Semana de Oficinas em Arqueologia, 9, Curitiba, 2017. **Anais da IX Semana...**, 2017, p. 1-16.

BONI, Maria Ighes Mancini de. “Gilda”: vivendo sob o preconceito numa cidade provinciana, um sim a vida. XXV Simpósio Nacional de História da ANPUH, Fortaleza, 2009. **Anais do XXV Simpósio...**, 2009, p. 1-8.

_____. Gilda e a arte da existência. **Revista Aulas**, n. 7, p. 91-111, 2010

BOURDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In: AGUIAR, Neuma (org.). **Hierarquias em classes**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974, p. 41-79.

_____. Capital simbólico e classes sociais. **Novos Estudos**, n. 96, 2013

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BRENNER, Gislene T; NOGUEIRA, Cíntia N. Curitiba: Sociedades Operárias da Virada do Século XIX. Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto - Desafios e Perspectivas, 3, 2014, Belo Horizonte. **Anais do 3º Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto - Desafios e Perspectivas**, 2014, p. 1-16.

BRUNETTO, Dayana; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Gilda, a dona dos beijos da Boca Maldita pede passagem para as travestis em Curitiba. In: Arilda Arboleya; Geraldo Balduino Horn; Marli Barros Dias; Patrícia Vasconcelos Cavalcanti de Marotta. (Org.). **Desigualdade em Foco**. Curitiba: Platô Editorial, 2022, p. 235-260.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: imagem e história. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

_____. **Mecanismos psíquicos del poder:** teorías sobre la sujeción. Madrid: Ediciones Cátedra, 2015.

_____. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. **Quadros de Guerra:** quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Cadernos de Leitura**, n. 78, 2018, p. 1-16.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas:** notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CAETANO, Marcio; NASCIMENTO, Claudio; RODRIGUES, Alexsandro. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 279-295.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARRIJO, Gilson Goulart; SIMPSON, Keila; RASERA, Emerson Fernando; PRADO, Marco Aurélio Máximo; TEIXEIRA, Flavia Bonsucesso. “Movimentos emaranhados: travestis, movimentos sociais e práticas acadêmicas”. **Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, 2019.

CAVALCANTE, Antônio Simão. **Ser‘tão’ travesti: narrativas de gênero, sobrevivências e resistências das travestis do sertão central cearense**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação interdisciplinar em História e Letras, Universidade Estadual do Ceará, 2018.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

CHUERY, Matheus; MAZIVIERO, Maria Carolina. Curitiba insurgente: do existir ao resistir. Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 6, 2020, Brasília. **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, 2020, p. 762-776.

CODATO, Henrique. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. **Verso e Reverso**, v. 24, n. 55, p. 47-56, 2010.

COHEN, Cathy J. Punks, Bulldaggers, and Welfare Queens – The Radical Potential of Queer Politics? **GLQ**, v. 3, p. 437-465, 1997.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador; conversas sobre a história e imprensa. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, 2007.

CUCHE, Dennys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAVIS, Natalie Zemon O retomo de Martin Guerre. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987.

DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. **ArtCultura**, n. 9, p. 81-92, 2004.

DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 7-32.

_____. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 19-50.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael Maiolino; BARROSO, Flávia Magalhães. Corpo, cidade e festa: as “performances do dissenso” no carnaval de rua carioca. **Interin**, v. 24, n. 1, p. 157-175, 2019.

FERNANDES, Eder. Violência e ressentimento: um ensaio sobre as raízes da transfobia. In: GEISLER, Adriana R. (org.). **Protagonismo trans***: política, direito e saúde na perspectiva da integralidade. Niterói: Alternativa, 2015, p. 43-54.

FERREIRA, Fábio Donato. **A Redemocratização do Riso: As Charges da Grande Imprensa na Reabertura Política (1979-1985)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

FERREIRA, Valeria Milena Röhrich. **Tecendo uma cidade modelar: relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba na década de 1990**. Tese de Doutorado,

Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e linguagem**, n. 19, p. 203-223, 1993.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**. Uma trajetória para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-229.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**: Curso dado no College de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O nascimento da biopolítica**: curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GARCIA, Fernanda Ester Sanchez. **Curitiba, imagem e mito**: reflexão acerca da construção social de uma imagem hegemônica. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

_____. Curitiba anos 90: cultura e política na produção de imagem da cidade. In: Encontro Anual da ANPOCS, 18, 1994, Caxambu. **Anais do Encontro**, 1994. p. 1-16.

_____. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

GEISLER, Adriana R; MARTINS, Ana Paula Antunes. Do “ultraje público” à potência dos corpos “obscens”: o direito (penal) na perspectiva queer. In: GEISLER, Adriana R. (org.).

Protagonismo trans*: política, direito e saúde na perspectiva da integralidade. Niterói: Alternativa, 2015, p. 73-84.

GINZBURG, Carlo. **Queijo e os vermes**: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais raízes de um paradigma indiciário. In _____. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONZÁLEZ GIL, Mati. **¿Qué es el amor para las personas trans?** 2017. Disponível em: https://www.vice.com/es_co/article/que-es-el-amorpara-las-personas-trans. Acesso em: 09/09/2023.

GUEDES, Cíntia. Entre fluxos de silicone e máquinas de gênero: um comentário sobre a produção de corpos trans*. In: GEISLER, Adriana R. (org.). **Protagonismo trans***: política, direito e saúde na perspectiva da integralidade. Niterói: Alternativa, 2015, p. 85-106.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. O que é a multidão? **Novos estudos**, v. 75, p. 93-108, 2006.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. Elefante, 2021.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Como era bizarro o nosso cinema: a transgressão conservadora de Sady Baby. **Cadernos Pagu**, v. 60, p. 1-31, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Desejo e abjeção no discurso midiático: uma análise psicossocial e semiótica. In: GEISLER, Adriana Ribeiro. **Protagonismo trans***: política, direito e saúde na perspectiva da integralidade Niterói: Alternativa, 2015.

_____. Travessia: caminhos da população trans na história. In: QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 347-356.

JÚNIOR, Jorge Leite. **"Nossos corpos também mudam": sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico**. Tese de Doutorado Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

KOSELLECK, R. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio. 2006.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1996.

LOPES, Fabio Henrique. Subjetividades travestis no Rio de Janeiro, início da década de 1960. Aloma Divina. **Transversos: Revista de História**, n. 14, p. 52-69, 2018.

LOPES, Fábio H; DUARTE, Marina S. A emergência da primeira geração de travestis no Brasil, na década de 1960. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 14, n. 1, p. 151–177, 2021.

LOPES, Maycon. “Porque não quero ser ingual àquelas bichas da favela”: pensando ambiguidade de gênero em camadas populares de Salvador. In: GEISLER, Adriana R. (org.). **Protagonismo trans***: política, direito e saúde na perspectiva da integralidade. Niterói: Alternativa, 2015, p. 43-54.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 113-153.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 59-93.

MACEDO, Rafael V. Greca de. **Cada um cai do bonde como pode (tipos populares de Curitiba)**. Curitiba: Edições Paiol, 1975.

MACHADO, Jorge. Reflexões sobre o Tempo Social. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 6, p. 11-22, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1987.

MAIO, Ana. Dispositivos de memória, arquivo e narrativas de si. In: Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual, 1, 2017, Montevideo. **Actas del I Seminario Internacional en Arte y Cultura Visual**, 2017, p. 677-684.

MANIFESTAÇÃO: Carnaval do Invisível. Produção Máquina de louco e Janela do mundo. Salvador: Amazon music, 2022. (22 min).

MARZANI, Caroline; NASCIMENTO, Naira. Gilda em Curitiba: o corpo transgressor invade a cidade. **Revista Rua**, n. 22, v. 2, p. 425-444, 2016.

MEDINA, Cíntia. A obra cinematográfica como fonte histórica na sociedade contemporânea: uma abordagem crítico-teórica. 2º Encontro Internacional História & Parcerias, Rio de Janeiro, 2019. **Anais 2º Encontro...**, 2019, p. 1-12.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAES, Everton O. 'Quantas Curitiba cabem numa só Curitiba?': fricções entre Paulo Leminski e a cidade. In: PRIORI, Ângelo; SILVA, Edson Armando da; MEZZOMO, Frank Antônio; RAMOS, Márcia Elisa Teté (Org.). **A História do Paraná revisitada**. Maringá: Eduem, 2014, p. 129-151.

MORANDO, Luiz. Les Girls é ter charme, touché!. **Albuquerque: Revista de História**, v. 13, n. 26, p. 119-137, 2021.

NASCIMENTO, Glaucia Pereira do. **Territorialidades negras em Curitiba-PR**: ressignificando uma cidade que não quer ser negra. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, 2020.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. O erotismo no cinema: as comédias eróticas italianas. XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013. **Anais do XXVII Simpósio...**, 2013, p. 1-15.

NECA, Bruno David Rodrigues; RECHIA Simone. Bloco de pré-carnaval e a “Marcha das 1000 Drags”: identidade, política e lazer nos espaços públicos da cidade de Curitiba-PR. **Revista Científica Interdisciplinar Interlogos**, v. 7, n. 1, p. 110-124, 2020.

NEPOMUCENO, Margarete Almeida. O colorido cinema queer: onde o desejo subverte imagens. II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, leituras e representações, 2009, João Pessoa. **Anais do II Seminário...**, 2009, p. 1-12.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n.10, 1993, p.7-28.

OCANHA, Rafael Freitas. Repressão policial aos LGBTs em São Paulo na ditadura civil-militar e a resistência dos movimentos articulados. In: QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 347-356.

OLIVA -AUGUSTO, Maria Helena. Tempo, indivíduo e vida social. **Ciência e Cultura**, v. 54, n.2, p. 30-33, 2002.

OLIVEIRA, Denninson de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

OLIVEIRA, José Pedro Almeida. Corpos indisciplinados: ruídos mínimos. **Revista Cadernos de Subjetividade**, v. 1, n. 21, p. 57-64, 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Eu (r)existi, eu (r)existo e vou continuar (r) existindo: travestis, mulheres transexuais e movimento social. In: CAETANO, Marcio [et al.] (org). **Quando ousamos existir**: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018). Rio Grande: FURG, 2018, p. 72-76.

_____. **Nem ao centro, nem à margem!** Corpos que escapam às normas de raça e gênero. Salvador: Editora Devires, 2020.

_____. A cobaia agora é você! Cisgeneridade branca, como conceito e categoria de análise, nos estudos produzidos por travestis e mulheres transexuais. **Caderno Espaço Feminino**, v. 36, n. 1, p. 157–178, 2023.

PELÚCIO, Larissa Maués. **Nos Nervos, na Carne, na Pele** - uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids. Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

PERES, Wiliam Siqueira. Travestilidades nômade: a explosão dos binarismos e a emergência queering. **Estudos Feministas**, v. 20, n.2 p. 539-547, 2012.

PILOTTO, Angela Seixas. **Área metropolitana de Curitiba um estudo a partir do espaço intra-urbano**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2010.

PITZ, Gustavo. **Que fim levou a Sociedade Protetora dos Operários?** Disponível em: <https://www.turistoria.com.br/que-fim-levou-a-sociedade-protetora-dos-operarios#:~:text=Depois%20de%20um%20inc%C3%AAndio%20nos,ambiente%20democr%C3%A1tico%20que%20sempre%20manteve>. Acesso em: 09 set 2023.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2. n. 1, p. 3-15, 1989.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

_____. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: N°1 edições, 2014.

_____. **Testo Junkie**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

_____. O que é a contrassexualidade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 411-419.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. In: QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 15-38.

RANNIERY, Thiago; UZIEL, Anna Paula; MAGALHÃES, Ana Beatriz S. Passar ao outro lado, sair de si mesmo: mobilidade em corpos trans. In: GEISLER, Adriana R. (org.). **Protagonismo trans***: política, direito e saúde na perspectiva da integralidade. Niterói: Alternativa, 2015, p. 73-84.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 158, 2003.

ROCHA, Anderson Alves da. A era de ouro de Hollywood: história e modo de produção da indústria cinematográfica dos Estados Unidos (1910-1950). **Comunicologia**, v. 12, n. 1, p. 19-34, 2019.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. Artes de Acontecer: viados e travestis na Cidade do Rio de Janeiro, do Século XIX a 1980. **Revista Esboços**, v. 23, n. 35, p. 90-116, 2016.

ROLIM, Rivail Carvalho. A reorganização da polícia no estado do paraná nos anos 1950. **Revista de História Regional**, v. 5, n. 1, p. 153-166, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002,

SANTOS, Antônio Cesar de Almeida. **Memórias e cidade**: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990). Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 1995.

SANTOS, Bárbara Brena Rocha dos. **Tática e estratégia em disputa**: o caminhar nas cidades como tendência de consumo. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, 2018.

SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. **Montagens de si relações de amizade e experiências trans em Campos dos Goytacazes**, 1990-2017. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Rosana Maria dos. Bonecas, esta cidade é quadrada: a perseguição às travestis no carnaval do Recife (1960 – 1970). **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 7, n. 4, p. 134-154, 2020,

SARLO, Beatriz. **Tempo presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SIERRA, Jamil Cabral. **Marcos da vida viável, marcas da vida vivível: o governamento da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para teorização político-educacional LGBT**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2013.

SILVA, Gessica Aline. **Entre o “new society” e o “xilindró”**: discursos construtores de masculinidades e feminilidades na folha do norte do Paraná (1965-1973). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2018.

SILVA, Hélio. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 1-15, 2010.

SILVA, Marina Silvério da. **O Diário de uma Travesti/Artista – A busca pela raiz do ódio e memórias performáticas**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal de Uberlândia, 2020.

SILVEIRA, Cristiane. **Cultura política versus política cultural: os limites da política pública de animação da cidade em confronto com o campo das artes visuais na Curitiba lernista (1971-1983)**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 2016.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Júlio Assis. o protesto contra o delegado Richetti em São Paulo. In: CAETANO, Marcio [et al.] (org). **Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018)**. Rio Grande: FURG, 2018, p. 39-42.

SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia - algumas abordagens. **Tempo**, v. 4, n. 7, p. 1-15, 1999.

SOLIVA, Thiago Barcelos. **Do Rio de Janeiro a Paris: o papel da diva e do camp na construção social da homossexualidade**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal, 2014. Disponível em: [https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401463716_ARQUIVO_RBA_Thiago BarcelosSoliva_Trabalhocompleto.pdf](https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401463716_ARQUIVO_RBA_Thiago%20BarcelosSoliva_Trabalhocompleto.pdf). Acesso em: 09 set 023.

_____. **Sob o símbolo do glamour:** Um estudo sobre homossexualidades, resistência e mudança social. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

SOUSA Emilene Leite de. Nomear é trazer à existência: a onomástica (de crianças e de bichos) e os apelidos na produção da pessoa Capuxu. **Campos**, v. 15, n.1, p. 71-97, 2014.

SOUSA, Keila Simpson. **E assim nasceu o movimento nacional de Travestis e Transexuais.** Disponível em: <https://antrabrazil.org/historia/>. Acesso em: 22 out 2020.

SOUZA, Marco Aurélio de. A paranização do Paraná: literatura e identidade cultural no jornal Nicolau (1987-1996). **Revista Terceira Margem**, v. 25, n. 45, p. 56-74, 2021.

SOUZA, Nelson Rosário de. Planejamento urbano em Curitiba: saber técnico, classificação dos cidadãos e partilha da cidade. **Revista de Sociologia Política**, n. 16, p. 107-122, 2001.

Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (Orgs.) (2009). Epistemologias do Sul

TAKAKI, Emika. Corpo-Cidade: coreografias urbanas. **Trama: Indústria Criativa em Revista**, v. 1, p. 86-94, 2015.

TAKAKI, Emika; MACHADO, Denise B Pinheiro. Cidade (in)corporada: coreografias do cotidiano. **Revista Interfaces**, v. 1, n. 20, p. 145-156, 2014.

THIBAUD, Jean-Paul. **Psicologia Ambiental e Política Ambiental:** estratégias de construção do futuro. *Revista Psicologia USP*, v. 16, n. 1, p. 205-212, 2005.

THÜRLER, Djalma; MATHIEU, Beatrice. A primeira onda da cena travesti no Brasil: A centralidade do “corpo em travesti”. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 2, n. 41, p. 1-28, 2021.

TONDON, Stephanie. O riso no jornalismo popular – entre o humor e a Arkhé. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40, Curitiba, 2017. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2017, p. 1-11.

VERAS, Elias Ferreira. **Carne, tinta e papel:** a emergência do sujeito travesti públicomidiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/ farmacopornográfico. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

_____. Travestis: visibilidade e performatividade de gênero no tempo farmacopornográfico. In: QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. **História do movimento LGBT no Brasil.** São Paulo: Alameda, 2018, p. 347-356.

VERAS, Elias Ferreira; GUASH, Oscar. A invenção do estigma travesti no Brasil (1970-1980). **História, histórias**, n. 3, v. 5, p. 39–52, 2015.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação de Mestrado, Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia 2016.

VIEIRA, Fernanda Dantas. “**A caça aos homossexuais e às travestis na ditadura militar**”. Pragmatismo Político, 2015. Disponível em: <https://cutt.ly/7hsy55d>. Acesso em: 09 set 2023.

VIEIRA, Helena; FRACCAROLI, Yuri. Violência e dissidências: um breve olhar às experiências de repressão e resistência das travestis durante a ditadura militar e os primeiros anos da democracia. In: QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 357-378.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

YORK/GONÇALVES JUNIOR, Sara Wagner Pimenta; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Estudos Feministas**, v. 28 n. 3, p.1-12, 2020.

ZAGO, Luiz Felipe. Conhecimento em tempos de ódio a pesquisa não fascista e a pesquisa impertinente com gênero e sexualidade. **Bagoas**, n. 16, p. 79-110, 2017.